

Volume 13, No. 2, Ano 2015

Margens



# Calibán

Revista Latino-Americana  
de Psicanálise

Calibán | Edições anteriores



Vol. 10, Nº 1  
Tradição / Invenção



Vol. 11, Nº 1  
Tempo



Vol. 11, Nº 2  
Excesso



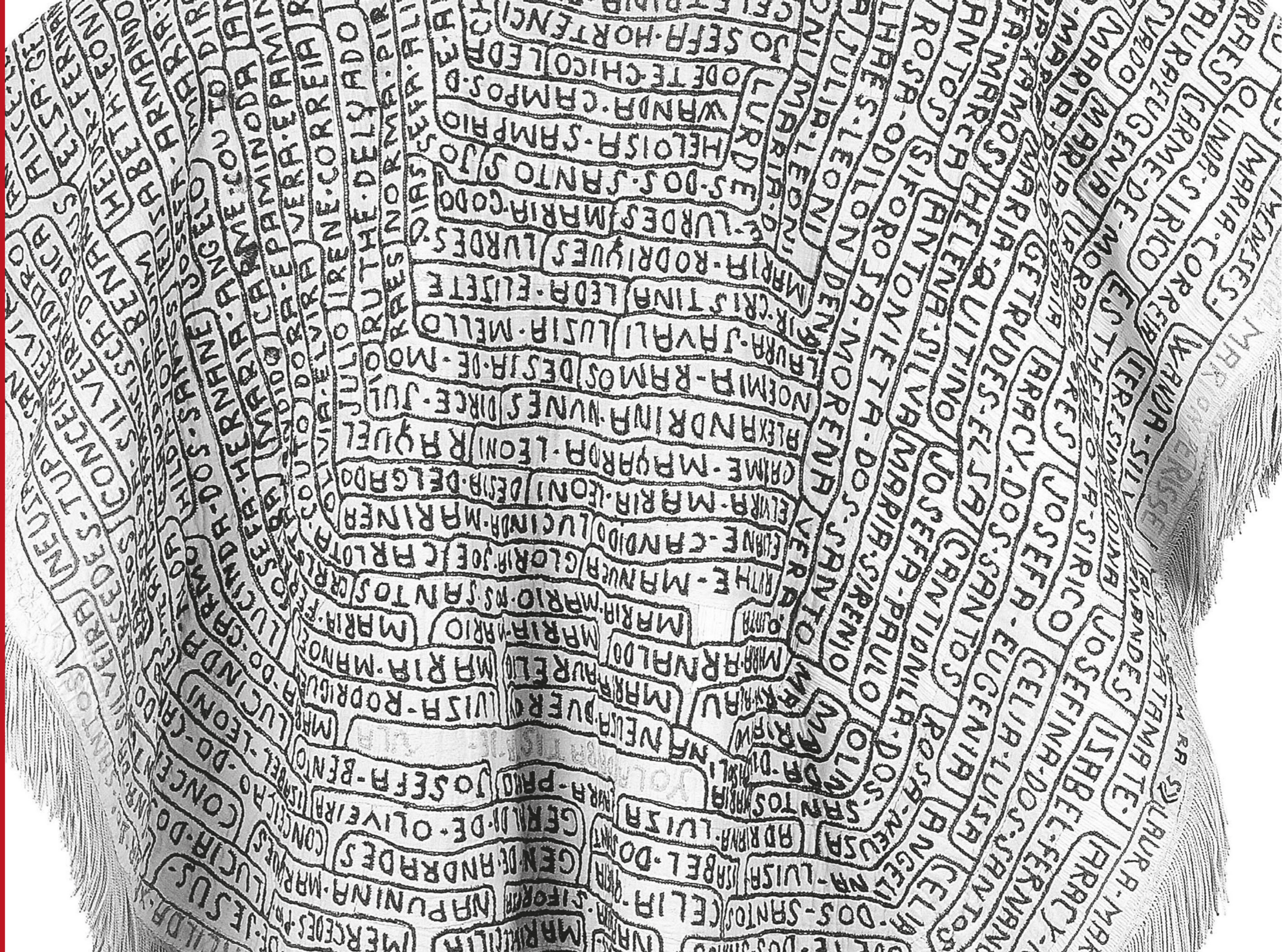
Vol. 12, Nº 1  
Realidades & Ficções I



Vol. 12, Nº 2  
Realidades & Ficções II



Vol. 13, Nº 1  
Ferramentas do analista





# Calibán

Revista Latino-Americana  
de Psicanálise

# Calibán

Revista Latino-Americana  
de Psicanálise

Volume 13, Nº 2, Ano 2015

ISSN 2311-3642



Publicação oficial da FEPAL  
(Federação Psicanalítica da América Latina)

Luís B. Cavia 2640 apto. 603 esq. Av. Brasil,  
Montevideo, 11300, Uruguay.

revista@fepal.org

Tels: 598 2707 7342 / 598 2707 5026

www.facebook.com/RevistaLatinoamericanadePsicoanalisis

## Editores

- Mariano Horenstein (Argentina), Editor-chefe
- Laura Veríssimo de Posadas (Uruguay), Editora-chefe suplente
- Raya Angel Zonana (Brasil), Editora associada
- Lúcia Maria de Almeida Palazzo (Brasil), Editora associada suplente
- Andrea Escobar Altare (Colômbia), Editora associada

## Comissão Executiva

Marta Labraga de Mirza (Uruguay - Editora de *Cidades Invisíveis*), Sandra Lorenzon Schaffa (Brasil - Editora de *De Memória*), Lúcia Maria de Almeida Palazzo (Brasil - Editora de *Vórtice*), Jean Marc Tauszik (Venezuela - Editor de *Clássica & Moderna*), Laura Veríssimo de Posadas (Uruguay - Editora de *Argumentos*), Raya Angel Zonana (Brasil - Editora de *Dossiê*), Natalia Mirza (Uruguay - Editora de *Bitácula*), Natalia Barrionuevo (Argentina), Adriana Yankelevich (Argentina), Helena Surreaux (Brasil), Wania Maria Coelho Ferreira Cidade (Brasil), Admar Horn (Brasil).

## Conselho de Editores Regionais (Delegados por Sociedades)

Natalia Mirza (APU), Eloá Bittencourt Nóbrega (SBPRJ), Raquel Plut Ajzenberg (SBPSP), Graciela Medvedofsky de Schwartzman (APA), Miriam Catia Bonini Codorniz (SPMS), Jacó Zaslavsky (SPPA), Daniela Morábito (SPM), Irene Dukes (APCH), Ramón Florenzano (APCH), Rosa Martinez (APCH), Eduardo Kopelman (APC), Jorge Bruce (SPP), Rómulo Lander (SPC), Maria Arleide da Silva (SPR), Cristina Bisson (APdeBA), Ana Maria Paganí (APR), Julia Braun (SAP), Paolo Polito (AsoVeP), Julia Casamadrid (APM), Adriana Lira (APG).

**Revisão da versão em espanhol:** Andrea Escobar Altare

**Revisão da versão em português:** Raya Angel Zonana

**Revisão da versão em inglês:** Adriana Yankelevich

**Colaboradores:** Abigail Betbedé (SBPSP), Ana María Reboledo (APU), Ana María Olagaray, Roberto Luís Franco (SBPRJ), Claudio Frankenthal (SBPRJ), Iliana Horta Warchavchik (SBPSP), Regina Weinfeld Reiss (SBPSP), Margarita Nores, Cecilia Rodríguez (APG), Brenda Glez e Laura Katz (APA)

**Logística e comercialização:** Virginia Velasco (Assistente de Comunicación FEPAL)

**Tradução, correção e normatização de textos:** Denise Mota, Alejandro Turell, Nadia Piedra Cueva, Néstor Gamarra, María Laura Rodríguez, Sthefani Techera, Nathan Mattes Schäfer e Denise Tamer.

**Direção de arte e diagramação:** Di Pascuale Estudio [www.dipascuale.com]

**Ilustrações de abertura das seções:** Lucas Di Pascuale (páginas 10, 83, 181, 189 220, 231, 237)

## Comissão Diretiva

### Presidente

Luis Fernando Orduz González (Socolpsi)  
*Suplente:* José Carlos Calich (SPPA)

### Secretaria Geral

Andrea Escobar Altare (Socolpsi)  
*Suplente:* Cecilia Rodriguez (APG)

### Tesouraria

Liliana Tettamanti (APdeBa)  
*Suplente:* Haydee Zac (APdeBA)

### Coordenadora Científica

Leticia Neves (SBPRJ)  
*Suplente:* Inés Bayona (Socolpsi)

### Diretora de Sede

Laura Veríssimo de Posadas (APU)  
*Suplente:* Carolina García (APU)

### Diretora de Conselho Profissional

Delia Hinojosa (APM)  
*Suplente:* Dolores Montilla (APM)

### Diretora de Comunidade e Cultura

Magda Khouri (SBPSP)  
*Suplente:* Oswaldo Ferreira (SBPSP)

### Coordenador de Crianças e Adolescentes

Víctor Guerra (APU)  
*Suplente:* Mónica Santolalla (APC)

### Diretora de Comunicação e Publicações

Laura Orsi (APA)  
*Suplente:* Maria Alejandra Rey (SAP)

Revista indexada em Latindex.

- *As opiniões dos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação. Autorizada a reprodução, desde que citada a fonte e apenas com a autorização expressa e por escrito dos editores.*
- *Se você é responsável por alguma das imagens e não entramos em contato, por favor, comunique-se conosco por meio do nosso correio.*

## Ilustrações em seções:

- **Argumentos, Fora de Campo, O Estrangeiro, Clássica & Moderna e Extramuros:** Arthur Bispo do Rosário (cedidas pelo Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/Prefeitura do Rio de Janeiro, com a gentil colaboração do seu curador).
- **Vórtice e Dossiê:** Carlos Alonso (cedidas pelo autor).
- **Cidades Invisíveis:** Arq. Daniel Villani

# Índice

- 6** Editorial
- Excêntricos**  
*por Mariano Horenstein*
- 11** Argumentos
- 12** **Especificidades da experiência transferencial na clínica dos casos-limite**  
*por Marina Fibe De Cicco e Eva Maria Migliavacca*
- 26** **Sábato, Winnicott e Grunberger: um encontro em *O túnel***  
*por Carlos Marcirio Naumann Machado e Elisabeth Mazon Machado*
- 36** **O duende da psicanálise e seus avatares no mundo da neurologia**  
*por Néstor Marcelo Toyos*
- 47** **A dor das margens (Psicanálise e realidade traumática)**  
*por Gladys Franco*
- 60** **Psicanálise à distância. Um encontro além do espaço e do tempo**  
*por Asbed Aryan, Alicia Briseño, Ricardo Carlino, Tania Estrada, Andrés Gaitán e Liliana Manguel*
- 76** **Oliverio Girondo: vagidos na cornija**  
*Por Laura Palacios*
- 83** Fora de Campo
- 84** **A pessoa do analista e a edição na análise**  
*por Jaime Marcos Lutenberg*
- 99** **A psicanálise nos tempos de medo**  
*por Maria Luísa Silva Checa*
- 116** O Estrangeiro
- 117** **Episódios na margem**  
*por Beatriz Sarlo*

- 125** Vórtice: De que inconsciente falamos?
- 126** **Os destinos de um *shibboleth***  
*por Laura Veríssimo de Posadas*
- 129** **O inconsciente como função psicanalítica da personalidade**  
*por Giuseppe Civitarese*
- 132** **Reflexões sobre a representação e os estados mentais de não representação**  
*por Jani Santamaría Linares*
- 135** **Sobre o inconsciente freudiano e depois**  
*por Juan Carlos Capo*
- 137** **O inconsciente que fala e o inconsciente do qual falamos**  
*por Dominique Scarfone*
- 140** **De que inconsciente temos deixado de falar**  
*por José de Matos*
- 143** Dossiê: Margens do corpo. Os sentidos
- 144** **Margens do corpo**  
*por Raya Angel Zonana*
- 147** **Pensar inclinado**  
*por Georges Didi-Huberman*
- 157** **O ouvido: cantos e encantos em um sentido revolucionário**  
*por José Halac*
- 163** **O gosto, deriva cultural do paladar**  
*por Carlos Alberto Dória*
- 168** **Sentido e sentidos em Proust**  
*por Leda Tenório da Motta*
- 174** **Anatomia do tato**  
*por Carlos Presman*

<b>181</b>	<b>Clássica &amp; Moderna</b>
<b>182</b>	<b>David Liberman: um psicanalista aberto</b> <i>Por Benzión Winograd</i>
<b>189</b>	<b>Extramuros</b>
<b>190</b>	<b>Na beirada: relato de um morador de rua em Brasília</b> <i>por Pedro de Andrade Calil Jabur</i>
<b>204</b>	<b>Videla ou a liberdade em um ditador</b> <i>por Gladis Mabel Tripceвич Piovano</i>
<b>221</b>	<b>Cidades Invisíveis</b>
<b>222</b>	<b>Montevideú: uma e muitas, corpo vivido e sonhado</b> <i>por Marta Labraga de Mirza</i>
<b>231</b>	<b>De memória</b>
<b>232</b>	<b>Isaías Melsohn: pensador pela palavra</b> <i>por Leda Herrmann</i>
<b>235</b>	<b>Isaías Melsohn em 714 palavras</b> <i>por Marilsa Taffarel</i>
<b>237</b>	<b>Bitácula</b>

## Excêntricos

NO MOMENTO EM QUE o primeiro número de *Calibán* via a luz, em outubro de 2012<sup>1</sup>, na mesma cidade acontecia a 30ª Bienal de São Paulo, talvez o evento de arte contemporânea mais importante da nossa região. Ali, entre 111 expoentes da vanguarda de meio mundo, uma das mostras do pavilhão desenhado por Niemeyer chamava a atenção dos visitantes – muitos deles, psicanalistas que escapávamos das sessões do Congresso Latino-Americano para bisbilhotar o que a arte tinha a nos dizer – e os deixava boquiabertos.

O espaço mais generoso da bienal estava destinado a alguém, desconhecido para mim, chamado Arthur Bispo do Rosário. Com um olhar retrospectivo, não foi casual que tenha dividido o mesmo céu paulista junto à revista que o leitor tem entre suas mãos, recém-nascida, porque Bispo – o artista cujo trabalho está na capa e nas 2ª e 3ª capas deste número de *Calibán* – é, ponto por ponto, uma encarnação do personagem da tragédia shakespeariana.

Esse artista das margens – referente inevitável da arte contemporânea brasileira – viveu mais de meio século em um hospício, diagnosticado como um esquizofrênico paranoide. Em sua cosmovisão delirante, acreditava-se chamado por Deus para reproduzir o universo em miniatura, inventariá-lo. E o fez com os materiais a que tinha acesso: resíduos, trastes velhos, restos de madeira, utensílios em desuso, plásticos, lixo, fios retirados de roupas, que depois reutilizava em bordados primorosos.

Ainda que inclassificável, não poderíamos pensar em um artista que encarnasse melhor a figura do marginal do que Bispo: negro, louco, pobre, latino-americano, artista. Inclusive assim – ou, justamente, por isso –, na sua reclusão, conseguiu codificar o mundo de modo inédito, e incita ainda hoje, com seu trabalho, à reflexão de muitos, em ambos lados do oceano que nos separa da Europa.

Bispo conseguiu sobreviver a costumes psiquiátricos mais ligados a eletrochoques, lobotomias ou coletes químicos do que à disciplina da escuta que nós, psicanalistas, praticamos diariamente. Depois conseguiu ser distinguido, *escolhido*, já não só pela Divindade em que acreditava, senão por outra, a Academia, que lhe reconheceu a autenticidade que só pode nascer de um absoluto desinteresse pelo reconhecimento, sem nunca ter se considerado, ele mesmo, um artista, sem haver



1 Refundava-se, então, a *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, que aparecia bianualmente, há mais de 20 anos, com o nome agregado de *Calibán* e uma periodicidade, um formato e um estilo novos. Decidimos manter então a antiga numeração; nos apropriamos *calibãnicamente* do melhor da tradição, sem renunciar a um autêntico gesto de invenção.



proposto isso e inclusive sem ter sabido disso, porque já estava morto quando foi objeto de exposições na Bienal de Veneza ou em museus de Londres e de Paris, ou na Bienal de São Paulo, onde nos encontramos com a sua obra.

Colocar este número de *Calibán* sob a tutela desse artista das margens, fazer com que convivam nossos textos com suas imagens, é escolher um lado. Reconhecemos assim que o personagem de Bispo poderia ser a outra face –um heterônimo, inclusive– do personagem de Calibán. Por isso, sua obra pode interpelar os textos que nossa revista abriga já há sete números.

## O reverso de Penélope

O certo é que *Margens* –o tema deste número– e a própria *Calibán*, enquanto publicação, funcionam como uma espécie de pleonasma, pois o lugar de enunciação desta publicação é precisamente a margem, desde o seu primeiro número, e não por capricho, nem sequer por destino –apesar de que o lugar reservado para a América Latina na representação habitual do planisfério seja justamente o da margem inferior esquerda–, senão mais precisamente por escolha própria.

As margens –inclusive as margens das folhas abertas para as anotações do leitor– representam o lugar por onde o texto se oxigena, sua abertura ao estrangeiro do pensamento de quem lê, à fecundação pelo Outro que questiona o Próprio.

Pensamos *Calibán* das margens para o centro, e desse modo pensamos também a psicanálise, da periferia para o centro, a partir dos restos –da cultura, do eu, do capitalismo– que abundam nas margens.

Toda a obra de Bispo –como a escuta de um psicanalista– é efetuada sobre restos. Seu trabalho, de uma beleza devastadora, corporifica objetos que não são alheios aos objetos dos quais a psicanálise se ocupa. É se alimentando desses restos, desses detritos recusados tanto pela ciência como pelo senso comum, que a psicanálise pôde se inventar, e com eles sobrevive e cresce.

A tarefa do psicanalista é escutar pacientemente o relato alienado daquele que, deitado em seu divã, conta quem acredita ser, ignorando a alienação em que se funda e o custo sintomático que paga. Cada analista acompanha seu paciente a desfiar esse relato fio por fio para poder construir assim, frequentemente com os mesmos fios, um novo relato que permita uma liberdade subjetiva inédita. A essa estranha tarefa, inversa à de Penélope –que tece durante o dia para destecer à noite–, nós, analistas, nos dedicamos durante nossos dias de trabalho. Destecemos para tecer.

E não estamos longe –tanto os analistas como nossos analisandos– do que fazia Bispo, descosturando e destecendo o que lhe oferecia a miserável vida do hospício para, ali mesmo, com a mesma matéria, bordar maravilhas, já não com o fim de acatar delirantemente algum mandato, mas sim –em todo caso– o de nos desfazermos de qualquer um que constanja nossa liberdade de pensar.

Revisemos agora o modo em que, com os fios que dispúnhamos, pudemos costurar o número de *Calibán* que o leitor tem em mãos.

Nem sempre os editores estamos de acordo com o que se publica, e muito menos com o que fica de fora. Nem sempre escolhemos os fios com que devemos bordar. Os textos são submetidos a um processo de avaliação independente e parametrizada, em duplo cego, por revisores escolhidos pelas sociedades que compõem a Fepal. O mesmo acontece, ainda mais, com os trabalhos premiados, em cuja seleção não nos cabe ingerência nenhuma enquanto editores. Cada vez mais recebemos trabalhos para publicação, e é impossível publicar tudo o que nos chega: queremos agradecer aos autores pelo seu entusiasmo e compromisso com o intercâmbio de ideias, e convidá-los a continuar enviando suas propostas para as seções doutrinárias da revista.

Na seção **Argumentos** e em sua contraparte, **Fora de Campo**, publicamos artigos, escritos por analistas latino-americanos, que exploram as margens da nossa disciplina. Além disso, completamos neste número a publicação dos trabalhos premiados pela Fepal no último Congresso.

Em **Vórtice**, exploramos, através da contribuição de autores latino-americanos e europeus, um tema clássico, conceito fundamental e senha de pertencimento ao mundo psicanalítico, o do inconsciente. É somente uma proposta para retomar a discussão. E, se há algo que fica claro com esse debate clássico e, ao mesmo tempo, inacabado, é que nem todos falamos da mesma coisa quando falamos de inconsciente.

Em **De Memória**, traçamos um perfil de Isaías Melsohn e, em **Clássica & Moderna**, repassamos o pensamento e a figura de David Liberman.

## **Margens do texto, do corpo, do mundo**

Há zonas da revista que são uma espécie de zonas erógenas do *corpus* psicanalítico: zonas de intercâmbio entre o próprio e o alheio, zonas de borda, zonas fecundas, fonte de um prazer tão intenso como a perplexidade para a qual abrem espaço.

O **Dossiê** é uma delas. O deste número explora outras margens, as do corpo, os orifícios em torno dos quais se organiza nosso erotismo. Os cinco sentidos e as zonas de borda, que lhes dão nome e *sentido* ao mesmo tempo, permitem que ofereçamos aos nossos leitores textos de autores reconhecidos que estão aqui para fecundar nosso pensamento analítico. Apesar de ser fundamentalmente uma disciplina da escuta, e inclusive inventora de uma modalidade inédita da escuta, toda a sensualidade está em jogo na psicanálise. Essa seção talvez nos permita –enquanto lemos– afinar nossa capacidade de palpar, gostar, cheirar, olhar o que escutam e fazer com que assim apareçam sentidos inéditos no que nos contam.

O **Estrangeiro** é outra das seções de borda, marginais –e, por isso mesmo, centrais–, na fabricação de cada número da revista. Esse espaço é ocupado por um artigo inédito de Beatriz Sarlo: *Episódios na margem*.

A seção **Cidades Invisíveis** deste número é dedicada a Montevidéu, essa cidade situada em uma das margens do Rio da Prata e na estreita margem espacial –indica a autora do texto– deixada por países de outra escala, como Argentina e Brasil. Cidade capital com ar provinciano, cidade extremamente generosa com esta revista que hoje a retrata, não por acaso sede da federação a que pertencemos.

Em **Extramuros**, publicamos textos que nos lembram de que nossos consultórios não estão fora da cena do mundo, tanto como nos recordam os magníficos desenhos de Carlos Alonso que, com crueza e lucidez, ilustram os interiores da revista.

## **Periféricos**

Sempre com demora, mas ao mesmo tempo com sagacidade para perseguir as pegadas deixadas pelos artistas, em *Calibán* nos encontramos à espera, na busca, do novo.

Temos certeza de que não só há dor nas margens –como reza um dos artigos que publicamos–, mas também um saber em formação, e nosso compromisso reside em sermos capazes de descobri-lo, alojá-lo, propiciá-lo, inclusive.

Como Bispo fez com seu mundo, tentamos recriar o mundo analítico, revisitar a tradição e, ao mesmo tempo, criar um espaço para que algo do novo, com sorte, possa ser publicado em nossas páginas. Não somos tão míopes para pensar que estamos à altura do nosso propósito, nem sempre tudo o que publicamos está à altura do que gostaríamos de publicar. Nós mesmos, a partir do nosso lugar de editores, exercemos nosso trabalho de forma imperfeita, enquanto aprendizes.

Aprendemos com Bispo, com a sua excentricidade. Mas excentricidade não é só extravagância: implica também que não haja centro ou, em todo caso, que haja diferentes centros. Esse também é o lugar da América Latina –pensava o mexicano Sergio Pitol–, um lugar excêntrico, assim como é o lugar do psicanalista, tanto em termos de estranheza como de *estranheira* e inclusive de marginalidade.

Nossa aposta é clara: construir um lugar onde algo original possa ser dito. Sem renegar o que aprendemos com os autores clássicos, com o que podem continuar a nos nutrir os países centrais –trate-se de Christopher Bollas ou Antonino Ferro, Guy Le Gauffey ou Julia Kristeva, entre tantos outros–, temos a firme suspeita –o que talvez não seja senão outra forma da esperança– de que qualquer renovação psicanalítica virá das margens, das margens em que outras disciplinas fertilizam nosso pensamento e o salvam das tentações autoeróticas tão afins à homeostase institucional. Mas também das margens do mundo, sejam elas ocidentais –como a que ocupam nossos países– ou orientais –nesse vasto território que começa na Europa do Leste e termina quem sabe onde, talvez nessa conjeturada quarta região da IPA–, ali onde a curva de desenvolvimento e expansão da psicanálise é proporcional ao frescor do seu (re)descobrimento.

Uma publicação como *Calibán* implica um produto a que, sempre, nos dá trabalho chegar e, quando o fazemos, experimentamos isso com uma estranha mistura de satisfeita liberação e tristeza. Mas, sobretudo, implica um processo, um caminho. Esse caminho estará justificado –só no *a posteriori*, a lógica temporal mais afim à psicanálise– se conseguirmos receber, e inclusive estimular, ideias novas e férteis.

Em certa lógica de produção e difusão do conhecimento, o saber se difunde do centro para a periferia. Na periferia, costuma ser consumido o que foi produzido no centro. No entanto, um mundo caótico, órfão de certezas e de grandes relatos ordenadores –ainda dentro da comarca analítica– está cheio de oportunidades para o pensamento. Os grandes centros de irradiação de ideias já não são o que eram; acontece inclusive que é difícil identificar quais são os centros na contemporaneidade, e talvez não seria ousado imaginar um mundo de periferias sem centro.

Esse espaço prenhe de futuro talvez possa ser aproveitado por nós para propor ideias que se afastem das *motherboards*, potenciando nossa autonomia e nosso pensamento crítico, enquanto periféricos<sup>2</sup>.

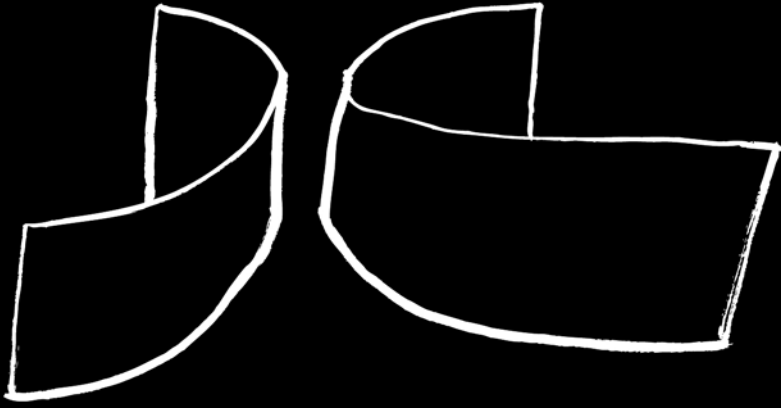
Cada número de *Calibán* é pensado de modo diferente, da periferia para o centro, inclusive em relação ao interior da equipe de editores. Por isso, uma seção inteira pode surgir de uma equipe paulista ou carioca ou montevidense. Na tarefa complexa de editar cada número de *Calibán* intervêm muitas pessoas, pequenos grupos que refletem paixões, interesses, até preconceitos, preferências e fobias diferentes. Processar essa diversidade, abrigá-la, potenciá-la em sua sinergia possível, é uma das tarefas que nos ocupa. Agradecer todo esse trabalho criativo e intenso, e nem sempre plenamente reconhecido, é minha reiterada e orgulhosa obrigação nestas páginas.

**Mariano Horenstein**

Editor-chefe - *Calibán* - RLP

---

2 Em informática, os periféricos ocupam o lugar do marginal. O termo se refere aos dispositivos que permitem a um computador –em cujo centro, a CPU (unidade central de processamento), reside a capacidade de processar a informação– introduzir dados, como um teclado, ou mostrá-los, como um monitor, ou armazená-los, como uma memória externa. O coração desse centro nervoso de informação é ocupado pelo que em inglês se conhece como *motherboard*, a placa central.



Argumentos



Marina Fibe De Cicco\*  
Eva Maria Migliavacca\*\*

## Especificidades da experiência transferencial na clínica dos casos-limite

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Diferentes autores (Green, 1975; Pontalis, 2005; Roussillon, 1995; Winnicott, 1960) parecem concordar quanto à necessidade de ampliar a concepção de transferência enunciada por Freud para compreender o lugar transferencial ocupado pelo terapeuta no trabalho com casos limite. A singularidade desses casos seria dada pela falta de estruturação psíquica estável, devido às falhas na constituição dos limites do eu. Os limites internos, que demarcam as diferentes instâncias psíquicas, estariam mal configurados, assim como os limites sujeito-objeto. Essa “doença das fronteiras do ser” derivaria do fracasso na discriminação eu-outro, com duas angústias fundamentais: a de separação, abandono e perda do objeto, por um lado, e a de invasão ou anulação do eu pelo objeto, por outro (Green, 1975; citado por Figueiredo, 2000, p. 67).

---

\* Universidade de São Paulo.

\*\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Sabe-se que mesmo o campo clínico das neuroses tem mais a comunicar do que a palavra reprimida (Garcia, 1998, p. 3), mas o foco deste artigo são as análises em que a tarefa principal consiste em constituir os limites do eu e atrair o trauma para o sistema de representações. Nesses casos, ganha relevo a função do analista como objeto de investimentos e projeções maciças aos quais somente sua presença inteira, corporal, poderá fazer face, erigindo-se em suporte para a transposição e reordenação não só da pulsão, mas de modalidades de relação traumáticas, marcadas pela ausência ou excessiva presença do objeto.

Pontalis (2005) pondera que não se trata, nos estados-limite, da transferência como a entendemos tradicionalmente: espaço de projeção e jogo em que nada é tomado em sua concretude, sendo as manifestações clínicas continuamente remetidas a outra cena e outro sentido não imediatamente dado ou observável. O fato de a diferenciação eu-outro não ter sido bem estabelecida, e de o trabalho de organização tópica ser incessantemente ameaçado por atuações demasiadamente intensas, transformam profundamente a concepção de transferência -o “como se” não existe mais, a função metaforizante não está bem assegurada e a própria sessão fica próxima de um *acting-out*. Para compreender os estados-limite, portanto, não podemos nos centrar de maneira nenhuma apenas na concepção corrente de transferência, já que não há subjetivação suficiente para garantir suas bases.

No prefácio ao livro de Roussillon (1995), Donnet adota ponto de vista semelhante e escreve:

as situações fronteiriças manifestam, essencialmente, uma reversão da situação analítica em repetição atuada, onde a compulsão à repetição pode parecer estar exclusivamente a serviço da pulsão de morte. Elas realizam um paradoxo que pode ser resumido como segue: a regra do jogo é não jogar. O aparelho psíquico não se manifesta como aparelho de linguagem (A. Green), mas como aparelho de ação, externalizado na sessão. (pp. 16-17).

Define-se assim um modo de funcionamento mental com que o analista não está tão familiarizado e com o qual precisa aprender a trabalhar. Daí a importância de examinar a dinâmica analista-analisando, que se caracteriza pela presença das atuações como principal forma de comunicação e pela alta carga afetiva circulando entre a dupla, pressionando o analista a agir também. Considerando que as marcas e impressões dos diferentes registros do aparelho psíquico aos poucos são transcritas para registros mais próximos da palavra e da significação, neste artigo será ressaltada a importância de intervenções que atinjam também os primeiros registros, isto é, formas de intervir/conversar/interagir que não se atenham ao registro da linguagem verbal.

Psicanalistas como Ferenczi, Balint e Winnicott deram contribuições amplamente aceitas sobre manejo e técnica na clínica dos pacientes difíceis, enfatizando que tais casos “alteram completamente a atitude profissional do terapeuta” (Winnicott, 1960, p. 149). Winnicott ressalta que, quando os pacientes realizam testes e exigências especiais, forçando a passagem do limite profissional, é preciso “tomar o tema a partir das respostas do analista” (Winnicott, 1960, p. 149) e relata uma situação clínica em que não interpretou o paciente, mas





mental uma teoria do *acting out/in* que permita atribuir-lhe um *sentido* [itálicos do autor], (p. 186).

Em “O papel da ilusão na formação simbólica” (Milner, 1952), vemos como o sentido que o analista pode dar aos diferentes fatos clínicos é determinante da contratransferência e das possibilidades de intervenção, e, portanto, do destino das análises. Nesse texto, Marion Milner narra a análise de um menino de 11 anos em que ela interpretava a agressão do paciente enfatizando os mecanismos de projeção e as defesas persecutórias. Ela escreve: “No entanto, quando eu assim o fazia, a agressão não diminuía, e por vezes fiquei desesperada em relação à sua qualidade implacável” (Milner, 1952, p. 107).

Milner relata como a análise evoluiu decisivamente quando ela passou a ver o uso que o menino fazia de sua pessoa não só como uma regressão defensiva, mas também como “uma fase recorrente essencial no desenvolvimento de uma relação criativa com o mundo. Aí, o caráter da análise mudou completamente” (Milner, 1952, p. 109). A autora ressalta que novas ideias psicanalíticas mudaram sua visão da transferência, permitindo que ela lidasse com a contratransferência negativa, e então o principal progresso da análise aconteceu. Para tanto, foram essenciais as considerações sobre a necessidade de a criança poder experimentar o estágio da ilusão antes de poder experimentar o alívio da defusão (p. 109).

Na análise de um menino de sete anos, uma profunda mudança no caráter das sessões se deu quando pude entender as ações resultantes da impulsividade da criança não como ataques, mas como apelos, adotando perspectiva próxima à de Milner. Passei a sentir menos raiva, o que me libertou do medo de agir.

Cerca de seis meses após o início da análise, depois de inúmeras sessões extenuantes com esse garoto bastante perturbado, em que conversas ou interpretar não parecia funcionar, em dado momento deixei-me responder a ele mais espontaneamente. Ele teve um de seus frequentes rompantes de agressividade e cortou uma carta do baralho com a tesoura, sem que houvesse a menor chance de detê-lo. Estava enraivecido, prestes a estragar outros objetos do consultório, como costumava fazer, impulsivamente, e então eu o segurei. Ele se estendeu no chão e agarrei seus braços com firmeza, explicando que eu precisava segurá-lo porque ele não estava conseguindo se segurar. Disse-lhe que não podia mais deixá-lo destruir coisas que eram importantes para mim e para ele, e por isso o seguraria pelo tempo necessário. Ele se debatia, xingava, esperneava, mas eu continuava firme, sempre verbalizando o porquê de estar fazendo aquilo.

Realizei essa intervenção por volta de quatro ou cinco vezes. Em dois momentos, ele se mostrou efetivamente angustiado por estar preso, e então eu o soltei, dizendo: “Tudo bem, vamos fazer um trato. Eu te solto agora, mas, se você continuar o que estava fazendo, eu vou te segurar e não vou te largar até o final da sessão”. Nas duas vezes em que isso ocorreu, eu o liberei e o atendimento prosseguiu sem nenhuma outra agitação.

Na sessão seguinte àquela em que o segurei pela primeira vez, o paciente chegou pedindo para desenhar -algo que jamais havia feito. Desenhou um corpo de menina; em outra folha, um corpo de

menino; em seguida, me desenhou e depois fez algumas letras e uma paisagem. Perguntei-me se de alguma forma o embate do encontro anterior, cheio de energia e tensão, fizera nascer a possibilidade de ele perceber que habita um corpo e de se representar como “um”, desenhando seu corpo com contornos e separado do meu, diferente da subjetividade transbordante que até então não parecia ter noção de existir dentro de um corpo próprio e com fronteiras.

Como sugeriu Elisa Cintra<sup>1</sup>, esse recorte clínico permite pensar no contato corporal analista-analisando como limite ao transbordamento pulsional. A analista exerceu a função de *oposição*, que, de acordo com Safra (2005), é tão importante para a constituição do gesto e do sentido de existência da criança quanto as experiências de *continuidade* com o outro significativo:

A motilidade necessitará de um tipo diferente de função e de presença do outro: a *oposição*. É importante ressaltar que não se está falando, nesse momento, de frustração, mas sim de presença corporal que, ao se opor à criança, dá a ela a possibilidade de se apropriar de sua musculatura e também de encontrar sentido para seu movimento, para a dimensão motriz. Há, portanto, o gesto que se constitui pela criação do objeto e da sensualidade e o gesto que se desenha na oposição. São experiências distintas, que se organizam separadamente e apenas se integram, ao longo do tempo, pelo *holding* proporcionado pela mãe. O interjogo do encontro entre a mãe e o bebê, que se dá pelas zonas erógenas, e o encontro que acontece pela oposição dos corpos possibilitam à criança maneiras distintas de estar no corpo e, mais tarde, no mundo [grifo do autor], (Safra, 2005, p. 100).

Em geral, entende-se que as ações do analista expressam conteúdos cindidos do psiquismo do paciente. Subestima-se, porém, a reflexão relativa ao papel que as ações do analista têm em sua (do analista) economia afetiva. Assim como interpretar, agir pode ter um papel importante no reequilíbrio psíquico do próprio analista, e por essa perspectiva o ato do analista adquire novo significado. A ação do terapeuta, e aqui o caso dessa criança é um bom exemplo, expressa sua agressividade, mas de forma contida (Figueiredo, 2013). O analista utiliza sua agressividade para sair da paralisia em que o paciente busca encerrar a dupla, sem renegá-la e nem descarregá-la reativamente.

Botter (2012), ao comentar ideias de Pontalis (2005), lembra que, diante de certos pacientes, o analista precisa se defender para permanecer vivo, mas não de forma tão intensa a ponto de transmitir ao paciente a ideia de que nada do que ele faça irá atingi-lo –pois isso seria justamente recolocá-lo no lugar da indiferença e, no limite, da inexistência (Pontalis, 2005, p. 135). Indo ao texto de Pontalis (2005), seria como dizer: “Qualquer coisa que você me faça não muda nada, porque você não é nada” (p. 243). Ao expressar sua agressividade sem ser retaliador nem violento, o analista afirma sua existência e a do paciente em um só gesto: mostra-se capaz de sobreviver e dá lugar à experiência da alteridade, fundamental para o processo de constituição subjetiva.

Muitos analistas têm ressaltado que, no atendimento aos casos-

1. Dra. Elisa Cintra, professora da PUC-SP. Comunicação pessoal, 2013.

-limite, o psiquismo do analista sofre inundações afetivas correlatas às sofridas pelos pacientes, e suas reações emocionais correspondem de forma muito próxima ao que foi descrito por Coelho Junior e Getlinger (2006): níveis extremos de tensão, angústia, pesar e desesperança. As ideias dos autores ora mencionados permitem entender tais vivências como resultado de experiências de transbordamento pulsional que promovem uma indiscriminação temporária, pois em análises como essas “tanto os limites e fronteiras psíquicas do paciente são indefinidos, quanto tenderão a ficar indefinidos os limites e fronteiras psíquicas do analista, em contato com a intensidade e o primitivismo dos mecanismos psíquicos presentes nesses atendimentos” (Coelho Junior & Getlinger, 2006, p. 3).

Pontalis (2005), ao comentar as imagens utilizadas pelos analistas quando evocam seus casos difíceis, observa:

As palavras que aparecem então são: “atrapalhado”, “petrificado”, “bombardeado”, “*helpless*” – que nesse caso não é tomado no sentido de uma vaga impotência, mas revela um estado de sem recurso e sem socorro de um analista atingido (como que) em seu *corpo*. Isso porque, na dupla função que o constitui como analista –intérprete e objeto-suporte da transferência-, a segunda passa a ocupar todo o espaço, mas mudando de repente profundamente de sentido: justamente, o analista não é um simples suporte, que permaneceria diferenciado dele na realidade, mas é *efetivamente* visado. Os efeitos são perceptíveis *nele*, geralmente depois de certo tempo, física e mentalmente, pois ele se sente paralisado tanto nos movimentos de seu corpo como em seu “movimento” associativo [grifos do autor]. (pp. 221-222).

Adotando perspectiva semelhante à de Pontalis, Donnet escreve que a compreensão dos estados-limite “só pode surgir da consideração estrutural e imediata do outro, pois o que está em jogo é, precisamente, em um registro pré-histórico, a diferenciação sujeito-objeto” (Roussillon, 1995, p. 14).

Para entender o que é a experiência transferencial na análise dos casos-limite, é preciso, então, destacar, ampliar e desenvolver também as ideias de dependência e regressão fusional. Zygouris (2011) considera que a experiência simbiótica original eu-outro ou *self*-ambiente é um período que nunca se fecha de uma vez por todas. A autora afirma haver uma “competência para a simbiose”, que seria uma competência profissional necessária ao analista, e pensa que é pela relação simbiótica que se dão transformações significativas, ainda que silenciosas, no contexto de uma análise, em especial no atendimento a casos difíceis. A simbiose seria um vínculo bilateral que se dá sem palavras, onde reina uma indiferenciação relativa entre o “meu” e o “seu”.

A chamada “simbiose terapêutica”, segundo Zygouris (2011), necessita de uma implicação por parte do analista e é também favorecida pela empatia, embora seja mais inconsciente do que esta. Através do vínculo que aos poucos se estabelece entre analista e paciente, seria possível reativar uma zona psíquica onde há uma não-separação, ainda que separações tenham sido vividas anteriormente. Quando o analista aceita partilhar uma experiência peculiar do paciente, ele está aceitando se deixar levar por uma vivência que passa de corpo para corpo, silenciosamente, e que o ultrapassa. Assim ele pode entrar no mundo do

paciente, algo fundamental, pois, sobretudo no atendimento aos casos difíceis, existem momentos em que não se trata mais de traduzir nem interpretar fantasias em termos de significante/significado, mas sim de “mergulhar, partilhar” (Zygouris, 2011).

Para ilustrar suas ideias, Zygouris apresentou o recorte da análise de um paciente. O chamado “Sr. X” tinha mais de 60 anos e já fizera 40 anos de análise quando a procurou. A autora propôs uma reflexão sobre o sentido de um ato praticado por ela em análise, ação, segundo ela, impensada e quase automática, inexplicável e sem lógica.

Certo dia, após algum tempo de análise com Zygouris, Sr. X chegou à sessão com uma aparência horrível. Seu rosto estava desfigurado, muito fora do normal. Zygouris se impressionou, olhou para ele e indagou de uma maneira bastante teatral (conforme sua própria descrição): “Quem morreu?”. O paciente ficou um pouco surpreso e disse: “Ninguém”. Ela lhe perguntou por que estava com aquela aparência, ele disse que não sabia. Então ela se levantou sem pensar por um segundo, pegou um espelho que havia em seu consultório e lhe disse: “Veja. Veja!”. Nesse momento, o paciente revelou que não se olhava no espelho, e que não fazia isso há muitos anos. A analista se surpreendeu, disse que ele nunca lhe contara nada sobre isso. Ele respondeu que ela nunca perguntou, e que também não falou sobre isso com nenhum de seus outros analistas. Ela disse que, então, ele precisava olhar. Ele se olhou no espelho e passou longos minutos em silêncio. Finalmente, falou: “Não dá pra ver”. Zygouris: “O quê? O que não dá pra ver?”, e o paciente: “Que eu sou louco”.

Então os dois caíram na risada.

Seguiu-se uma série de associações importantes sobre o medo que o paciente sentia do pai, acompanhadas de uma lembrança de infância em que o pai o repreendera por fazer caretas para o espelho, dizendo: “Não faça isso. Você parece um louco”. Quando o Sr. X terminou de contar essa e outras histórias relacionadas ao seu medo de se olhar no espelho, Zygouris apenas lhe perguntou o que ele pensava de tudo isso, e ele respondeu: “Penso que eu era uma criança louca”. E, na saída, disse a ela: “Eu acho que hoje algo se passou”.

De onde veio a ação da analista de se levantar subitamente, pegar o espelho e pedir que o Sr. X se olhasse? Segundo Zygouris, seu comportamento emergiu devido à “saturação transferencial”, interessante ideia proposta por ela, segundo a qual os conteúdos cujo sentido até então não se formara chegam a um tal grau de “concentração” na zona de indiferenciação comum à dupla que, em dado ponto, “transbordam” na relação, fazendo com que o analista sirva de canal para que a palavra que o paciente não pode dizer seja veiculada por ele (terapeuta). Ela destaca que seu movimento de pegar o espelho foi um ato, e que depois disso nada mais era preciso interpretar: o ato era a própria interpretação.

Há em psicanálise diferentes conceitos, com variações importantes, que permitem pensar essa zona de indiferenciação ou campo transubjetivo de circulação, projeção e introjeção de conteúdos pré-representação. É a existência desse registro que permite ao analista receber outro tipo de coisa que não só representações de palavras -caso contrário, a única comunicação possível seria pré-consciente/consciente.

Em “O inconsciente”, Freud (1915/1996) fala das comunicações entre o inconsciente e outros sistemas. Ele lembra que o conteúdo dos sistemas pré-consciente (Pcs.) e consciente (Cs.) deriva em parte da vida pulsional, isto é, do inconsciente (Ics), e em parte da percepção. Ressalta não ser possível saber até que ponto os processos do sistema pré-consciente/consciente podem exercer influência direta sobre o inconsciente. Ainda assim, o tratamento psicanalítico se baseia na possibilidade de o consciente atingir e transformar o inconsciente, demonstrando tratar-se de tarefa laboriosa, mas não impossível.

Em seguida, Freud lembra que, nos primórdios da atividade psíquica, a comunicação entre os sistemas é mais ampla e extensiva. Intrapsiquicamente, uma parte dos processos pulsionais primitivos “passa através do Ics., como que por uma etapa preparatória, e atinge o desenvolvimento mais elevado no Cs.; outra parcela é retida como Ics” (Freud, 1915/1996, p. 198). Na direção inversa, o inconsciente é afetado por experiências oriundas da percepção externa. O autor sublinha que o inconsciente pode inclusive ser influenciado por outro inconsciente sem a mediação da consciência:

Normalmente, todos os caminhos desde a percepção até o Ics. permanecem abertos, e só os que partem do Ics. estão sujeitos ao bloqueio pela repressão. Constitui fato marcante que o Ics. de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar através do Cs. Isso merece uma investigação mais detida, principalmente com o fim de descobrir se podemos excluir a atividade pré-consciente do desempenho de um papel nesse caso; descritivamente falando, porém, o fato é incontestável. (Freud, 1915/1996, pp. 198-199).

Freud fornece as bases para explicarmos teoricamente o potencial de transformação da interação atuada paciente-terapeuta que ora examinamos. Ele mostra ainda que os processos que se dão em nível inconsciente são uma etapa preparatória para que se atinja um grau mais elevado de organização psíquica. Nessa perspectiva, as diferentes formas de intercâmbio que passam prioritariamente pelo agir seriam capazes de preparar terreno para que material psíquico pouco (ou mal) constituído e simbolizado se transforme em conteúdo mais organizado e com grau mais elevado de simbolização.

Ao lembrarmos que, como diz Freud, o inconsciente de um ser humano pode reagir ao de outro sem passar pelo consciente, é preciso lembrar também que a psicanálise não é assunto místico. Ainda que dependam de uma experiência afetiva, os fenômenos de que a psicanálise se ocupa podem ser reconhecidos pela razão. Por isso Freud defende o reconhecimento e a interpretação da referida experiência afetiva.

A comunicação de inconsciente para inconsciente seria a comunicação que não passa por nenhum lugar de articulação de sentido. O sentido aí foi despedaçado ou jamais construído; para que seja inaugurado ou reencontrado, é necessária a presença do outro.

Podemos, portanto, supor que, como no caso do Sr. X, é a instauração desse campo de compartilhamento de experiências psíquicas que abre caminho para a *construção*, para ir além da interpretação e resgatar através da experiência vivida pela dupla um fragmento da história do paciente que estava enterrado.



trados, mas ainda não se fala tanto sobre a importância *das ações ou gestos do analista* no processo de constituição da pele psíquica.

No texto “Psicossomática: comunicação deformada” (Boraks, 2012), há um belo exemplo da importância do gesto do analista e de como o agir e o corpo constituem em muitos casos o “canal pelo qual passa imperiosamente o desejo de comunicar” (Godfrind-Haber & Haber, 2002, p. 1427), não só no que diz respeito ao paciente, mas também em se tratando do terapeuta.

Boraks (2012) relata o caso de uma paciente de 28 anos encaminhada por sua dermatologista para a análise. A paciente tinha crises de coceira decorrentes de uma irritação na pele não diagnosticada pelos médicos. Em suas crises, a coceira chegava a tamanha intensidade que F., como Boraks chama a paciente, não conseguia dormir, trabalhar ou namorar. Durante as crises, que aconteciam de madrugada, a mãe da paciente se levantava para fazer compressas frias, que atenuavam seu sofrimento. No entanto, segundo F., a mãe cobrava caro por essas compressas, dizendo que suas noites eram interrompidas por causa da filha e que, por isso, ela tinha um cansaço e esgotamento permanentes.

Durante as sessões, F. mostrava grande desesperança em relação à análise e à possibilidade de ser ajudada, e se coçava quase o tempo todo. Também buscava na analista uma conselheira para as situações enfrentadas no dia a dia, especialmente no trabalho. F. estava sempre tentando assegurar-se da presença da analista ou, mais especificamente, da continuidade de sua presença. A analista procurava uma maneira de acompanhar a paciente, entendendo que o fato de F. requerer contínua e incansavelmente sua atenção “mostrava a busca que empreendia para alcançar um estado de ilusão assegurador que pudesse ser uma pele continente, protetora e delimitadora do seu lugar no mundo” (Boraks, 2012, p. 58).

Nesse ponto, vale lembrar, com Safra (2005), a importância da qualidade do encontro com o outro para o surgimento da unidade corporal e do corpo psíquico:

A observação clínica mostra que, muitas vezes, determinadas regiões corporais são vividas pelo indivíduo com estranhamento, pois são áreas corporais que ainda se encontram no estado de coisa. Ele tem a sensação de que aquela parte do corpo não lhe pertence e nem mesmo é parte de si. O indivíduo só se sente vivo em determinada região de seu corpo, se ela foi transfigurada pela presença do outro. (...) O encontro do corpo do bebê com o corpo da mãe devotada dá a ele condições de ter um repertório imaginativo que o capacitara a elaborar, imaginativamente, as funções corporais. Portanto, as diferentes funções corporais atualizam as qualidades dos encontros que o bebê teve com sua mãe. Trata-se de um repertório que é fruto da presença humanizadora do outro. (pp. 78-79).

Boraks ressalta que o medo, a raiva e os sentimentos de abandono estavam quase sempre presentes, mas, ainda assim, após o primeiro ano de análise, o vínculo se aprofundou, e F. tornou-se mais aberta às suas intervenções. A analista passava a ser, de modo mais estável, o objeto ansiado. Por outro lado, dada a obstinação de F. em encontrar continuidade, buscando “hospedar-se” na analista, esta inevitavelmente era sentida como o objeto que a abandonava e rejeitava. Quando

analista e paciente conseguiam chegar a uma maior proximidade, o anúncio do fim da sessão era sentido por F. como uma traição, o que acontecia mesmo que Boraks tomasse muito cuidado. A paciente passava a questionar a análise e destruir o estado de ilusão vivido durante o encontro, exclamando: “Sacanagem sua parar agora!”.

Certo dia, no terceiro ano de análise, ocorreu um momento decisivo. F. reagiu violentamente à finalização de uma sessão em que se coçara muito. Gritou furiosamente: “O que nós estamos fazendo não está me ajudando em nada! Eu vim aqui porque eu queria que alguém me ajudasse a parar essa coceira horrível que me dá principalmente à noite e não consigo dormir. Como é que eu vou agora desse jeito para casa?”.

A analista ouviu em sua súplica todo o desespero e a urgência, disse a ela que percebia sua dor e sofrimento, “e que esperava que pudéssemos encontrar uma maneira de lidar com a ausência/buraco que ela assinalava ter se tornado tão presente”. F. irritou-se ainda mais. Observou sarcasticamente que os analistas gostam de olhar cuidadosamente para tudo, mas de que adianta?, e em seguida foi novamente enfática: “Eu não estou conseguindo dormir! Vê se dá para fazer alguma coisa!”. Quase gritando, completou: “Às vezes, eu penso que isso aqui não é uma relação de verdade. É muito devagar! Você é devagar!! Acho que eu preciso de acupuntura ou de massagem para ativar a minha circulação!!”.

Boraks aponta que a sensorialidade presente nesse diálogo esteve presente a sessão inteira, nas coceiras, e agora aparecia no tom da voz, na intensidade das palavras, no gestual. A analista entende que F. buscava contundentemente comunicar-se nos registros corporal e principalmente sensorial.

Na sequência, a analista tenta refletir sobre o que estava sentindo, mas sente-se incapaz de encontrar algo criativo para dizer. Fala apenas que “iria pensar no seu pedido e que ela poderia ter certeza de que tudo aquilo ficaria dentro de mim”.

Ao despedir-se, F. estende a mão para a analista, como costumava fazer.

Boraks, pela primeira vez, *toma a mão de F. entre as suas duas mãos*. F., então, chora emocionadamente e abraça a analista antes de ir embora.

Na sessão seguinte, F. declara: “Minha mãe finalmente entendeu que não adianta jogar aquelas compressas em cima de mim e ir dormir. Dessa vez, não sei por quê, ela ficou comigo, foi trocando a água, e a coceira passou”. Sua fala remete imediatamente ao gesto da analista da sessão anterior. Boraks percebe que algo importante se passou, pois pela primeira vez F. consegue relacionar a coceira, somatização, a um sentimento, estabelecendo maior enraizamento no corpo e mostrando que seu grito do dia anterior era “um grito para não perder a esperança que eu via ressurgir ali comigo” (Boraks, 2012, p. 62).

Pontalis (1986), citado por Boraks (2012), aponta a importância de o analista se deixar afetar corporalmente pelo paciente e de poder afetá-lo, pois somente essas reações *encarnadas* sinalizam de forma inequívoca que “o paciente se tornou ‘meu’ paciente e que, de modo análogo, o seu analista se tornou um ‘corpo’ para ele”. (p. 6). Porém,



como diz Boraks, não é essa a área onde preferimos transitar, e o princípio de abstinência de Freud –entendido pela autora como a necessidade de se abstrair de tudo o que seja corporal ou sensorial– teria contribuído muito para essa quase aversão dos analistas a utilizar sua ação e seu gesto como via mensageira, levando-os a negar ou cindir as vivências que podem veicular.

Se aqui nos aproximamos de uma área perigosa, fronteira, onde há o risco de ultrapassagem de limites que a princípio não devem ser ultrapassados, “quando esses efeitos podem ser tolerados e transformados, tende a ocorrer uma evolução que aponta em direção ao fundo da vida psíquica tanto do analisando como do analista” (Boraks, 2012, p. 62). Dito de outra forma, o que acontece é que eventualmente o analista ultrapassa esses limites, involuntariamente, e depois, quando se põe a pensar sobre isso, descobre que algo muito rico, e fundamental, aconteceu –como nos recortes clínicos ora apresentados, em que a comunicação só foi bem-sucedida quando o corpo do analista entrou na conversa.

Godfrind-Haber e Haber (2002) comentam uma situação clínica em que o analista se via, involuntariamente, respondendo com excesso de ações às solicitações de um paciente extremamente atuador. As reações do analista iam desde falar demais até atender imediatamente a pedidos concretos do paciente, como o de lhe passar uma caixa de fósforos ou de lhe dar um “trocado” para pegar o ônibus. O analista não podia escapar a uma espécie de imperativo interno de agir assim, e essa curiosa reação se manteve até o dia em que o analista foi pego de surpresa por sua atitude de finalmente fazer oposição a um pedido do paciente.

Nesse exemplo, sugerem os autores, a permanência, por certo período, das respostas agidas do analista evidenciaria a potência da identificação projetiva associada às ações do paciente. Por outro lado, essa forma de agir do analista, ainda que desrespeitando a regra de abstinência, talvez não tenha sido um erro, mas sim representado benefício para o analisando. O analista teria inconscientemente se adaptado às necessidades primordiais do analisando, garantindo uma segurança –ou confiança– de base através da troca agida. Essa experiência teria instaurado um intercâmbio propício ao desenvolvimento da simbolização, confirmando a hipótese de que, na análise dos casos-limite, “o trabalho propriamente psicanalítico parece subordinado a uma fase de reconstituição de uma ‘pele psíquica’, fase onde predomina a interação atuada” [grifo do autor], (Roussillon, 1995, p. 198).

## Resumo

O artigo investiga aspectos da experiência transferencial na clínica dos casos-limite. Parte-se do pressuposto de que, para compreender os estados-limite, o analista não deve centrar-se apenas na concepção tradicional de transferência, já que não há subjetivação suficiente para garantir suas bases. Tendo em vista a importância das dimensões não-verbal e fusional da transferência, ressalta-se a necessidade de examinar a dinâmica analista-analisando que se caracteriza pela



---

---

---

---

---

---

presença das atuações como principal forma de comunicação e pela alta carga afetiva circulando entre a dupla, pressionando o analista a agir também. Nesse contexto, e a partir de recortes clínicos, demonstra-se a importância das ações e dos gestos não só do paciente, mas também do analista, mostrando que este pode responder às atuações desde o lugar solicitado pela fantasia do analisando, ou deslocar-se dessa posição e agir de forma original, em uma experiência em que “o ato chama o ato”, mas a cena atual é inédita.

---

---

**Palavras-chave:** *Clínica, Transferência, Borderline, Atuação.*

---

---

### **Abstract**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

The paper investigates aspects of the transference experience in the borderline cases clinic. This is on the assumption that, to understand the borderline cases, the analyst should not focus only on the traditional definition of transference, as there is no subjectivity enough to ensure their bases. Given the importance of the non-verbal and fusional dimensions of the transference, it emphasizes the need to examine the dynamics analyst-analysand characterized by the presence of actions as the main form of communication and by high emotional charge present in the sessions, pressing the analyst to act, too. In this context, and from clinical vignettes, the paper demonstrates the importance not only of the patients’ actions and gestures, but also of the analyst’s, showing that it can respond to actions from the place requested by the fantasy of the patient, or move from this position and act in an original way, building an experience in which “the act calls the act” but the current scene is unprecedented.

---

---

**Keywords:** *Clinic, Transference, Borderline, Acting.*

## Referências

- Boraks, R. (2012). Psicossomática comunicação deformada. *Rêverie Revista de Psicanálise*, 5(1), 55-65.
- Botter, I. (2012). *Fundamentos metapsicológicos da constituição do espaço psíquico e a elaboração de um sentido terapêutico do tratamento psicanalítico*. (Tese inédita de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Coelho Junior, N. E., & Getlinger, P. V. (2006). Fronteiras no trabalho clínico com casos-limites. *Journal de Psicanálise*, 39(71), 151-168.
- Figueiredo, L. C. (2000). O caso-limite e as sabotagens do prazer. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 3(2), 61-87. Recuperado de [http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume03/n2/o\\_casolimit\\_e\\_as\\_sabotagens\\_do\\_prazer.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume03/n2/o_casolimit_e_as_sabotagens_do_prazer.pdf)
- Figueiredo, L. C. (Outubro, 2013). Comentário. Conferência: *Clínica psicanalítica contemporânea: Desafios e perspectivas do Instituto de Psicologia da USP, São Paulo*.
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol XIV, pp. 185-223). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Garcia, J. C. (1998). *O ato analítico e seu potencial de simbolização*. (Tese inédita de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Godfrind, J. (2008). Lacte, allié ou ennemi de la symbolisation. In B. Chouvier & R. Roussillon (Eds.). *Corps, acte et symbolisation: Psychanalyse aux frontières* (pp. 39-50). Bruxelas: Groupe De Boeck.
- Godfrind-Haber, J., & Haber, M. (2002). L'expérience agie partagée. *Revue Française de Psychanalyse*, 66(5), 1417-1460.
- Green, A. (1975). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal* (pp. 36-65). Rio de Janeiro: Imago.
- Milner, M. (1952). O papel da ilusão na formação simbólica. In M. Milner, *A loucura suprimida do homem são: Quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*. (pp. 89-117). Rio de Janeiro: Imago.
- Pontalis, J.-B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Roussillon, R. (1995). *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Safra, G. (2005). *A face estética do self: Teoria e clínica*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Winnicott, D. W. (1960). Contratransferência. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 145-151). Porto Alegre: Artmed.
- Zygouris, R. (Abril, 2011). *Simbiose e interpretação*. Trabalho apresentado em conferência do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), São Paulo.

## Sábato, Winnicott e Grunberger: um encontro em *O túnel*\*\*



### Introdução

O presente artigo busca fazer uma relação entre a obra *O túnel*, de Ernesto Sábato, e alguns conceitos de Donald Winnicott e Belà Grunberger. Sábato caracteriza-se por descrever a angústia do homem solitário das grandes cidades. *O túnel*, história escrita em 1948, como salienta Leiva (2000), gira em torno de perseguir o inalcançável, posto como um mágico regresso ao país da infância, onde o amor e a comunicação alcançam na memória do homem as qualidades do mítico. Essa novela é citada como exemplo de exposição de uma problemática existencialista (Coddou, 1966).

Breve resumo apresenta-se a seguir: Juan Pablo Castel é um artista conhecido e, durante uma exposição em Buenos Aires (no Salão de Primavera de 1946), percebe e se fixa em uma moça (María Iribarne), enquanto ela observava atentamente um quadro seu, com o título *Maternidade*.

Nesse quadro, uma menina aparece olhando fixamente para o oceano através de uma pequena fresta aberta (“*ventanita*”) de uma janela. Ao perceber a atenção de María para a tela, Castel desenvolve uma forte obsessão pela moça, a ponto de persegui-la pela cidade. Em sua busca por María, Castel fantasia com todas as possibilidades de conhecê-la e de como abordá-la, ao mesmo tempo em que faz uma série de reflexões que mostram sua postura frente à pintura e às exposições que prefere não ir.

Quando encontra María, depois de uma busca incessante, Castel lhe confessa que não consegue parar de pensar nela e que a necessita de modo vital; e também pede que ela fale sobre o quadro que apreciava na exposição, ao que ela responde parecer ser uma mensagem de desesperança. María diz a Castel que ele não ganhará nada em vê-la, pois ela causa dano a todos que dela se aproximam. Embora María o tenha advertido, Juan Pablo segue completamente fixado e buscando por ela, e os dois começam uma intensa correspondência por cartas, pois María frequentemente viaja de Buenos

---

\* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre..

\*\* Prêmio Sigmund Freud.

Aires para uma estância. Eles mantêm uma relação constante, porém perturbadora, já que Juan Pablo a atormenta com questionamentos sobre sua vida pessoal, pois descobre que ela é casada com um homem cego chamado Allende. Castel parece, o tempo inteiro, desejar um estado de posse absoluta e indiferenciação em relação à moça. A relação sexual, ao invés de tranquilizar Castel, o perturbava mais ainda, com oscilações entre o amor mais puro e o ódio mais desenfreado (Sábato, 1948/2000, p. 68). A situação chega ao extremo quando Castel ameaça María de morte, caso descubra que está sendo traído. Em uma de suas visitas à estância onde María se refugia, Castel conhece Hunter, primo dela, e acaba, de tanto perseguir a ideia, descobrindo que os dois são amantes. O pintor fica perturbado, viaja até a estância e, com uma faca, mata María Iribarne. Depois, confessa o crime ao marido de María e se entrega à polícia. Na prisão, fica sabendo que Allende se suicidou.

Nosso artigo buscará uma aproximação com o sofrimento da figura central da trama. Observa-se então, em Castel, uma solidão ansiosa e absoluta que, na linha do presente trabalho, pode ser relacionada aos desejos de fusão e às angústias do bebê. Pensamos em dois referenciais: do campo dos fenômenos transicionais (Winnicott) e das incessantes buscas de um narcisismo perdido (Grunberger), entre tantos outros não contemplados aqui, para nos ajudar a entender o sofrimento de Castel. Conforme Coddou (1966), em linguagem próxima de uma possível aproximação com o entendimento psicanalítico da profunda imersão narcísica do protagonista, a influência sartriana em Sábato aponta uma mágica busca de segurança frente ao caos inevitável da fragilidade da condição humana.

## A novela e a condição humana

Conforme as colocações de Coddou (1966), em análise filosófica e literária, em *O túnel* Sábato consegue penetrar no último reduto do caráter do protagonista e, dessa forma, tenta desvendar as limitações e o absurdo da condição humana; procurando chegar à ansiedade (do protagonista) de comunicar um estado básico de solipsismo; é uma história que fala da intimidade última do homem. O mundo exposto contém a solidão essencial humana, os desejos e frustrações advindos dessa solidão essencial e os elementos hostis da realidade da vida.

Na novela de Sábato, o tempo cronológico (dos relógios e calendários) é trocado por um outro tempo, anímico, medido em esperas cheias de angústias, em lapsos de felicidade, de dor e de êxtase. Castel, quando decide o último encontro com María Iribarne, pensa de modo ensimesmado:

Non sei quanto tempo se passou nos relógios, esse tempo anônimo e universal dos relógios, alheio aos nossos sentimentos, aos nossos destinos, à formação ou ao desmoronamento de um amor, à espera de uma morte.<sup>1</sup> (Sábato, 1948/2007, p. 135).

1. Tradução de N. Souza; Sábato, E. (1976). *O túnel*. (N. Souza, Trad.). São Paulo: Alfa-Ômega. (Trabalho original publicado em 1948). Nos demais fragmentos, a tradução é livre.

---

---

Sobre esse tempo, Coddou (1966) afirma que Sábato impõe outro, de ordem subjetiva:

---

---

Mas, quanto ao meu próprio tempo, foi imensurável e tortuoso, repleto de idas e retornos, um rio obscuro e tumultuoso às vezes, e às vezes estranhamente calmo, quase mar imóvel e perpétuo.<sup>2</sup> (Sábato, 1948/2007, p. 135)

---

---

O enredo mostra um autor com influência do existencialismo sartriano, evidenciando, na figura predominante, um sujeito com grande desejo de domínio e posse absoluta do ser amado. Sábato aponta para a solidão do homem mesmo quando em uma relação amorosa, pois entre os seres só há abismos e incompreensões. A condição do homem, em Sábato, é de uma solidão existencial.

---

---

O motivo que leva Juan Pablo Castel a escrever sua história é “a débil esperança de que alguém chegue a me entender. MESMO QUE SEJA UMA ÚNICA PESSOA”. Grito angustiado que revela no protagonista esse afã de comunicação ao qual aludíamos, seu desejo de ser compreendido, desejo que persiste nele, mesmo depois de matar aquela com quem esteve mais perto de “se comunicar”: conserva uma esperança, apesar de débil. (Coddou, 1966, p. 53)

---

---

Vê a mulher como uma perspectiva, poderosa e vasta, de realização: só ela lhe oferece a possibilidade de dar vazão à enorme força que pulsava nele. Mais ainda: notando que o reencontro é imprescindível, diz a si mesmo várias vezes em voz alta: “Isso é necessário, isso é necessário”. (p. 59)

---

---

Sendo a psicanálise um conhecimento que busca aprofundar os labirintos do inconsciente e a manifestação deste na vida de relações, os estudos da transicionalidade contidos nos trabalhos de Winnicott –assim como aqueles de Grunberger, referentes aos estados narcísicos– parecem-nos fundamentais para entender o funcionamento e o sofrimento humanos, que se caracterizam, de modo evocativo, pelas buscas inerentes a cada sujeito. Podemos supor que tais buscas aparecem nas obras de arte, seja na música, na literatura, na pintura, em qualquer manifestação artística.

---

---

### **Uma zona intermediária**

---

---

Para Winnicott, muitas coisas tradicionalmente tidas como inatas tiveram um começo. No início da vida, a relação do sujeito e o seu entorno (bebê/mãe) produzem uma gama de fenômenos, denominados transicionais, que são a matriz das relações sociais e afetivas desse sujeito. Quando tenta aprofundar simbolicamente a questão do viver em um lugar –e fazer a indagação de que lugar é esse–, Winnicott (1971/1975) faz o célebre questionamento: “Temos aqui, então, dois lugares, o interior e o exterior de um indivíduo. Mas será que isso é tudo?” (p. 145). Thomas Ogden (1996) nos diz que, no centro do pensamento de Winnicott, o sujeito não existe nem na realidade nem na fantasia, mas em um espaço potencial entre as duas. No pensamento de Winnicott, o sujeito humano é criado em um espaço entre o bebê e a mãe,

---

2. Idem.

e essa criação envolve tensões dialéticas entre unidade e separação, entre internalidade e externalidade. O objeto transicional (e toda a transicionalidade vida afora) é uma extensão do mundo interno e, ao mesmo tempo, possui uma existência real, externa, palpável. Citando Winnicott (1971/1975):

O objeto constitui um símbolo da união do bebê e da mãe (ou parte desta). Esse símbolo pode ser localizado. Encontra-se no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição de (na mente do bebê) ser fundida ao bebê e, alternativamente, ser experimentada como um objeto a ser percebido, de preferência a concebido. O uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas, bebê e mãe, no ponto, no tempo e no espaço, do início do seu estado de separação (p. 135).

Trazendo a ideia de que há sujeitos que não conseguem entrar em contato consigo mesmos, e que, de outra forma, há aqueles que só ficam dentro de si mesmos, Winnicott se refere a que, entre esses extremos, a maioria de nós vive numa zona intermediária. Ou seja, entre os dois extremos há uma vasta zona que é, considerando-se a passagem do tempo, a sequência natural daqueles fenômenos primitivos que o autor dá o nome de transicionais.

Nesses fenômenos Winnicott deposita a origem da capacidade simbólica do sujeito. Há para o autor uma aproximação entre o gesto criativo do adulto e a potencial e nascente criatividade do bebê humano. Colocando prioridade máxima no ambiente e salientando que determinados padrões repetitivos, muitas vezes considerados herança genética, tiveram um começo, em Winnicott o brincar espontâneo da criança pequena não intoxicada e nem abandonada pelo entorno conduz naturalmente à experiência cultural e, assim, constitui a pedra fundamental de poder fruir a vida nessa terceira área –nem interna, nem externa–, esse espaço transicional que constitui a vida cultural e de relações.

Refiro-me à área hipotética que existe (mas pode não existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte desta) durante a fase do repúdio do objeto como não-eu, isto é, ao final da fase de estar fundido ao objeto. (Winnicott, 1971/1975, p. 149)

Na narrativa de Sábato, o narrador/protagonista Castel age como se María Iribarne fosse sua, mas com um constante perigo de perder essa posse. Entendemos que a produção desse comportamento está relacionada a uma espécie de “motor” interno que o tira da posição de homem e o transforma numa criança desamparada, insuficiente e controladora. Não há espaço intermediário na experiência afetiva de Castel, ou seja, o colapso já aconteceu. O medo do colapso, pano de fundo constante do personagem central, vem de longe e, talvez, esteja vinculado ao nome do quadro exposto, *Maternidade*. Conforme Winnicott (1971/1975), “poder-se-ia dizer que, com seres humanos, não pode haver separação, apenas uma ameaça dela, e essa experiência é máxima ou minimamente traumática, conforme a experiência das primeiras separações” (p. 150).

A citação abaixo corrobora o desespero de Castel com a possibilidade de separação e evidencia a impossibilidade de um espaço criativo entre os dois seres.

---

---

---

Mas esses momentos de ternura foram se tornando mais raros e curtos, como instáveis momentos de sol em um céu cada vez mais tempestuoso e sombrio. Minhas dúvidas e meus interrogatórios foram envolvendo tudo, como um cipó que fosse emaranhando e afogando as árvores de um parque em uma monstruosa trama. (Sábato, 1948/2007, p. 71-72)

---

---

---

---

---

---

---

---

Em seu trabalho sobre as origens do *concern* (capacidade de preocupação ou consideração), Winnicott (1963/1990a) propõe duas mães. A mãe-ambiente proporciona o seguimento da linha de vida, a afeição e a sensualidade. Winnicott induz a uma separação dessa função com o mundo pulsional. A mãe como objeto é que está ligada à contenção da pulsão, à imperiosa sobrevivência aos “episódios dirigidos pelo instinto, que agora adquiriram a potência máxima de fantasias de sadismo oral e outros resultados da fusão” (p. 73). A mãe-objeto winnicottiana está vinculada à intrusividade da pulsão. À capacidade de conter, lapidar e devolver as identificações projetivas do bebê. O autor afirma que, se a mãe-objeto não sobrevive (psiquicamente) ou se a mãe-ambiente não pode prover oportunidades para reparação, a capacidade de se preocupar vai cedendo lugar a ansiedades e defesas arcaicas como *splitting* e desintegração.

---

---

---

---

---

---

---

---

Em outro estudo, também publicado originalmente em 1963, Winnicott (1963/1990b) entra em contato com a questão da comunicação e com a expressão do sujeito no mundo, explorando principalmente a ideia das relações de objeto, desde quando a criança deixa para trás a área da onipotência como uma experiência de vida. Ideias semelhantes estão contidas nos trabalhos de Grunberger (1960/1979c, 1964/1979a, 1967/1979b) sobre a fenomenologia do narcisismo. Winnicott considera que o núcleo pessoal do sujeito não se comunica; é algo isolado e autêntico, e esse núcleo deseja assim permanecer. Quer se comunicar para buscar ser real (expressão do verdadeiro *self*), mas ao mesmo tempo deseja a preservação de uma ideia mágica, de plenitude, contida no isolamento. Quer se comunicar, mas ao mesmo tempo precisa manter a comunicação secreta com objetos subjetivos. Relacionando, então, com Grunberger (1960/1979c, 1964/1979a, 1967/1979b), parece que Winnicott (1963/1990b) está falando, justamente, da coexistência entre as tendências narcísicas e objetais, atuando dialeticamente “vida afora” na existência do sujeito humano.

---

---

---

No artista podemos detectar, acho eu, um dilema inerente, que pertence à coexistência das duas tendências, a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado. Isso nos faz contar com o fato de não podermos conceber o artista chegando ao fim da tarefa que ocupa sua natureza. (p. 168)

---

---

---

## O universo narcísico

---

---

---

Buscamos agora algumas considerações de Belà Grunberger, autor que se ocupa exaustivamente do estudo dos fenômenos narcísicos, e da sua obra, para esse artigo, destacamos os trabalhos sobre a anafalidade (1964/1979a), sobre a imagem fálica (1967/1979b) e sobre a dualidade narcisismo-pulsão (1960/1979c). Em qualquer página de O túnel que possa ser aberta ao acaso, o leitor verá algo relacionado



a um sentimento de insuficiência do protagonista (imagem fálica de-pauperada) associado às tentativas pulsionais pertencentes ao território da anialidade (controle e domínio).

A pressuposição básica contida na obra de Grunberger evidencia que uma das buscas humanas fundamentais refere-se ao estado relacional, denominação do autor para designar plenitude. Esse estado representaria sensações anteriores ao nascimento, perdas nesse momento, e que a mãe (naquilo que compreende a função materna) tentaria prolongar ao máximo. Ou seja, diante da insuficiência ao nascer, verdadeira castração primária e avassaladora, a mãe (“suficientemente boa”) tentaria, então, reconstituir simbolicamente, ao bebê, a ideia desse estado de plenitude.

Para Grunberger (1960/1979c) o fator narcisista é eminentemente dialético, pois, não existindo no estado puro, está obrigatoriamente associado a outros fatores de colorido relacional e afetivo. O autor considera que a distinção (e, talvez, as semelhanças) entre as duas perspectivas é que a perspectiva pulsional é utilizada para buscar a perspectiva narcisista. Assim, a união mãe-bebê, advinda do estado narcísico, desembocaria numa relação movida pela pulsão, que objetivaria um retorno à antiga perspectiva. Cada sujeito fará a sua síntese específica dessas duas perspectivas, o que dará consistência a aspectos estruturais e caracterológicos individuais. Então, se o estado pré-natal sobrevive em cada um sob a forma de narcisismo primitivo, o equilíbrio narcisista necessário estará sob a égide do aparelho instintivo encarregado de buscar a restauração do antigo sistema.

O homem se encontrará ao nascer, por uma parte, como detentor de sua herança narcisista cujo suporte, ligado à vida fetal, lhe foi retirado e, de outra parte, é portador de um aparelho pulsional que ainda não funciona, mas que está em estado latente, com uma tensão pulsional precoce indubitável. O bebê se encontra, assim, em um dado período, separado dos dois mundos de uma só vez, em uma escuridão sombria de uma terra de ninguém existencial, no que ele se aferra desesperadamente à sua mãe, ou melhor, no que ela representa para ele nesse momento: uma possibilidade de prolongamento de seu estado narcisista pré-natal e, ao mesmo tempo, de acesso e integração no novo universo de base pulsional. (Grunberger, 1960/1979c, p. 272)<sup>3</sup>

No estudo desse autor, há a ideia de que, para o inconsciente, a completude narcisista possui o valor de uma divinização, qualquer que seja o grau objetivo de completude e a fase da vida. Grunberger (1964/1979a) salienta que o narcisismo atravessa, inalterável em sua essência, todos os estágios pulsionais, utilizando os modos diversos que as sucessivas fases colocam à sua disposição. O sujeito buscará sempre “salvar sua honra narcisista” (p. 144).

O desejo de posse absoluta conduz Castel a submeter María a uma tortura incessante, com interrogatórios infundáveis, em que ideias de traição estão em primeiro plano. Ele questiona sobre tudo, sobre silêncios, seus olhares, suas palavras perdidas, seus amores antigos etc. A sempre frustrada intenção da posse absoluta e do submetimento

3. Livre tradução do autor.



de de completude enche o protagonista de felicidade. Por exemplo, a primeira carta recebida tem a simples assinatura: “María”, de modo que Juan Pablo devaneia: “Essa simplicidade me dava uma vaga ideia de propriedade, uma vaga ideia de que a moça já estava na minha vida e de que, de certo modo, me pertencia” (p. 55). Influenciado pelos trabalhos de Ferenczi, Grunberger (1960/1979c, 1967/1979b) propõe que, mesmo o desejo sexual no adulto, imerso já nas constelações edípicas, estaria em um nível profundo obedecendo a um desejo regressivo, de essência narcisista, de retorno ao útero materno e a um sentimento de plenitude.

### Considerações finais

Acompanhando bem a narrativa de Sábato (1948/2007), percebe-se que Castel estava à espera dessa mulher. “Foi como se a pequena cena da janela comesse a crescer e invadir toda a tela e toda a minha obra” (p. 15). O estado de indiferenciação, busca alucinante de Castel, fica bem evidente: “Eu a reconheci imediatamente; poderia tê-la reconhecido no meio de uma multidão. Senti uma emoção indescrevível. Pensei tanto nela, durante esses meses, imaginei tantas coisas, que ao vê-la não soube o que fazer” (p. 15). A transferência maciça estava estabelecida: “Senti que o amor anônimo que eu havia alimentado durante anos de solidão havia se concentrado em María” (p. 58). Por hipótese, em *O túnel*, a dor da perda do objeto primário tomou dimensões acentuadas. Assim, com um forte investimento de representações ligadas à ferida narcísica (Grunberger), a novela de Sábato ilustra uma impossibilidade de separação, patologia da transicionalidade (Winnicott) em que as relações do sujeito são marcadas por temores catastróficos, e a cada ameaça de perda do objeto emergem sintomas de ciúme delirante. Uma passagem do livro que, nos parece, reúne a questão transicional com a narcísica pode ser exemplificada no sonho de Castel, descrito de maneira ímpar pela genialidade do escritor:

Tive este sonho: visitava uma velha casa solitária à noite. Era uma casa de certo modo conhecida e infinitamente ansiada por mim desde a infância, de modo que, ao entrar nela, era guiado por algumas recordações. Mas às vezes me encontrava perdido na escuridão ou tinha a impressão de inimigos escondidos que podiam me atacar por trás ou de pessoas que cochichavam e burlavam de mim, da minha ingenuidade. Quem eram essas pessoas e o que queriam? E no entanto e apesar de tudo, sentia que nessa casa renasciam em mim os antigos amores da adolescência, com os mesmos tremores e essa sensação de suave loucura, de temor e de alegria. Quando despertei, compreendi que a casa do sonho era María. (p. 59)

Para Castel, ao início da trama, já estava escrita a espera por quem se adequaria a exercer uma função já conhecida, não elaborada e permanentemente inacabada. O que poderia restar a Juan Pablo Castel? Como fazer um arranjo que pudesse contemplar as exigências (pulsio-nais e narcísicas) de posse, de dominação, de vingança e de triunfo sobre o objeto fundamentalmente necessitado? Somente exercendo, sobre o objeto, uma máxima dominação de ordem anal avassaladora, digerindo e aniquilando o objeto, numa ilusória tentativa de reconstituir

---

---

a *essência* perdida. Assim, com ansiedades primitivas persecutórias e intensa utilização de identificações projetivas, a impressão é de que Castel, ao início do drama, na exposição artística de 1946, vive uma “pesca de espera”, com anzol e isca, aguardando a fígada.

---

---

Eu não dizia nada. Belos sentimentos e sombrias ideias davam voltas na minha cabeça enquanto ouvia sua voz, sua maravilhosa voz. Fui caindo em uma espécie de encantamento. O pôr do sol ia acendendo uma fundição gigantesca entre as nuvens do poente. Senti que esse momento mágico não voltaria a se repetir *nunca mais*<sup>4</sup>. “Nunca mais, nunca mais”, pensei, enquanto começava a experimentar a vertigem do penhasco e a pensar que fácil seria arrastá-la para o abismo, comigo. (p. 107)

---

---

Depois senti que acariciava meu rosto, como havia feito em outros momentos parecidos. Eu não conseguia falar. Como com minha mãe quando era pequeno, pus a cabeça no seu colo e assim ficamos por um tempo, quieto, sem transcurso, feito de infância e de morte. (p. 108)

---

---

– O que você vai fazer, Juan Pablo?

Colocando minha mão esquerda sobre os seus cabelos, respondi:

– Tenho que te matar, María. Você me deixou sozinho. (p. 140)

---

---

A fascinante narração de *O túnel* poderia ter as mais diversas interpretações psicanalíticas. Por exemplo, poderíamos adentrar mais na questão do ciúme patológico e buscar com maior vigor a obra freudiana (Freud, 1922/1996). Ou, ainda, estudar com maior relevo a estrutura narcísica denominada de *self* grandioso (Kohut, 1966/1984). Certamente caminhos que deixariam este artigo mais atraente, e que ficam em aberto para um próximo trabalho.

---

---

## Resumo

---

---

O artigo busca uma relação entre a novela *O túnel* e alguns aportes de Donald Winnicott e Belà Grunberger. Com inspiração existencialista, o drama ilustra uma profunda imersão narcísica do protagonista. A narrativa expõe a fragilidade humana, penetrando na intimidade e na solidão essencial do homem. A aproximação com Winnicott refere-se a que a transicionalidade, no sentido primitivo, pode ter deixado cicatrizes no personagem central de Sábato, com potentes angústias de separação. A ligação com Grunberger incide nos seus entendimentos sobre o narcisismo; na dualidade narcisismo/pulsões, na busca de constantes reparações da imagem fálica e, na analidade, com a insistente tendência de domínio sobre o objeto. A honra narcísica do protagonista aparece sempre em perigo e, este, então, em constante luta de resgate. A dor da perda do objeto primário parece ter tomado dimensões acentuadas e, a cada ameaça de perda do objeto, emergem sintomas de ciúme delirante.

---

---

**Palavras-chave:** *Ciúme, Narcisismo. Candidata a palavra-chave: Transicionalidade.*

---

4. Itálicos do autor deste texto.

## Abstract

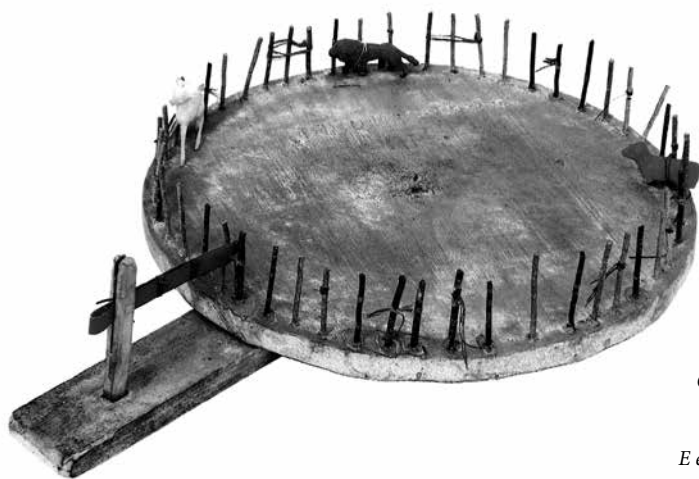
This article attempts to connect the novel *The tunnel* with some contributions of Donald Winnicott and Belà Grunberger. The drama illustrates a narcissistic immersion of the protagonist as well as it exposes human fragility, penetrating the essential intimacy and loneliness of men. The approach with Winnicott refers that transitionality may have left scars on the main character, with powerful separation anxiety. The link with Grunberger focuses on understanding narcissism and the narcissism/pulse duality, the constant reparation of phallic image and anality with the trend of controlling the object. The narcissistic honor of the main character is always in danger and he is in a constant pursue of rescuing. The pain of losing the primary object seems to have reached significant dimensions and, at every threat of losing the object, symptoms of delusional jealousy emerge.

**Keywords:** *Jealousy, Narcissism. Candidate to keyword: Transitionality.*

## Referências

- Coddou, M. (1966). La estructura y la problemática existencial de *El túnel* de Ernesto Sábato. Recuperado de <http://www.letras.s5.com/sabato070902.htm>
- Freud, S. (1996). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In J. Salomão (trad.), *Obras psicológicas completas* (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).
- Grunberger, B. (1979a). De la imagen fálica. In B. Grunberger, *El narcisismo* (pp. 193-208). Buenos Aires: Trieb. (Trabalho original publicado em 1964).
- Grunberger, B. (1979b). El Edipo y el narcisismo. In B. Grunberger, *El narcisismo* (pp. 269-283). Buenos Aires: Trieb. (Trabalho original publicado em 1967).
- Grunberger, B. (1979c). Estudio sobre la relación anal-objetal. In B. Grunberger, *El narcisismo* (pp. 141-160). Buenos Aires: Trieb. (Trabalho original publicado em 1960).
- Kohut, H. (1984). Formas e transformações do narcisismo. In H. Kohut, *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Leiva, Á. (2000). Introducción. In Á. Leiva (ed.), *El túnel* (24ª ed., pp. 11-48). Madri: Cátedra.
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sábato, E. (2007). *El túnel* (3ª ed.). Buenos Aires: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1948).
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D.W. (1990a). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação - Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (3ª ed., pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963).
- Winnicott, D.W. (1990b). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação - Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (3ª ed., pp. 70-78). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963).

## O duende da psicanálise e seus avatares no mundo da neurologia



*O duende opera sobre o corpo da bailarina como o vento sobre a areia.*

*É impossível que ele se repita, isso é muito importante de sublinhar. O duende não se repete, como não se repetem as formas do mar na tempestade.*

Federico García Lorca, “Teoria e prática do duende”

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Se me introduzo nos subúrbios íntimos em que nasce este texto, rapidamente encontro algo dessa concupiscência científica que caracteriza a nós, os psicanalistas. Insistência de uma curiosidade por tudo aquilo que cheira mal, especialmente se aparece perfumado demais. Que outra coisa pode haver por trás desse interesse, que existe há muitos anos, pelo chamado “episódio da cocaína”? Para a maioria, representa uma mancha na brilhante carreira acadêmica à qual Freud estava destinado; para outros, uma brilhante entrada do jovem neurologista nos anais da psicofarmacologia, infelizmente frustrado pelo destempero histórico.

Não poderei, pois, subtrair-me dessa pegada da substância maldita, exemplo insuperável do *phármakon* que o alcaloide incaico representou quando chegou às mãos de Freud. É a substância cocaína que move a minha interrogação a respeito da “substância da psicanálise” para tentar definir se há algo ou não que possa ser chamado desse

---

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. N.T.: Esses e demais fragmentos de García Lorca são extraídos da tradução de Roberto Mallet; García Lorca, F. (1960). In R. Mallet (Trad.), Obras completas. Rio de Janeiro: Aguilar.

modo, algo que possa se articular com esse *inconsciente* que costumamos propor em coro como o objeto de estudo e de pesquisa da psicanálise, algo assim como a própria matéria desse inconsciente, o solo corporal no qual consiste a sua existência.

A natureza desse solo do sujeito freudiano é erógena: eis aqui outro ponto no qual os psicanalistas temos uma coincidência unânime, outra de nossas marcas registradas. Trata-se, então, do assunto sexual, isso que está por trás de tudo aquilo que cheira mal e que excita o nosso ouvido quando escutamos as queixas, as demandas e os mal-estares de quem confia a nós os seus segredos. Porém, já não estamos tão unidos, tão de acordo, nem tão seguros quando a pergunta se refere à natureza do assunto em si, ao estatuto que tem essa substância sexual com a qual se constrói o sujeito freudiano.

Sabemos que Freud pensava que esse estatuto era finalmente biológico e que seria a química, em seu progresso, quem finalmente o estabeleceria com certeza. Essa espécie de dúvida ontológica fundamental que herdamos dele faz com que os psicanalistas, no fundo, sempre estejamos tentando responder o que é a psicanálise. Somos amantes do provisório, do adiamento, da aquiescência e temos de nos cuidar muito para não acabar obsessivos com a nossa práxis.

Existem aqueles que, no entanto, assumem –talvez reativamente– posições categóricas. Uma delas nos interessa particularmente: trata-se da que deixa atrás, sem mais, não apenas a presença da cocaína nos inícios da psicanálise –dando rápido trâmite e sepultura ao *alotrión* (desvio desnecessário) com o qual Freud fez referência a ela alguma vez (Wittels, 1924)–, mas vai além e considera que toda a psicanálise é uma construção provisória, um rodeio que o neurologista vienês se viu obrigado a fazer pela insuficiência do saber de sua época, um saber que o progresso da ciência põe agora à nossa disposição. Esse saber e essa ciência têm como objeto o cérebro que Freud, esse neurologista a quem chamamos o pai da psicanálise, abandonou em 1895, quando renunciou ao admirável esforço de seu “*Proyecto de una psicología para neurólogos*” [“Projeto para uma psicologia para neurologistas”]<sup>1</sup> (1950[1895]/1988). Hoje chamamos neurociência a esse corpus teórico, não tão consistente nem tão homogêneo como parece.

Meu interesse doentio pela cocaína na experiência freudiana conduziu-me a pesquisar os destinos da substância, caída da psicanálise, no desenvolvimento da psicofarmacologia moderna e seu forte suporte neurobiológico, que está em impetuoso avanço desde os anos 90. O objetivo desta pesquisa é tentar elucidar se a substância sexual que chamamos libido alcança um esclarecimento neurocientífico, cumprindo os sonhos de Freud e daqueles que advertem que o nosso destino consiste, em última instância, na chegada da neuropsicanálise. Os resultados desta pesquisa serão apresentados de forma separada e espero poder fazê-lo em breve.

---

1. “*Entwurf einer Psychologie*” no original. Nesse sentido, a tradução do título proposta pela *Standard edition* é ainda mais explícita: “*Project for a scientific psychology*” (“Projeto para uma psicologia científica”), pois a transformação da psicanálise em *psicologia científica* é o objetivo dos setores da neurociência que esperam algo dela.





namento da sua criatura. Pode-se dizer que *Más allá del principio del placer* [Mais além do princípio do prazer] é a tentativa de inventar uma *biologia psicanalítica* com a qual Freud nunca pôde contar para se sentir resguardado de seus pruridos positivistas e dos fantasmas de não ser reconhecido pela ciência<sup>4</sup>.

O nosso oxímoro *biologia psicanalítica* vem a mostrar, a seu modo, que o corpo erógeno resulta de uma peculiar intervenção no organismo humano de um sistema simbólico preexistente que faz dele o seu objeto, a sua criação. Esse corpo erógeno deve encontrar um lugar entre os significantes que o Outro, que o recebe neste mundo, tem destinados para ele. A matéria erógena não será tal sem a imersão apropriada na *matéria significativa*, e não é senão a linguagem o que define esse *corpo estranho* que intervém seus fundamentos biológicos.

Corpos textuais. Textos corporais. O trabalho do psicanalista será sempre tentar uma leitura que introduza uma morte/interpretação diferente daquela que nos corresponde por sentença biológica. Essa morte da *coisa natural* no humano é a causa que opera no sujeito freudiano e que está no fundo de todas as suas manifestações<sup>5</sup>.

Pode se dizer então que é sempre um texto nosso material de trabalho, um texto a ser decifrado além do princípio do prazer, que tenta prevalecer, porque não há outro remédio melhor para a criatura humana que perseverar na busca da sua felicidade. Por isso os psicanalistas temos essa aderência aos textos, qualquer que seja a sua forma: relatos, escritos, documentos, filmes, obras de arte... enfim, tudo aquilo que possa constituir uma história. Uma história que possamos ler a partir de outro lugar, de outro texto.

## O duende e o limo

A história que me interessa contar neste caso –não me perguntem qual é o motivo da escolha, nem eu mesmo o conheço– passa-se nas cidades de Granada e Buenos Aires. Em março de 1893, aproximadamente um mês depois de sua publicação em Viena e Berlim, a *Revista de Ciências Médicas de Barcelona* e a *Gazeta Médica de Granada* dão a conhecer a tradução ao castelhano da “Comunicação preliminar” de Breuer e Freud, com o título “Mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos”. Esse texto é considerado por Strachey (1955/1978) como

---

4. No comentário realizado quando assiste ao seminário de Lacan, em 1955, Pontalis diz que o ensaio freudiano é “antibiológico” antes que “biologista” (Lacan, 1954-1955/1983, pp. 41-43). Por sua vez, Derrida considera que as precauções de Freud, quando reafirma sua atenção aos fatos objetivos, que demonstra a biologia, e não a “especulações”, são uma negação de características defensivas. Esse autor encontra referências claras a Nietzsche e a Schopenhauer em *Más allá del principio del placer* [Mais além do princípio do prazer] (Derrida, 1980/1986). Miller (2000/2002) chama de *biologia lacaniana* o que denominei *biologia psicanalítica*, com o argumento de que foi seu mestre quem cunhou, justamente, o conceito de gozo, que permite articular o prazer com a morte e selar definitivamente a impressão do desejo do sujeito humano.

5. Já tínhamos nos referido antes à particularidade humana de se situar como ser vivo entre duas mortes: a que lhe provoca o significante, a linguagem que lhe outorga seu ser simbólico, e a morte biológica. Essa dimensão trágica foi estudada por Lacan em Antígona, a quem faz dizer, em seu seminário *La ética del psicoanálisis* [A ética da psicanálise]: “Eu estou morta e quero a morte” (Lacan, 1960/1988, p. 337).

a primeira tradução de uma obra de Freud em nível mundial<sup>6</sup>.

Começa, assim, a história da psicanálise na Espanha, que teria um destino promissor se não houvesse se encontrado com o regime franquista, que não duvidou em considerá-la uma inimiga entre outras, um membro a mais da “confabulação judeu-maçônica-marxista”. Entre outras consequências dessa condenação da falange<sup>7</sup> à psicanálise, sobrevém a emigração de Ángel Garma para a Argentina em 1938. Esse médico, nascido em Bilbao em 1904, formou-se como psicanalista na Alemanha e tornou-se o primeiro integrante espanhol da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês) em 1931. Na Argentina foi um dos fundadores da Associação Psicanalítica Argentina (APA), instituição pioneira e líder da psicanálise latino-americana até a atualidade.

Sirvam esses poucos dados para apresentar essa primeira junção entre a Espanha e a Argentina. Esse primeiro texto histórico encadeia-se com outro que vamos expor a seguir.

Estamos novamente na fascinante Granada, mas cerca de 120 anos depois daquela primeira publicação do texto de 1893, no qual Freud decidia-se a fazer públicas suas iniciais incursões no território da neurose histérica, ainda por conta de Breuer. As coisas parecem ter mudado muito na “medicina espiritual”, categoria que tinha dado Ortega y Gasset à psicanálise em 1911<sup>8</sup>.

Há apenas um ano, pesquisadores do centro Mente, Cérebro e Comportamento da Universidade de Granada não hesitaram em afirmar que descobriram a “pegada térmica” do duende flamenco (Salazar-López, Domínguez, Verdejo & Gómez-Milán, 2014). Como quase todos os empreendimentos semelhantes que são feitos atualmente em nome da venerável neurociência, essa pesquisa nos deixa perplexos por sua paradoxal combinação de seriedade e absurdo. Vejamos brevemente de que trata.

Esses pesquisadores espanhóis determinaram por meio de diversos experimentos qual é a pegada térmica do duende flamenco, um critério supostamente “objetivo” que permitiria discernir quais *bailaoras*<sup>9</sup> a sentem realmente e quais não.

Os resultados parecem demonstrar que as *bailaoras*<sup>10</sup> –que, ao dançar flamenco e se concentrar em senti-la, experimentam um estado

6. E destaca isso como “a reação mais surpreendente e insólita” que o estudo de Breuer e Freud teve fora de Viena (Strachey, 1955/1978, p. 9).

7. N.T.: “Falange” refere-se à organização política espanhola, inspirada no fascismo italiano, que serviu de base para o regime franquista.

8. São conhecidas as múltiplas referências à psicanálise do filósofo espanhol Ortega y Gasset, todas elas mais ou menos críticas e desconfiadas. As mais citadas são duas notas jornalísticas, ambas de 1911, intituladas “Nova medicina espiritual” e “Psicanálise: ciência problemática”. A primeira foi publicada no jornal *La Prensa* de Buenos Aires; a segunda, na Espanha. Enquanto o artigo que saiu na Espanha não teve repercussão nenhuma, vários leitores argentinos de *La Prensa* se comunicaram com o filósofo para solicitar mais informações sobre essas novas ideias, segundo o artigo de Druet (2007), doutora em Estudos Românicos da Universidade de Paris, com quem consultamos.

9. N.T.: Designação específica, empregada fundamentalmente na Espanha, para nomear os dançarinos de música flamenca.

10. Idem nota anterior.

definido como *estresse empático* no léxico da psicologia cognitiva—experimentam uma descida significativa da temperatura do nariz e das nádegas (uma média de 2,1°C) enquanto dançam flamenco, algo que também acontece, mas em menor medida (média de 1°C), quando assistem a um vídeo de outras pessoas dançando.

O que finalmente se quer dizer é que as nádegas e o nariz se esfriam de maneira diretamente proporcional à posseção do corpo da dançarina pelo duende do flamenco. Algo decididamente “objetivo” que é chamado pegada térmica, mas que somente ganha sentido se a intervenção de um sujeito lê essa pegada e a interpreta como um sinal do duende. Falar aqui de *sentido* corre por minha conta: o pesquisador que se preze de ser objetivo deverá ter muito cuidado com a tentação do sentido, ainda quando todos os caminhos pareçam conduzir a Roma.

Outro problema é a correlação desse achado com um saber sobre o sujeito em questão, nada menos que, nesse caso, com a presença desse *ar impossível de repetir* com o qual García Lorca identifica o duende. O poeta não o identifica com registros térmicos, aliás, e sim, com registros da letra.

Se olharmos do ponto de vista da psicanálise, é impossível não evocar ali, no nariz e nas nádegas, um corpo diferente ao homeostático organismo que gera pegadas térmicas: um corpo erógeno no qual se verifica essa estranha confluência entre cheiro e sexo. Fantasma que surge desse *limo sexual* que pode ser nomeado sem ter lido nem Freud nem Lacan: “Esses sons negros são o mistério, as raízes que penetram no limo que todos conhecemos, que todos ignoramos, mas de onde nos chega o que é substancial em arte” (García Lorca, 1933/2014, p. 30)<sup>11</sup>.

## Batizar as coisas

O duende é identificado com o ar, algo invisível, misterioso, mas não por isso imaterial. Essa ação do vento sobre a areia nos aporta uma imagem clássica da repetição, pelo seu necessário cessar e pelo seu necessário retorno. Essa repetição do mesmo, esse automatismo, carrega implícita a presença da diferença: “Não se repetem as formas do mar na tempestade”, como não se repete o traço do vento sobre a areia.

Os últimos progressos da neurociência permitiram conhecer como o cérebro dispõe de mecanismos para inscrever a diferença partindo dos experimentos sobre a *long time potentiation* (LPT) e sua contrapartida, a *long time inhibition* (LTI), que valeram o prêmio Nobel a Eric Kandel. Esses eventos neurofisiológicos e suas bases neuroquímicas

11. Denomino *limo sexual* o limo substancial do qual fala Lorca. Poesia pura para definir o gozo, substância freudiana, lama com a qual algum deus amassou o sujeito da psicanálise. Digamos, de passagem, que não qualquer poeta pode condensar “o mais alto e o mais baixo” —como diria Freud— na transmutação da substância em desejo: dos “sons negros” que emergem do fundo do ser, do fundo pulsional, até as alturas marmóreas do ideal. Lorca, esse ser tão excepcional como frágil criatura do gozo, continua assim: “O duende de que falo, escuro e estremecido, é descendente daquele alegríssimo demônio de Sócrates, mármore e sal que o arranhou indignado no dia em que tomou a cicuta, e do outro melancólico demoniozinho de Descartes, pequeno como amêndoa verde, que, farto de círculos e linhas, saiu pelos canais para ouvir cantarem os marinheiros bêbados” (Lorca, 1933/2014, p. 31).



em sua tentativa de abordar a complexidade do funcionamento cerebral, principalmente quando tenta-se fundamentar na neurodinâmica a emergência das chamadas *funções superiores: consciência, sentimento de si mesmo, teoria da mente, subjetividade, Eu*. Do mesmo modo em que não costumam estar muito claros os limites entre essas noções psicológicas, também não estão aqueles que separam as áreas do cérebro implicadas em cada caso e que formam mapas cuja elucidação é um dos objetivos mais prezados da neurociência na atualidade. Nesse contexto, as redes neurais que são recrutadas em cada caso no qual se experimentam fenômenos subjetivos complexos como os mencionados, descrevem movimentos que conectam áreas dispersas no cérebro, às vezes tão distantes e diferentes umas das outras que sua caprichosa e enigmática convocatória denominou-se *binding problem*. Em uma nota jornalística intitulada “Unsolved mysteries of Neuroscience: The binding problem”, o neurocientista norte-americano David Eagleman (s.d.) define-o assim:

O *problema do concerto* [itálicas acrescentadas] refere-se a que, quando observamos o que acontece no cérebro, encontramos uma divisão do trabalho. Você tem algumas partes do seu cérebro que cuidam da visão, algumas da audição, algumas do tato. E ainda dentro de um sistema, como a visão, há partes que cuidam das cores, partes que cuidam das orientações, partes que cuidam dos ângulos. Como tudo isso se reúne para ter uma percepção unificada do mundo é um dos mistérios sem resolução da neurociência<sup>13</sup> (parágrafo 1).

Ter escolhido o termo *concerto* para tentar uma aproximação com o uso do gerúndio *binding* não é casual: remete à figura musical do concerto, que costuma ser utilizada –e que me parece singularmente oportuna– para nos aproximar da ideia dessa *formação de sistema* que caracteriza o funcionamento cerebral, que alcança sua expressão máxima nas funções mentais antes mencionadas e que autores como Eagleman reconhecem como um “mistério”. Em especial, resulta insondável o lugar do regente nessa orquestra, enigma no qual coincidimos com as reflexões de Pommier (2005/2010)<sup>14</sup>.

Lendo o *Libro del desasosiego* [*Livro do desassossego*] de Fernando Pessoa<sup>15</sup> (1961/2000) –um saudável costume que repito de tempos em tempos–, comprovo, mais uma vez, quanto o homem de letras é mais livre para dizer o mesmo, e que por isso sua palavra nos dá a impressão de estar mais perto da verdade:

Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tange e range, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia (p. 500)<sup>16</sup>.

13. “The binding problem is when you look at what’s happening in the brain, you find there’s a division of labor. You have some parts of your brain that care about vision, some about hearing, some about touch. And even within a system, like vision, you have parts that care about colors, parts that care about orientations, parts that care about angles. And how this all comes together so that you have a unified perception of the world is one of the unsolved mysteries in neuroscience”. N.T.: tradução livre, realizada a partir do texto traduzido do inglês para o espanhol pelo autor deste artigo.

14. Veja especialmente o capítulo 3 (pp. 31-40), intitulado “Há um piloto neste avião? O sujeito dos aprendizados”.

15. Como Bernardo Soares.

16. N.T. Tradução extraída de Pessoa, F. (1990). *Livro do desassossego* (vol. 1). Coimbra: Presença.

Nesse grande desafio que implica toda tentativa de capturar o funcionamento do cérebro como um conjunto, podemos classificar as regiões que são objeto dessa articulação –com certa simplificação– em aquelas ligadas ao emocional (límbicas) e aquelas implicadas na cognição superior (corticais). Em termos de Damasio (2003/2007), diríamos que o movimento vai da emoção ao sentimento, que é a significação subjetiva singularizada da emoção. Essa dinâmica neural, com suas torções e retorções de redes neuronais, também costuma ser representada pela figura do laço.

Como vemos, o laço é uma espécie de recurso topológico que nos lembra do uso que faz Lacan dos modelos da cinta de Moebius e seu oito interior, ou do touro, para tentar uma representação tridimensional do sujeito psicanalítico. Também lembra modelos freudianos como a ameba libidinal de *Introducción al narcisismo* [Introdução do narcisismo] (Freud, 1914/1976a) ou o circuito da pulsão que contorna o objeto e as bordas erógenas do corpo psíquico. Mas o cenário para as neurociências se limita ao cérebro, à sua estrutura e ao seu complexo funcionamento. No máximo, como no caso de Damasio, inclui o corpo biológico em uma unidade psicossomática com o sistema nervoso.

Trata-se de um *reduccionismo* que não poderíamos objetar –todo discurso reduz ou recorta o campo de sua operação–, exceto em seu movimento expansionista sobre todo o humano, como quisemos mostrar no caso da pesquisa realizada na Universidade de Granada sobre o misterioso duende cigano que possui ao *bailaor*<sup>17</sup> flamenco.

Essa espécie de “*Weltanschauung* cerebral” que nos mostram muitos desenvolvimentos da neurociência, omite as advertências provenientes de numerosos setores do pensamento sobre o homem. O próprio Freud escrevia, já em 1915, no Apêndice B de “Lo inconciente” [“O inconsciente”]: “A cadeia dos processos fisiológicos dentro do sistema nervoso provavelmente não mantém um nexo de causalidade com os processos psíquicos” (p. 205).

O laço do sujeito freudiano nasce no insondável do limo corporal, ali onde a umbilicação da razão científica assinala seu buraco irremediável. Desde os baixos fundos onde a pulsão percorre o limite entre um objeto perdido e um corpo simbólico, o duende da psicanálise voa até a letra levado por um veículo específico: o significante, partícula primordial desse “Outro mundo” que constitui a linguagem para o homem.

Mas a psicanálise não é literatura, seu compromisso com a clínica re- troage e determina esse giro ou laço que retorna tentando entender o sofrimento psíquico. Os dispositivos teóricos para construir nosso sujeito, os recursos metodológicos para pesquisar a respeito dele e as operações técnicas para uma práxis que tente sua cura são o que os psicanalistas viemos trabalhando desde que Freud escrevera *Die Traumdeutung*.

Já foi dito: não são poucos os que pensam que a psicanálise é uma consequência temporária, em algum sentido aberrante, da falta no saber da ciência. Costumam propor que chegou a hora de seu retorno à casa paterna, um lar que não seria outro senão a biologia renovada

17. Ver nota 11.

pela neurociência. O problema é que esse retorno tem certas condições, não se trata do filho que retorna para mostrar uma autonomia por fim conseguida, mas sim com a resignação característica do tango por estar retornando à “casinha dos pais”, vencido.

Orientamo-nos em outra direção. Sem renegar da paternidade da ciência sobre a psicanálise, resgatamos a dignidade de seu berço nesse lugar pantanoso e sombrio no qual a primeira ficou sem respostas. Um lugar que Lacan denominou, com uma precisão notória, “falha epistemo-somática” (1966/1985). Um lugar de onde se produziu um saber com leis próprias que tenta, e também não consegue, preencher esse buraco insondável. Ali se encontra a moradia do duende ou de tantos outros seres construídos com “ar mental” que habilitam religiões, folclores e mitologias.

## Resumo

Neste trabalho relacionam-se dois textos que têm em comum o fato de tratar do duende flamenco e, além disso, terem sido escritos por autores espanhóis vinculados a Granada. O primeiro deles é na verdade uma conferência de Federico García Lorca, de 1933; o segundo, um trabalho neurocientífico de apenas um ano atrás.

O tratamento do mesmo assunto sob perspectivas tão diferentes é aproveitado para aprofundar conceitos fundamentais em relação à “substância da psicanálise”, seu objeto e seu método de abordagem. Essas reflexões têm a intenção de debater uma orientação atual da psicanálise que pretende garantir sua cientificidade e sua aceitação social em sua reformulação sobre bases neurocientíficas.

Tal como foi demonstrado nitidamente pelas reflexões freudianas e como pôde formular mais adiante, com rigor, Lacan, a psicanálise é uma consequência do sucesso do discurso da ciência, nasce de sua “costela”. No entanto, seu desenvolvimento a conduz a estabelecer uma intimidade evidente com outras produções da cultura, como a arte e, em nosso caso, com a literatura.

O trabalho deixa aberta a reflexão sobre um tópico para a episteme psicanalítica, essencialmente problemático e “misterioso”.

**Palavras-chave:** *Epistemologia, Método psicanalítico, Neurociência, Objeto da psicanálise.*

## Abstract

This work is a two texts meeting, both of them treat about *duende flamenco* and both have also been written by Spanish authors linked to Granada. The first text is actually a Federico García Lorca conference in 1933; the second one, a neuroscientist work published just a year ago.

The same subject treated from such a different perspective is tapped to deepen about fundamental psychoanalytical concepts (named “psychoanalytical substance”), referred to its object and its investigation method.

As clearly shown in the Freudian developments and was later rigorously formulated by Lacan, Psychoanalysis is a consequence

---

---

---

---

of the success of the science discourse, really was born of his “rib”. However, its development led him to establish a clear intimacy with other productions of culture as art and, in our case, literature.

This work opens a reflection on an epistemological issue essentially problematic and “mysterious” for Psychoanalysis as a science.

---

---

**Keywords:** *Epistemology; Psychoanalytic method; Neuroscience; Object of Psychoanalysis.*

---

---

## Referências

- Bernfeld, S. (1980). Los estudios de Freud sobre la cocaína. In Byck, R. (comp.), *Escritos sobre la cocaína* (pp. 309-352). Barcelona: Anagrama. (Trabalho original publicado em 1953).
- Cosentino, J. C. (2013). Nota introductoria al Manuscrito inédito del capítulo VII de Más allá del principio del placer. In C. Acuña-Matayoshi, M. Lombán, J. Dorado e J. C. Cosentino (comps.), *Clínica, pulsión, escritura* (pp. 175-187). Buenos Aires: Mármol Izquierdo.
- Damasio, A. (2007). *En busca de Spinoza*. Barcelona: Crítica. (Trabalho original publicado em 2003).
- Derrida, J. (1986a). *La tarjeta postal. De Sócrates a Freud y más allá*. México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1980).
- Druet, A.-C. (2007). *La primera recepción de Freud en España*. Recuperado de <http://divanelterrible.com/77/la-primera-recepcion-de-freud-en-espana/>
- Eagleman, D. (s.d). *Unsolved mysteries of Neuroscience: The binding problem*. Recuperado de <http://bigthink.com/in-their-own-words/unsolved-mysteries-of-neuroscience-the-binding-problem>
- Freud, S. (1976a). Introducción del narcisismo. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976b). Tres ensayos de teoría sexual. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-223). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1977). Lo inconciente. Apéndice B. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 204-206). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1979). Más allá del principio del placer. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1988). Proyecto de una psicología para neurólogos. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 323-446). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- García Lorca, F. (2014). Juego y teoría del duende. In F. García Lorca, *Medio pan y un libro/Teoría y juego del duende* (pp. 29-45). Caracas: Fundación Editorial el Perro y la Rana. (Conferencia original de 1933).
- Kandel, E. (2000). Cellular mechanisms of learning and the biological basis of individuality. In E. Kandel, J. Schwartz, T. Jessell, S. Siegelbaum & A. Hudspeth (eds.), *Principles of Neural Science* (4th ed., pp. 1247-1271). Nova York: McGraw-Hill Companies. (Trabalho original publicado em 1981).
- Lacan, J. (1983). *El Yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica, Seminario 2*. Buenos Aires: Paidós. (Seminário ministrado em 1954-1955).
- Lacan, J. (1985). Psicoanálisis y medicina. In J. Lacan, *Intervenciones y textos 1* (pp. 86-99). Buenos Aires: Manantial. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1988). Antígona en el entre-dos-muertes. In *La ética del psicoanálisis, Seminario 7* (aula 21, pp. 324-346). Buenos Aires: Paidós. (Seminário ministrado em 6 de junho de 1960).
- Miller, J.-A. (2002). *Biología lacaniana y acontecimiento del cuerpo*. Buenos Aires: Diva. (Trabalho original publicado em 2000).
- Pessoa, F. (2000). *Libro del desasosiego*. Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1961).
- Pommier, G. (2010). *Cómo las neurociencias demuestran el psicoanálisis*. Buenos Aires: Letra Viva. (Trabalho original publicado em 2005).
- Salazar-López, E., Domínguez, E., Verdejo, J. & Gómez-Milán, E. (2014). The thermal imprint of flamenco duende. *Thermology International*, 24(4), 147-156.
- Strachey, J. (1978). Introducción a estudios sobre la histeria. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 2, pp. 3-22) Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1955)
- Wittels, F. (1924). *Sigmund Freud: Der Mann, die Lehre, die Schule*. Leipzig, Viena, Zúric: Tal & Co.



## A dor das margens (Psicanálise e realidade traumática)<sup>1</sup>

*Custa, sim, persistir na tarefa,  
no duro exercício de ser homem  
e de cantar a um tempo que nos cega*  
Walter Ortiz y Ayala, *Hombre en el tiempo*

Entre os objetivos da psicanálise, encontra-se a liberação das nossas ataduras aos conflitos que determinam limitações sintomáticas e afetações das nossas potencialidades intelectuais e afetivas. No decorrer da análise e com base no estabelecimento da transferência, trabalhamos um extenso campo de significações que aproximam e, oportunamente, revelam fulgores de uma verdade do inconsciente que nos estava vedada. Nesse trânsito, torna-se necessário o desmantelamento daquilo consignado como a história vivida, suas memórias, que saberemos colocar sempre sob o título de “lembranças encobridoras”, e o questionamento dos afetos enlaçados às figuras significativas dessa história.

Esse enfoque, que se sustenta no conceito psicanalítico fundamental da primazia da realidade psíquica sobre a realidade, encontra limites que têm a ver com a realidade traumática quando ela, em uma ação insidiosa, organiza nos sujeitos-vítimas o predomínio absoluto da destrutividade.

A compreensão do sujeito em psicanálise abarca as qualidades do ser em sociedade. Sabemos, a partir de Freud, da importância do outro na constituição do psiquismo, relevância que chegaria a um extremo em sua prioridade, mais tarde, com os desenvolvimentos de Lacan e de outros autores pós-freudianos. Assim, a partir de Lacan, falamos do Outro como aquilo que, “anterior e exterior ao sujeito, não obstante, o determina” (Chemama & Vandermersch, 2004, p. 488).

\* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

\*\* Quero expressar minha gratidão à psic. Beatriz Falero, que me autorizou a ficcionalizar um material de análise que integra este trabalho..

1. Prêmio Fepal, Comunidade e Cultura, 2014.



(*Além do princípio do prazer, O mal-estar na cultura, O homem Moisés e a religião monoteísta*) e em sua velhice de ilusões perdidas, seu pessimismo final em relação às possibilidades da espécie humana. As duas guerras mundiais que tiveram Freud como testemunha deixaram pegadas inevitáveis em seu pensamento e em sua teorização, e seus aspectos ainda hoje em dia são adotados por pensadores que, a partir de outras disciplinas, procuram esclarecer os fenômenos de transformação social, em uma época como a atual, que foi caracterizada como a “vertigem civilizatória” (Viñar, 2002, p. 163).

Entre a sociedade industrial e a sociedade de consumo, passaram-se apenas dois séculos. Nesse lapso e com um ritmo de aceleração maior nos últimos 50 anos, a concepção das classes sociais, do trabalho e dos bens valorizados mudou de forma radical, ao mesmo tempo em que a rapidez das mudanças obstaculiza as possibilidades de refletir, compreender e moderar seus efeitos.

### **O psicanalista à escuta do seu mundo**

Para a psicanálise, é imprescindível nutrir-se do diálogo com outras disciplinas para poder se aproximar da compreensão de fenômenos sociais que, a partir da realidade, incidem nas subjetividades. Variáveis socioeconômicas, culturais, bem como macro acontecimentos traumáticos como sujeição a regimes de força, governos ditatoriais com seus métodos de tortura e ataque generalizado às liberdades individuais, guerras, catástrofes em geral -naturais ou provocadas- colocam em xeque as possibilidades de conformação psíquica e sua estabilidade.

No marco do capitalismo global, a mão invisível do mercado, extremando as propostas neoliberais, condiciona a organização dos Estados a extremos que levaram a uma radicalização das diferenças de classe e a um crescimento desproporcional da pobreza: populações enormes são excluídas não apenas dos benefícios da sociedade cujas margens expandem, senão inclusive da possibilidade de sobrevivência. As condições de vida no contexto das populações cronicamente empobrecidas conformam um sistema traumático sustentado pela realidade, através do tempo, que incide nas pessoas que não só consideramos carentes mas também estruturalmente alteradas pelos fatores externos. Se fizéssemos um exercício de extrapolação de conceitos psicopatológicos para o social, seria correto dizer que estamos em um sistema perverso que, do ponto de vista político (democracia), promete a igualdade, mas que, a partir da organização econômica, através da distribuição do capital, desmente a promessa. Se gerações de seres humanos estão condenadas à exclusão dos benefícios que outros têm, a palavra igualdade deve ser lida como uma falácia. Essas populações excluídas constroem culturas de exclusão, frequentemente em oposição aos núcleos centrais da sociedade, cujo território compartilham, sem no entanto ter acesso aos seus benefícios.

Zigmunt Bauman (2011) analisa como a população pobre na sociedade de consumo foi acuada na significação de inimigo. A pobreza sempre existiu, já que não foi alcançada uma organização verdadeiramente justa, mas, por exemplo, na etapa histórica anterior à atual,

---

---

---

que Bauman chama de “sociedade de produtores”, os pobres constituíam um conjunto de trabalhadores potenciais, uma mão de obra disponível, parada momentaneamente; nesses termos, a circunstância da pobreza não privava o sujeito de dignidade -poderia-se dizer que participávamos de uma ética da pobreza.

Na atual sociedade de consumo, os pobres foram despojados da dignidade da expectativa de integração trabalhista; de fato, a palavra “marginalidade” surge, de acordo com esse autor, com o final da Guerra Fria. Nesse contexto, no Ocidente, os temores de uma ameaça exterior são deslocados para um inimigo interior que tem por núcleo aqueles que não têm o que o consumidor médio tem e podem sentir inveja e desejo de possuir os mesmos benefícios, as mesmas vantagens e inclusive os mesmos objetos inúteis; os pobres, então, representam uma ameaça, e Bauman acrescenta:

... os perigos que acarretam dominam a percepção que se tem deles. Esses perigos são tão variados como eles. Vão desde a violência aberta, o assassinato e o roubo à espreita em cada rua escura, até o incômodo e a vergonha produzidos pelo panorama da miséria humana ao perturbar nossa consciência. (Bauman, 2011, p. 159).

As pessoas nascidas em condições de pobreza extrema são empurradas à marginalidade, que funciona como um receptáculo criado para sustentar “a imagem de uma categoria inferior: gente cheia de defeitos que constitui um ‘verdadeiro problema social’” (Bauman, 2011, p. 9). A construção do inimigo a partir da observação das diferenças (raça, cor, religião ou possibilidades) é uma desgraçada repetição, observável no curso da história da civilização. Pareceria que sempre existiu a possibilidade de integrar o grupo dos “condenados da Terra” -como Franz Fanon denominou as populações colonizadas- e que nestes tempos, no Ocidente, esse é o lugar ocupado pelos pobres. Na paralisia política para resolver esse terrível problema social, está em jogo a existência de uma porcentagem enorme da população mundial, drama que o psicanalista León Rozitchner define assim:

trata-se (...) de uma forma de morte histórica que trunca a vida das crianças, embrutece os adultos e os condena à abreviação da existência, ao fracasso, à doença, à solidão, ao medo e à loucura. (...)Essa forma de morte histórica que inunda a vida coletiva não é um fato do acaso; está tecida em cada ponto da trama da estrutura capitalista (...) porque tem a extração e o consumo da vida alheia como a substância da qual, brutal e necessariamente, se nutre. (Rozitchner, 2003, p. 216).

Adotando esses elementos da realidade, poderíamos dizer que o psicanalista deve pensar em duas categorias de trauma: um, designável às condições de pertencimento social, em que o marco de miséria econômica define limitações do desenvolvimento em todas as áreas, e outro, que designamos de modo exclusivo aos efeitos do desejo inconsciente na estruturação psíquica. O primeiro, ou seja, a sustentação da situação traumática de viver em condições de pobreza extrema, deve ser entendido como uma afetação global sobre as pessoas, submetidas ao que Agamben chamou de experiência de desu-

manização. Em uma acertada referência, Duschatzky e Corea (2002) expressam: “Em que ponto deixa-se de ser humano? Esse é o único ponto verdadeiramente em jogo em uma situação extrema” (p. 73). As autoras destacam que a tese de Agamben a partir da experiência de Auschwitz é que só o ser humano pode perder sua humanidade e também atacar a humanidade de outro: só o ser humano pode desumanizar e se desumanizar.

### **Um relato literário: Bruno (Comentário de um conto)**

Creio ser oportuno intercalar aqui uma reflexão inconclusa sobre um escritor uruguaio e um fragmento do seu mundo literário. José Fonseca ficou conhecido como escritor aos 58 anos, por meio da publicação do seu romance *Sucios*, que obteve, em 2009, o Prêmio de Narrativa da Prefeitura de Montevideú. Tudo o que o leitor pode saber sobre ele são essas lacônicas referências, que seu editor escreve na contracapa dos seus livros, que até 2013 eram dois: *Sucios* (romance) e *Flores de baldío* (contos). Ali ficamos sabendo que Fonseca esteve encarcerado como preso político entre 1972 e 1982, que depois foi viver em uma zona suburbana e que não aceita dar entrevistas para jornalistas. Do ponto de vista literário, destaca-se a solvência da sua escrita, que retrata de maneira convincente e acrítica um mundo marginal, onde os personagens vivem peripécias próprias da sua realidade cotidiana, ou seja, trata-se de duros retratos de vidas supranumerárias ou, nas palavras de Bauman (2005), “vidas desperdiçadas”. O mundo de ficção desse escritor descreve uma realidade que penetra no conhecimento do que acontece nos territórios das favelas no Brasil, nas “villas miseria” na Argentina, nos “cantegriles” e assentamentos precários do Uruguai; universos que se organizam em torno da produção dos restos do consumo de outras classes sociais; proliferam ali o tráfico e o abuso das drogas mais baratas e nocivas, da prostituição mais violenta e desesperada como única alternativa, a escuridão do isolamento na ignorância, a promiscuidade potencializada pela aglomeração, a carência de espaços de intimidade, a ausência de esperança na possibilidade de mudança e o depreciado valor da vida própria e alheia. Pessoas tão condicionadas pelas circunstâncias do seu nascimento que parecem contar somente com a liberdade da morte. Nesses retratos também nos aproximamos disso que, com referência a outro contexto, Daniel Gil (2008) chamou de “um novo tipo de subjetividade” (p. 18). Certamente a vida em condições de exclusão não pode ser considerada um fenômeno novo em termos de qualidade, mas sim em quantidade, como um tumor crescente que danifica a própria essência da socialização humana.

O tratamento literário que Fonseca faz dos seus personagens, des-sas “flores de terreno baldio” que mostram cabecinhas efêmeras entre os resíduos do lixão, restitui a esses personagens dimensão subjetiva-ficção que ilustra a realidade. A literatura, como disciplina artística, aqui dá exemplo de discurso que não apenas mostra, mas também habilita a pensar; descobre, como muitas vezes faz o psicanalista que se encontra em tarefas de difusão ou de interlocução com outros, favorece a canalização de olhares sobre a complexidade da realidade,

buscando resgatar o sujeito -espectador destes tempos de consumo- da fascinação e da letargia ante o sofrimento do semelhante. Assim a arte e a psicanálise e outras disciplinas se encontram e confluem no trabalho de sacudir o sujeito da pós-modernidade, que, como diz Dejours (2006), é um sujeito que tende a banalizar a injustiça social. Sujeito que o autor citado define com três itens: “1) Indiferença para com o mundo distante; 2) Suspensão da faculdade de pensar, substituindo-a pelos recursos do discurso econômico dominante; 3) Abolição da faculdade de julgar e da vontade de agir coletivamente contra a injustiça” (citado por Carpintero, 2007). Em destaque no livro de contos *Flores de baldío* de José Fonseca, há um relato em que a extrema crueldade da miséria econômica se entrelaça com a crueldade da perversão, compreendida de um ponto de vista psicopatológico-psicanalítico, como a destituição subjetiva do outro. Outro que perde a entidade de semelhante para ser, pelo contrário, coisificado, anulado em sua condição de ser humano.

No conto “Verbenas moradas”<sup>4</sup> (Fonseca, 2011, p. 88) Silvia e Bruno, irmãos de 18 e 14 anos, respectivamente, aproximam-se, caminhando, da entrada do parque, aonde não haviam ido por alguns dias por causa das chuvas. Combinam de se separar e de voltar a se encontrarem ali. Silvia tentará ganhar algum dinheiro afastando-se dos “pontos” já designados a outras prostitutas estáveis. Bruno entra no parque, talvez ele também possa fazer “alguns trocados”; Silvia lhe recomenda que volte pelo mesmo caminho, que depois irão juntos comprar maconha. Já nos parágrafos iniciais desse conto breve, tendo como pano de fundo o dia luminoso, anunciam-se os riscos a que os protagonistas estão expostos: “cuidado com o cara da van azul, que é meio estranho” e “volte pelo mesmo caminho, para a gente não se perder” indicam em palavras os riscos e os precários cuidados da irmã mais velha. Bruno segue sua rota pelo parque e se senta em um tronco. Um cliente chega (um homem de meia idade que passa de carro, observa o rapaz, volta, para), chama Bruno, a transação é concretizada e 100 pesos<sup>5</sup> entram no bolso de Bruno. Mas a cena não foi secreta e três adolescentes que estão rondando por ali veem, se aproximam e lhe exigem o dinheiro. Aprendizado rápido das regras do mundo da prostituição e da extorsão, somente essa exigência motiva a aproximação de Bruno, que pretende defender o seu dinheiro.

Bruno tenta sair correndo, mas Brian lhe dá um golpe com a perna e o joga no chão. Chutam-no enquanto ele cobre o rosto com os braços. Um deles mete a mão no seu bolso e tira os cem pesos. Outro pega um pau e bate na sua cabeça, no peito, nos braços. Bate com vontade.

-Peraí, irmão, assim você vai matar o cara- diz Brian.

-De uma vez só. Assim não anda com historinha.

-É um garoto, vai com calma.

Quando param, percebem que não se move. (...) Agarram-no pelos pés e pelas mãos e o levam à parte inundada. Jogam o corpo ali, sobre uns arbustos rasteiros, e vão embora. (Fonseca, 2011, p. 91).

4. N.T.: Verbenas lilases.

5.. N.T. Cerca de R\$ 10.

Uma leitura literária da realidade pode mostrar assim, em poucas pinceladas, um quadro que contém história de gerações por trás do recorte de um momento na vida de alguns personagens. Desde o início do conto, a preponderância do dinheiro necessário, do dinheiro que falta e que é preciso conseguir com os meios disponíveis, ocupa o centro da cena de entrada dos irmãos no parque. Eles não contam com outras ferramentas que não sejam os seus corpos, ou não sabem que poderiam contar com outras ferramentas. Para os efeitos da realidade da história (da História também) essa diferença é irrelevante. O acesso ao conhecimento nas populações vulneráveis sofre forte interferência das urgências das operações necessárias para sobreviver. Por outro lado, é extremamente difícil sair do habitat de pertencimento e ter acesso a outras formas de conhecimento e exploração de recursos para a obtenção dos meios econômicos necessários para subsistir. A substituição geracional nas mesmas condições extrema as possibilidades de perpetuação, ao mesmo tempo em que a urgência de viver acelera, frequentemente, a chegada da morte. Assim, assistimos, no conto de Fonseca, a um crime formal: Bruno é assassinado a pancadas pelo garoto que segura o pau, e seu corpo é jogado em um canto inundado, tratado por seus executores como coisa, resto, lixo. Mas se pensarmos em Bruno e em sua circunstância como representante, símbolo de tantos outros jovens que, nascidos em condições de extrema pobreza, não chegam à vida adulta, podemos localizar a sociedade inteira representada pelos três rapazes que o assaltam e matam, porque foi a sociedade em seu conjunto que o colocou ali, no canto do parque onde encontrou a morte. Tanto Bruno como os assaltantes podem ser reconhecidos em planos de desumanização na apreciação de si próprios e dos outros. A cena do assalto a Bruno, em sua brevidade efetiva, lembra *O Senhor das moscas* de William Golding<sup>6</sup>, onde assistíamos à transformação violenta de um grupo de crianças que haviam ficado sozinhas em uma ilha depois do acidente do avião que as transportava. Ali podíamos descobrir -nas palavras do autor- “a escuridão do coração do homem”: amarga metáfora da qualidade do ser humano sem regras e normas ordenadoras que funcionem como diques protetores.

Os personagens do conto “Verbenas moradas” mostram-se também em um ambiente carente de representações de normatividade e proteção, expostos à violência prestes a eclodir. Os personagens adultos não são figuras protetoras, o relator nos mostra dois: o “cara estranho” mencionado por Silvia, potencialmente perigoso, e o homem “de meia idade” que transa com Bruno.

A cena é a seguinte:

Um homem de meia idade desce, olha distraído e passa perto dele. Quando volta, olha para ele com decisão. Bruno sustenta o olhar.  
-Finalmente um dia lindo.  
-Sim, finalmente.

6. Obra de William Golding de 1954.





conseguir os comprimidos necessários para lhe provocar um aborto. Pouco depois desse fato, Alicia denunciou o pai, e ele, frente à perspectiva iminente da prisão, se suicidou. A mãe acusou Alicia de ser responsável pelo fato de que os seus irmãos haviam “perdido o pai”.

## Palavras

A família de Alicia morava em uma região humilde, mas integrada às normas da comunidade, na periferia de uma cidade; os adultos da história trabalhavam de modo regular, os filhos frequentavam os centros de estudo correspondentes à sua idade e se mantinha, na linguagem da mãe, a palavra combinada pelo laço social: “Perder o pai” é uma frase que acende, no sujeito que escuta, a lâmpada triste do luto, os sentimentos de solidariedade, inerentes à identificação com essas crianças órfãs que todos somos em nossa formação básica de sujeitos falantes e que conhecemos de modo dilacerante no impacto da morte de um pai amado. Crianças órfãs, pai perdido: a mãe de Alicia recorre a essa imagem para sacudir de si as marcas de toda responsabilidade possível e colocar a filha no lugar de ré. A pergunta que se impõe é: esse era um pai?

## A mãe

Vivemos num mundo em forma de mãe! A sala, sua casa ou seu apartamento podem ser um espaço materno. Aliás, o contexto em que se vive também é um sistema que pode servir de mãe, boa ou má. Desde sempre, chama-se a universidade de Alma Mater. A Igreja, claro, é nossa Santa Mãe, e também a pátria, a Mãe-Pátria. A viagem ao centro da Terra é, naturalmente, uma viagem no corpo da mãe. (Leclair, 2000, p. 277).

O lugar de mãe adquire na cultura ocidental, como herança das antigas religiões agrárias e graças ao cristianismo, uma valorização a priori grandiosa que os ditados populares adubam cotidianamente.

Apesar das oscilações históricas na valorização da mulher, a função que lhe cabe na reprodução destacou ali um plus ao longo dos séculos. A antiga deusa Deméter, honrada representante da fertilidade da terra, a mãe gestante e nutriz venerada a cada primavera, verá transformada sua imagem pagã, inspiradora de sabás orgiásticos, na imagem pura e aperfeiçoada da mãe virgem que o cristianismo entronizou em Maria, liberando-a dos excessos e das debilidades do desejo.

A pluralidade politeísta é anulada na antiga frase repetida ao longo de séculos de monoteísmo: “Mãe, só tem uma”..., e assim a mãe, por uma perspectiva cristã, condensa a perfeição de ser o recipiente escolhido por Deus. Mãe única para um Deus Único (mesmo no deslocamento da sua condição tripartite). Sem deixar de lado a biologia, já que disso dependeu a conservação da espécie, é a cultura que situa a maternidade em espaço de privilégio. Em alguns períodos históricos e/ou em determinados estratos sociais, foi ou ainda pode consistir no único atributo de valorização para a mulher, um modo de reconhecimento social, uma forma de acesso a precários benefícios econômicos e inclusive, em alguns casos, uma maneira de construir identidade.

---

---

---

---

---

---

Do ponto de vista biológico, a mãe é quem dá a vida e, do ponto de vista cultural, as características da indefensibilidade do bebê humano -que demanda um longo período de apego à mãe para o seu desenvolvimento- determinam que seja considerada o objeto protetor natural, aspectos que reforçam a valorização da mulher-mãe. No entanto, no caso de Alicia, tanto à sua analista como a mim o que nos chamou a atenção foi que os integrantes da equipe interdisciplinar encarregada de procurar soluções práticas para a mocinha insistissem na proposta de que voltasse a morar com a mãe.

A orientadora social da instituição que tutela Alicia tentou “refazer o vínculo” entre a jovem e sua mãe. Conversou várias vezes com ela e insistiu periodicamente com Alicia para que aceitasse “fazer as pazes” com a sua mãe. “É a sua mãe!” é o argumento final à negativa da jovem. “Essa mãe entregou sua filha ao pai, entregou-a sabendo que era estuprada”, recorda a analista.

Mas a mãe fala e diz palavras que se tornaram poderosas, ainda que estejam vazias de conteúdo, fala de “perder o pai”, e essas palavras parecem obturar a consideração das características do pai do qual se fala e das condutas de abandono da mãe. Uma tendência obnubilante cobre a racionalidade de quem escuta.

A insistência nos benefícios de “fazer as pazes com a mãe” tem efeitos, uma vez que também chega a Alicia o mito da sacralidade materna. Então pensa que pode estar errada. É possível que a mãe tenha razão, e que ela, Alicia, seja a responsável por tudo o que aconteceu, culpada de ter separado os pais, culpada de ter roubado o homem da mãe, culpada de ter sido a mulher do pai, de ter ficado grávida, de ter traído o pai, de ter provocado a morte do pai, de ter causado a orfandade dos seus irmãos...

Sim. O Complexo de Édipo atravessa a história de Alicia, o que nos mostra a eficácia transcultural da visão freudiana, mas nessa versão encontram-se alterações determinadas pela falha simbólica, porque os adultos extraíram do relato apenas a crueza argumental do incesto sem constelação metafórica, sem censura, sem lei reguladora. Os pais, inscritos no revés da moeda neurótica, trataram sua filha como coisa e a submeteram ao arbítrio dos seus desejos incestuosos-mortíferos, garantindo assim a efetividade do trauma.

Espera-se que a psicanálise iniciada, através da reinserção da palavra ordenadora, liberte Alicia. A analista está ali para recebê-la, para escutar e nomear. E também para sustentar a desmontagem do incorporado em uma breve vida onde o ódio prevaleceu sobre o amor. Analista e paciente indicarão as aproximações à verdade do inconsciente, essa verdade que dará nome ao desejo sexual incestuoso e ao desejo parricida, e -em aparente paradoxo- que lhe permitirá assim *liberar-se* -precisamente- dos laços mortíferos do desejo parental.

### **Fantasma e realidade: excessos**

Perguntas múltiplas se abrem em relação às possibilidades de organização psíquica de pessoas que, como Alicia, foram desde criança vítimas da violência. A organização estrutural com base no equilíbrio entre as forças pulsionais e a repressão aparece questionada pelo peso

da realidade experimentada. O fracasso do mecanismo da repressão evidenciado pela passagem ao ato do incesto por parte dos adultos vai ter, inevitavelmente, efeitos na organização psíquica dos filhos? A repetição vai se impor? Uma das principais inquietudes da analista de Alicia repercutia as interrogações da paciente: poderia ela se diferenciar dos pais? Ser diferente para seus filhos? Não repetir a história?

A analista se interroga sobre as possibilidades de reinvenção-transformação em uma subjetividade precocemente arrasada pela tragédia e seus efeitos traumáticos.

A psicanálise nos ensinou o valor estruturante da sexualidade. É na interação com o outro, a partir do despertar da pulsão, que será escrita a rota do desejo, marcando, instrumentando para a vida a partir do desejo do outro. Desejo que veiculará o inconsciente (excessivo, enigmático) representável e não representável. Aí o sentido de entender a sexualidade, na psicanálise, como elemento traumático e ao mesmo tempo instituidor do inconsciente. O excesso inevitável do encontro entre o adulto e o infans será marca de amor e marca de ausência, investimento imprescindível para constituir-se sujeito.

O uso que um adulto pode fazer de uma criança para o seu prazer sexual será, pelo contrário, expressão de desejo de morte, tentativa de aniquilação da qualidade de sujeito do outro, coisificação que marca caminhos de dessubjetivação, alienação. Se os adultos que coisificam a criança são seus pais, aqueles humanos de quem a criança esperaria proteção e cuidados, o ato acrescenta fatores enlouquecedores para o sujeito.

O lugar dos pais, como sustento da família patriarcal, modelo estandardizado até a segunda metade do século XX, é a primeira coisa que se evidencia como questionada, falha e/ou pervertida nos relatos antecedentes: o lugar dos pais de Bruno aparece no relato fornecido precariamente pela irmã. No relato de Alicia, as funções paterna e materna estão distorcidas: os pais perverteram a função, substituindo o amor e a proteção pela intromissão e pelo desamparo.

O filósofo Dany-Robert Dufour (2007) afirma que “nas nossas sociedades, diante dos nossos olhos, está acontecendo uma mutação histórica na condição humana” (p. 31). Esse autor fala de um processo de dessimbolização, que em nível do sujeito, implicaria falhas em termos da constituição do superego; por um lado, perda, privação dos ideais do ego, por outro, de forma complementar, “queda do superego em sua face simbólica, ali onde se inscreve a lei” (Dufour, 2007, p. 120). As falhas no superego, em consonância com uma alteração global da constituição psíquica, poderiam ser uma forma de entender o procedimento dos personagens adultos dessas histórias. Adultos mergulhados na satisfação primária dos seus impulsos em desconsideração do outro e sem uma desconexão do princípio de realidade. O suicídio do pai de Alicia não parece ter sido estimulado pela culpa, mas sim em evitação do castigo proveniente da aplicação da lei. A mãe de Alicia também acrescenta aos atos de violência e desamparo a ausência de senso de responsabilidade e culpa. No relato de ficção, o ato de esconder o corpo de Bruno por parte dos jovens assassinos acontece de forma imediata ao homicídio, e ele se inscreve com terrível naturalidade na rotina dos personagens.

---

---

Serão eles, adultos e jovens, exemplos de um porvir que se afasta da organização neurótica para, no afrouxamento do laço simbólico, abrigar a primazia das organizações psicóticas e perversas?

---

### Coda

---

---

Entre os elementos que a sociedade pós-moderna parece estar desconsiderando, encontram-se transformações fundamentais nas condições de organização do psiquismo. São aspectos sobre os quais a perspectiva da psicanálise tem muito a dizer e, se as circunstâncias permitem, também a contribuir, não somente a partir da observação das mudanças nas subjetividades, favorecida pela prática da psicanálise individual, senão a partir da intervenção em nível comunitário e em interlocução com outras disciplinas, em diálogo com todas as produções reativas à passivação sobre a qual fala Dejours; passivação promovida pela letargia narcisista para a qual somos convidados pela cultura do consumo. Hoje a promoção da psicanálise funciona através da inclusão do psicanalista no meio, com duas metas no horizonte. Por um lado buscar incidir na interposição do pensamento à ação, em uma reflexão compartilhada sobre as condições de subjetivação nas nossas realidades sociais. Por outro lado, simultaneamente, a inclusão ativa na sociedade do nosso tempo nos permite continuar a sustentar a psicanálise em sua dimensão de pensamento questionador, não funcional ao estabelecido, mas sim impulsionador, no caráter de “peste” que seu fundador quis lhe dar.

---

### Resumo

---

---

Este trabalho é um exercício de interdisciplina, no sentido de que é importante manter a teorização psicanalítica aberta à interlocução com as chamadas “ciências do homem” e com as disciplinas artísticas, gerando uma permeação que resulta em contribuições mútuas. O texto busca se aproximar de alguns efeitos que a realidade social traumática pode ter sobre a estruturação psíquica, diferenciando -e aproximando- trauma social da noção de trauma fundante ou organizador, formulações que são familiares para nós em psicanálise. Também tenta reproduzir algo do que é observável nas transformações sociais geradas pelas mudanças culturais das últimas décadas e em seus efeitos em populações carentes. Transformações culturais que indicam um afrouxamento do laço simbólico parecem estar evoluindo rumo a uma aceitação coletiva passiva em que se compreende esse fato como um efeito de transformação subjetiva própria da sociedade de consumo na pós-modernidade. Para o desenvolvimento dessas questões, são analisados e relacionados dois relatos: um, literário, e outro, clínico-literário.

---

**Palavras-chave:** *Interdisciplina, Realidade, Realidade psíquica, Trauma, Perversão.*

---

## Abstract

This work is an interdisciplinary exercise, understanding that it is important to keep in psychoanalytic theorizing opened to dialogue with the so-called “science of man” and artistic disciplines, creating a permeation resulting in mutual contributions. The text is an approach to some possible effects of traumatic social reality on the psychic structuring, differing - and bringing near - social trauma from the notion of foundational or organizing trauma, formulations that are familiar to us in psychoanalysis. It also tries to capture some of what can be observed in social transformations generated by the cultural changes of the last decades and its impact on disadvantaged populations. Cultural transformations that indicate a loosening of the symbolic tie seem to be evolving towards a passive collective acceptance, understood as an effect of the own subjective transformation of the consumer society in post-modernity. For the development of these statements two stories are analyzed and related, one literary and other clinical-literary.

**Keywords:** *Interdiscipline, Reality, Psychic reality, Trauma, Perversion.*

## Referências

- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiciadas*. Buenos Aires: Paidós.
- Bauman, Z. (2011). *Trabajo, consumismo y nuevos pobres*. Barcelona: Gedisa.
- Carpintero, E. (agosto, 2007). El Psicoanálisis es un plural (respuesta al Libro Negro del Psicoanálisis). *Topía*. Recuperado de <http://www.topia.com.ar/articulos/el-psicoan%C3%A1lisis-es-un-plural>
- Chemama, R., & Vandermersch, B. (2004). *Diccionario del psicoanálisis* (2ª ed.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Dejours, Ch. (2006). *La banalización de la injusticia social*. Buenos Aires: Topía.
- Dufour, D.-R. (2007). *El arte de reducir cabezas*. Buenos Aires: Paidós.
- Duschatzky, S., & Corea, C. (2002). *Chicos en banda*. Buenos Aires: Paidós.
- Fonseca, J. (2011). *Flores de baldío*. Montevideo: Trilce.
- Gil, D. (2008). El modelo carcelario: Un analizador de la sociedad. In Asociación Psicoanalítica del Uruguay (Ed.), *Exclusión-inclusión* (pp. 8-19). Montevideo: Autor.
- Leclaire, S. (2000). *Escritos para el psicoanálisis I: Moradas de otra parte (1954-1993)*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Rozitchner, L. (2003). *Freud y el problema del poder*. Buenos Aires: Losada.
- Viñar, M. (2002). *Psicoanalizar hoy*. Montevideo: Trilce.









consenso profissional nem institucional se constrói à medida que se trilha, motivados (apesar da vivência de exercer uma atrevida aventura de transferência e contratransferência) pelo compromisso ético que todos os analistas têm com seus analisandos.

Atualmente, muitos são os analistas que praticam a análise fora do consultório. No âmbito das supervisões ou em grupos de discussão clínica, já não é considerado um material de análise à distância ou como uma análise experimental, mas sim se observa se o enquadre foi realizado de forma adequada e se a fenomenologia que acompanha a comunicação ideo-afetiva é aproveitada em termos psicanalíticos.

Isso é exemplificado por um caso clássico de corte clínico. Um jovem paciente universitário vive longe da casa dos seus pais. Com sessões às sete da manhã, programa seu despertador, mas, com certa frequência, fica mais tempo na cama, até que se desperta no momento em que quase coincide com a hora da sessão e, ao ligar para o analista, faz sua sessão sentado na cama. Certa ocasião ligou e falou direto da cama. Mas, dessa vez, já não sentado, e sim deitado e com a cabeça entre as cobertas. Esse exemplo poderia ser tomado como uma resistência ou como um *acting out* transferencial que comunica que esse paciente deseja ser acordado, realizar um diálogo e ser mimado por uma figura parental.

### O dispositivo cibernético

Segundo Foucault (1977), a expressão *dispositivo* faz referência a estratégias de relações de força, jogos de poder múltiplos que sustentam tipos de saber e que são sustentados por (e entre?) eles. É, em primeiro lugar, um conjunto heterogêneo que inclui tudo: discurso, instalações arquitetônicas, decisões regulamentárias, leis, títulos científicos, posições filosóficas, morais, filantropias, o dito e também o não dito. Esses são elementos do dispositivo. O próprio dispositivo é a rede que se estabelece entre esses elementos.

G. Agamben (2007) amplia o conceito e o posiciona em um contexto novo muito útil para a psicanálise. Considera dispositivo qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, determinar, orientar, interceptar, moldar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos.

Há um certo desvio quando se quer demonstrar que o definitivo, em tratamentos psicanalíticos, é observar o enquadre, especialmente em seu aspecto pragmático, e então deixa-se de prestar atenção ao fato de que a prioridade é o que acontece *dentro* do dispositivo. Assim como o que entendemos teoricamente do enquadre, ou seja, como aquilo que deve sustentar a situação analítica.

Esse desvio se deve em parte ao fato de que a expressão *enquadre* faça alusão ao aspecto do vínculo entre paciente-analista, idealmente fixo e estável pragmaticamente para que seja mais científico (ilusoriamente mensurável?), segundo o positivismo lógico. Pelo contrário, pensa-se que, quanto melhor evolui a tarefa nesse vínculo, mais possível é observar mobilidades e mudanças metapsicológicas.

Por essa razão, parte-se do conceito de *dispositivo*, que como citado anteriormente, alude às ideias de Foucault destacadas por G. Agamben



*afetivos-intelectuais*. Parafrazeando W. R. Bion (1974), tenta-se praticar a *capacidade de escutar “sem desejo e sem memória”* (p. 45). Estar “presente” e escutar com um sexto sentido. Escutar sem pré-conceitos e sem preconceitos faz com que se possam desmistificar as tecnologias e os quadres com que se trabalha confortavelmente.

A prática da psicanálise à distância se desenvolve dentro desse eixo mental. A presença corporal não parece o primordial nem o fundamento indispensável, e sim a compreensão do inconsciente por meio da associação livre e da abstinência.

### **O lugar onde acontece a psicanálise à distância**

Desde o princípio e por mais de um século, o consultório do analista funcionou como único lugar de encontro da dupla analítica. Não por isso deve ser confundido um costume com o essencial de uma sessão de análise. Ou seja, a qualidade analítica do diálogo exercido em um *setting* adequado.

O *diálogo analítico* se compõe basicamente da troca de palavras formuladas em meio a um clima de transferência e com determinada entonação, e acompanhadas de atitudes, gestos e comportamentos que informam sobre o paciente, o analista e o estado transferencial do vínculo.

Em um diálogo por telecomunicação, as palavras adquirem papel de protagonistas, constituindo o eixo principal do vínculo analítico. Assumem o papel de continente e, por sua vez, de veículo interconector de troca ideo-afetiva. As palavras vêm acompanhadas de uma atitude e de um comportamento, percebidos na qualidade do desempenho de cada integrante da dupla, seja ele pertinente ou evasivo, inesperado ou atuante. É possível observar, também, a interrupção ou superposição ao discurso do outro, ao lado de momentos de silêncio (Lutenberg, 2011), que informam sobre o paciente, o analista e o clima de transferência do vínculo.

Nas análises à distância sem a percepção visual, as palavras emitidas podem ser ouvidas pelo outro no momento em que são pronunciadas, logo, a elas pode ser atribuído o dom da ubiquidade, o que produz a vivência de estarem ambos compartilhando um único lugar comum, o que também faz aumentar a sensação de presença do outro.

### **Lugares na psicanálise por telecomunicação**

A localização física da dupla não determina “o lugar” em que acontece e transcorre a análise; pelo contrário, trata-se de diversos aspectos, a saber:

1. O *lugar físico* de onde cada um fala.
2. A *sessão de análise* como um lugar em um espaço de tempo específico, que é este, e não outro.
3. O espaço “intra”, localizado nas mentes dos protagonistas da dupla. Nesse ponto está inserido o diálogo interno e o sentir, o pensar, o lembrar e o associar livremente (Cantis Carlino e Carlino, 1987; Carlino, 2010)
4. O espaço transferencial “inter”, que opera como “campo de jogo” do intercâmbio ideo-afetivo, que mantém certa correlação conceitual



É claro que os requisitos do método para o estabelecimento do *setting* demandam do paciente certa bagagem sociocultural com determinada capacidade de compreender e aceitar novas modalidades comunicativas presentes no mundo globalizado, mas se é conveniente ou necessário implementar esse método à distância, ainda quando essas condições não estiverem de todo dadas, é adequado sugerir-lo como um teste, para ver se o paciente se adapta a essa inovação que acontece nessa nova realidade social.

Nossa investigação mostra que as ferramentas utilizadas foram o telefone (33%), Skype com áudio (30%) e Skype com vídeo (24%). Contudo, chama a atenção que a mudança de uma ferramenta para outra é sempre consequência de uma solicitação explícita do paciente, que pode acontecer durante a sessão ou durante o tratamento. Na análise qualitativa, verificamos que esse fato está associado com a tolerância ao olhar do analista, ou seja, suportar ser observado, por um lado, e, por outro, poder ver o analista ou escutá-lo sem a necessidade de olhá-lo.

Tudo isso tem um nexo com as ansiedades paranoicas, o controle obsessivo, os aspectos esquizoides, os processos regressivos, a fase do processo e a circunstância do paciente. Com base nessa informação é possível considerar que as variações na tecnologia não afetam a situação analítica, senão que proporcionam material factível de interpretação e ficam dentro do processo, já que representam uma maneira de expressão e comunicação.

Outra razão para mudar de uma tecnologia à outra são as falhas de conexão, que sempre têm que ser trabalhadas analiticamente (isto é, colocadas em palavras e interpretadas) em expressões, por exemplo, da frustração e do incômodo que podem gerar em um ou nos dois integrantes da dupla.

Sobre isso, é possível observar duas posições: os analistas que se responsabilizam por repor o tempo perdido pelos inconvenientes tecnológicos e, inclusive, repor a sessão, se foi cancelada, e os que não fazem isso. São poucos os analistas que, desde o princípio, no contrato, propõem outras opções tecnológicas no caso de perda de conexão. Essa situação deveria formar parte essencial do enquadre, já que, como foi mencionado anteriormente, a presença virtual é parte do modelo de tratamento, que consiste em estabelecer uma rede confiável.

Por tais motivos, a falha não é considerada como uma variação do enquadre, e a reação da dupla fica contida no dispositivo.

Então, pode-se concluir que o processo analítico não é determinado pela ferramenta de comunicação que se utiliza nem pela presença física, e sim que depende, assim como em um consultório, das qualidades da dupla e de suas possibilidades de encontro analítico.

### **Um caso de análise à distância**

Durante três anos foram estudados e revistos diversos casos. O caso clínico que se apresenta tem a qualidade de ser uma psicanálise em que o paciente iniciou o tratamento sem conhecer fisicamente a analista. Para sua avaliação, foi utilizado o modelo denominado *Three Level Model* (Bernardi, 2014) e foram considerados a história clínica, o resumo do tratamento, 10 sessões consecutivas, fragmentos significativos

---

---

de material e registros da contratransferência. O caso foi avaliado em grupo por seis psicanalistas integrantes da IPA, que realizaram análise à distância pelo menos durante o período de cinco anos.

---

---

### **Caso Diana**

---

---

Diana está em tratamento há quatro anos; atualmente tem 56 anos. Nascida na América Latina, radicada na Europa. Tem quatro filhos do sexo masculino, do primeiro marido, e busca um analista que tenha sua mesma nacionalidade, idioma e cultura, que possa realizar atendimento à distância, pelo telefone.

---

---

Seu primeiro contato é por meio de um correio eletrônico em que relata sentir-se desesperada e com vontade de ter qualidade de vida. Expressa ter sido a confidente e favorita de seu pai, embora a forma em que ele a acariciava a tenha marcado em suas posteriores eleições em relação aos homens. Sua mãe e suas duas irmãs mais velhas são pessoas muito desconfiadas, e isso também não a ajuda em sua vida. Rompeu relações com todos os membros da sua família há anos.

---

---

Diana afirma que sempre teve e que tem medo da loucura familiar, e por isso vive fugindo e mudando de país. Fez a tentativa de se estabelecer em quatro países diferentes, com o desejo de ser uma nova pessoa a cada vez. Divorciada do seu primeiro marido, oferece deixar todos seus bens para poder ir para bem longe com seus quatro filhos. Ele aceita e não procura saber para onde foram. Explica que o motivo da sua consulta é porque tem ataques de pânico, fobia ao sair para a rua e uma terrível angústia desde que seu filho primogênito começou a ter desmaios e tonturas ocasionados por uma doença hereditária que se manifestou aos cinco anos. Expressa:

---

---

Meu filho não me reconheceu. Eu quis escapar do meu ex-marido, que era uma pessoa doente e transtornada, mas o destino agiu contra mim. Apesar de todas as minhas tentativas, meu ex-marido segue presente todo o tempo, pois meu filho mais velho herdou a doença do pai.

---

---

Seguiu diferentes tratamentos no país onde reside, mas eles, assim como os medicamentos, receitados por um psiquiatra, não serviram. É então que decide buscar uma consulta.

---

---

Casada pela segunda vez há oito anos, Diana solicita ir à terapia pela manhã para que seu marido não saiba, e acredita que ele seja contra, pois terá medo que isso prejudique o casamento. Por isso, tem que ser um segredo. Também não pode proporcionar informações sobre o marido e argumenta que contará no futuro. Disse que não tem vida social, devido ao fato de que suas amigas não querem mais sair com ela.

---

---

Diana é economista e viaja pelo mundo realizando palestras, mas afirma “ter azar” e que, por esse motivo, não a convidam para novas conferências, e assim passa muitos meses sem ter trabalho.

---

---

### **Vinheta**

---

---

A seguir, apresenta-se uma vinheta de Diana do ano de 2015, que servirá para mostrar o processo psicanalítico nesse tratamento à distância após quatro anos.

Durante esse tempo, ela foi ao seu país de origem uma ou duas vezes ao ano, e teve algumas sessões presenciais, das quais sistematicamente ausentou-se por não suportar a proximidade:

P: Estou muito contente, vou para o meu país por duas semanas. Que bom, não? A gente pode se ver.  
Depois daí, deveria viajar para a Europa novamente.  
Estou sentindo que, finalmente, tudo o que foi semeado está dando resultados. Com a minha vizinha e amiga, sinto que estou recuperando meu ser. Essa sempre fui eu. Eu tinha me perdido e estou conseguindo. Estou recuperando minha vida social, minha parte dinâmica.  
Fazia muito tempo que não acontecia isso comigo...  
A: Quando se evaporou essa parte sua?  
P: Durante anos eu não queria nada que me identificasse com o meu país. Agora, eu gosto de tudo daí, ou de quase tudo.  
Eu me lembrei muito de você outro dia. Uma vez você me disse que eu tinha perdido a minha espontaneidade. É verdade. Pensei muito nisso. Ainda não sai naturalmente. Mas é verdade, eu tinha perdido características minhas de que gosto.  
A: Como se houvesse se fechado tanto que uma parte de você também se fechou!  
P: Agora me sinto linda novamente.  
O que eu quero é que você me ajude a saber quando eu perdi tudo isso. O que aconteceu? Quando foi? Será que, com os meus cortes drásticos, com as minhas fugas, com meus conflitos e dramas, eu perdi toda a minha vida? A cada vez que eu me mudei para outro país distinto, deixei tudo do anterior. Quis fazer cortes drásticos, começar de novo, e, finalmente, percebo que me equivoquei.  
A: Você quis ter em cada lugar um novo nascimento, uma nova vida, e o que fez falta a você, e que você não teve, foi poder conseguir a continuidade. Isso é o que você não se permite neste momento. É como se, nos diferentes países por onde você andou, você deixou uma parte sua...  
P: Eu precisava esquecer. Meu ressentimento me matou. Meu ódio me matou. Eu inventei uma personalidade que não tenho. Acho que isso é impossível em mim. Mas fui me mimetizando como um camaleão, até me perder.  
Eu achei que estava sendo seletiva com as pessoas. Agora eu percebo que, mais do que isso, estava sozinha. E, na verdade, não ficou nada, ou quase nada.  
A: Bom, ficou a experiência.  
P: Por que tanto, tanto ódio? Eu não era assim... [silêncio]  
A: Em que você ficou pensando?  
P: Não. Nada. Bom, sim. Essa terapia está me fazendo bem ou mal?  
Pode ser que repeti uma história que não era a minha? Uma história que comprei de outros. A história deles. A dos meus pais. Tenho medo de que meus filhos tomem esse ódio e ressentimento de mim como eu tomei da minha mãe. Não me perdoaria...  
A: Talvez seja o mesmo ódio que você tem com o seu marido ou com os outros em geral, quando você não se sente considerada. Em vez de mostrar dor, você mostra ódio e raiva.  
P: Estava pensando que, a partir dos desmaios do meu filho, comecei com afogamentos, esquecimentos, a me sentir perdida. Se não tenho memória, não tenho que me lembrar das coisas que me ferem e me deixam triste... Eu me queixei por muitos anos de que meus pais não foram bons comigo... Eu tinha muito ódio deles até agora.  
Era realmente ódio ou, como você diz, é a dor de não tê-los? Mas apagar tudo e não ter memória hoje já não é a solução, será que sentir dor não seria a solução...?

### **Análise do caso com quatro anos de tratamento**

Aqui são apresentadas, como um resumo, as partes mais significativas do modelo.

Desde a primeira consulta, a paciente tenta colocar suas condições. Usa como pretexto os segredos e as mentiras que mantém com

---

---

---

o marido. Busca, especificamente, uma psicanálise à distancia com um analista do seu país de origem, com o propósito de tentar, inconscientemente, resolver a ambivalência com suas raízes, sua terra natal e seus pais. O desejo consciente de romper com o seu passado e fugir dele.

---

---

---

### **Material com ressonância**

- Medo da loucura familiar.
- Insistência na hereditariedade, da qual não pode escapar.
- Só pode ficar em um tratamento se for à distância.
- Ambivalência frente ao afastamento-proximidade.
- Segredos e mentiras com a intenção de fazer do analista um cúmplice.
- Ausências após as sessões no consultório.

---

---

---

### **Mudanças e transformações**

Durante esses anos registraram-se mudanças no local de trabalho, na família, nas relações interpessoais e com sua análise. Observa-se em particular o seguinte:

- Após 36 anos sem fazer tratamento, em 10 meses após o início da terapia, ela foi capaz de visitar sua terra natal, recuperar seus amigos, sua família, sua história e sua herança, e ter algumas sessões no consultório com uma presença física.
- Apresenta uma hipertrofia menor da sua negação maníaca, da sua projeção e da sua racionalização paranoica.
- Começa a reconhecer que a sua defesa contra o receio da proximidade, por medo de que abusem dela, é manter distância, brigar com os outros e fazer rupturas bruscas.
- Consegue uma maior separação - individuação com o seu filho, adoece menos e mantém um trabalho em contínuo sucesso.
- Usa seu analista para refletir sua ambivalência com o país natal.

---

---

---

### **Dimensões de mudança**

#### ***Mudanças ondulantes***

Passa de um pobre reconhecimento das suas dificuldades a ter um maior *insight*. Consegue executar e racionalizar novas experiências, como a possibilidade de vir a seu país de origem. Os principais conflitos intrapsíquicos são a individuação e a dependência, e as defesas predominantes são projetivas e paranoicas.

#### ***Aspectos estruturais do funcionamento mental***

Começa a experimentar algo novo na relação com o exterior. Conecta seu passado com o presente atual. Tem uma maior regulação afetiva, e menos fugaz.

---

---

---

#### ***Transtorno presuntivo***

Transtorno de personalidade esquizóide-paranóide. Mostra uma sobreadaptação para poder sobreviver.



### ***Hipóteses explicativas***

A análise à distância faz com que seja possível a permanência em tratamento, com a qual tolera melhor as dificuldades; a distância é usada como defesa contra o receio de que os outros possam machucá-la como seu pai.

Com a ajuda de um analista, começa a trabalhar sobre a possibilidade de sentir proximidade, já não como sedução, e sim como carinho.

### ***Linha interpretativa***

Interpretações das transferências centradas na resistência, ao sentir por perto seu analista como representante do pai e da mãe.

Agressividade da paciente projetada nos outros.

Manipulação por meio de segredos e mentiras.

### ***Transferência-contratransferência e o papel do analista***

A analista sente que a paciente ameaça ir embora permanentemente.

Quanto melhor se torna o relacionamento paciente e analista, mais vezes pergunta a paciente se o tratamento lhe fará bem ou mal.

Reativa-se em transferência o medo da loucura, do contágio e da sedução incestuosa.

A analista precisa tolerar os desaparecimentos, a distância, a grosseria e, assim, que a paciente a use.

### **A análise à distância é psicanálise?**

É hora de discernir sobre a controvérsia a respeito de se é possível ou não fazer psicanálise à distância, o que também pode ser entendido como se acontece ou não um verdadeiro processo psicanalítico no trabalho à distância. Portanto, é pertinente uma definição de processo psicanalítico.

A palavra *processo* quer dizer uma caminhada para a frente; em psicoterapia, isso significa que tende para a cura, para melhorias. *Analítica* refere-se ao método usado para alcançar a melhoria, nesse caso, um procedimento com fundamento no corpo teórico dos conhecimentos utilizados pela teoria psicanalítica para explicar o sentir e o comportamento humano.

Assim, o uso de uma técnica especial com objetivos terapêuticos e derivados da teoria psicanalítica é o que dá origem ao chamado “processo psicanalítico”. A finalidade terapêutica fica estabelecida de acordo com o paciente a partir do motivo da consulta.

Fundamentar o método na teoria psicanalítica implica seguir uma abordagem metapsicológica, ou seja, tentar encontrar a explicação do comportamento dos pontos de vista genético (rastrear as origens e contemplar os processos de desenvolvimento), econômico (diferenciar as quantidades de energia mental investidas nos distintos processos da mente), dinâmico (descrever os movimentos das diversas forças para se deslocar de uma instância a outra do aparelho mental), estruturais (definir o papel das diversas funções psíquicas envolvidas), topográfico (realçar quais os processos conscientes para o sujeito e quais não são percebidos) e adaptativo (explicar o efeito



tem um ótimo funcionamento, torna-se apenas outro elemento que integra o campo de trabalho e se estabelece como um objeto no sentido analítico, isto é, *algo* meritório de receber a descarga de um impulso e, assim, capaz de ser utilizado pelo analisando como resistência, ou seja, capaz de ser tomado como substituto de outro objeto interior para onde, por associação, possa se mover a intensidade afetiva.

Claramente, quando aparece a variável *distância* na relação analítica, *algo* se perde: o cheiro, o compartilhamento dos mesmos estímulos ambientais, a ilusão de compartilhar o mesmo ambiente emocional (alguns chamam o *feeling*, a sensação que desperta o lugar), parte da informação, além do verbal, e assim por diante. No entanto, tanto a necessidade do paciente de comunicar (de forma motivada consciente e inconsciente) como a correspondente obrigação autoimposta do analista para entender, forçam ambos a encontrar novas formas de simbolização para transmitir e receber qualquer equivalente aceitável com os meios à sua disposição.

Assim, alguma, muitas, ou todas as carências relacionadas com a distância são modificadas por variações: no discurso, seja em seu conteúdo, tom, ritmo, volume, carga emocional etc.; nos silêncios, diferentes uns dos outros pela duração, pela profundidade, pelo caráter intempestivo, inesperado, cúmplice etc.; ou em qualquer outra manifestação comportamental, e é trabalho do analista traduzi-las à linguagem verbal própria do processo analítico.

Portanto, a questão não é concordar ou não com o trabalho à distância; a realidade está aí, é um desafio, e resolver as dificuldades adicionais que a distância representa utilizando as ferramentas que a psicanálise oferece é o desafio que psicanalistas contemporâneos terão de enfrentar.

Na nossa opinião, os resultados da aplicação do modelo 3-LM em casos como o apresentado nestas linhas confirmam a presença do processo psicanalítico (e, portanto, o estabelecimento de um enquadre adequado), já que esse modelo requer a utilização de ferramentas psicanalíticas e mostra, ao mesmo tempo, a magnitude e o tipo de melhoria alcançadas.

Com esse modelo, foi possível comprovar que a psicanálise à distância permite a manifestação da sintomatologia do paciente e das motivações inconscientes que o levaram a escolher esse tipo de tratamento.

A análise da relação de transferência e contratransferência tornou evidente a indiferenciação dos objetos e a dificuldade de contato, associada com aspectos paranóides derivativos do abuso sexual infantil e do abandono das figuras primárias.

Finalmente, é possível afirmar que, para alguns pacientes com dificuldade de contato, somente à distância pode-se começar um tratamento, e, conforme o processo avança, progressivamente conseguem tolerar mais a proximidade. Aparentemente, esse modo permite uma maior permeabilidade das intervenções do analista, já que o paciente em sua fantasia acredita que há menos risco e que pode regular a proximidade-intimidade.

## Resumo

A psicanálise à distância origina-se à margem da psicanálise tradicional. Hoje, devido ao desenvolvimento tecnológico, já é mais uma



- Aryan, A. e Carlino R. T. (2013). The power of the establishment in the face of change: psychoanalysis by telephone. In J. Scharff (ed.), *Psychoanalysis online* (pp. 161-170). Londres: Karnac.
- Associação Psicanalítica Internacional. (2003). Análisis por teléfono. Siete psicoanalistas expresan su opinión. *En Profundidad*, 12, 13-32.
- Bassen, C. R. (2007). Telephone analysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 55, 1033-1041.
- Bernardi, R. (2014). The three-level model (3-LM) for observing patient transformations. In M. Altmann (ed.), *Time for change: Tracking transformations in Psychoanalysis* (pp. 3-34). Londres: Karnac.
- Bion, W. R. (1974). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Biblioteca de Psicología Profunda.
- Cantis Carlino, D. e Carlino, R. (1987). Diálogo analítico: Un diálogo múltiple. *Psicoanálisis*, 9(3), 151-172.
- Carlino, R. (abril, 2005). ¿Psicoanálisis por teléfono? Trabalho apresentado no ateneu científico da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Buenos Aires.
- Carlino, R. (2010). *Psicoanálisis a distancia*. Buenos Aires: Lumen.
- Carveth, D. (janeiro, 2013). *Discussion of R. Carlino's presentation on "Distance Psychoanalysis"*. Toronto Psychoanalytic Society, Toronto.
- Estrada, T. (julho, 2009). *El psicoanálisis contemporáneo frente a la tecnología de telecomunicaciones. Incorporación o resistencia en la práctica analítica. Semejanzas y diferencias*. Conferência dada no pré-congresso do 46th Congress 2009: Psychoanalytic Practice: Convergence and Divergence da Associação Psicanalítica Internacional, Chicago.
- Estrada, T., Aryan, A., Briseño, A., Carlino, R. e Manguel, L. (setembro, 2014). Realidad Virtual y Realidad Psíquica. *La metáfora del "setting virtual" en el Psicoanálisis a Distancia*. Trabalho apresentado no 30º Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis 2014: Realidades y Ficciones, da Federação Psicanalítica da América Latina, Buenos Aires.
- Foucault, M. (1977). *Dits et écrits* (vol. 3). Paris: Galimard.
- González, A. (2011). Hacia una definición del proceso analítico: El papel que en él juega la angustia de separación. In A. Gaitán y A. Cobar (comp.), *Obras de Avelino González Fernández*. México, D.F: Sociedad Psicoanalítica de México. (Trabalho original publicado em 1966).
- Kernberg, O. (1990). *Desórdenes fronterizos y narcisismo patológico*. México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1975).
- Klein, M. (2005). *Obras completas de Melanie Klein, II: El psicoanálisis de niños*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1932).
- Kohut, H. (2001). *Análisis del self. El tratamiento psicoanalítico de los trastornos narcisistas de la personalidad*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1971).
- Leffert, M. (2003). Analysis and psychotherapy by telephone: Twenty years of clinical experience. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 51(1), 101-130.
- Lindon, J. A. (1988). Psychoanalysis by telephone. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 52(6), 521-528.
- Lipton, L. (2001). Long distance psychoanalysis. *Clinical Social Work Journal*, 29(1), 35-52.
- Lutenberg, J. (2011). *Tratamiento psicoanalítico telefónico*. Lima: Siklos.
- Manguel, L. (2015). Psicoanálisis telefónico: Una opción para los que viajan con frecuencia. Recuperado de <http://www.docsalud.com/articulo/2903/psicoanálisis-telefónico-una-opción-para-los-que-viajan-con-frecuencia>
- Meltzer, D. (2014). *El proceso psicoanalítico*. México, D.F: Paradiso. (Trabalho original publicado em 1976).
- Miller, M. (2005). Long-distance psychotherapy. *Harvard Mental Health Letter*, 21(7).
- Parker-Pope, T. (setembro, 2008). The benefits of therapy by phone. *New York Times*. Recuperado de <http://well.blogs.nytimes.com/2008/09/22/the-benefits-of-therapy-by-phone/>
- Richards, A. K. (2001). Talking cure in the 21st century telephone psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 18, 388-391.
- Rosenfeld, H. (2000). *Estados psicóticos*. Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1965).
- Scharff, J. (2013). *Psychoanalysis online: Mental health, teletherapy and training*. Londres: Karnac.
- Scharff, J. (2015). *Psychoanalysis online 2: Impact of technology on development, training, and therapy*. Londres: Karnac.
- Simon, G., Ludman, E., Tutty, S., Operskalski, B. & Von Korff, M. (2004). Telephone psychotherapy and telephone care management for primary care patients starting antidepressant treatment. *Journal of the American Medical Association*, 292, 935-942.
- Winnicott, D. (1979). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971).
- Zalusky, S. (1998). Telephone analysis: Out of sight, but not out of mind. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46, 1221-1242.

## Oliverio Gironde: vagidos na cornija

*Que coisa a poesia!*  
Alejandra Pizarnik

---

---

---

---

---

---

Uma jovem do Turquestão Oriental enviou ao seu amante uma trouxa que continha um punhado de chá, um ramo de erva, uma fruta vermelha, uma fruta seca, um pedaço de carvão, uma flor, um torrão de açúcar, um seixo, uma pena de falcão e uma noz. A mensagem queria dizer: “Já não posso beber chá, sem ti estou tão pálida como a erva, meu coração arde como o carvão, és tão belo como uma flor, tão doce como o açúcar, mas tens uma rocha no lugar do coração? Voaria ao teu encontro se tivesse asas, sou tão tua como uma noz que estivera em tua mão”.

---

---

---

---

---

---

Quando Borges escuta essa encantadora passagem do relato “Fora dos limites” (Kipling, citado por Manguel, 1999, p.416), quase pensando em voz alta, comenta a Alberto Manguel, agora escritor e então seu jovem e comedido leitor: “Qual será a diferença entre a palavra e a coisa? Kipling haveria inventado aquela linguagem concreta e, não obstante, simbólica?” (p. 34)<sup>1</sup>.

---

---

---

---

---

---

Com –segundo interpreto– similar gesto, em 1972 Carl Sagan incluiu na sonda Pioneer 10 a primeira mensagem do planeta Terra destinada a estabelecer contato com outras formas de vida inteligente. Em uma placa de ouro-alumínio anodizado, desenhou um homem e uma mulher nus<sup>2</sup>, a fórmula do átomo de hidrogênio neutro, alguns números do sistema decimal, a localização da Terra em relação ao Sol etc. Cinco anos mais tarde e a bordo das Voyager 1 e 2, enviou ao mesmo e ignoto destinatário música de Beethoven, Mozart e (embora desmentido pela Dra. Dubner<sup>3</sup>) dos Beatles. O disco já abandonou o sistema solar e continuará afastando-se do planeta durante o próximo bilhão de anos. Pergunto-me se aos olhos (olhos?) do extraterrestre haverá muita diferença entre a intenção poética de Carl Sagan e a daquela jovem do Turquestão Oriental –entre a pequena trouxa e a nave espacial–, e se Borges não poderia renovar o

---

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. N.T.: Tradução de Soares; Manguel, A. (1997). In P.M. Soares (Trad.), *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras.

2. Referência duvidosa, já que, em um ato de histórico pudor, o governo dos Estados Unidos impediu que o sexo da mulher fosse desenhado.

3. Diretora do Instituto de Astronomia e Física do Espaço (IAFE); comunicação pessoal.



questionamento: Sagan haverá inventado essa linguagem concreta e, não obstante, simbólica?

Acredito haver encontrado uma resposta. Na linguagem comum, as palavras servem para nomear as coisas, mas, quando a linguagem é realmente poética, as coisas servem para nomear as palavras. A bela ideia não me pertence: é de Joseph Joubert.

O destino do poeta apaixonado é escrever odes. Sobre o resultado da iniciativa, Alberto Laiseca (1987) se mostra cético:

Um homem apaixonado nunca será um astuto guerreiro, nem um grande sábio, nem um bom poeta. (p. 20)

Mas a experiência nos mostra que uma só temporada na praia do amor-paixão constitui a fonte inesgotável dos poemas felizes. Sua letra nos pacifica e acalma, deixa supor um limbo onde reina a suspensão da impossibilidade. E, por um instante, esse louvor ao encontro perfeito permite instalar a ilusão de que a relação sexual cessa de não se escrever.

Ilusão de que algo não somente se articula, mas se inscreve, se inscreve no destino de cada um, pelo quê, durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem<sup>4</sup>. (Lacan, p.1985, p.198)

Mas o que acontece quando, em transe de ler um poema de amor, não recorremos a certos clássicos? Por exemplo, a Neruda (esse

---

4. N. T.: Tradução de Magno; Lacan, J. (1985). O rato no labirinto. In M.D. Magno (Trad.), *O seminário - Livro 20: Mais, ainda* (pp.198-199). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1975)

eterno apaixonado a quem o mais irreverente dos escritores argentinos qualificou com um xingamento<sup>5</sup>): “Borboleta do sonho, te pareces com minha alma,/ e te pareces com a palavra melancolia”. E se, ao contrário, nos deparamos com um poeta ilegível, alguém que para nomear sua amada inventa palavras indizíveis? Palavras inexistentes e à beira psiquiátrica do neologismo.

*Mi Lu  
mi lubidulia  
mi golocidalove  
mi lu tan luz tan tu que me enlucielabisma  
y descentratelura  
y venusafrodea  
y me nirvana el suyo la crucis los desalmes  
con sus melimeleos  
sus eropsiquisedas sus decúbitos lianas y dermiferios limbos y  
gormullos  
mi lu  
mi luar  
mi mito  
demonoave dea rosa  
mi pez hada  
mi luvisita nimia  
mi lubísnea  
mi lu más lar  
más lampo  
mi pulpa lu de vértigo de galaxias de semen de misterio  
mi lubella lusola  
mi total lu plevida  
mi toda lu  
lumía.*

Ninguém com mais de quatro leituras se atreveria a sugerir que essa grande enumeração de epítetos não constrói um poema de amor. Um amor possessivo e obsessivo, escrito no limite da razão e da linguagem. E embora, segundo queira Novalis, o amor seja mudo, aqui sua letra ressoa e trabalha. Urge aqui e além do sentido. Ameaça renunciar à significação sem deixar de arranhá-la.

Ali, a *golosidalove* chamada Lu parece atravessar a vereda do poema sacudindo sua polpa em melífluos *melimeleos*. Ela, que nesse movimento vai se metamorfoseando para ser peixe fada<sup>6</sup>, meu mito<sup>7</sup> e rosa, sem sequer tornar-se. Sem responder e, presumo, sem entender, perseguida por um fluxo de palavras e imagens de raiz incerta, até parar em *lumía*. O poema é de Oliverio Gironde (1956/1968, p. 421) e se intitula assim: “Mi lumía”; constitui o único poema “otimista” do clássico e mais que difundido livro *En la masmédula*. O restante são versos sombrios e desencantados, escritos no mesmo idioma de ruptura destinado a saltar por cima das convenções sintáticas, semânticas e fonéticas. São truques e operações sobre a linguagem, cujo efeito é fazer com que se sinta sua falta e também nos causar estranheza.

5. “Um idiota com vista para o mar” (no original, “Un boludo con vista al mar”; Viñas, citado por Moreno, 2013, p. 53).

6. N.T.: Em espanhol, soando também como “*pesada*”, difícil, chata.

7. N.T.: E também “*mimito*”, que significa “carinho”, “cafune”, em espanhol.



Não posso com o gênio, com minhas leituras, meus anos de educação cristã-ocidental, e me traio, traindo também ao poema e ao poeta. É que necessito correr até um dicionário, o *maior*, o da Real Academia Espanhola, que responde com fria obviedade:

A palavra *lumía* não está registrada no dicionário.  
A palavra mencionada a seguir possui formas com uma escrita próxima:  
*lumia*

E na trilha da *lumía* sem acento, descubro:  
1. f. p. us. Prostituta.

Ah.

Entre palavra e coisa, entre grito e chamado. Mas, em vez de *grito*, direi *vagido*. Entendo que o *vagido* é o primeiro choro e talvez um último registro: o que resta do grito no transe de cair pelo precipício. Héctor Libertella (1993) refere-se a esses escritos como “os *vagidos* que Girondo grita” (p. 239). Libertella! Esse cativante fiador, também, que em 1991 decidiu chamar “a Literatura entendida como puro desvanecimento: o que caminha sobre cornijas ou assume a figura do Precipício” (p. 26).

Nem palavras nem coisas, o que a escrita girondiana tenta em 1956, nesse que foi o último livro que escreveu em sua vida, não é um ensaio ou um jogo figurativo. Tampouco é abstrato. Mas esse poema extremo, que assiste ao abismo do legível/ilegível, nos aproxima do que Barthes considera a própria essência da escrita. Embora não pense, embora ofereça sua vida para conseguir, cada poeta (v.g., Alejandra Pizarnik) intui, como diz a carta que o semiólogo francês enviou à pintora Mirtha Dermisache<sup>8</sup>, que “nada é mais difícil do que produzir uma essência, ou seja, uma forma que se reverta apenas sobre seu nome” (Barthes, citado por Libertella, 1993, p. 264). Nós diríamos: uma boca que beije a si, um significante que signifique.

O famoso “*Mi lumía*” e todos os poemas que compõem o livro se constroem com expressões linguísticas não lexicalizadas. Novas vozes, neologismos. São formas que se administram sozinhas, com farpas e estratégias de uma outra linguagem. Um idioma não familiar, que parece se originar de outro pensamento, que se afasta do previsível da fala comunicativa e escolhe ser hermético, que demanda um esforço de vontade para determinar seu significado, e embora saibamos que isso continuará a escapar, nossa empenhada mente trabalhará para capturá-lo. O leitor logo experimenta um leve e difuso mal-estar, perturba-se, incomoda-se... à beira da angústia (ou do seu parente próximo, o enfado), quer deixar de ler. Sim, reconhecamos, poucos levarão esse livro ao abrigo atômico ou à sua ilha deserta.

E se é difícil avançar em sua leitura, é porque tratam-se de palavras dentro de palavras e sob palavras, enroladas e sobrepostas, burlando-se das regras jacobsonianas da função poética. Jogando o Scrabble com o eixo da substituição/cominação<sup>9</sup>. São verbos e

8. Trata-se de uma carta que permaneceu inédita durante muitos anos e que foi citada por Libertella em *Las sagradas escrituras* (1993).

9. “A sabedoria girondiana é audaz porque não apenas sabe que o eixo do sentido se desloca, mas também se dispõe a brincar com essa certeza deslocando-o (assim se antecipa e escreve essa letra ‘incompreensível’).” (Kamenzain, 1983, p. 24).

substantivos, prefixos e sufixos que o poeta dobra, aperta e coloca sob pressão nas “palavras-valise” de Lewis Carroll, e até nas palavras roubadas, desvalisadas (*mot dévalisés*), de Michael Leiris.

Todas essas páginas parecem estar aí para reavivar a ferida de uma impossibilidade: aproximam-nos do umbigo do dizível. Melhor dito: do drama do indizível. Drama que nosso poeta pretende transformar em comédia, no soar daquela “*thing Ding*” que nunca deixa de não se inscrever. Pensemos em quanto ensaio, em quanto estudo crítico foi lido sobre aquilo que Néstor Perlongher propunha para a poesia em geral: trata-se de evocar uma perda irremediável, um enigma que não pode ser nomeado. E nada mais certo: na escrita poética se joga plenamente o limite impossível da palavra. Impossibilidade que, suspeitamos, está profundamente enraizada na ausência de *rapport* sexual. E ao dizer *rapport* recordemos que a palavra francesa inclui também a noção de “medida”. É que o inconsciente padece de um defeito no dizer, um dizer que falta, que está forcluído e que é visto nas pessoas ante o processo de inscrever *cuidadosamente* o Outro. Essa incapacidade, porém, coincide ou lida *en abîme* com as limitações da linguagem, ainda mais ao se tratar da linguagem que usamos na expressão do sexual, com seus vagidos e desvanecimentos.

E, se o leitor de *En la masmédula* roça a angústia, é porque o poeta enterrou bombas no jardim. E incendiou a fronteira com a intenção de tornar estranho o campo tranquilizante do sentido. Fez com que copulassem palavras e coisas em aparente desordem. E reforço o “aparente”, porque nesses versos se esconde uma engrenagem textual, uma retícula (diria Libertella) ou uma espécie de trouxa que contém, modela e dá forma a essa mescla de fonemas articulados de maneira extravagante, que as sustenta e acolhe no plano do que, sem saber bem por quê, chamamos arte. Que estranho *daimon* nos deixa ler poesia aqui, e não um flagrante arremedo?

Talvez esses versos nos coloquem sobre o rastro de um feito em que não costumamos nos demorar, isso que para o linguísta é uma obviedade: o significante e o significado não estão soldados, a palavra não se ajusta à coisa que nomeia. A palavra *rosa* não perfuma<sup>10</sup>, *quá-quá* não nada na lagoa, e *enlucielabisma* não provém do verbo *enlucielabismar*. *Enlucielabisma*, no poema que estudamos, pode querer dizer muitas coisas, e também nenhuma. St. Boss (2011) expressa melhor:

De alguma maneira, podemos afirmar que, quando dizemos que algo *quer dizer* outra coisa, estamos significando um conceito bem distinto do girondiano, o que nos levaria ao fato de que, *En la masmédula*, nada *quer dizer* nada, mas diz. Embora não possamos dizer que diga, a questão é que diz algo, quer dizer que Girondo, através de técnicas cunhadas ao longo de toda uma vida dedicada à poesia, nos leva a um nível de compreensão do qual não podemos regressar com nossas próprias armas. (pár. 13)

Todos os poemas desse livro foram escritos em um idioma que não foi cifrado, não está relacionado a um código e tampouco possui uma chave equivalente de leitura (e nem falar de tradução...!), Como

10. “Rose is a rose is a rose is a rose”, prometeu Gertrude Stein. William Burroughs replica: “The word for word is word”.

sucede nas interpretações dos sonhos. Como sucede na escuta trans-ferencial. Permitam-me retomar do nosso começo.

Como se comportará o amante da jovem do Turquestão Oriental, no momento em que receber a trouxa? Somente por amor ao distante correspondente, a moça supõe que ele tenha um saber: ele foi requisitado como leitor. Como leitor-poeta, entende-se. Pergunto-me se, no privilegiado encontro do analista e do analisando, não acontece algo similar, se esse ato de falar diante de alguém sobre quem pressu-omos um saber –o saber do inconsciente, o saber da psicanálise– não se parece ao gesto de abrir a trouxa e ir revelando um punhado de chá, um ramo de erva, uma fruta vermelha... (*um lapsó, um familiario, um sonho com lobos, um Glanz auf der Nase*).

Embora o mecanismo de construir novas palavras não se afaste dos procedimentos de formação de vozes já convencionados (derivação, composição, parênteses), nesses poemas as formas funcionam como silhuetas de conceitos. E, se não circulam na comunidade linguística, acredito que não é somente por causa da sua estranheza, também é porque se parecem aos neologismos e diminutivos que brotam nos arroubos íntimos e na loucura amorosa.

Contudo, essas palavras vêm ocupar o lugar de uma metáfora destinada a juntar reinos semânticos muito distantes. Ali onde outro poeta construirá uma figura para envolver sua musa na aura “borboleta-melancólica”, Gironde inventará estranhísimos substantivos misturando sílabas, letras e até resíduos fonéticos de vozes, como se estivesse buscando a peça secreta capaz de *encaixar* um ruído a um significado e, em vez de vestir seus produtos com o glamoroso encanto da metáfora, ele gozará desnudá-los até o osso. Por isso não se esforça em fazer comparações. Por isso não diz que sua Lu é como um demônio amoroso, nem fala das suas diabruras, nem põe figuras a voar para sugerir que ela se parece a um animal fabuloso, a uma ave ou a um macaco (mas adorável). Nosso poeta funde, e a chama de *demonoave*<sup>11</sup>. Ou de *mi venusafrodea*, Vênus Afrodite e/ou afrodisíaca e/ou africana. Minha *lubella lusola*/ minha *total lu plevida*, bela e só, até (por que não) plena de vida. Posso seguir novelando, arengar até o desmaio... Por acaso não é o que supõe Derrida? O enigmático não descreve nada, porque no coração do enigmático (*Rätselhafte*) habita o vazio. Mas esse tipo de vazio, essa especial vaga, “chama, como todo enigma, um relato” (Derrida, 1980/2001, p. 286). Então, fabulemos juntos: se, entre outros efeitos, a deslumbrante Lumia *descentratelura* o poeta, também nós, leitores, ficamos *descentratelurados*: fora do centro da Terra Firme da Linguagem.

## Resumo

A autora deste ensaio pergunta o que sucede quando, em transe de ler um poema de amor, não recorremos a certos clássicos, v.g. Neruda, e propõe-se a ler detalhadamente “Mi lumia”, o famoso poema de Oliverio Gironde pertencente ao livro *En la masmédula*, de 1956. Tal poemário extremo se aproxima do abismo do legível/ilegível. Todos os seus versos se constroem

11. N.T.: Em espanhol, junção das palavras demônio, macaco e ave.

---

---

---

---

---

---

---

---

com neologismos, formas criadas com pequenos fragmentos de uma outra linguagem, cujo efeito é sentir sua falta e causar estranheza.

Néstor Perlongher propõe que a poesia em geral não deixa de evocar uma perda irremediável, um enigma que não pode ser nomeado. E nada mais certo: na escrita poética lida-se plenamente com o limite impossível da palavra, impossibilidade profundamente enraizada na ausência de *rapport* sexual. Todos os poemas desse livro foram escritos em um idioma que não foi cifrado, não está relacionado a um código e tampouco possui uma chave equivalente de leitura. Então, questiona-se o leitor de psicanálise: por acaso não sucede algo semelhante quando interpretamos os sonhos ou no que em nossa prática chamamos de escuta transferencial?

---

---

---

---

---

---

---

---

**Palavras-chave:** *Paixão, Escrita, O irrepresentável, Objeto de amor, Poesia.*

---

---

---

---

---

---

---

---

### Abstract

The author of this essay wonders about what happens when while reading a love poem we don't turn to certain classics, e.g. Neruda, and she sets out to read in detail "Mi lumia", Oliverio Gironde's famous poem, included in his book *En la masmédula*, published in 1956. This book of poems leans over the abyss of legibility/illegibility. All his verses are built with neologisms, forms made up of small fragments of an alien language, which creates the effect of becoming strange and forces us to notice the strangeness.

Néstor Perlongher suggested that poetry in general constantly evokes an irreparable loss, a mystery that cannot be named. There's no bigger truth: when writing poetry, the limits of the words are bent as much as possible, an impossibility profoundly rooted in the absence of sexual rapport. All the poems in the book, written in a non-coded language, lack an unambiguous reading key. Thus, the Psychoanalysis reader is enquired: doesn't something similar happen when we interpret dreams, or in what we call transferential hearing?

---

---

---

---

---

---

---

---

**Keywords:** *Amorousness, Writing, The unrepresentable, Love-object, Poetry.*

---

---

---

---

---

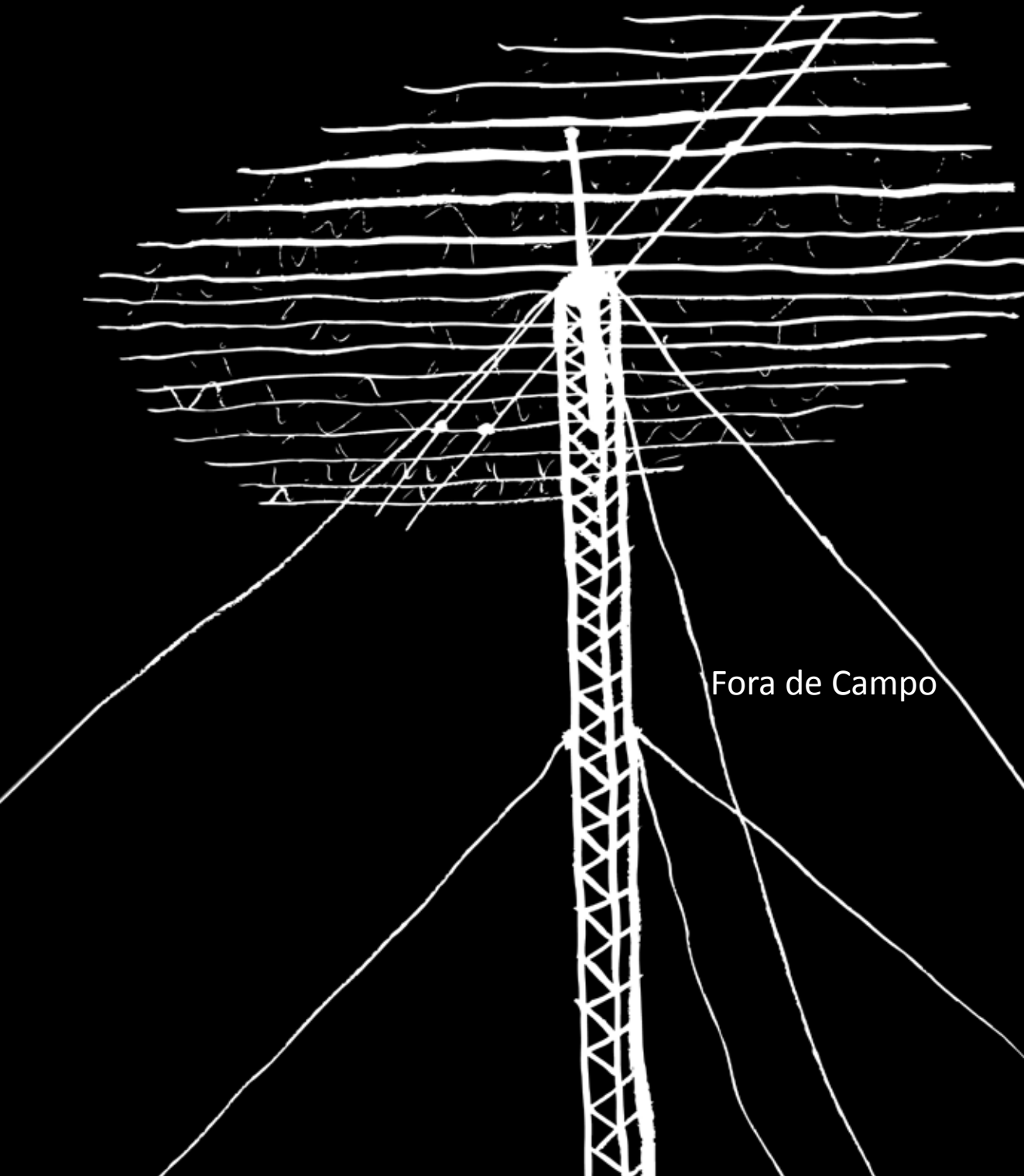
---

---

---

### Referências

- Derrida, J. (2001). *La tarjeta postal: de Sócrates a Freud y más allá*. México: Siglo Veintiuno. (Trabalho original publicado em 1980).
- Gironde, O. (1968). En la masmédula. In O. Gironde, *Obras completas* (pp. 217-264). Buenos Aires: Losada. (Trabalho original publicado em 1956).
- Kamenszain, T. (1983). *El texto silencioso*. México, D.F.: Universidad Nacional de México.
- Lacan, J. (1981). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aun*. Buenos Aires: Paidós.
- Laiseca, A. (1987). *Poemas chinos*. Buenos Aires: Libros de Tierra Firme.
- Libertella, H. (1991). *Los juegos desviados de la literatura*. Buenos Aires: Grupo Editor de América Latina.
- Libertella, H. (1993). *Las sagradas escrituras*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Manguel, A. (1999). *Una historia de la lectura*. Santa Fe de Bogotá: Norma.
- Moreno, M. (2013). Tributo a David Viñas. In M. Moreno, *Subrayados* (pp. 53-55). Buenos Aires: Mardulce.
- St. Boss. (2011). En la masmédula. Recuperado de <http://loslectoresbarbaros.blogspot.com.ar/2011/10/en-la-masmedula.html>



Fora de Campo

## A pessoa do analista e a edição na análise

A partir das investigações e publicações de H. Racker (1948/1953, 1960) e P. Heimann (1950, 1960), a maior parte dos autores aceitam e validam o uso técnico da contratransferência (Etchegoyen, 1986). Considero também que é transcendental considerá-la como um complemento da análise da transferência; já que ajuda a discriminar as configurações inconscientes do analisando através do reconhecimento das configurações conscientes, pré-conscientes e inconscientes do analista.

As diferentes visões teóricas e técnicas da repetição, da repressão, da reedição, da projeção, da identificação projetiva normal e patológica, e da cisão do eu são complementadas por diversas versões da transferência e da contratransferência. Cada vez mais, os autores incluem o inconsciente não representado como parte dos problemas técnicos a resolver durante a análise, para além da estrutura psicopatológica predominante nos pacientes (neuroses, borderline, adições, psicoses).

Dentro desse amplo espectro de variáveis no tocante à consideração da contratransferência, neste texto gostaria de expor minha visão em relação a um aspecto específico do seu uso técnico, muito próprio da análise dos pacientes não neuróticos (borderline, adictos, psicopatas secundários). Refiro-me à edição na análise.

Trata-se de uma criação técnica do analista, que deve ser diferenciada do clássico conceito de reedição na análise (Freud, 1914/1980b). A edição implica para o analista um trabalho vinculado com a sua capacidade criativa pessoal. Apesar de também depender de todos os conhecimentos técnicos precedentes, na edição na análise a pessoa total do analista desempenha um papel fundamental.

Para proceder à edição é imprescindível –tal como postulou Bion (1967)– que o nível consciente da mente do analista esteja livre das pressões do passado (memória), do futuro (desejo) e da ânsia consciente de conhecimento.

Sua técnica, sua epistemologia, sua ética e sua operatividade clínica devem ser sustentadas pelo “amor à verdade” do analista. Sua validade operativa no campo analítico (Baranger & Baranger, 1969) é expressa mediante a investigação sincrônica e diacrônica da “verdade vincular”. Nos capítulos II e IV do meu livro *El psicoanalista y la verdad* (Lutenberg, 1998), desenvolvo minha perspectiva do ponto de vista teórico e técnico.

Para sintetizar o núcleo dos conteúdos que apresentarei neste texto, direi que o conceito de edição na análise pretende significar as vicissitudes de um processo

---

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.



libidinal a serviço da potencial evolução mental do analisando, aproveitamos o caminho virtual que tal função objetualizante nos insinua e a colocamos tecnicamente a serviço da criatividade própria da edição transferencial.

A muda pulsão de morte age apagando as inscrições pré-conscientes e inconscientes configuradas previamente (Freud, 1915/1986a, 1915/1986b). A partir do vínculo analítico, tenta des-complexizar todo o trabalho vincular que implica a edição prévia. Materializa-o atacando o vínculo analítico nos termos apresentados por Bion em seu artigo “Ataques al vínculo” (1967, Capítulo 8). A pulsão de morte opera de forma imperceptível quando se dirige a dismantelar o lugar (vínculo analítico) onde é gerada a edição.

As constantes e complexas falhas na associação livre dos pacientes não neuróticos nos oferecem um testemunho transferencial dos “abortos mentais” que viveram durante a sua história. É por isso que entendo que, durante o decorrer do seu processo analítico, representam e dramatizam no vínculo com seu analista, postas em ação, passagens ao ato ou acting in-out, ou criatividade negativa, que nos permitem ter acesso às suas “catástrofes mentais atemporais” impossíveis de serem representadas e simbolizadas.

Se formos capazes de imaginar as figurações semânticas impossíveis de serem criadas pelo paciente dentro do vínculo analítico, podemos ter outra concepção técnica do que determina neles o silêncio associativo de cada sessão.

Por trás do silêncio de um paciente neurótico, podemos apreciar a ação psicodinâmica de uma defesa egoica específica: a repressão (*Verdrängung*) ou o esforço de desalojamento da consciência (Freud, 1915/1986c), que tenta subtrair e excluir do diálogo analítico os conteúdos de um rico mundo mental editado e diferenciado em estruturas conscientes, pré-conscientes e inconscientes.

Mas esse não é o único silêncio possível. No meu livro *El vacío mental* (Lutenberg, 2007, Capítulo 4), descrevo 11 tipos de silêncio, como o silêncio próprio da neurose, das fantasias paranoides, do sentimento de terror, da dor, a depressão primária (melancólica) ou secundária (defensiva), o silêncio reflexivo e o silêncio próprio do vazio mental.

Por baixo do silêncio próprio do vazio mental, pode ser inferida a existência de estruturas defensivas secundárias que tentam neutralizar o vazio mental primário ou a própria evidência do vazio mental. Nesse último caso, por baixo do silêncio vazio não há outra coisa além de vazio mental.

A especificação clínica desse tipo de silêncio por parte do paciente, tão diferente de outros, me levou a investigar os pormenores da teoria e da psicopatologia do vazio mental estrutural (Lutenberg, 2007). Minha resposta técnica proposta para trabalhar terapeuticamente como psicanalista frente a esses problemas estruturais da mente do paciente é prosseguir com a edição transferencial.

Para tornar tecnicamente possível a edição transferencial, o analista deve recorrer a múltiplos elementos conceituais que possibilitam e facilitam sua criatividade e legitimam sua originalidade técnica. Para se sentir livre na arte de construir suas intervenções específicas e pontuais, o analista deve ser consciente da sua concepção epistemológica, ética e técnica pessoal, daquilo que, na técnica psicanalítica, denomina-se neutralidade analítica (Etchegoyen, 1986).

Pessoalmente, considero que o conceito de neutralidade analítica é compatível com a validação técnica da sua subjetividade pessoal e de suas ressonâncias contratransferenciais, adotadas como base para a construção de todas as suas intervenções, das quais as indicações e as interpretações conscientes dos conteúdos do paciente são apenas uma parte.

Essa afirmação que se refere à validação da subjetividade do analista, colocada a serviço das suas funções terapêuticas, se sustenta nas hipóteses de Heisenberg



e Feyerabend. Em 1927, Heisenberg formulou um princípio de investigação: o “Princípio de Heisenberg”, em relação ao fato de que, ante toda investigação (em física ou em outras disciplinas, de acordo com a minha compreensão), o método empregado pelo observador de um fenômeno condiciona o que este irá observar.

Em suas reflexões epistemológicas, Feyerabend (1989, Capítulo 1) afirma que “... não há uma só regra, por mais plausível que seja, ou por mais bem baseada que esteja na epistemologia, que não sofra uma infração em uma ocasião ou outra” (p. 14).

Entendo que, do ponto de vista técnico, a transformação criativa do analista, dos elementos inéditos na mente do paciente, pertence à especificidade da tarefa de edição na análise. A contratransferência, bem elaborada e bem autoanalisada pelo analista, contribui com os elementos essenciais que compõem a singularidade invisível e inédita do analisando, não a do analista.

Apesar de o analista utilizar sua subjetividade como matéria-prima para conceber e intuir o vazio semântico do paciente, pode conservar sua neutralidade analítica, dentro das reconhecidas limitações na objetividade das suas apreciações, se tiver clara a margem de erro implicada em toda apreciação subjetiva ou objetiva.

Como nos mostra a medição na física, o problema da precisão em uma medição não está só na cifra abordada, mas também na indicação da margem de erro que o método de medição utilizado reconhece antecipadamente. Quando se trata de delimitar a margem de erro contida nos conceitos que são reconhecidos mediante os signos de linguagem, o problema se complica um pouco mais. O analista deve se precaver quanto a tal faixa de erro.

Muitas vezes é o paciente quem os detecta. Se isso acontecer, é um elemento emergente transferencial que nos indica a transferência positiva do paciente. Mas pode acontecer que o analista confunda esses signos de colaboração positiva com signos que evidenciam a transferência negativa do paciente, já que estamos nos referindo à recusa do paciente à interpretação formulada pelo analista.

Retomando minha anterior discriminação em relação ao peculiar e diferenciado intercâmbio emocional produzido no vínculo transferência  $\longleftrightarrow$  contratransferência durante a análise dos pacientes não neuróticos, pensar na possibilidade da edição transferencial nos situa de outro modo frente a todos os desafios técnicos próprios da psicanálise contemporânea.

Nas consultas dos pacientes narcisistas, tão frequentes nos últimos 30 anos, os transtornos psicopatológicos derivados das consequências da cisão do eu (Freud, 1927/1979a, 1940/2004b) são amplamente predominantes em comparação com os transtornos psicopatológicos derivados do que foi reprimido pelo eu (Freud, 1915/1986c). Esses últimos, sim, dão lugar à reedição na análise. Os primeiros sempre reclamam da técnica do analista uma criativa combinação do esclarecimento do que é reeditado com o nunca editado na mente do paciente. Esses últimos componentes geralmente podem ser inferidos pelas transgressões criativas ao enquadre (Bleger, 1967) que o analista propõe e o analisando aceitou.

Essa visão do vínculo analítico me levou a propor a substituição do conceito de acting out pelo de “criatividade negativa”<sup>1</sup>. Para aprofundar a investigação desses problemas, o conceito técnico de cesura (Bion, 1977) contribui para visualizar a relação transferência  $\longleftrightarrow$  contratransferência de outro modo.

De minha parte, complementei o conceito de cesura (Bion, 1977) com o conceito de “interface”, proveniente da informática. A partir da página 16 do meu livro

---

1. Lutenberg, J. (2005). A criatividade negativa e as doenças psicossomáticas. *Revista de Psicanálise*, 12(2), 329-353. Lutenberg, J. (2006). El Acto psicopático, la creatividad negativa y el vacío mental. *Actualidad Psicológica*, 31(347), 28-32.

*Teoría de los vínculos* (Lutenberg, 2008), realizo um exaustivo desenvolvimento da minha visão sobre esse conceito.

Vou transcrever uma breve síntese do que está publicado ali:

Denomina-se interface o vínculo técnico entre o usuário e o computador. Se a interface é ótima, o usuário pode tirar maior proveito do computador e das redes aos quais ele está conectado. Quanto mais transparente e fácil de utilizar for um computador para o usuário, melhor é a interface. Todas as novas versões dos programas Windows destinam-se a melhorar a interface... Nas condições ótimas da interface, o usuário nem percebe as diferenças de linguagem... Se considerarmos o vínculo analítico como uma “interface”, um “inter”, uma ponte entre a transferência e a contratransferência, abre-se para nós um modelo diferente para repensar a técnica psicoterapêutica e psicanalítica, considerando a capacidade de compreensão semântica do analisando como uma referência básica da construção da interpretação. Pensamos assim mais na “interface” transferência ⇔ contratransferência do que na “censura; repressão ou cisão” do paciente. Trata-se de um vértice diferente vinculado à abordagem técnica das psicoterapias de base psicanalítica e aos próprios processos psicanalíticos. Ou seja, envolve todas as psicoterapias baseadas na hipótese ontológica de que no inconsciente do paciente são condicionadas as pautas que cedem lugar à sua doença mental. Essas perspectivas técnicas encontram maior rendimento com os pacientes que portam uma patologia narcisista. Esse modelo também pode nos ajudar a rever os problemas vinculados à crise atual da psicanálise e sua relação com as “resistências” à análise dos consultantes e da “sociedade” em seu conjunto. (Lutenberg, 2008, pp. 18-20)

Essa revisão conceitual é sustentada pela minha visão pessoal da verdade psicanalítica. Vou transcrever uma síntese da minha definição de verdade vincular, do meu livro *El psicoanalista y la verdad* (Lutenberg, 1998):

A prática da psicanálise requer uma definição de verdade que leve em consideração as propriedades específicas da operatividade psicanalítica... adquire máxima importância a verdade que emerge da observação do acontecer dinâmico gerado pelo encontro de duas personalidades que trocam informação em um vínculo de privacidade... devemos trabalhar com um conceito psicodinâmico de verdade altamente dependente da inter-relação entre analisando e analista. Foi assim que surgiu em mim a definição de verdade mental que coincide com a noção de verdade vincular: “A verdade mental é uma evidência vincular fulgurante e evanescente, cuja validade perdura apenas o tempo necessário para estimular o aparelho mental de pensar os pensamentos”. Vista desse modo, a verdade mental é basicamente um estímulo que trafega através do vínculo transferencial... Conceber a verdade como um elemento emergente do próprio trânsito de emoções que circulam pelo vínculo transferencial nos oferece outra dimensão no que diz respeito à sua própria existência conceitual... podemos nos perguntar em que medida a busca da verdade “objetiva” é um derivado de uma concepção científica positivista (ou neopositivista) do intercâmbio psicanalítico e/ou além do mais encobre uma perspectiva jurídica. (Capítulo 5, fragmento C)

Depois, desenvolvo nesse texto as relações que encontro entre o conceito de interface, proveniente da informática, e o conceito de cesura, originado nas variações propostas por Bion em relação a toda teoria, técnica e psicopatologia psicanalítica.

Em seu artigo “La cesura”, Bion (1977) propõe várias hipóteses em relação à continuidade conceitual que existe entre o não nascido do psiquismo humano e o que pode nascer dentro de uma mente a partir da sua capacidade vinculante. Trata-se do seu desenvolvimento pessoal de um conceito próprio que Freud já havia postulado. Pessoalmente, entendo que a verdade psicanalítica deve ser procurada ali, na cesura que separa a transferência da contratransferência: dessa inter-relação dos dois integrantes do par analítico emerge o que denomino verdade vincular (Lutenberg, 1998, Capítulo 4). Também na cesura analítica são geradas a reedição e a edição transferencial.

Pichón-Riviere<sup>2</sup> afirmava que, em uma análise, o diagnóstico depende do paciente (e podemos acrescentar que dele dependem as figuras da transferência), mas o prognóstico do processo analítico depende do analista. No momento em que re-dijo esta frase, percebo que essa afirmação do meu primeiro mestre da psicanálise, Pichón-Riviere, foi uma das fontes de inspiração que me conduziram a conceber o conceito de “edição” na análise.

Esse genial mestre da psicanálise e da psicologia social sempre transmitiu uma mensagem que convidava à liberdade criativa da mente dos seus alunos, combinada com a responsabilidade científica e a sensibilidade estética, que possuem a história da arte e a arte em si, como fonte de conhecimento intuitivo de todo psicanalista clínico.

Vale a pena recordar que a palavra *aluno*, em castelhano, pode ter duas origens: a) uma delas corresponderia à sua origem na língua grega e alude a uma pessoa sem luz (*a-lumen*); b) a outra corresponderia ao latim e, mais especificamente, ao termo *ad-lumen*, que significa “em direção da luz”.

Como vemos, trata-se de dois significados muito diferentes do termo *aluno*, que nos remetem, por sua vez, a vértices éticos, lógicos e epistemológicos muito diferentes no que diz respeito à docência, aos vínculos psicanalíticos e aos vínculos humanos.

A edição em análise, colocada em jogo na cesura vincular psicanalítica, só pode conceber a acepção latina de aluno (em direção à luz), já que sua prática técnica conduz à “luz da consciência” ambos integrantes do par psicanalítico. Na minha opinião, trata-se de uma redefinição atualizada e adaptada à técnica psicanalítica do “Mito ou alegoria da caverna” de Platão<sup>3</sup>.

Em geral, quando os conteúdos que estão sendo analisados pertencem a setores divididos pela cisão do eu, o analista também enfrenta na transferência fenômenos próprios da alucinação negativa do analisando (Green, 1993), defesa muito diferente da repressão.

Mas devemos levar em consideração que no analista também pode ser gerado o problema mental próprio da alucinação negativa, o que complica muito a análise do mundo interior do analisando. É uma condição da contratransferência que fica evidente, em geral, em uma supervisão ou durante as reflexões do analista na pós-sessão.

De acordo com Green (1993), que investigou profundamente o problema, quando o mecanismo da alucinação negativa patológica opera, encontra-se em jogo na mente de quem padece essa defesa a possibilidade de que surjam, a partir do polo perceptivo, imagens e vivências vinculadas às protofantasia. Vale a pena levar em consideração essa hipótese quando se produz no devir dinâmico da cesura vincular a alucinação negativa no analisando ou no analista (não escutar que o outro está falando com ele, por exemplo), já que envolve conceitualmente os componentes nunca editados nem no analisando nem no analista.

São parte dos componentes do id que nunca se transformaram no eu inconsciente, de acordo com a teoria de Freud. O problema clínico reside no fato de que dão lugar ao sentimento de terror (Freud, 1926/1979b), não ao sentimento de angústia sinal.

---

2. Pichón-Riviere, E. (1970). [Comunicação pessoal]. Cópia em poder de Jaime Lutenberg.

3. Trata-se de uma metáfora de Platão publicada no início do fragmento VII do seu livro *A República*. Refere-se à situação em que o ser humano se encontra em relação ao conhecimento. Ali explica o fato de que com conhecimento podemos captar a existência dos dois mundos: o mundo sensível, que entra através dos sentidos, e o mundo inteligível, reconhecível ou apreensível para a mente apenas através do uso da razão.

Quando apresenta-se no campo analítico (Baranger & Baranger, 1969) todo esse conjunto de elementos que nos indicam a vulnerabilidade mental do analisando (e a potencial vulnerabilidade mental do analista), podemos inferir que o trabalho exigido pela situação vincular na qual emerge o sentimento de terror requer realização da edição na transferência.

Trata-se de uma configuração de um momento do campo analítico, em que se fazem presentes no aqui e agora comigo aquilo que *desde sempre foi assim, sem ninguém*. Trata-se de evidências transferenciais de uma *orfandade mental inenarrável*, mas que adquire um precisão inusual sobre a base dos signos evidenciados na cesura analítica.

Tal orfandade mental –que a cesura e o diálogo analítico evidenciam– nos oferece uma enorme quantidade de dados que nos permitem a reconstrução dos pormenores da orfandade histórica do paciente. De acordo com a minha experiência, com os pacientes borderline, é difícil dialogar sobre os dados que se referem às suas patéticas carências vinculares históricas (verdade histórico- vivencial, de acordo com Freud) e às suas experiências traumáticas vividas com seus objetos primários. Com eles, a tentativa de tornar consciente o inconsciente (Freud, 1914/1980b) pode dar lugar a uma potencial *prática analítica iatrogênica*.

### **Metapsicologia da edição na análise**

Em seu livro *Learning from experience*, Bion (1962) realiza um giro fundamental em relação à teoria psicanalítica do pensamento. Sua revisão reformula vários pontos fundamentais da metapsicologia postulada por Freud na primeira e na segunda tópica (Freud, 1915/1986b, 1923/1992b, 1926/1979b).

Para fazer um esforço máximo de síntese dessa modificação teórica –e levando em consideração suas ressonâncias na clínica e na técnica psicanalíticas–, direi que, para Freud, essencialmente, o pensamento é um destino da pulsão de vida. Isso implica que primeiro existe o pensador, no qual a pulsão se origina, e depois vem o pensamento como um derivado egóico da pulsão de vida sublimada. Entendo que, para Freud, a pulsão de morte é a responsável por apagar os pensamentos pensados, já que para ele (Freud, 1920/1979c) a pulsão de morte é muda, opera mediante a descomplexização do que foi complexizado por eros.

Por outro lado, para Bion (1962, 1963, 1965, 1970), primeiro aparecem os pensamentos e depois o pensador. Os “pensamentos a serem pensados” são o estímulo específico que gera a função mental encarregada de pensá-los. Para que isso aconteça, é fundamental que tais estímulos se transformem em elementos alfa. Isso só acontece se antes for ativada a “função alfa”, que é a que gera os elementos alfa.

O que é transcendente para a configuração dos pensamentos é que a função alfa produza elementos alfa, não importa tanto que esses elementos alfa pertençam à esfera do consciente pré-consciente ou inconsciente. De fato, para Bion (1967, Capítulo 9), se tais elementos alfa não são produzidos, o indivíduo não pode estabelecer uma diferença tópica entre suas instâncias egóicas.

A experiência emocional é, para Bion, a fonte primordial de estímulos, não importa se a pessoa está adormecida ou acordada. Se um indivíduo realiza uma transferência alfa da experiência emocional estando adormecido, os conteúdos dessa transformação alfa podem permanecer no inconsciente ou tornar-se conscientes depois de diversas transformações (em sonhos, sensações conscientes, fantasias diurnas, criações científicas ou estéticas).

Essa visão teórica do processo de pensamento me levou a defender a hipótese do sempre possível insight inconsciente.

Em meio a essas reflexões conceituais em relação às transformações inconscientes das emoções que o ser humano experimenta durante a vida diurna e o ato de dormir, surge na minha memória um fragmento inesquecível de uma obra de Shakespeare (1623/1969). Pertence a *Macbeth* (ato II, cena II).

Tem relação com as emoções derivadas da culpa parricida inconsciente, de acordo com a minha interpretação pessoal. É um excelente fragmento, que nos ajuda a entender melhor todas as reflexões que Freud realizou em relação ao paradoxo que implica afirmar que existe “um sentimento inconsciente de culpa” (Freud, 1926/1979b).

Diz assim o atormentado Macbeth, em diálogo com sua esposa, depois de haver matado o rei Duncan:

Lady Macbeth: Essas coisas não devem ser pensadas dessa maneira. Vai nos enlouquecer.

Macbeth: Pareceu-me ouvir uma voz, que gritava: “Não durma mais! ¡Macbeth assassina o sono!”. O sono inocente, o sono que volta a tecer o fio enredado das preocupações, que mata a vida de cada dia, banho refrescante para a penosa lida, bálsamo para as almas machucadas, segundo prato que nos oferece a natureza dadivosa, o mais nutritivo no festim da vida...

Quantas vezes a clínica psicanalítica nos convoca a enfrentar os problemas de pacientes cuja insônia os atormenta e se converte em uma prova que deixa evidente para eles seu desequilíbrio narcisista? Mais tarde recorrem ao vício nas drogas e/ou à sexualidade compulsiva para poder conciliar o sono e equilibrar sua vida durante a vigília. Podemos dizer que nesses casos de insônia eles também “mataram o sono”?

Nem sempre acontece, mas vale a pena levar essa possibilidade em consideração, já que se relaciona com a edição na análise, se aceitarmos a hipótese específica que proponho a respeito: “A desorganização mental que gera o inédito na mente pode ser uma das causas mais frequentes da insônia rebelde”.

De acordo com a minha experiência clínica, os pacientes que não conseguem dormir durante a noite, porque, como Macbeth, assassinaram o sono, costumam adormecer durante as sessões de análise.

Entendo que é sua forma de nos revelar –sem palavras e mediante o ato de adormecer– o grave problema que padecem, já que dormem onde não deveriam e não podem dormir no momento e no lugar adequados. Trata-se de um problema clínico técnico muito grave, enquadrável dentro do que Freud denomina “resistência do id” (Freud, 1926/1979b).

Na minha experiência, funcionou muito bem inferir que quando um paciente dorme na sessão ele está nos revelando os problemas mentais originados em uma alteração severa e transitória da função continente da sua mente. Ao adormecer, a função continente do par analítico fica a cargo exclusivamente do analista.

Nesses momentos específicos, podem estar sendo realizadas transformações vinculadas a um insight inconsciente, gerado e sustentado pela função continente do enquadre analítico e pela função rêverie do analista.

Quando recordam os sonhos que tiveram enquanto dormiam na sessão, comprovei que em muitas oportunidades haviam se aproximado da representação de alguns componentes de um insight. Trata-se de um *insight inconsciente ou edição inconsciente na transferência*.

As personalidades superadaptadas, que sofrem um estado de stress crônico, também padecem de um tipo de insônia “do tipo Macbeth”, também gerada por suas fantasias parricidas inconscientes.

Também alguns pacientes que padecem de vazio mental estrutural costumam adormecer na sessão quando se sentem atendidos e, sem saber, instalam-se em uma transferência simbiótica e se fundem com as funções mentais (rêverie) do analista. Devemos diferenciar esses processos fusionais dos processos identificatórios e da edição na transferência.

As hipóteses de Bion nos remetem a um fluente intercâmbio de ida e volta entre “O” (a “coisa em si” de Kant)  $\Leftrightarrow$  “dispersão” Ps  $\Leftrightarrow$  D “síntese”. Isso o diferencia da primeira e da segunda tópica de Freud, apesar de basear-se nela para construir suas hipóteses.

Entendo que, dentro da teoria de Bion, o conceito de elemento alfa pode ser considerado equivalente ao conceito freudiano de resto diurno, na medida em que é o substrato sobre o qual se torna possível o pensamento noturno inconsciente. No entanto, as diferenças teóricas são significativas, já que durante o ato de dormir só podem ser gerados elementos alfa se funcionar a capacidade de rêverie na mente do sonhante.

Esses problemas metapsicológicos nos introduzem na discussão que Bion estabelece com Freud quando concebe os elementos alfa e beta a partir da sua redefinição do conceito freudiano “barreira de contato”, que Freud (1895/1982) menciona no “Proyecto de psicología”<sup>4</sup>.

Se o sono gera uma barreira que permite a quem sonha continuar dormindo, isso nos indica que durante o estado mental próprio do dormir se produz uma constante transformação alfa. A função alfa dá os elementos alfa que fazem com que seja possível a incessante geração de um pensamento inconsciente. Dentro da sua própria produção, estabelecem-se constantes relações simbólicas com os fatos vívidos durante o dia. Também são produzidas diferentes intervinculações de índole diversa com as lembranças que pertencem à história total do indivíduo.

De acordo com essa concepção da produção da produção onírica, vemos que há grandes diferenças em relação à teoria de Freud nas hipóteses de Bion da configuração de um sonho. A partir da teoria de Bion, a transformação alfa da experiência emocional faz com que seja possível que o indivíduo se conecte com todo o acervo de lembranças, ou melhor, de inscrições psíquicas armazenadas como elementos alfa.

Nesse sentido, os elementos alfa correspondem ao testemunho que deixa na mente a aprendizagem por experiência. Supomos então que, submerso no sono, os elementos alfa podem se conectar entre si por uma lógica que para Bion se caracteriza pelas condições que estão em seu artigo “La tabla” (Bion, 1977).

De acordo com a minha perspectiva, essa visão de Bion não exclui tudo o que Freud nos ensinou em relação aos condicionamentos inconscientes da circulação da informação entre as representações. Para Freud, a condição de associação entre representações inconscientes visuais é dada pela circulação da pulsão de vida.

De acordo com o que se depreende da teoria de Bion, esse conceito é redefinido pela luta entre a capacidade vinculante da mente e o ataque ao que é vincular.

Para Bion essas hipóteses têm fortes raízes na teoria objetual que Melanie Klein propõe, e que descreve particularmente para a posição esquizoparanoide (Klein,

---

4. “A função secundária [do sistema nervoso], porém, que requer a acumulação da Qn, torna-se possível ao se admitir que existam resistências opostas à descarga; e a estrutura dos neurônios torna provável a **localização de todas as resistências nos contatos [entre os neurônios], que desse modo funcionariam como barreiras.** A hipótese de barreiras de contato é frutífera em vários sentidos” [os negritos são meus]. Freud antecipa, assim, um conceito equivalente ao de “sinapse”, conceito que foi introduzido por Foster e Sherrington em 1897, dois anos depois de Freud escrever esse texto. N. T.: Tradução de Meurer; Freud, S. (1987). Projeto para uma psicologia científica. In J. L. Meurer, (Trad.), *Ed. standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, p. 318). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

1946, 1952/1975). Bion ressignificou a teoria objetal de Klein e transformou o cenário dos desenvolvimentos dos problemas objetais em um problema próprio da mente, ou seja, um problema do pensamento, mais do que dos objetos internos ou externos kleinianos.

Se a responsável por pensar os pensamentos durante o sono é a parte psicótica da personalidade, os conteúdos dos restos diurnos não podem se transformar em sonhos, já que são processados como coisas em si e dão lugar apenas aos elementos beta.

Devido a essas transformações em elementos beta, podem ser produzidas alucinações noturnas que regularmente despertam quem está dormindo.

Vale a pena poder diferenciar se um paciente, durante a sessão, está nos relatando um sonho ou uma alucinação noturna. Ante essa última circunstância, devemos proceder à edição na transferência. Ao relato de um sonho em uma sessão, cabe-lhe tanto a tarefa técnica da análise do já editado no seu inconsciente como a da edição do nunca pensado.

O sono configurado com elementos alfa é um guardião do dormir, contribui com que possamos desfrutar (como diz o rei Macbeth) esse “segundo prato que a natureza dadivosa nos oferece, o mais nutritivo no festim da vida...”. O sono configurado com elementos alfa torna possível que as emoções inconscientes continuem em estado inconsciente durante o dormir e sejam processadas e intervenculadas, gerando assim o insight inconsciente.

Entendo que, durante o dormir, existe a possibilidade de que possamos editar o nunca editado na nossa mente e que a sessão analítica seja uma continuação de tal processo de edição, mais do que uma reedição exclusiva na qual só se representa a realização de desejos inconscientes.

### **A técnica da edição transferencial – definição conceitual**

Sob o conceito de edição transferencial, podemos reunir uma vasta série de processos elaborativos que acontecem dentro da sessão psicanalítica cujo denominador comum é a construção de uma estrutura mental que antes não existia. A edição transferencial conceitualiza o nascimento mental de facetas da personalidade do analisando que nunca foram nem conscientes nem inconscientes, já que permaneceram fora da dinâmica semântica da mente.

A partir do conhecimento da cisão do eu (Freud, 1927/1979a, 1940/2004b), pudemos compreender que uma pessoa pode ser portadora, simultaneamente, de uma diversidade de estruturas psicopatológicas que testemunham a complexidade das suas defesas primárias e secundárias.

Bion (1967), em particular, estudou a convivência em um mesmo indivíduo entre as partes psicóticas e não psicóticas da sua personalidade. Por isso não nos parece estranho comprovar que, sob uma estrutura neurótica, nos encontramos com subestruturas de outra natureza (esquizoide, melancólica etc.).

No nosso meio, David Liberman (1970-1972, 1976) elaborou uma teoria original que permite a leitura desses fenômenos. A partir do discurso do analisando e à luz do intercâmbio transferência  $\longleftrightarrow$  contratransferência, pode ser detectada a vigência simultânea das diversas estruturas psicopatológicas que convivem no mesmo paciente.

Uma vez definida a relação entre o estilo de verbalização do analisando e a estrutura psicodinâmica subjacente, reconheceu um estilo predominante e subcomponentes estilísticos em todo discurso de um analisando. O primeiro indica a estrutura psicopatológica predominante (histeria, fobia etc.), o segundo, o conflito inconsciente acompanhante e complementar (defesa primária e defesa secundária reveladas pelos sintomas).

As hipóteses de Liberman me ajudaram a conceber a relação psicodinâmica possível entre o editado e o inédito que um analisando traz. Essa concepção do trabalho analítico inclui as anteriores: por momentos, o processo psicanalítico transita pela tarefa de tornar consciente o inconsciente. Além do mais, há outros momentos de privilégio durante os quais é necessário condicionar o intercâmbio transferência ↔ contratransferência ao nascimento de um setor da personalidade que nunca encontrou figurabilidade na estrutura da mente. É o período da edição na análise.

Se levarmos em consideração o movimento implícito na livre associação, é o mesmo movimento aquele que traz a novidade e o que dá sentido à sua emissão. Esse é o sentido da repetição. Nossa tarefa terapêutica é dupla. Devemos descobrir tanto o que se repete como qual é a direção da repetição? Ou seja, que movimento a repetição transferencial possui, para onde se dirige (desejos inconscientes)?

Devemos nos cuidar para não obstruir com uma intervenção errônea o caminho “progreidente” insinuado por toda repetição. Freud nos legou duas versões da repetição: 1) a repetição para além do princípio do prazer é como um aniversário, evoca e reproduz um nascimento que já aconteceu, 2) a repetição para além do princípio do prazer tenta um nascimento: o nascimento mental.

Se me perguntassem se é possível a repetição pura, afirmaria que não. Se adotarmos apenas a vertente regressiva da repetição, a psicanálise pode se converter em uma droga que favorece a fixação masoquista para a análise.

Existe na linguagem um movimento que se antecipa às palavras e aos gestos. Os movimentos são como arautos que anunciam o que virá. O personagem sempre se antecipa à pessoa. Quando encontramos na repetição só a singularidade da forma que adquire o reiterado, estamos tentando semantizar através disso a singularidade do movimento que lhe precedeu.

O pensamento constitui o estímulo específico para o aparelho que o pensa. Quando nos situamos no movimento dinâmico do interjogo entre o editado e o inédito, essa premissa se torna realidade.

A linguagem é história. A livre associação e a atenção flutuante transitam pela linguagem, que fala do passado. Seu movimento é gerado pelas pulsões, que tornam possível a projeção do passado para o futuro. Do interjogo transferência-contratransferência depende que o futuro seja uma mera repetição que reedita a história ou uma edição na qual se combinam a “criatividade” e a “cura” analítica.

Para editar o inédito, é necessário que o analista capte os pensamentos sem pensador através do seu próprio insight. Às vezes são necessários vários anos de trabalho para que o analisando esteja em condições de receber como interpretação aquilo que o analista descobriu como um pensamento sem pensador a ser editado.

Antes, é necessário restaurar a função mental continente alterada no analisando. Se não for resolvido o problema do aparelho que decodifica as mensagens verbais, é impossível que receba (decodifique) a interpretação formulada pelo analista.

Para sintetizar minha concepção técnica da edição na transferência, direi que ela tem dois componentes nucleares bem diferenciados:

1) O mais importante consiste na criação da *estrutura mental que será o continente de futuros conteúdos*. É a tarefa da montagem na gráfica para as edições.

2) O outro componente diz respeito aos *conteúdos* a serem editados. Corresponde à tarefa de representar psiquicamente conteúdos que não têm representação inconsciente (Freud, 1915/1986a, 1915/1986b) ou transformar em elementos alfa as experiências vividas pelo analisando (Bion, 1962). Ambos se referem às funções terapêuticas correspondentes ao psicanalista. Quero destacar que a função terapêutica da psicanálise se destina a possibilitar que um indivíduo possa dominar as paixões (pulsões) que nascem do seu interior, e não o contrário.



A segunda tópica freudiana nos mostra como, a partir da percepção, o id se transforma em ego e simultaneamente se produz uma identificação com o objeto (Freud, 1923/1992b).

Essa coincidência conceitual é o que torna possível –na minha opinião– que na edição transferencial, mais do que tornar consciente o inconsciente, estejamos criando e recriando o ego e o superego do analisando. Graças a isso, os conteúdos da nossa mente podem ser processados por um continente transformado.

A tarefa da edição transferencial é altamente complexa, já que muitas vezes nos confronta com o terror como emoção subjacente no analisando, não com a angústia sinal. Os elementos vinculados à origem do terror são evacuados (Bleger, 1967; Lutenberg, 1995, 2007) no enquadre (identificação projetiva massiva - transferência simbiótica etc.).

A edição se constrói através de uma gramática especial. Essa gramática é configurada com a combinação de vários elementos:

- a) As associações verbais livres e os sonhos do analisando.
- b) As “associações livres corporais” do analisando (Lutenberg, 1993a).
- c) Gramática e semântica dos diferentes acting out do analisando.
- d) A contratransferência do analista, que inclui seus sonhos e ressonâncias corporais.
- e) A forma em que o analisando semantiza a morfologia singular de cada um dos elementos e objetos do enquadre.
- f) Estudo detalhado da “criatividade negativa” (Lutenberg, 2015).

Dentro da dinâmica da transferência, a criatividade negativa constitui uma operação por meio da qual um paciente vai construir deduções que o levam a se afastar substancialmente do insight. É um derivado da transferência negativa e da reação terapêutica negativa. O enquadre analítico, em sua totalidade (Bleger, 1967), é um dos alvos mais frequentes desses ataques. Se incluímos a mente do analista como parte constitutiva de tal enquadre, a partir do estudo da contratransferência aparece diante de nós um panorama técnico de importância capital para a discriminação precoce da criatividade negativa.

A criatividade negativa pode ser vista como uma doença da função sintética do eu ou do fenômeno do *Bändigung* (síntese, ligadura totalizante e unificadora das parcialidades) descrito por Freud (1937/2004a) em *Análisis terminable e interminable*.

A partir de todos os conteúdos semânticos e pragmáticos que o analisando apresenta e revela na originalidade criativa própria da criatividade negativa, podemos selecionar aqueles componentes com que vamos configurar uma interpretação que nos permita a edição a partir de uma verdade transferencial (criatividade positiva).

## Síntese final

Como síntese final, vou apresentar algumas interrogações de abertura. Isso nos ajuda a manter viva nossa curiosidade e simultaneamente a repensar qual é nosso compromisso ético e profissional com nossos pacientes em particular e com nossa tarefa clínica em geral.

Qual é o grau de tolerância do analista à frustração que implica ser parte de um vínculo analítico com um paciente para quem o processo que leva ao insight do paciente é sistematicamente interrompido (ou abortado) por ele? Isso conduz ao fato vincular de que é impossível que o paciente receba o melhor que o analista tem para lhe oferecer (segundo o vértice da verdade do psicanalista), pelo menos nesse preciso momento da sessão.

Até que ponto, e como vivência contratransferencial, sua tolerância ou intolerância à frustração pode ressoar inconscientemente sobre os componentes

simbióticos, masoquistas e/ou sádicos da sua personalidade total?

Como interagem com a contratransferência os componentes históricos e genéticos que fazem parte das séries complementares do analista?

Durante cada encontro analítico com um paciente com patologia narcisista, com quem devemos realizar a edição na transferência: qual é a interação entre a indiferença patológica (narcisista, esquizoide, melancólica) do analista e a tecnicamente recomendada neutralidade analítica?

Qual é a tolerância que o analista possui em cada momento da sessão, quando enfrenta seu próprio silêncio elaborativo, ou seja, frente ao sentimento de que não entende nada do que está acontecendo entre ele e seu paciente?

Sua mente pode estar permanentemente aberta à aprendizagem pela experiência analítica para que seu silêncio elaborativo lhe abra o caminho mental que o conduz à investigação do que não entende e para recorrer às diversas formas de intercâmbio profissional: diálogo com colegas, supervisão, escrever em um texto suas dúvidas profissionais atualizadas? Não seria essa uma forma de se abrir à edição mental dos seus conhecimentos totais que o transformaram como profissional até esse momento?

Qual é o grau de tolerância que o analista tem em relação ao silêncio psíquico do analisando que revela o vazio mental trazido pelo analisado? O problema é que se trata de um reconhecimento que não só revela a orfandade mental do analisando senão a fragilidade mental de todos os seres humanos, incluída a do analista.

Qual é o grau da sua tolerância contratransferencial frente às evidências da fragilidade narcisista que o paciente mostra na transferência? Sobre tudo se o faz através de uma defesa narcisista configurada com base na humilhação narcisista da pessoa do analista e na ridicularização da técnica analítica (muitas vezes tais ataques adquirem a forma de objetar a *fechada suposta ortodoxia do analista*).

São momentos nos quais é muito esclarecedor pensar que nos confrontamos com uma defesa narcisista do paciente que o defende de sentir o terror que implica sua orfandade mental.

Para esses problemas vinculares, é fundamental pensar na edição transferencial, que ajuda a configurar os pensamentos nunca pensados por nenhum dos dois integrantes do vínculo analítico (nem pelo paciente nem pelo analista). Trata-se de problemas que deixo abertos à reflexão pessoal de cada profissional.

## Resumo

A edição em análise consiste na configuração de novos componentes da estrutura mental, inexistentes até esse momento. O que há de novo abarca dois aspectos: a) os conteúdos mentais: representações psíquicas inconscientes e pré-conscientes, a arquitetura das fantasias e dos desejos; b) a mente como continente de tais conteúdos. Trata-se de uma criação técnica do analista, que deve ser diferenciada do clássico conceito de reedição na análise. A edição implica para o analista um trabalho vinculado à sua capacidade criativa pessoal. Apesar de que também depende de todos os conhecimentos técnicos precedentes, na edição na análise a pessoa total do analista desempenha um papel fundamental. Sua técnica, sua epistemologia, sua ética e sua operatividade clínica devem estar sustentadas pelo “amor à verdade” do analista. Sua validade operativa no campo analítico se expressa mediante a investigação sincrônica e diacrônica da “verdade vincular”.

**Palavras-chave:** *Verdade, Continente, Conteúdo, Criação.*

**Candidata a palavra-chave:** *Edição.*

## Abstract

The edition in analysis consists of the configuration of new components of the mental structure, previously non-existent. Two new issues are here included: a) mental contents: unconscious and pre-conscious mental representations, the structure of phantasies and wishes. b) the mind as a continent to those contents. The edition is a technical creation of the analyst, to be differentiated from the classical concept of re-edition in analysis. To the analyst, the edition implies working under his own creative capacity. Nevertheless, it also depends on the whole previous technical knowledge of the analyst, as well as on his personal characteristics. His technique, his epistemology, his ethics and his clinical operativity are expected to be supported by the analyst's "love for truth". The analyst's operating validation on the analytical field is expressed through the synchronic and the diachronic investigation of "truth".

**Keywords:** *Truth, Contents, Continent, Creation.*

**Candidate to keyword:** *Edition.*

## Referências

- Baranger, W., & Baranger, M. (1969). *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargiemann.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. Londres: Heinemann.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of psycho-analysis*. Londres: Heinemann.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Londres: Heinemann.
- Bion, W. R. (1967). *Second thoughts: Selected papers on psychoanalysis*. Londres: Heinemann.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Londres: Tavistock.
- Bion, W. R. (1977). *Two papers: The grid and the caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bleger, J. (1967). *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós.
- Etchegoyen, H. (1986). *Fundamentos de la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Feyerabend, P. K. (1989). *Contra el método*. Barcelona: Ariel.
- Freud, S. (1979a). Fetichismo. In *Obras completas* (Vol. 21, pp. 141-152). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1979b). Inhibición, síntoma y angustia. In *Obras completas* (Vol. 20, pp. 71-161). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1979c). Más allá del principio del placer. In *Obras completas* (Vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1980a). Formulación sobre los dos principios del acaecer psíquico. In *Obras completas* (Vol. 12, pp. 217-231). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1980b). Recordar, repetir y reelaborar. In *Obras completas* (Vol. 12, pp. 145-157). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1982). Proyecto de psicología. In *Obras completas* (Vol. 1, pp. 323-446). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1986a). Lo inconsciente. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 153-214). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1986b). Pulsiones y destinos de pulsión. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 105-134). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1986c). La represión. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 135-152). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1991). *Obras completas: La interpretación de los sueños* (Vol. 4). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1992a). El problema económico del masoquismo. In *Obras completas* (Vol. 19, pp. 161-176). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1992b). El yo y el ello. In *Obras completas* (Vol. 19, pp. 1-59). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2004a). Análisis terminable e interminable. In *Obras completas* (Vol. 23, pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937)

- Freud, S. (2004b). La escisión del yo en el proceso defensivo. In *Obras completas* (Vol. 23, pp. 271-278). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado em 1940)
- Green, A. (1993). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (1996). *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba.
- Green, A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Heimann, P. (1950). On counter-transference. *The International Journal of Psychoanalysis*, 31, 81-84.
- Heimann, P. (1960). Countertransference. *British Journal of Medical Psychology*, 33, 9-15.
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. *The International Journal of Psychoanalysis*, 27, 99-110.
- Klein, M. (1975). Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In *Envy and gratitude and other works, 1946-1963* (pp. 61-93). Londres: Hogarth. (Trabajo original publicado em 1952).
- Lieberman, D. (1970-1972). *Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico* (Vols. 1-3). Buenos Aires: Galerna.
- Lieberman, D. (1976). *Comunicación y psicoanálisis*. Buenos Aires: Alex.
- Lutenberg, J. (1991). Análisis finito-infinito. *Psicoanálisis*, 13(1), 139-165.
- Lutenberg, J. (1993a). La asociación libre corporal. *Psicoanálisis*, 15(2), 267-295.
- Lutenberg, J. (1993b). El vínculo transferencial reedición-edición. *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica de Madrid*, 18, 143-158.
- Lutenberg, J. (1995). Clínica del vacío. *Zona Erógena*, 26, 24-26.
- Lutenberg, J. (1998). *El psicoanalista y la verdad: Uso clínico del sentido de verdad en la práctica del psicoanálisis y de las psicoterapias en general*. Buenos Aires: Publika.
- Lutenberg, J. (2007). *Teoría y clínica del vacío mental*. Surco: Cauces Editores.
- Lutenberg, J. (2008). *Teoría de los vínculos en psicoanálisis*. Surco: Cauces Editores.
- Lutenberg, J. (2013). *La mente congelada*. Surco: Cauces Editores.
- Lutenberg, J. (2015). *Los desafíos técnicos en el psicoanálisis actual*. Surco: Cauces Editores.
- Racker, H. (1953). A contribution to the problem of counter-transference. *The International Journal of Psychoanalysis*, 34, 313-324. (Trabajo original escrito em 1948)
- Racker, H. (1960). *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Shakespeare, W. (1969). *Obras completas: Macbeth*. Buenos Aires: El Ateneo. (Trabajo original publicado em 1623).

Maria Luísa Silva Checa\*

## A psicanálise nos tempos de medo\*\*



*Se algo resiste a ser compreendido, não se deve deixar ser tentado a considerá-lo exterior à psicanálise, não pertinente, ou simplesmente retirar-lhe a catexia de atenção, mas sim criar um método, outra teoria que o torne compreensível.*

E. Dio Bleichmar, *Temores y fobias*

Encontramo-nos hoje novamente frente à necessidade de encontrar respostas para sintomas que afligem uma grande parte da população, como em seu tempo foi a histeria para Freud. Nesse então, e a partir dele, as manifestações somáticas que afetavam as mulheres histéricas começaram a ser compreendidas, não só em uma dimensão médica, mas em relação às suas histórias de vida. Logo surgiram ideias novas e não menos controversas em torno das forças psíquicas em conflito, impulsos mal canalizados, estratégias contra o sofrimento, conceitualizações sobre a sexualidade infantil e o complexo de Édipo, entre outros. Um desenrolar de processos psíquicos e operações defensivas, como a repressão, que iria configurando o aparelho psíquico em interação especular com as vicissitudes da vida social.

À luz desse legado substancial de Freud, parece impossível não olhar como a sociedade atual modela, frequentemente de forma tosca, mas também com uma sutileza imperceptível, os conteúdos e os mecanismos da psique, suas expressões psicopatológicas, as teorias que tentam explicá-las, bem como quem cria tais teorias, incluindo os psicanalistas.

---

\* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

\*\* Prêmio Fepal 2014.



Defendemos que as mudanças que a sociedade atual impõe, marcadas pelo ritmo vertiginoso desta era cyber tecnológica e pela obrigatoriedade de um bem-estar forçado, não estão podendo ser transformadas em insumos significativos para a construção da subjetividade. Longe disso, são replicadas na história individual e geram uma defasagem entre uma exigência de performance social ideal e um mundo interno infantil empobrecido pela adulteração de processos naturais. E, ao temor fundamental –a morte e o sofrimento–, se acrescentam mais temores, novos e disfarçados, que geram múltiplas estratégias defensivas, que é o que observamos como manifestações psicopatológicas.

### **A vulnerabilidade do indivíduo em nossa época**

Bauman (2006), pensador sobre nossos tempos, nos fala de uma visão da dinâmica social na atualidade que ele chamou de “líquida”, em alusão a um tipo de sociedade marcada pela incerteza, pela precariedade e pela imediatez; onde toda forma se di-

lui rapidamente e nada é conservado. Essa é, de acordo com o autor, uma sociedade de consumo que se regula pela promessa de satisfação e bem-estar, mas sob a condição de que permaneçam a insatisfação e o sofrimento. Dessa maneira, vende-se tanto o sofrimento como a cura, mas sobre uma dor que pouco tem a ver com a natureza humana, mas sim com pseudonecessidades pré-fabricadas confundidas com autênticas necessidades.

Essa indústria do bem-estar se nutre do mal-estar humano –basicamente expresso através do medo–, e para poder subsistir promove um temor amplificado pelo imperativo do bem-estar, do controle e da segurança, ao qual dificilmente pode-se ter acesso e frente ao qual se reage com maior medo ainda por não alcançá-lo. Produz-se assim uma circularidade perniciosa que, ao induzir a necessidade de acréscimos externos para funcionar, debilita a geração de recursos internos nos quais confiar, levando-nos, portanto, a um maior sentimento de vulnerabilidade. Nessas condições, nós nos sentimos, inclusive, mais expostos às vicissitudes da vida e, o que é pior, recusando com maior afinco os processos naturais que poderiam nos estimular a tolerar a vida e suas complexidades com uma melhor disposição.

Uma existência desse tipo, exposta ao que mais teme o homem de hoje, que é a vulnerabilidade das emoções e do corpo, o afasta cada vez mais da possibilidade de colocar à prova seus recursos e, nesse processo, torná-los válidos. Obrigados a viver não a partir do desdobramento dos impulsos, dos processos e dos recursos verdadeiros, optam por se amoldar a um estilo de funcionamento “adequado e seguro”, às custas de um mundo interno empobrecido. Muitos não recorrerão à busca de ajuda psicanalítica, e na maioria dos casos vivem desfrutando de um grande prestígio social. Mas também haverá outros, que possuem uma sensibilidade diferente, mais frágeis, ainda que com maior potencial para desenvolver sua interioridade, que sucumbirão frente às pressões desse tipo de vida, produzindo um crisol de sintomas; a maioria deles assumirá a forma, no corpo, de emoções diluídas pela angústia.

Nesse espectro psicopatológico de sintomas corporais de origem psíquica, vemos a configuração de um gradiente que vai daquilo totalmente capturado no orgânico –a patologia psicossomática *per se*– até aqueles sintomas que estão mais enraizados no psíquico, mas que ainda se expressam no corpo, como são os sintomas conversivos histéricos ou, inclusive, os hipocondríacos. A meio caminho entre uns e outros, alimentando-se de algum dos polos ou ancorando-se neles, inscrevem-se os *ataques de pânico*, que, como pontos de inflexão disfuncionais, colocam em xeque a mente e o corpo com um só ataque, afundando a pessoa em uma angústia insuportável.

Esses sintomas cristalizam, a nosso critério, o medo generalizado dessa época, que insta o ser humano a viver submetido ao paradigma da perfeição e do bem-estar. Para evitar o sofrimento, o espaço interno se afina e não consegue conter o vivido; dessa maneira, são atacadas as emoções e a memória, e o que não convém é colocado de lado. Como não imaginar o retorno de tudo aquilo cindido em forma de terror, empurrando o sujeito a repetidas vivências de pânico? E, apesar de se tratar de um sintoma identificável por todos atualmente, frequentemente são deixadas de lado as múltiplas variáveis que entram em jogo, por tratá-lo como um encapsulamento de terror que deve ser erradicado.

## **O olhar a partir da psicanálise**

Frente à grande pressão social para a eliminação de sintomas, que impera nessa cultura do bem-estar, a psicanálise pode oferecer a possibilidade de reconectar os curto-circuitos expressos pelo sintoma, diferentemente de outras perspectivas, que apenas buscam sua supressão e o retorno a uma calma para funcionar. Em primeira instância, porque

a psicanálise parte de uma visão diferente da dor, da qualidade comunicativa e significativa do sintoma, bem como do espaço psíquico que se abre no mesmo lugar em que ele se situa, apesar de só se manifestar ainda inundado de angústia.

Defendemos a ideia de que o ataque de pânico é um fenômeno complexo, com múltiplos fatores envolvidos, e não unicamente um mal-estar fechado que deva ser rapidamente suprimido. Já que não é esse seu objetivo, uma psicanálise coerente com nossos tempos, atenta às mudanças culturais, facilita uma abertura à compreensão daquilo que o sintoma obtura e comunica ao mesmo tempo. A intervenção dos psicofármacos na administração da emergência, certamente muito eficaz quanto à eliminação do sintoma, não nos exige de afinar as ferramentas que nos permitam compreender, a partir de conceitualizações psicanalíticas, o que esse sintoma significa atualmente.

A nós, psicanalistas, nos cabe tratar da natureza do medo, instrumentalizá-lo e conseguir as transformações que levem a uma experiência subjetiva que enriqueça o sujeito. Como manter nossa especificidade sem que por isso deixe-se de atender a problemática da patologia e do sofrimento do paciente é o desafio que todo psicanalista deve enfrentar. Poderíamos dizer, seguindo Viñar (2012), que “do que se trata é de desentranhar o não dito dos tempos atuais, como foi a sexualidade nos tempos da moral vitoriana” (p. 73).

Para isso, estimamos que é substancial situar as crises de pânico como uma vivência que abre um portão para a compreensão de aspectos essenciais do self. Aspectos que aparecem nesses episódios, mas que, ao fazê-lo confundidos entre a angústia e o medo intensos, buscam novamente fechar-se e continuar com a vida “normal” que, aparentemente, tinha-se até esse então.

Tanto para a perspectiva neurofisiológica como para a cognitiva, se trataria da mobilização do organismo a uma resposta que é patológica, e não adaptativa. Gabbard (2002) questiona precisamente a postura do já proscrito *Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais* (DSM-IV, por suas siglas em inglês) e de muitos especialistas que, ao situar a ansiedade como uma doença, mais do que como um sintoma sobredeterminado de conflito inconsciente, ignoram o aspecto adaptativo. E é precisamente essa visão sobre a qualidade adaptativa do sintoma que gostaríamos de ressaltar. De acordo com esse autor:

Se a ansiedade é vista como um problema que deve ser erradicado de forma psicofarmacológica, a psique humana pode sofrer uma perda substancial (p. 253). [E acrescenta:] A ansiedade pode ser adaptativa ou não, é tarefa dos especialistas investigarem cuidadosamente as circunstâncias das crises e a história de cada um dos pacientes com transtorno de angústia para determinar o modo em que os fatores psicológicos são relevantes. (p. 254)

### **As emoções do ataque de pânico**

É a essência da psicanálise decompor os fenômenos, mostrar e dar nome aos elementos que confluem em seu surgimento, não importa quão ocultos ou aparentemente ausentes eles se encontrem. Seguindo essa prática substancial, tentamos reconhecer as diversas emoções que estão configurando o que comumente se conhece como *ataque de pânico*.

Uma constatação similar à sugerida por Danielle Quinodoz (2005) sobre a vertigem, em que propõe a necessidade de descondensar essa experiência, mostrada como compacta, mas onde encontramos múltiplas variáveis que intervêm. Sugerimos que isso também deve ser aplicado ao *ataque de pânico*, que parece irreduzível, mas em cuja vivência podemos encontrar um amálgama de diversas emoções que consideramos importantes desmontar.



Essas emoções estão presentes, como os lados de um prisma, algumas mais visíveis que outras, lembrando-nos, de forma palpável, da difusa fronteira entre o psíquico e o somático. A emoção predominante, que cobre com seu manto de incerteza todas as demais, é a angústia. Mais perto do corpo encontramos os sentimentos associados ao medo da morte física: vulnerabilidade somática e dor, retroalimentadas por diversos sintomas corporais. Mais perto do psíquico, situamos os sentimentos relacionados com o medo da loucura: descontrole, alienação, despersonalização. O que observamos, como resultado, é o sujeito oprimido por tudo isso, com dificuldade de processá-lo emocionalmente e, ainda menos, de pensá-lo. Razão pela qual termina preso entre o corpo e a angústia. É essa experiência condensada o que conhecemos como *ataque de pânico*.

Cada uma dessas emoções constitui uma entrada possível para a compreensão dos diferentes aspectos da problemática da pessoa, que se encontram obturados no sintoma. Mais ainda, estimamos que é fundamental levar em consideração as emoções que confluem no *ataque de pânico* porque –diferentemente do sintoma puramente psicossomático– o que se expressa através do medo, da angústia e das demais emoções nos dá maiores indícios de processamentos psíquicos com os quais seria possível trabalhar analiticamente no caminho ao simbólico.

### **As contribuições conceituais**

Contamos com uma série de conceitos e teorias organizados no interior da psicanálise que contribuíram para a compreensão do *ataque de pânico*. No entanto, incluímos aqueles que levaram à compreensão desse fenômeno a partir do que poderia ser configurado como uma perspectiva metapsicológica. Ou seja, teorias que contemplam a sobrecarga da economia pulsional, o fator objetal e vincular envolvidos na angústia extrema de separação, o estado de desamparo do Eu e as falhas no desdobramento da capacidade simbólica; todos eles, considerados como os fatores que mais incidem no furo momentâneo do psiquismo que se expressa no *ataque de pânico*.

### **A economia pulsional: uma revisão da *neurose atual* freudiana**

De acordo com Laplanche e Pontalis (1967/2007), Freud parece ter antecipado o reconhecimento do quadro psicopatológico que seria conhecido mais tarde como ataque de pânico, quando descreveu o tipo de angústia que encontrou na chamada *neurose atual*. Diferentemente da psiconeurose, que se referia à sensação difusa de temor que se originava no pensamento ou no desejo reprimido por conflitos do passado, a neurose atual não derivava de fatores psicológicos, mas sim de quantidades de excitação que buscavam uma descarga impedida. Nas palavras de Gabbard (2002), a *neurose atual*

se caracterizava por uma sensação assustadora de pânico, acompanhada por manifestações de descarga do sistema nervoso autônomo, incluindo transpiração abundante, aumento da frequência respiratória e cardíaca, diarreia e uma sensação de terror, conceitualizada como o resultado da acumulação fisiológica da libido relacionada com a falta de atividade sexual. (p. 250)

De Masi (2004) concorda com o fato de que, com essa conceitualização, Freud intuiu a dinâmica psíquica do ataque de pânico ao diferenciar a *neurose atual* da organização psíquica que recorre aos processos de repressão e a outras ações para tentar transformar a ansiedade. Como na *neurose atual*, “o *ataque de pânico* não seria o resultado

da repressão de conflitos emocionais, mas sim, mais propriamente, se sustenta em mecanismos primitivos, automáticos e pré-verbais” (De Masi, 2004, p. 322).

Os desenvolvimentos realizados por Pierre Marty (1992, 2011) e pela Escola Psicossomática de Paris também propõem a pertinência do conceito de *neurose atual* para sustentar aqueles sintomas corporais que provêm de uma descarga libidinal sem mediação do processamento psíquico. Pessoas com um funcionamento dessa natureza teriam uma vida social funcional, mas acompanhada de uma diminuição do seu mundo interno, o que impediria o enriquecimento da capacidade simbólica e, portanto, da subjetividade.

Outras propostas recomendam a revisão do conceito de *neurose atual* ao sugerir que ele não é suficiente para explicar a ação destrutiva da pulsão de morte, subjacente nesse tipo de sintomatologia. Com influência nas propostas kleinianas e em seus desenvolvimentos posteriores, essa perspectiva coloca em primeiro lugar o impacto da pulsão agressiva, que tentaria destruir a intrincação pulsional. Trataria-se da expressão da predominância da posição esquizoparanoide, que Bion (1967/1972a) conceitualizará como a parte psicótica da personalidade, em que a pulsão de morte ataca diretamente a capacidade vinculante da mente.

Também observamos uma qualidade hipocondríaca na dinâmica psíquica do *ataque de pânico*, que tem a ver com uma catexia agressiva que reveste todo o corpo e o converte em perseguidor do sujeito, atacando-o, em vez de protegê-lo. É assim que, para Piera Aulagnier (1967/1991), os episódios psicossomáticos são uma resposta biológica, não simbólica e autoagressiva. Propõe que na pulsão de morte há um ódio a representar porque supõe a ligação com o corporal, e isso situa a pessoa em um estado vulnerável de necessidade.

Então, as críticas à pertinência da *neurose atual* para a explicação dos *ataques de pânico* não se dirigem tanto às suas características, enquanto descarga automática de quantias impossíveis de processar psiquicamente, o que é quase um consenso, mas sim à qualidade do impulso, que não necessariamente seria libidinal (derivado da pulsão de vida), mas sim que poderia ser destrutivo (produto da pulsão de morte). Poderíamos falar de uma agressão represada que surge do id e que não encontra um canal de expressão que a reconduza ao âmbito do transformável emocionalmente. Os componentes agressivos são cruciais para o desenvolvimento libidinal, mas ao encontrar-se cindidos –expressando-se em sua versão mais pura– ou enquistados em fantasias primitivas, poderiam tingir a sexualidade de vivências aterrorizantes.

### **O fator objetal: ruptura da simbiose e angústia de separação**

Os diferentes enfoques psicanalíticos convergem em que a angústia de separação poderia ser considerada como o principal fator envolvido na psicogênese dos *ataques de pânico*. Autores como Guimón (2007) e Gabbard (2002) relacionam intimamente a experiência de desamparo que acompanha o *ataque de pânico* e a vivência de angústia de separação. Na história pessoal desses casos, ele encontraria “uma evidência de eventos negativos na vida que implicam separação, tanto emocional ou física, de pessoas significativas na vida do paciente antes da primeira aparição do sintoma” (Verhaeghe, Vanheule e De Rick, 2007, p. 1331).

Também há algumas referências à presença de uma diferenciação-indivuação defeituosa, em que coexiste o engolfamento ou o abandono (Fernández, Giménez e Rodríguez, 1998), razão pela qual poderíamos falar de sentimentos de abandono quando –sem o outro– o sujeito se sente perdido, combinados com sentimentos de culpa quando se trata de se afastar do outro intrusivo –apesar de necessitado.

O ataque de pânico pode ser descrito como uma verdadeira “tormenta psicofisiológica”, nos diz Assoun (2000/2002), que surge por conta do desamparo existente no núcleo do pânico quando o sujeito se encontra repentinamente sem apoio. Nas palavras dele:

O preconceito vital do sujeito consiste em que a terra deve ser firme sob seus pés. No pânico, a ruptura é tão sensível como invisível para os demais. Mas a ideia de desamparo mostra que o que está implicada é uma certa relação com o outro-em ausência, que o submerge em um estado de “falta de ajuda”. (p. 39)

Lutenberg (2007) menciona que a origem da estrutura do “vazio mental” se encontra na conformação de uma simbiose secundária que se estabelece para defender o sujeito, quando a simbiose primária, essa normal, se rompe sem conseguir o caminho da diferenciação. O vazio mental, que ficaria exposto ao terror sem nome, é coberto pela simbiose secundária, em que o id do sujeito está fusionado com o id do objeto. São pessoas em que o luto é impossível e que só efetuam substituições, conservando a ilusão do vínculo de tipo simbiótico com um objeto único, precível, que não signifique jamais algum lugar de falta. O *ataque de pânico* é, para ele, um episódio isolado de terror sem nome, que se encontrava oculto pela simbiose secundária.

### **O estado do Eu: vivência de desamparo**

Vemos que o *ataque de pânico* expressa um intenso sentimento de desamparo, geralmente devido à angústia de separação que faria com que a pessoa se sentisse solitária e indefesa. No entanto, consideramos que nessa vivência devem ser contemplados aspectos relacionados mais diretamente com o estado do Eu. É assim que, como produto de uma organização defensiva mais da ordem da cisão que da repressão, produz-se uma falha na capacidade mediadora do Eu, que deixa o corpo exposto aos embates do id.

Nessa linha, Yildiz (2008) sugere que a experiência de desamparo tem a ver com a falta de coesão do self, que o incapacita para conter os perigos internos ou externos, precipitando uma vivência de angústia como a que vemos no *ataque de pânico*. Cóccaro (2002) afirma, também, que o problema fundamental nesses casos é “a incapacidade do eu de colocar-se a salvo do perigo, que, vencido pela realidade, fica frágil e sem recursos” (p. 5).

De acordo com sua visão modular do self, Hugo Bleichmar (1999) propõe que no *ataque de pânico* haveria uma perturbação das representações de autoconservação. Ou seja, uma falha específica da representação do “self em perigo”, que se refere precisamente àquela em que o sujeito não tem controle de sua própria mente e é inundado pela angústia de que seu corpo escape da regulação psicobiológica.

O desamparo nos situa, a partir de qualquer desses enfoques, frente à problemática de um narcisismo precoce insuficiente, onde a precariedade do eu é tão grande que o sujeito necessita sentir que tudo o que o rodeia existe em função dele, e, se isso não acontece, sente-se perdido. Alude-se também à autoexigência de cumprir com um ideal infantil de completude e autossuficiência que a vida, mais cedo ou mais tarde, se encarrega de destruir, provocando uma grande desilusão e uma inquietude extrema sobre quem realmente se é (e se é ou não como o ideal pretendido). Isso supõe não só a necessidade da presença do outro, senão que ele se encontre a serviço do Eu, frágil e incapaz de se valer por si mesmo.

No trabalho clínico, pode-se observar a relação que existe entre a aparição dos *ataques de pânico* e a experiência de estar enfrentando um momento crucial na vida do sujeito. Nessas circunstâncias, parece surgir a angústia diante de uma

sensação difusa de se aproximar de uma mudança interna ignorada, pelo temor a não poder contar com os recursos suficientes. Trataria-se do medo do sentimento de desamparo, não reconhecido, que significa entrar em contato com o mais verdadeiro de si mesmo, que, devido à defesa instalada de forma precoce, é extremamente frágil e infantil no plano emocional. Clinicamente, essa pessoa mostrará que a inconsistência do seu crescimento conduz a uma ameaça de desmoronamento, que poderíamos assistir quando nos encontramos frente a um *ataque de pânico*. Ele poderia expressar o anúncio de uma rachadura do falso self (Winnicott, 1960/1993a) ou de outro tipo de sobreadaptação, naqueles sujeitos que tiveram que cuidar de si mesmos prematuramente.

Essa proposta sobre as personalidades falso self, à qual somos conduzidos por Winnicott (1960/1993a), sugere um dos fatores que poderiam explicar, em nossa opinião, a grande maioria dos casos afetados por *ataques de pânico* em que aparentemente estaríamos diante de personalidades integradas e muito bem adaptadas. A cisão que se produz desde o momento em que se interrompe a evolução normal leva a pessoa ao uso de uma defesa que divide e opõe o funcionamento mental e o desenvolvimento do psicossoma. Isso propiciará certamente o desdobramento sintomático de todo tipo de vivências emocionais, no corpo, exposto e limitado na expressão de impulsos, pela ausência de um objeto que vele por ele.

Essa cisão fundamental produziria a vivência de desamparo a partir do interior do self. Ao não poder contar com os insumos necessários para uma boa integração, deve se organizar defensivamente, ocupando a função que o objeto/meio teria que ter cumprido para que ele pudesse desenvolver seus recursos de forma criativa, compreensiva e simbólica. Tratando-se, mais propriamente, de uma sobreadaptação ou de uma adaptação precária, ocasionalmente experimentam uma sensação de terror que os confronta com o medo de viver com seus verdadeiros recursos, percebidos como escassos ou alheios. O *ataque de pânico* poderia expressar esse momento crucial em que isso acontece em circunstâncias em que já não confiam mais, também, no desenvolvimento emocional conseguido de forma artificiosa.

### **A precariedade defensiva: o curto-circuito do simbólico**

Optamos por falar de curto-circuito, e não diretamente de falhas na capacidade simbólica, em alusão a duas características que consideramos inerentes ao ataque de pânico: a temporalidade e a descompensação. Intimamente relacionadas, ambas têm a ver com a emergência súbita e temporária de um estado em que se perde profunda e radicalmente a capacidade simbólica, razão pela qual se produz uma descompensação na totalidade do sistema psíquico, cujo resultado é a vivência de pânico. Consideramos que a ideia de interrupção significativa, mas temporária, da função simbólica, mais do que de uma incapacidade, se aproxima mais da natureza desse fenômeno e, além disso, deixa aberta a possibilidade de compreender as diferenças entre os sujeitos afetados, atendendo às outras características do seu mundo interno que confluem para a magnitude do problema.

O ataque de pânico em si é a expressão de uma falha abrupta, geralmente momentânea, da faculdade de simbolizar, pensar e compreender a experiência. Surge como um desdobramento de atuação corporal em que a capacidade elaborativa da mente pareceria estar ausente de forma radical e súbita. Não há fantasia, não há narrativa, não há pensamento. Nesse estado de coisas, o medo, a angústia, a dor, a vulnerabilidade, o desespero etc., que formam essa cascata de emoções, não podem ser processados simbolicamente com os recursos psíquicos do sujeito; daí a incursão do corpo.

Para Schneider (2007), todas as desordens psicológicas que se expressam em nível somático, como a doença psicossomática, os estados desafetivizados, a alexitimia e os estados de pânico, compartilham da mesma característica: apresentam uma falha na simbolização e uma relegação, ao corpo, de todas aquelas circunstâncias psicológicas que poderiam se transformar em pensamentos e sentimentos. Neles, não há uma ligação adequada por falhas no sistema representacional, o que leva ao empobrecimento do funcionamento psíquico e, portanto, à descarga da tensão no corpo.

Liberman (Liberman, Grassano, Neborak, Pistiner e Roitman, 1993) sugere que o acontecimento corporal não tem significado, razão pela qual o paciente considera que se deve exterminar imediatamente, apesar de que, para o analista, possa se converter em

uma mensagem cujo significado simbólico terá que ser captado, mas que em todos os casos denuncia que o self emocional foi forçado para além das suas possibilidades. (p. 31)

Também indica, em relação à importância da simbolização, que

tanto o ambiental (a cultura) como o corporal (o corpo) são exteriores ao aparelho psíquico; o processo de simbolização permitirá que tanto um como o outro se inscrevam, de forma correlativa, no aparelho psíquico. (p. 34)

Vemos, então, a participação radical da simbolização no desenvolvimento do psiquismo, que se beneficia de um grande aprofundamento graças a ele e à possibilidade de tolerar e transformar psiquicamente uma série de vivências, que serão as que formarão o acervo emocional do sujeito. O processo de simbolização é encontrado com grande complexidade no trabalho de luto, que permite a elaboração das perdas, da frustração e das angústias de diferenciação/separação, além de levar, através da identificação, à resolução do complexo de Édipo.

Nesses tempos em que o lugar do pai parece retroceder diante da preponderância da mãe, tanto no social como na teoria, sua presença parece tão esquiva como é esquivo o símbolo nesse tipo de sintomatologia. De acordo com Myrta Casas (1999), estaria se desenvolvendo um Superego cultural de consumo, que dribla a castração e impede o reconhecimento da falta. Como reflexo dessa dinâmica que se configura a partir da cultura, no indivíduo se obtura a falta –que nos remete à castração–, e isso é acompanhado de dificuldades nos processos de simbolização, que são justamente o que abrem espaço para a perda e possibilitam a tolerância da frustração e da dor.

No desenvolvimento do indivíduo, a aquisição da capacidade simbólica se encontra primariamente associada à função materna, mas vai ser a função paterna –como representante do terceiro elemento ordenador, executor da operação de corte na proximidade corporal da díade mãe-filho– o que vai garantir o lugar do símbolo. A falha nas operações de simbolização, que deixa o sujeito capturado no âmbito do narcisismo, do materno, do corporal, poderia estar diretamente relacionada à precariedade da função paterna em tal processo.

### **Do corpo à palavra: a psicanálise de sempre**

Tendo desenvolvido algumas das contribuições conceituais mais significativas para compreender os fatores psíquicos envolvidos na aparição dos *ataques de pânico*, gostaríamos de apresentar por que consideramos que a psicanálise não só possui

as ferramentas para tratar desses sintomas, mas também constitui o enfoque pertinente. É a especificidade da psicanálise o que precisamente requer a compreensão e o tratamento do que se encontra obturado em um sintoma como esse; aquilo que falha no indivíduo e que o sintoma expressa constitui justamente a tarefa original e fundamental da psicanálise. Isto é, sustentar o trânsito do corpo – e a pulsionalidade – rumo à palavra através da restituição da simbolização, que está impedida.

Consideramos que os três pilares do método psicanalítico constituem o suporte para a compreensão e o tratamento desses episódios. Eles são: *o enquadre*, que configura o marco necessário para que se desenvolva o vínculo significativo; *o processo* por meio do qual emerge o símbolo e se garante o trânsito do corporal e do emocional, ainda sem significado, rumo ao desenvolvimento de um campo representacional da experiência; e *a transferência*, como o foco de atração vivencial da problemática objetal, que garante a evidência dos múltiplos processos psíquicos que, de outro modo, permaneceriam na escuridão, bem como a possibilidade de uma mudança psíquica consistente.

### **O enquadre analítico: um espaço para o símbolo**

Ao se tratar de um ambiente vivo, que inclui a estabilidade dos elementos que dão segurança pela sua permanência tanto como os elementos variáveis que possibilitam a mudança, oferece-se como um espaço para o desdobramento do processo de subjetivação com suas múltiplas vicissitudes. Isto é, a construção de um vínculo significativo, a emergência do sujeito e do símbolo, mas também a representação de tudo isso replicado em um mundo interno, que se amplia ou que se inaugura e possibilita a entrada no espaço psíquico, tão temido e evitado nos casos que estamos tentando compreender. Espaço interno que, nas palavras de Quinodoz (2005), pode ser vivido como uma possibilidade cheia de riquezas ou como a projeção de um vazio assustador.

O aprofundamento desse espaço interno é amparado pelo processo de simbolização que estabelece pontes entre o sujeito e o objeto, entre a realidade psíquica e a realidade exterior, entre o passado e o presente, o que se comprova, segundo A. Gibeault (2008), na cura analítica, mas

cujo trabalho só é possível com a condição de se referir à terceira instância do enquadre: a situação analítica aparece assim ao mesmo tempo como simbólica e simbolizante, razão pela qual seu método de funcionamento se baseia em uma estrutura de três termos. (p. 1225)

A problemática espacial, expressa nas diferenciações entre dentro e fora (sujeito e objeto, realidade interna e realidade externa), constitui o trabalho elaborativo que surge diretamente do enquadre psicanalítico, sobretudo quando ele se encontra nutrido com a noção de espaço potencial apresentado por Winnicott (1971/1995). Espaço para o vínculo e para a diferenciação, para o jogo e, portanto, para o desenvolvimento do simbólico e da emergência dos aspectos verdadeiros do self. Ou seja, para a construção da pessoa, que, se puder ser levada a essa “zona intermediária da experiência” (nas palavras de Winnicott, 1971/1995), poderá experimentar a vida com mais esperança e menos angústia, erguendo-se como possibilidade de transformar em terreno de jogo o que é difícil e mortal. E o enquadre abriga essa oferta.

Mas, quando falamos dos *ataques de pânico*, essa meta não pode ser atingida sem um trânsito que resgate primeiro a angústia e o medo, como parte do mais verdadeiro que surge, até o uso posterior de funções mais criativas e vitais. A angústia do *ataque de pânico* gera a possibilidade de um espaço que se torna volumétrico

e que poderia se perder se somente recorre-se à medicação ou se não é analisado. Necessita, mais propriamente, a prova de que há uma testemunha da sua experiência, de que está sendo contemplado, visto, escutado por alguém respeitoso que o registra como pessoa. Alguém que possa conter o medo e sustentá-lo para que possa usar o espaço recém-aberto para seu mundo interno.

### **O processo: trabalhando na zona de sombras**

“O mundo que se esconde sob o fenômeno é mais claro do que o mundo aparente”, nos diz Bachelard (2004, p. 95), e apesar de nos dar entusiasmo para que nos internemos nas profundezas do fenômeno, não podemos esquecer o quão pantanosa pode ser a tentativa de compreender algo que brilha por sua ausência. Temos que encontrar sentido para algo que se apresenta como totalmente ausente de sentido, o que mostra a magnitude da tarefa e, com certeza, é uma boa explicação de por que parece mais fácil simplesmente eliminar o sintoma.

As dificuldades se agudizam, por um lado, porque frente aos ataques de pânico nos encontramos com tal falha no processo psíquico das emoções que o sujeito –precisamente pelo medo– pode sentir que se trata de uma mera descarga. Por outro lado, o significado que o analista procure dar a isso provavelmente parecerá inoperante para o paciente. Apesar dessas dificuldades para chegar a compreender o sentido de uma crise como essa, o analista não deveria recuar do seu objetivo de relacionar os elementos que facilitem o encontro entre as partes cindidas do sujeito, apesar de seu mundo interno parecer se mover apenas entre a escuridão do significado ou a escuridão do terror.

Expressamos que, para o *ataque de pânico* –bem como para todo sintoma psicossomático–, as pontes implícitas do enquadre psicanalítico funcionam como mediadoras, como propulsoras da transição necessária para sair do corpo através dos diferentes níveis de simbolização oferecidos pelo trabalho analítico. Isso significa que, apesar de tais sintomas psicopatológicos revelarem justamente falhas em nível de simbolização, não por isso a tarefa analítica está isenta desse trabalho. Pelo contrário, teria que haver um olhar cuidadoso e atento ao desenvolvimento dos processos truncados de simbolização. Apesar de eles não estarem operativos, estão presentes de forma potente –por sua ausência–, através dos sintomas. É a escuta atenta aos mínimos insumos com que se possa contar, aos elementos equivalentes aos primeiros passos na cadeia representacional, o que irá abrindo um lugar para o psíquico, enquanto o trabalho analítico irá se situando em uma *zona de sombras*, como definida por Green (2005), seguindo o legado de Freud de trabalhar na escuridão, apesar de ela parecer inacessível.

Recordemos, além disso, que no ataque de pânico é a presença da angústia e do medo (entre outras emoções) o que garante que não exista uma ancoragem no que é puramente psicossomático, e essas emoções, mais precisamente, constituem a porta de entrada para aspectos com maior qualidade psíquica, com os quais se poderia trabalhar analiticamente. Por isso, nos parece pertinente a metáfora introduzida por Green (2005) ao se referir a uma dinâmica que acontece não em uma escuridão absoluta, mas sim em uma zona de sombras, e que alude, também, a algo que se desenrola entre a vida e a morte, situação em que com certeza o sujeito acredita estar.

As contribuições conceituais que se inclinaram ao estudo do pré-simbólico optam, mais propriamente, por uma visão que coloca o foco no modo em que esses fenômenos, na psicopatologia, replicam a origem do desenvolvimento do psíquico. A maioria delas tenta a compreensão do arcaico da história do indivíduo, ou seja, de um tipo de funcionamento psíquico extremamente precoce, em que não

há uma base registrável das vivências na ordem do simbólico, problemática que teria de contar com dispositivos técnicos *ad hoc* para atender seu caráter primitivo. Contamos, entre as mais representativas, com contribuições conceituais como: o *holding* de Winnicott (1960/1993b), a *reverie* de Bion (1967/1972b), o *pictograma* de Aulagnier (1967/1991), a noção de *eu-pele* de Anzieu (1985/1995) e o *trabalho de figurabilidade* dos Botella (2003).

Uma vez situada a problemática nesses confins aparentemente inacessíveis, não se pode evitar o fato de que se trata de um sintoma que pede atenção, um sentido, ainda que, em si mesmo, seja a expressão aparente de uma carência de sentido. É por isso que Green (2005) propõe que o trabalho analítico deve estimular a ampliação do pré-consciente, que pode ser considerado o espaço de sombras por excelência, e que nos remete ao objetivo da psicanálise desde o seu início.

Para resolver a abordagem no trabalho analítico, Silvia Bleichmar (2004, 2005) introduz o conceito de *simbolizações* de transição. São facilitadoras da possibilidade de capturar os restos do real, e permitem, assim, a apropriação de um fragmento representacional que não pode ser apreendido por meio da associação livre e cujo significado é esquivo, apesar de se repetir de modo compulsivo.

*As simbolizações em transição* são intervenções

que funcionam como simbolizações de passagem, como pontes simbólicas, quando se confrontam fracassos da simbolização do tipo que se produz nos processos traumáticos e na aparição de psicossomáticas. Trata-se, seja como modos de “autotransplante psíquico” exercidos por meio do emprego de fragmentos representacionais que apareceram ao longo da análise, seja através de propostas de montagem, de elementos que devem ser considerados como o que são: pontos de apoio para produzir a passagem a simbolizações de maior permanência. (Bleichmar, 2005, p. 65)

Na mesma linha, Ruggero Levy (2012) –seguindo a teoria de Bion– sugere a vantagem do uso de *pensamentos-próteses* quando a mente ainda não possui uma função  $\alpha$  suficiente para simbolizar uma determinada emoção ou quando ainda não se constituiu um continente capaz de conter determinados pensamentos (carregados de emoções impensáveis). Nesses casos, o sujeito pode se valer desses *pensamentos-próteses*, que são as imagens que a cultura oferece e que servem para dar figurabilidade a elementos não simbólicos, facilitando pensar o impensável naqueles casos que apresentam falhas em sua capacidade representacional.

## **A transferência do possível**

Falamos do enquadre psicanalítico como um espaço concebido para que se desdobre o vínculo significativo que facilitará o surgimento do não pensado e do não dito sobre vivências profundamente negadas por sua natureza dolorosa, vivências que –como pudemos apresentar– vão se expressar diretamente através da angústia, das sintomatologias corporais, da vivência de morte e loucura, ou seja, daquele conglomerado que vemos concentrado nos *ataques de pânico*. Nós nos dispomos a falar agora sobre esse tipo de vínculo que possibilita o surgimento do símbolo, da palavra, de tal modo que a expressão de emoções, sentimentos e vivências seja facilitada pela sustentação de uma outra testemunha, acompanhante de um processo vivencial de grande intensidade.

A qualidade que dá maior significado ao vínculo analítico é o desdobramento da transferência, por se tratar de um portal privilegiado para a reatualização do tipo de vínculo problemático que levou o paciente a múltiplos sofrimentos cujas raízes, apesar do impacto, geralmente permaneciam ignoradas para ele.



A transferência do possível enfatiza o lugar de uma nova configuração na vida do sujeito, em que aquilo que parecia impossível de ser pensado –e que era apenas cindido e levado ao corpo ou ao mundo exterior– pode adquirir uma existência para o psiquismo. Ela é, ao mesmo tempo, o cenário para que se apresente a problemática inconsciente do sujeito e o meio de se aproximar do conhecimento dos conteúdos de tal problemática. Também é um campo configurado para que se desenvolva o que é possível, dados os recursos e as limitações psíquicas do indivíduo, mas que não seria realizável sem a contribuição (o olhar) do outro, analista.

O papel da transferência foi mudando com o tempo. Antes, pensava-se que ela não acontecia em pessoas sem uma suficiente capacidade representacional. A partir das contribuições sobre a regressão de Winnicott (1954/1999) e de Balint (1968/1993), pelo contrário, vê-se a transferência como a porta de acesso a processos inconscientes de insuficiente capacidade simbólica, em que a problemática central não provém de uma conflitividade inconsciente, mas sim que é produto de falhas no ambiente que são viabilizadas através da transferência.

O vínculo analítico disposto para a transferência é a configuração viva do espaço para o simbólico. Ao se tratar da referência a um outro (objeto do passado), a transferência –assim como o enquadre– garante a existência de um terceiro elemento, de um fundo organizador, de um gerador de perspectiva que resgata o sujeito da concretude e da ancoragem no material corpóreo. Uma oferta de campo simbólico que alguns poderão usar utilizando símbolos, metáforas, sonhos, fantasias, enquanto outros percorrerão um longo caminho antes de se aproximar até mesmo do aprofundamento do espaço interno que implica o uso de tais formações psíquicas. É essa última circunstância, justamente, o que encontramos nos sujeitos que apresentam uma falha permanente ou transitória da capacidade simbólica, como aqueles afetados por *ataques de pânico*, e cabe à psicanálise, que desenvolveu essas sofisticadas ferramentas, levá-los ao uso desse campo simbólico.

Estimamos que o que acontece no *ataque de pânico* não é só uma descarga corporal resultante de uma falha neurológica e não pensamos que se trate de uma angústia por represamento da libido, que busca liberar tais magnitudes de tensão, também não acreditamos que se trate apenas de uma confusão nos sinais de autoproteção que leva a pessoa a reagir de forma equivocada frente a um perigo que não existe; consideramos que, apesar de não parecer assim, não se trata de um fato isolado, sem motivos e sem um sentido inconsciente, ainda que a conexão esteja avariada.

Dito isso, as pistas que poderíamos buscar para construir o sentido do sintoma, ainda inacessível, são pistas que com certeza estarão compactas ao ponto de se mostrar com a escuridão e o fechamento com que esse sintoma se identifica. O sentido que pode aparecer na transferência chega a nós como uma evidência privilegiada ao nos afetar diretamente através do seu impacto emocional, que pode ser captado via contratransferência.

Não tentar seguir as pistas que nos aproximam das fantasias inconscientes (de paciente e analista) e que se encontram turvas ou soterradas –no melhor dos casos–, cindidas ou obturadas –no pior–, deixaria o analista à mercê do surgimento de atuações como reação ao transferido, antes de se colocar frente à possibilidade da sua compreensão. Dessa maneira, poderiam ser confirmadas as fantasias de vulnerabilidade e de terror do paciente, de se encontrar sozinho, sem contar com a mente do seu analista, em vez de que ele pense o medo, primeiro, pelo seu paciente e, depois, com ele.

Bion (1970/1974) compreendeu tarefas analíticas semelhantes quando introduziu o conceito de *capacidade negativa*, que consiste na capacidade do analista de sustentar a angústia da ausência de compreensão, confiando em que ela surgirá, e

respeitando a capacidade do paciente de tolerar a dor mental, de tal modo que essa disposição no analista, de paciência e confiança, de tolerar a incerteza, permitirá aproximá-lo do campo do ainda incompreensível.

### **Ligando os pontos: a transferência do social**

Acontece hoje, como nos momentos inaugurais da psicanálise, que a dinâmica social produz expressões sintomáticas e, ao mesmo tempo, prejudica o acesso ao mecanismo que, pretende-se, esclarece aqueles sintomas. Dessa maneira, vemos atualmente a tendência voraz a consumir bem-estar, a não tolerar o espaço para o sofrimento e a se blindar frente à dor, o que leva o sujeito a uma permanente sensação de medo diante do perigo do surgimento de tal sofrimento, que o mergulharia em uma fragilidade extrema. Além disso, vemos, como reflexo do social no indivíduo, a tendência a substituir, em vez de reconhecer a falta, evitando os processos de luto e as emoções que o acompanham, defendendo-se incessantemente de que apareça qualquer indício de sofrimento. Também teme-se tudo aquilo com tanto empenho, que se fecha a possibilidade do surgimento do espaço para o símbolo, que é justamente o recurso humano para sustentar a falta.

Por outro lado, existe o crescente interesse na recuperação teórica do lugar do pai no interior da psicanálise, ausência social e teórica que vinha acontecendo não sem graves consequências. Do ponto de vista social, poderia ter gerado muitas das variações mais notáveis na construção de uma subjetividade cada vez mais ameaçada pela imediatez do material em detrimento do desenvolvimento do simbólico, uma existência cujos benefícios acontecem às custas do ser, e daí a multiplicação de sintomas que expressam um tipo de vida que vira as costas para o mundo interno.

Consideramos necessário, então, que nos detenhamos nas vicissitudes do lugar do pai, que situamos como um dos aspectos centrais com que contamos para explicar os fenômenos psicopatológicos atualmente, em que parece acontecer uma ancoragem materna de tal magnitude que termina em uma privação psíquica que impede o acesso à função paterna.

Em uma cultura como a atual, em que se expande o medo por todas as esferas da vida social e individual, somado ao déficit de símbolos que fariam do espaço interno um refúgio melhor, o desprezo do lugar do pai não pode ser ignorado sem que se observem seus efeitos, sendo o mais notável o aumento drástico do sentimento de vulnerabilidade. A função paterna configura uma condição ordenadora que propicia sentimentos de confiança que permitem conter os medos que o sujeito terá de enfrentar na vida, ajudando-o no trânsito à exogamia, do ambiente familiar protegido para o lugar que ocupará posteriormente na sociedade.

Nós nos aproximamos dos nossos pacientes com certas teorias implícitas e um enquadre mental que facilita ou não a investigação analítica; por isso, dificilmente vamos reconhecer –e menos entender– o que buscamos. Alude-se aqui aos tempos de medo da cultura e da sociedade, mas também aos tempos de medo que afligem o sujeito em um momento determinado da sua vida e que podem ser um ponto de ruptura em sua evolução, dependendo do olhar que tivermos. Roussillon (1991) diria que são situações da clínica que “esquentam ao máximo” as condições da prática psicanalítica e que a analisabilidade do paciente depende das

concepções técnicas do analista, da sua teoria da prática, do tipo de marco interno que utiliza e, portanto, daquele aspecto da sua contratransferência que está comprometido em cada uma dessas questões. (p. 264)

Imersos na transferência, poderemos detectar a natureza dos vínculos parentais, situando-nos no lugar do objeto faltante, mas sem deixar de cuidar do fato de que, de algum modo, sempre estará presente a outra imagem parental. Nós nos convertemos, desse modo, em instrumentos de um processo de simbolização que pode se tornar cada vez mais relevante. A palavra que surge desse vínculo significativo não é só a palavra que surge da relação analista/paciente, mas sim, também, aquela palavra surgida simbolicamente de um casal como um terceiro produto, que nos remete ao legado psíquico que os pais –juntos– imprimem em seus filhos ou que eles terão de unir de alguma forma em sua mente.

Uma transferência –a desse caso– que permita o acesso à capacidade simbólica acontecerá a partir de que o paciente possa abrir um espaço –ali onde aparecia a angústia e o medo intenso– e comece a confiar no seu inconsciente, e isso poderá acontecer quando intuir que o que há nele é o mais importante, apesar de não saber ainda do que se trata. Desse modo, o paciente poderá trazer seus objetos, cada vez mais arcaicos, quando puder se dispor a viver o luto pela onipotência infantil do narcisismo perdido. A confrontação com a perda do objeto e com a vulnerabilidade do self vai sendo realizada no interior da transferência desses objetos arcaicos, uma transferência que revitalize a dinâmica de presença/ausência de cada figura primordial e as vivências associadas ao casal parental, frente a um objeto que facilite a aparição do símbolo em um processo que acaba sendo sempre um luto, e em que o analista convocado terá que estar disposto a participar.

Myrta Casas (2012) lembra que

a própria vida depende então de uma morte, uma perda radical para que o ser humano nasça para a vida psíquica. Vida e morte se codeterminam e determinam o homem a desejar... o que se perde, sempre que o outro nos acompanhe e seu desejo apoie tal acontecer. (p. 90)

Será a capacidade simbólica do especialista, sua própria tolerância aos sentimentos dolorosos e ameaçadores, o que permitirá o surgimento do verdadeiro, conduzindo a pessoa à possibilidade de dar significado à experiência vivida.

Independentemente da conveniência da prescrição de psicofármacos para cada caso específico, um olhar excessivamente temeroso, e que evita tais sentimentos, ou a ignorância sobre os mecanismos inconscientes desencadeados nessas crises impedirão o uso dessa valiosa oportunidade e poderiam colocar o sujeito diante do perigo de repetir várias vezes tais sintomas, em busca de alguém que o ajude a dar-lhe um lugar, primeiro, e um sentido, depois.

## Resumo

Encontramo-nos atualmente em uma verdadeira indústria do bem-estar, em um momento em que não se tolera o sofrimento e se vive com o medo do surgimento de emoções que poderiam nos tornar vulneráveis. Daí que os *ataques de pânico* sejam uma das expressões psicopatológicas mais representativas dessa cultura, já que cristalizam esse medo que leva o ser humano a viver de acordo com um modelo.

Defendemos que o *ataque de pânico* é um fenômeno complexo e não somente um encapsulamento de terror que deva ser rapidamente suprimido. Esse não é o objetivo da psicanálise; uma psicanálise de acordo com nosso tempo facilita uma abertura à compreensão daquilo que o sintoma obtura e comunica ao mesmo tempo. A intervenção dos psicofármacos na administração da emergência não nos exime de afinar as ferramentas psicanalíticas para compreender o que esse sintoma

significa atualmente.

São tempos de medo que atingem o sujeito em um momento de sua vida e que podem ser um ponto de ruptura em sua evolução, dependendo do olhar que dermos a eles. Um olhar que conserve nossa especificidade sem deixar de atender o sofrimento do paciente é o desafio que todo psicanalista deve enfrentar.

**Palavras-chave:** *Cultura, Medo, Ataque de pânico, Teoria psicanalítica, Método psicanalítico.*

## Abstract

In our time we find ourselves in a real industry of wellbeing, where suffering is not tolerated and we are afraid of the irruption of emotions, which could make us vulnerable. Hence the panic attacks are one of the most psychopathological representative expressions of this culture to crystallize this fear that urges man to live according to a frame.

We argue that the panic attack is a complex phenomenon and not just an encapsulation of terror that should be promptly deleted. Not being this its aim, a Psychoanalysis according to our time facilitates an opening towards understanding of what the symptom seals and communicates simultaneously. The intervention of psychoactive drugs in the management of emergency does not excuse us to refine the psychoanalytic tools to understand what this symptom means today.

These are times of fear which hang over the subject at a time of his life and can be a turning point in his evolution, depending on the perspective we take. One perspective that keeps our specificity without neglecting the suffering of the patient is the challenge that every psychoanalyst must encounter.

**Keywords:** *Culture, Fear, Panic attack, Psychoanalytic theory, Psychoanalytic method.*

## Referências

- Anzieu, D. (1995). *El yo-piel*. Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1985).
- Assoun, P. L. (2002). *Lecciones psicoanalíticas sobre las fobias*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 2000).
- Aulagnier, P. (1991). El trabajo de la interpretación: La función del placer en el trabajo analítico. In L. Horstein (comp.), *Cuerpo, historia, interpretación* (pp. 317-341). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bachelard, G. (2004). *Estudios*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Balint, M. (1993). *La falla básica*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1968).
- Bauman, Z. (2006). *Vida líquida*. Madri: Paidós.
- Bion, W.R. (1972a). Diferenciación entre la parte psicótica y no psicótica de la personalidad. In W. R. Bion, *Volviendo a pensar* (pp. 64-91). Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W.R. (1972b). *Volviendo a pensar*. Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W.R. (1974). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bleichmar, H. (1999). El tratamiento de las crisis de pánico y el enfoque Modular-Transformacional. *Revista de Psicoanálisis*, 3, 1-25.
- Bleichmar, S. (2004). Simbolizaciones de transición: Una clínica abierta a lo real. *Docta*. Recuperado de [http://www.silviableichmar.com/articulos/simbolizaciones\\_transicion.htm](http://www.silviableichmar.com/articulos/simbolizaciones_transicion.htm)
- Bleichmar, S. (2005). Vigencia del concepto de psicósomática: Aportes para un debate acerca de la articulación entre lo somático y lo representacional. In A. Maladesky, M. López e Z. López Ozores (comp.), *Psicósomática: Aportes teórico-clínicos en el siglo XXI* (pp. 57-74). Buenos Aires: Lugar.
- Botella, C. y Botella, S. (2003). *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Casas, M. (1999). *En el camino de la simbolización*. Buenos Aires: Paidós.
- Casas, M. (2012). *Sujeto en escena: El significante psicanalítico*. Montevideo: Isadora.
- Cóccaro, M. (2002). La segunda teoría de la angustia y una relectura de la primera. *La Peste de Tebas*, 23, 5-10.

- De Masi, F. (2004). The psychodynamic of panic attacks: A useful integration of psychoanalysis and neuroscience. *International Journal of Psychoanalysis*, 85, 311-336.
- Dio Bleichmar, E. (1991). *Temores y fobias: Condiciones de génesis en la infancia*. Barcelona: Gedisa.
- Fernández de Nieva, S., Giménez, A. e Rodríguez, A. (1998). Ataque de pánico: Memoria activa del desamparo. *Revista de Psicoanálisis*, 55(4), 893-904.
- Gabbard, G. (2002). *Psiquiatría dinámica en la práctica clínica*. Buenos Aires: Médica Panamericana.
- Gibeault, A. (2008). Simbolización (proceso de-). In A. De Mijolla (dir.), *Diccionario Internacional de Psicoanálisis 2*. Madrid: Akal.
- Green, A. (2005). Teoría. In A. Maladesky, M. López e Z. López Ozores (comp.), *Psicosomática: Aportes teórico-clínicos en el siglo XXI* (pp. 123-160). Buenos Aires: Lugar.
- Guimón, J. (2007). *Crisis y porvenir del psicoanálisis: Reflexiones de un psiquiatra dinámico*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (2007). *Diccionario de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabajo original publicado en 1967).
- Levy, R. (maio, 2012). *Dando "pensabilidade" ao impensável: Criando "andaimes" ao pensar em adolescentes com transtornos severos*. II Jornada de Psicanálise da Infância e Adolescência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo.
- Lieberman, D., Grassano, E., Neborak, S., Pistiner, L. e Roitman, P. (1993). *Del cuerpo al símbolo: Sobreadaptación y enfermedad psicossomática*. Santiago: Ananké.
- Lutenberg, J. (2007). *El vacío mental*. Lima: Siklos.
- Marty, P. (1992). *La psicossomática del adulto*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Marty, P. (2011). Las dificultades narcisísticas que el problema psicossomático le presenta al observador. *Libro Anual de Psicoanálisis*, 26, 141-152.
- Quinodoz, D. (2005). *El vértigo entre angustia y placer*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Roussillon, R. (1991). *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Schneider, J.A. (2007). Panic as a form of foreclosed experience. *Psychoanalytic Quarterly*, 76, 1293-1316.
- Verhaeghe, P., Vanheule, S. e De Rick, A. (2007). Actual neurosis as the underlying psychic structure of panic disorder, somatization and somatoform disorder: An integration of Freudian and attachment perspectives. *Psychoanalytic Quarterly*, 76, 1317-1350.
- Viñar, M. (2012). Tradición/Invención. *Calibán - Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 10(1), 66-76.
- Winnicott, D. W. (1993a). La distorsión del yo en términos del self verdadero y falso. In D. W. Winnicott, *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador* (pp. 182-199). Buenos Aires: Paidós. (Trabajo original publicado en 1960).
- Winnicott, D. W. (1993b). La teoría de relación paterno-filial. In D. W. Winnicott, *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador* (pp. 47-72). Buenos Aires: Paidós. (Trabajo original publicado en 1960).
- Winnicott, D. W. (1995). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa. (Trabajo original publicado en 1971).
- Winnicott, D. W. (1999) Aspectos metapsicológicos y clínicos de la regresión dentro del marco psicoanalítico. In D. W. Winnicott, *Escritos de pediatría y psicoanálisis* (pp. 371-390). Barcelona: Laia. (Trabajo original publicado en 1954).
- Yildiz, I. (2008). *Sentimientos, emociones, pasiones y síntomas: Estudios psicoanalíticos y aplicación a un caso clínico*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.



O Estrangeiro

Beatriz Sarlo\*

## Episódios na margem



*Margem*, palavra polissêmica. Linha de separação e também a linha de contato. Princípio de uma representação ou lugar onde uma representação toca o seu ponto final. Um mapa é definido, em primeiro lugar, pelas superfícies encerradas entre margens; mas também é definido pelas margens cuja função é delimitar superfícies; um território termina em suas margens ou começa nelas, segundo a direção do olhar, que é também uma ideia, não só uma perspectiva espacial. A margem é o lugar em que os objetos, as línguas, as culturas podem se confundir (lugar de fusão) ou se confrontar (teatro de conflitos).

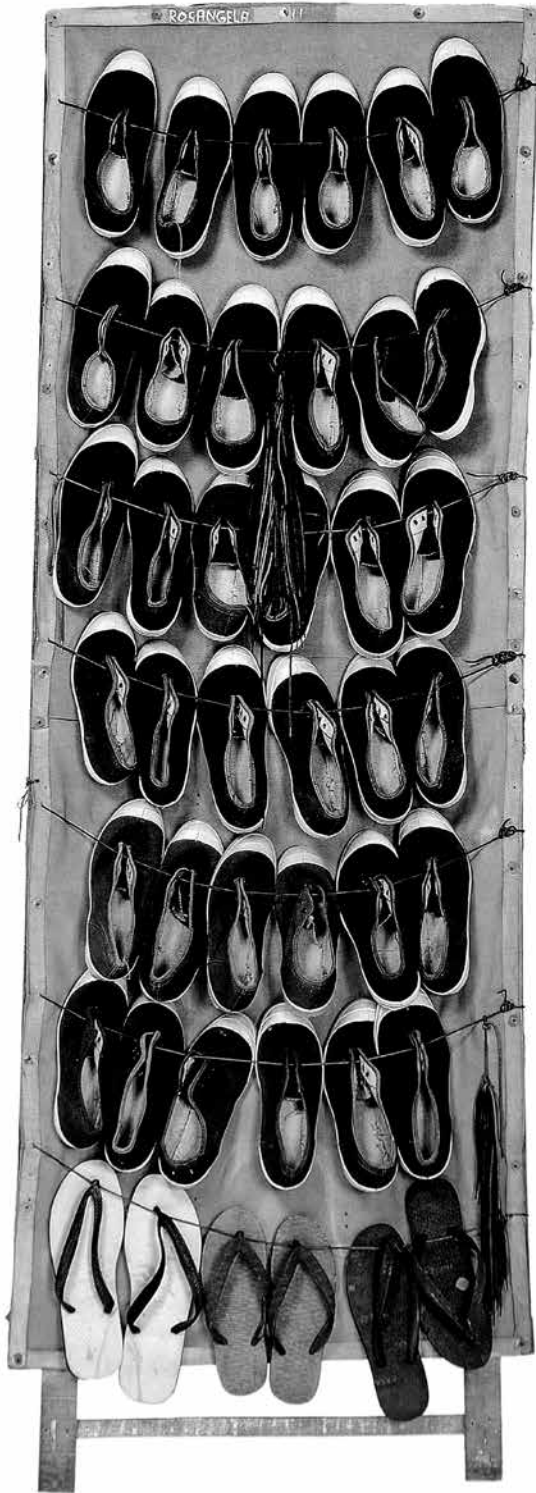
*Estar à margem* significa se desentender, entender as coisas de outro modo ou atender outras coisas. *Estar à margem* é correr o risco de não ser representado pelo discurso, de não fazer parte. O sentido da margem é um experimento de exclusão, que se confronta com diferentes estratégias culturais. E é também uma experiência voluntária de inclusão: nós, os dessa margem.

Nas margens, o fluxo de mensagens se torna rico e instável. As línguas são contrabandeadas. Na margem há superabundância e escassez simbólica. Superabundância, porque aí competem os diferentes. Escassez, porque nenhum alcança a legitimidade, exceto depois de longos conflitos. Sobretudo, a margem nunca é plenitude, porque se define sempre em relação a um centro que, imagina-se, está cheio do que na margem é ausência, diferença, não identidade.

*Estar na margem* é parecer outra coisa, ser irreconhecível em uma cidade, uma fronteira, um território em guerra, um aeroporto. A margem significa também não pertencer: a qual lugar pertencem os imigrantes que caminham centenas de quilômetros e se jogam ao mar para chegar à Europa? Em que margem se coloca o exilado, o ser humano de outra cor ou religião? Na margem, diferenças explodem e, muitas vezes, são pagas com a morte. A Doxa assinala e põe nome: esse é estrangeiro.

---

\* Escritora, jornalista e ensaísta argentina.





No entanto, na época das migrações globais, há uma nova visibilidade; reorganizam-se as características do que pode ser visto sem o sentimento de uma diferença abismal. A globalização é um novo regime de olhar e de novas relações de atribuição de identidades. Antes, as colônias eram a margem de centros metropolitanos; como margem se tornaram independentes, fazendo valer a qualidade do não pertencimento ou do limite.

Os migrantes sempre chegaram de fora, de outra margem. Mas durante boa parte do século XIX e das primeiras décadas do XX, na Argentina, eram marginais esperados e relativamente aceitos dentro dessa nação que, por sua vez, era uma margem. Há mais de cem anos chegaram aqui os primeiros contingentes judeus; eles foram enganados com promessas não cumpridas, mas conseguiram se estabelecer e deixaram de ser uma minoria marginal. O passo entre a margem e a territorialidade plena tem a ver com a economia e com as defesas culturais. Quando a imigração era um programa das elites argentinas, quem chegava das margens mais “exóticas” (pensemos: o sul da Rússia, Síria, aldeias mínimas da Itália ou do centro da Europa) se integrava em instituições que, verticalmente, produziam uma identidade que lhes retirava o estigma da margem e os nacionalizava: festas nacionais, bandeira, hino e, sobretudo, mercado de trabalho.

As diferenças em relação às margens diminuía em função de construir um perfil nacional. Mas é possível continuar a sustentar aquelas velhas ideias de identidade, que sempre privilegiam um centro? Talvez poderíamos renunciar a essa lógica da identidade, o que implicaria renunciar também a uma identidade dominante. Se o dominante renuncia à primazia da sua identidade, já não congela os dominados em sua identidade estrangeira nem os força para que a abandonem. Hoje outras migrações chegam de uma margem que, em si mesma, termina sendo indesejável. Escuto dizer: “Há 30.000 peruanos vendendo drogas em Buenos Aires”. Penso: “Essa cifra é absurda”. Mas não se discute ideologia com cifras.

Os dois lados que compartilham e competem pela margem são desiguais. Essa é tipicamente a situação dos migrantes frente ao país aonde chegam. Também é a situação da América em relação à Europa. A história intelectual e cultural argentina poderia ser traçada seguindo a forma em que o ensaio e a literatura abordaram essas questões.

Estas anotações percorrem três figurações da margem: são episódios de história cultural e literária, onde a consciência da margem foi essencial para encontrar uma forma estética ou um programa ideológico.

## **A margem da língua**

Em 1837, quando a própria ideia de *nação* parecia uma utopia ou um horizonte distante, os homens que mais tarde, terminadas as guerras civis, formariam a elite governante começaram uma discussão sobre o que deviam ser a língua e a literatura nacionais. Eles formularam, mais ou menos, a pergunta seguinte: o que acontece com a linguagem em regiões onde os limites linguísticos não coincidem com os limites nacionais? O que acontece com a cultura e com a identidade em territórios que continuam a falar a língua de uma metrópole colonial? O que acontece com a cultura nas margens?

O programa romântico indicava que a autonomia, a inovação e a originalidade linguística eram direitos e bases de uma cultura nacional. Pensamento e língua eram inseparáveis. Os românticos destacaram que a independência nacional nunca estaria completa se a autonomia não se sustentasse em uma inflexão própria e radicalmente diferente do espanhol. O imaginário romântico fundia a ideia de

independência política com a de independência linguística. Se o Rio da Prata era uma margem remota do que havia sido o império colonial, seu direito à independência cultural era tão forte como o da independência política. O ano de 1810 marcou a insubordinação das margens coloniais.

A margem era um espaço de oportunidades: assim como havia sido alcançada a autonomia dessa região longíssima da metrópole, era possível exercer nela liberdades inauditas na Espanha. Os homens de 37 pensaram que eram livres para se separar do espanhol peninsular e que justamente sua distância era uma condição favorável que os habilitava a escolher as línguas modernas e esclarecidas da Europa. Isso, na década de 1830, queria dizer o francês. Como escreveu sem pudores Juan María Gutiérrez, na margem do Rio da Prata era possível evitar todo ideal de pureza linguística e misturar todos os novos vocabulários da filosofia, da política, da literatura e da ciência da Europa não espanhola.

Desse modo, as línguas estrangeiras ao espanhol se converteram na paradoxal garantia de originalidade desses intelectuais que ressemantizavam a margem: em vez de considerá-la algo que estava “longe”, consideraram-na um espaço livre onde tudo podia confluír. A partir dos românticos de 37, a tradução foi um dos grandes projetos culturais rio-platenses.

Como projeto de democratização cultural, coloca os textos centrais fora do seu lugar de origem e os afasta para as margens.

A tradução é uma prática fundadora nessa região culturalmente afastada. Como no caso italiano (grande país de tradutores), traduz-se na margem porque aí pesam menos as tradições e superstições nacionais. No século XX, um processo de traduções verdadeiramente espetacular teve como protagonistas várias editoras históricas de Buenos Aires. Desde meados dos anos 30, entre os gestores dessa máquina de traduzir contaram-se os exilados espanhóis, esses homens duplamente inscritos na margem (da nação que abandonavam ou que os abandonava, e do país aonde chegavam).

De *El capital* (*O capital*), traduzido primeiro pelo socialista Juan B. Justo (Marx, 1867/1918) e depois, no México, pelo exilado espanhol Wenceslao Roces (Marx, 1867/1959), até a monumental tradução de *Economía y sociedad* (*Economia e sociedade*), realizada no México por uma equipe da qual fez parte José Ferrater Mora (Weber, 1922/1964), outro exilado, que colocou Max Weber pela primeira vez em uma língua que não fosse o alemão. Das traduções literárias promovidas por Victoria Ocampo e as de Walter Benjamin publicadas por H. A. Murena, que são anteriores às espanholas (e intransitáveis) de Jesús Aguirre, até *Ciencia de la lógica* (*Ciência da lógica*) de Hegel, traduzida pelos italianos antifascistas Augusta e Rodolfo Mondolfo (Hegel, 1812-1816/1976), e a obra de Sartre, cuja *Crítica de la razón dialéctica* (*Crítica da razão dialéctica*) foi traduzida em Buenos Aires pelo exilado espanhol Manuel Lamana (Sartre, 1960/1970). Intelectuais latino-americanos e exilados fizeram uma aliança entre diferentes dimensões da língua (a da margem e a que os exilados trouxeram da Espanha).

## Ruas e nomes

Buenos Aires foi fundada em uma margem do Rio da Prata, a menos pitoresca e a mais lamacenta. Mas no final do século XIX a cidade começou a se pensar como grande capital e escreveu esse projeto em seus monumentos. Do centro do mundo foram enviadas estátuas como tributo ao centenário da independência, ou seja, para honrar um fato em que a margem reclamou sua condição de nação, inclusive marginal. Cada país da Europa presenteou Buenos Aires com o ícone que lhe per-

mitiria demonstrar o cumprimento da sua pretensão na materialidade do espaço urbano. As estátuas viajaram milhares de quilômetros: do centro à margem.

Os nomes das ruas portenhas reconhecem a centralidade dos territórios culturais de onde chegaram os monumentos. Primeiro homenageiam-se, claro, os heróis da independência e seus presidentes, depois, a geografia nacional e a dos países situados para além das nossas margens, e finalmente vêm os sábios: Humboldt e Bonpland, Pasteur, Copérnico, Galileu, Franklin, Volta, Fleming, que integram uma nomenclatura ilustrada e cosmopolita.

Humboldt e Bonpland: Buenos Aires provavelmente é a primeira cidade da América que recorda, na topografia deliberadamente moderna das suas ruas, esses dois viajantes que não a visitaram. Seus nomes foram designados por ordem municipal de 1893, corrigida no caso de Bonpland em 1928, porque o nome estava mal escrito como “Bompland”. Acontece assim, nas margens, com a modernidade: fala de ausências e de atrasos, daquilo que não se tem. A cidade homenageia dois viajantes ilustres, cuja obra foi dedicada ao Chimborazo e à Colômbia. Homenageiam-se a visita que não aconteceu e os sábios europeus que não andaram pelos pampas.

Só um moderno olha o estrangeiro não simplesmente com curiosidade pelas diferenças extravagantes ou pelas surpresas maravilhosas, senão porque para ele é possível conceber que essa cultura possui qualidades mais interessantes do que a própria. A margem moderna olha o centro. Assim o mapa urbano dessa cidade de margem é uma escrita com nomes centrais da modernidade. Inscreve não só as marcas da sua história passada, mas também os signos do que a cidade ainda não tem, com os quais pretende construir um futuro. Louis Marin (1973/1975), em seu magnífico ensaio sobre a *Utopía* (Utopia) de More (1516/2004), afirma que, nessa obra, o relato de uma viagem faz com que a história se incline à geografia. De modo inverso, no mapa onde são inscritos os nomes de uma cidade, a geografia se inclina a essa forma da história futura que é o projeto. Por isso, entre os guerreiros da mitologia patriótica, estão os nomes dos sábios ilustrados.

Buenos Aires, então, adota os nomes europeus de Humboldt e Bonpland para suas ruas. E faz isso a 500 metros de onde Borges situa o coração da cidade *criolla*. Borges certamente caminhou pelas ruas Humboldt e Bonpland, porque para passar do norte ao sul da cidade, à altura do bairro de Palermo, esse é um dos caminhos possíveis (e muito prováveis, se nos lembrarmos dos itinerários borgianos). Essas ruas, quando receberam seu nome, estavam justamente nas margens deterioradas de Palermo.

Como se sabe, Borges inventou em seus três primeiros livros de poemas publicados na década de 20 (Borges, 1923, 1925, 1929) um ideologema, *las orillas* (as margens), com que representou esteticamente a margem paisagística e simbólica de Buenos Aires. A margem, esse espaço indeterminado que separa (ou une) a planície e as últimas edificações da cidade, onde as casas não têm calçada do outro lado da rua. A partir dessa margem fez suas grandes descobertas estéticas.

A cidade moderna coloca em cena um conflito espacial entre habitantes “legítimos” e “marginais” (uma palavra também polissêmica, que transfere, do espaço à moral, o pertencimento ao mundo do delito). As pessoas que vivem à margem, de Borges, são “marginais”: delinquentes, arruaceiros, guarda-costas. Vivem em bairros que fazem limite com o campo. Esses limites imprecisos, metáfora da colocação da América no Ocidente, evoca Borges no ideologema *las orillas*.

Borges percebe que o grande paradoxo da modernidade é a sua relação com o passado. Em sua cartografia de Buenos Aires, como em um mapa histórico, sobre-põem-se “estados de cidade” pretérita que vêm da lembrança ou da imaginação com “estados” presentes, onde as margens (impulsionadas pelo progresso técnico e do

transporte) se movem a uma velocidade que os portenhos de então experimentaram com fascínio ou nostalgia. A velocidade coloca a margem na categoria de traços preteritos. Por isso é visitada por Borges (Chacarita, Villa Urquiza, menciona em seus poemas dos anos 20). Percorre o tempo no espaço. As margens são um cronotopo: um umbral, um tempo e um prolongamento, na paisagem, do *criollo* que desaparece.

Borges converte essa marginalidade em um novo espaço poético e identitário. A imaginação poética representa uma margem indecisa entre o urbano (moderno) e o rural (arcaico, heróico): brinca com limiares do tempo, como dobradiça que articula o passado e o presente. A margem é o fim da cidade, sua margem sem calçada à frente. Mas também é parte dela, porque é o que está contíguo à cidade, o mais próximo da última casa.

Buenos Aires não se fecha como as velhas cidades europeias, com um muro que as separa das suas margens. Buenos Aires, nos anos 20, é ainda uma cidade incompleta, não tem *extra-muros*, tem subúrbios à margem, marginais. Todo limite ainda é incerto.

### A margem em Paris

A história das leituras de Saer passa por grupos minoritários. Isso não só se explica por sua distância de Buenos Aires, nem por esse caminho que escolheu até sua morte, de se mover de Paris a Santa Fé, como se Buenos Aires fosse o lugar ao qual se dedica apenas um trâmite rápido. Também não se explica que, quando as editoras espanholas ofereciam uma circulação relativamente ampla, as duas primeiras obras que Saer edita na Espanha, *El limonero real* (*O limoeiro real*, Saer, 1974/2008) e *La mayor* (Saer, 1976/2006), não fossem lidas ali onde eram lidos os autores da “nova literatura”. Definitivamente, Saer se inscreveu na margem.

A nova literatura, que rapidamente se converteu no centro da literatura latino-americana, era uma rede de autores, revistas, concursos, críticos, prêmios, agentes e relações editoriais. Saer não pertencia a nenhum desses circuitos nem era amigo de quem tinha poder de consagração. Por outro lado, apesar de que hoje, em um mercado editorial governado pelos oligopólios internacionais que tem suas casas na Espanha e na América, e devido à influência dos jornais espanhóis, pareça que as coisas sempre foram assim, é necessário considerar o que disseram, naqueles anos 60, os protagonistas da emergência de autores latino-americanos no mercado internacional. José Donoso, em sua *Historia personal del boom* (*História pessoal do boom*, Donoso, 1972/2007), destaca a importância do prêmio Biblioteca Breve de Novela da Seix Barral recebido em 1962 por *La ciudad y los perros* (*A cidade e os cachorros*) de Vargas Llosa (1962/2006). E acrescenta que o sucesso de Vargas Llosa consagrou o prêmio tanto como o prêmio havia laureado sua novela.

Em 1963, Ángel Rama (o crítico da nova novela) foi jurado do quinto concurso latino-americano organizado pela Casa de las Américas. O centro da cultura latino-americana passava pela Cuba revolucionária que, desde inícios dos anos 60, se converteu não só em capital ideológica senão em capital cultural. Para Havana viajaram todos os escritores desses tempos. Exceto (uma vez mais) Saer.

Em 1963 foi publicada *Rayuela* (*O jogo da amarelinha*, Cortázar, 1963). Foi a novela esperada. O sucesso de *Rayuela* percorreu toda a década. Converteu-se em um livro inevitável. Em 1967, foi publicado *Cien años de soledad* (*Cem anos de solidão*), a novela máxima de Gabriel García Márquez (1967), aceita na editora Sudamericana de Buenos Aires por um editor argentino, Paco Porrúa. O mesmo editor e a mesma editora de *Rayuela*. O sucesso de *Cien años de soledad* foi imediato, e García Márquez viveu isso em Buenos Aires, onde liderou durante meses a lista de *best sellers*. Saer,

enquanto isso, escrevia na margem, como se nada acontecesse. Em 1969 publicou *Cicatrices* (*Cicatrizes*, Saer, 1969), na mesma editora Sudamericana que havia publicado *Rayuela*. Não o leu quase ninguém, com exceção da crítica reveladora de María Teresa Gramuglio. Crítica e livro permaneceram na margem. A literatura de Saer se conectava com um tempo que ainda não havia chegado. Era invisível.

Essa marginalidade também foi o destino de outros grandes. Antonio Di Benedetto publicou *Zama* (Di Benedetto, 1956/2002), a grande novela precoce desses anos, a novela então não lida, em 1956. Saer escreve com exatidão: “Passou praticamente despercebida” (Saer, 1973/1997). Apenas alguns críticos, inclusive amigos seus como Noé Jitrik ou Noemí Ulla, escreveram. Ninguém esperava *Zama*. Em 1973, Saer, rancoroso porque sabe que esse também é seu destino, escreveu as razões pelas quais haviam passado *Zama* por alto: “*Zama* é superior à maior parte das novelas que foram escritas em língua espanhola nos últimos trinta anos, mas nenhuma boa novela latino-americana é superior a *Zama*” (Saer, 1973/1997). Impossível frasear de outro modo a margem. O que diz de Di Benedetto é o que pensa sobre sua própria literatura.

*De te fabula narratur*. Saer fala dele mesmo. Argumenta: a injustiça estética que recaiu sobre Di Benedetto foi a que recaiu sobre sua literatura, porque a crítica se subordina ao mercado, e o mercado só faz circular um tipo de gosto. Escreve cada uma das frases dessa invectiva tanto para o elogio de Di Benedetto como para sepultar Cortázar, Vargas Llosa, García Márquez. Em 1974, um ano depois de escrever esse texto sobre *Zama*, Saer publicou *El limonero real* (*O limoeiro real*, Saer, 1974/2008). Sabia que essa era uma grande novela. Mas não havia chegado seu momento e quase ninguém a leu.

Quando apareceu *El limonero real*, o “novo” da literatura argentina era Manuel Puig. Em um volume coletivo organizado por Jorge Lafforgue, Ricardo Piglia (1972) escreveu sobre *La traición de Rita Hayworth* (*A traição de Rita Hayworth*), primeira novela de Puig (1968/2003). Nenhum estudo sobre *Cicatrices* foi incluído. É verdade que a primeira novela de Puig é de 1968, e *Cicatrices*, de 1969. O volume crítico apareceu em 1972. Havia tempo para incluir Saer. Mas não havia lugar para a margem que ele representava. Diferentemente de Puig, que estreia frente a todo o mundo com *La traición de Rita Hayworth*, Saer já havia publicado duas novelas e três livros de relatos.

Estava na margem provinciana. Além do mais, estava longe de Buenos Aires, em Rennes e em Paris, que também era uma margem para quem chegava como professor de espanhol a uma universidade bretã. Não tinha agente literário nem uma editora que se preocupasse com sua obra, nem críticos reconhecidos que escrevessem sobre ela; não fazia parte de um campo político internacional, nem fez rapidamente novos amigos notáveis ou famosos. Para se relacionar com os latino-americanos que já haviam triunfado (se isso tivesse sido possível, já que eles eram consagrados, e Saer, um desconhecido e, pior ainda, um desconhecido orgulhoso), teria sido necessário que os lesse e que, de alguma maneira, lhes devotasse menos desdém.

Saer renuncia a essa prática da sociabilidade literária. Seu imaginário continuou a residir na região santafesina, sua margem.

## Final

Foram três momentos da margem: no primeiro, o dos românticos de 1837, a questão era como converter uma condição recebida em uma escolha. Tratava-se daquilo provavelmente mais instável e ao mesmo tempo mais identitário: a língua. Sobre ela, os românticos exigiram todas as prerrogativas e realizaram operações

discursivas em que, ao afirmar sua distância em relação àquela metrópole que havia sido centro, defendiam também o direito a constituir um lugar afastado e último, culturalmente, como cenário de novos projetos. A ambição romântica era reconverter a margem, literalmente: colocá-la ao revés.

Noventa anos depois, Borges escreveu nossa modernidade marginal. Em uma mistura, tipicamente moderna, de nostalgia por um passado difusamente histórico e ficcional, encontrou a topografia que está na margem, onde a margem é uma qualidade, não simplesmente uma carência ou uma distância. As ruas de Buenos Aires desembocam na planície, e nesse espaço é árduo decidir se termina o campo ou se começa a cidade. Na indecisão espacial e temporal está arraigada a primeira parte da obra borgiana, que constitui sua radical originalidade e sua forma de escrever a partir da margem uma literatura da margem. Borges da margem, figura que recusou depois, porque era um lugar insustentável para continuar a escrever e se converter no Borges universal.

Finalmente, Saer. A margem foi sua zona literária, a costa santafesina, de Santa Fé a Rincón. Escritor de um refinamento extremo, livre de todo compromisso com o costumbrismo que às vezes arruína a literatura da margem, sua escolha implicou também um reduzido mundo de leitores. Frente aos sucessos de mercado e de crítica da nova literatura da América Latina, Saer ficou completamente à margem. Foi ignorado. Para ele, a marginalidade não foi uma escolha virtuosa, nem uma reação contra o êxito do mercado (apesar de que podia desprezá-lo e desejá-lo). Foi, com toda simplicidade, e durante três décadas, o lugar da sua estética.

## Referências

- Borges, J. L. (1923). *Fervor de Buenos Aires*. Buenos Aires: Serrantes.
- Borges, J. L. (1925). *Luna de enfrente*. Buenos Aires: Proa.
- Borges, J. L. (1929). *Cuaderno San Martín*. Buenos Aires: Proa.
- Cortázar, J. (1963). *Rayuela*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Di Benedetto, A. (2002). *Zama*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 1956)
- Donoso, J. (2007). *Historia personal del boom*. Santiago: Aguilar. (Trabalho original publicado em 1972)
- García Márquez, G. (1967). *Cien años de soledad*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Hegel, G. W. (1976). *Ciencia de la lógica* (Trad. Augusta Mondolfo e Rodolfo Mondolfo). Buenos Aires: Solar. (Trabalho original publicado em 1812-1816)
- Marin, L. (1975). *Utópicas: juegos de espacios* (Trad. René Palacios More). Madri: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1973)
- Marx, K. (1918). *El capital* (Trad. Juan B. Justo). Buenos Aires: Biblioteca de Propaganda "Ideal Socialista". (Trabalho original publicado em 1867)
- Marx, K. (1959). *El capital* (Trad. Wenceslao Roces). Cidade do México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1867)
- Moro, T. (2004). *Utopía*. Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1516)
- Piglia, R. (1972). Clase media: cuerpo y destino. (Una lectura de *La traición de Rita Hayworth* de Manuel Puig). In J. Lafforgue (Ed.), *Nueva novela latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós.
- Puig, M. (2003) *La traición de Rita Hayworth*. Barcelona: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1968)
- Saer, J. J. (1969). *Cicatrices*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Saer, J. J. (1997). *Zama*. In J. J. Saer, *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Ariel. (Trabalho original publicado em 1973)
- Saer, J. J. (2006). *La mayor*. Buenos Aires: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1976)
- Saer, J. J. (2008). *El limonero real*. Buenos Aires: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1974)
- Sartre, J. P. (1970). *Crítica de la razón dialéctica* (Trad. Manuel Lamana). Buenos Aires: Losada. (Trabalho original publicado em 1960)
- Vargas Llosa, M. (2006). *La ciudad y los perros*. Madri: Punto de Lectura. (Trabalho original publicado em 1962)
- Weber, M. (1964). *Economía y sociedad* (Trad. José Medina Echavarría, Juan Roura Parella, Eugenio Ímaz, Eduardo García Máñez e José Ferrater Mora). Cidade do México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1922).



*Vórtice*  
De que inconsciente hablamos?



*Para Coetzee, a geografia é a linguagem que os indivíduos falam, uma geografia que vai da cidade moderna ao meio do nada, do estalo verbal ao silêncio. Entre esses dois pontos cardiais coexistem o crescimento e o sexo, a ética e a violência, a barbárie e a literatura.*

H. Fontana, "J. M. Coetzee y sus criaturas. Extranjeros por naturaleza"

*...corpo despedaçado que há pouco ainda podia ser chamado de "comunidade psicanalítica".*

J.-B. Pontalis, *Este tiempo que no pasa*

Entre a ideia do escuro, irracional e indomável, que questionava o romantismo e o inconsciente freudiano, interpõe-se todo um trabalho de prática e teoria que produz, entrelaçadas para sempre, a hipótese do inconsciente. Esse *shibboleth* constitui –ao lado da teoria da repressão, do sexual e da temporalidade do *après coup*– sinais que marcam uma concepção da estruturação do psiquismo que, segundo Freud esperava, tornaria os psicanalistas reconhecíveis entre si.

No momento atual, nós, os psicanalistas, nos reconhecemos –e desconhecemos– em uma pluralidade de concepções, pluralidade que por ocasiões ganha o caráter de um *pluralismo* com a conotação militante própria de todos os "ismos".

Mesmo assim, a hipótese do inconsciente parece continuar a constituir um sinal de reconhecimento, mas *de que inconsciente falamos* uns e outros? O título proposto é eloquente sobre o desconcerto e –talvez– a babelização causados por esse "de quê falamos?".

Falamos sobre a mesma coisa quando usamos a mesma palavra e nos inscrevemos em uma filiação freudiana? Ou é essa filiação que hoje está em questão e já não pode mais ser compreendida como evidente entre os psicanalistas?

Enquanto "voltar a Freud", "trabalhar Freud" é para muitos –notoriamente, na América Latina, na França e no Canadá– uma ferramenta de interrogação teórico-clínica incontornável, já não é assim para muitos que consideram esse instrumento obsoleto e qua-

## Os destinos de um *shibboleth*

Laura Veríssimo de Posadas\*

\* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.



lificam a referência ao fundador como mera repetição resultante de uma submissão religiosa.

Essas diferenças, expostas aqui de modo polarizado, inevitavelmente repercutem na conceitualização do inconsciente. Desde as imagens arqueológicas com que Freud tentava transmitir a noção que foi sistematizando ao longo da sua obra até aquelas com que, mais de um século depois, representamos o inconsciente, passou-se mais de um século de trabalho da cultura, foram abertos novos territórios disciplinares e se produziu o giro linguístico que, com a psicanálise, marcaram o século XX.

Nomear o inconsciente assim, com o artigo neutro, tem por objetivo resgatar a noção da tendência à substancialização, risco psicologizante enquanto levaria a despojar o conceito do que lhe é mais próprio em psicanálise: seu caráter elusivo, atópico, atemporal, não observável, apenas deduzível na intimidade da transferência e, às vezes, em outras privilegiadas ocasiões.

No entanto, como sabemos, a observação ganhou espaço no mundo psicanalítico atual, sobretudo entre os que trabalham com crianças e consideram a observação de bebês como outra *via regia* de acesso aos primeiros momentos da estruturação subjetiva e de processos inconscientes que, propõem, “são vistos” na interação entre uma mãe empática e seu bebê. Ilusão de ótica, resultado de uma inadvertida mudança de registro a partir da escuta do analista sensível ao desconhecido próprio e da mãe?

O fato de que não somos seres unificados e donos de uma identidade –mas sim divididos e em conflito–, que a *adaequatio rei et intellectus* é algo impossível porque o véu do fantasma se interpõe, continua a ser uma premissa comum a todos os psicanalistas? As palavras precisas de Freud em 1938 ao se referir à tarefa de descoberta em análise –“o conjecturado”, o “inapreensível” e o reconhecimento do que “permanecerá sempre ‘não discernível’” (p. 198)– continuam a ter, para todos os analistas, a vigência que alguns reconhecemos?

Tolerar o incômodo da inadequação implica resistir ao deslumbramento da claridade dos processos secundários, da sua lógica e da

sua temporalidade, que alimentam a ideia da causalidade linear, do desenvolvimentismo e do progresso. Implica o desafio de se sustentar em outra lógica, a dos processos primários e do seu deslizamento inquietante, a temporalidade do *après coup* e a sobredeterminação de cada produção “mestiça” que emergir entre palavras balbuciantes e quebradas, que expressam e tocam o corpo, e que remetem sempre a outra cena. Palavras que margeiam um mais além de toda cena, esse “outro ponto cardeal”, polo de silêncio, de violência e barbárie que nos constitui. Silêncio sonoro, já que o inaudível, o indizível se ancora no banho de linguagem em que estamos imersos. O inconsciente revelado aos analistas é efeito de palavras que fazem as vezes de um corpo estranho que cada um rechaça, contorce, transforma, constituindo “uma espécie de sistema imunológico” (Leclaire, 1984/2000, p. 265) que constitui a singularidade de cada sujeito. Alienação primordial em um Outro/outro, como definido por Myrta Casas (1999), para abordar sua dupla condição: próximo e modelo identificatório, ao mesmo tempo que “tesouro dos significantes”. Outro/outro que, encarnado em transferência, incita o desenrolar da textura subjetiva produto de um trabalho (*Arbeit*) complexo e altamente singular de assimilação, rechaço, esquecimento e recriação.

É sobre essa dimensão que o ato analítico pode trabalhar. É um ato analítico não previsto, menos ainda prescrito; trata-se de uma emergência (*Einfall*) que produz algo novo, que diz algo não sabido por cada um. Concebido o trabalho analítico dessa maneira, encontramos-nos em outra tópica, em que as dicotomias em termos de dentro/fora, profundidade/superfície são alteradas.

Nesta ocasião, damos a palavra a vozes que procedem de regiões distintas, tanto da Fepal como de outras federações.

Juan Carlos Capo realiza um percurso dos marcos freudianos da “invenção” –como Civitarese destaca em seu texto– do inconsciente, através dos diferentes dialetos em que se expressa. Propõe um “depois de Freud” em que a psicose é considerada um novo dialeto. Situa a agressão e o que não pode ser nomeado no cerne do que é humano.

Esse último aspecto é realçado por Domi-

nique Scarfone ao distinguir “o inconsciente que fala e o inconsciente de que falamos”. Enfatiza o caráter pulsante do inconsciente “não estruturado”, que relaciona com a *Coisa (Ding)* que Freud introduz no *projeto*, noção que abre caminho a desenvolvimentos que são centrais na teorização lacaniana e culminam com o conceito do Real.

Civitarese destaca a falsidade implícita na ideia de dispor de um conceito unitário de inconsciente. Afirma que

isso representa um problema apenas para quem tem uma visão cientificista da psicanálise [e comenta que não apresenta um problema] [...] para quem pensa que, diante da complexidade do objeto de estudo da psicanálise, as várias perspectivas teóricas podem até ser concebidas como visões intuitivas de algo que pode apenas ser aproximado por esse caminho, mas nunca realmente conhecido, no sentido de possuído.

Ao mesmo tempo, Civitarese parte do modelo de Bion, a quem situa na teoria do campo. Propõe pensar o inconsciente

como a totalidade virtualmente infinita da linguagem, que obviamente o sujeito não pode dominar, e que faz com que [...], ao falar, ele diga sempre mais ou menos algo diferente daquilo que conscientemente queria dizer. [...] O sujeito representa apenas um nó, lugar de trânsito e ressonância de vozes que o transcendem.

Convida ao debate, ao dizer que essa perspectiva leva o inconsciente freudiano a ser “relativizado”, e inclina a balança contra a suposta relativização quando aponta que “o inconsciente não é mais pensado como um depósito dos impulsos mais inconfessáveis, e sim como um sistema de escrita ou aparelho de simbolização”. Evoca, com essas palavras, a concepção freudiana da memória e do inconsciente (Freud, 1899): inscrições, transcrições e o que fica como resto por defeito de tradução, a partir do qual Lacan (1964) desenvolverá sua concepção do Real como *o que não cessa de não se inscrever*.

Jani Santamaría considera –com razão– que o trabalho de Freud de 1899 é o início das suas investigações sobre o inconsciente. A autora convida a refletir sobre “os estados não representados da mente”, expressão que adota de Levine. Percorre autores que teorizaram sobre

“um sistema primitivo de registro”, “não organizado”, carente de “representação psíquica”. Deixa, para discussão, perguntas que considera urgentes em relação à clínica e que têm por objetivo a continuidade do trabalho na busca de articulações, algo que nossa prática, como analistas, nos obriga a fazer.

Esses diferentes enfoques do tema proposto dialogam e debatem entre si.

Sim, a partir da concepção psicanalítica, o que não pode ser nomeado é inerente ao humano (Capo), um inconsciente não estruturado é seu polo pulsional (Scarfone), e o sujeito é nó e caixa de ressonância do mundo da linguagem em que está imerso (Civitarese), trata-se de uma “problemática” particular com a qual nossa prática às vezes nos confronta, como sugere Santamaría?

Para *turbinar* –ou seja, aumentar as revoluções do vórtice para onde nos precipitam essas confrontações e interrogações–, José de Matos coloca o foco no inconsciente do qual, a seu ver, “deixamos de falar”. Trata-se do Eu inconsciente, que considera, em sua leitura de Freud, de caráter hereditário. Espera que os novos postulados das neurociências e da etologia, bem como a teoria das relações objetivas, lancem luz sobre o aprofundamento desse campo, segundo sua opinião, pouco estudado até o momento.

Assim, ficam ligadas as turbinas para a decolagem do debate e do intercâmbio interteórico entre os analistas.

## Referências

- Casas de Pereda, M. (1999). *En el camino de la simbolización*. Buenos Aires: Paidós.
- Freud, S. (1976). Carta 52. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 274-280). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1980). Esquema del psicoanálisis. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 133-210). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]).
- Leclaire, S. (2000). La función ética del psicoanálisis: Entre las cosas y las palabras. In S. Leclaire, *Escritos para el psicoanálisis II: Diabluras*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1984).
- Lacan, J. (2003). *El seminario de Jacques Lacan, libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1964).
- Pontalis, J.-B. (2005). *Este tiempo que no pasa*. Buenos Aires: Topia. (Trabalho original publicado em 1997).



## O inconsciente como função psicanalítica da personalidade

Giuseppe Civitaresè\*

---

\* Sociedade Psicanalítica Italiana.

Começamos dizendo o que *não* é o inconsciente. Não é o inconsciente o animal nem o neurológico. Até o que Freud descobriu é uma invenção. Não é um conceito unitário: vários modelos de inconsciente estão presentes na obra de Freud, e mais outros foram elaborados pelos principais autores, como Klein, Fairbairn, Winnicott, Lacan e Bion. Toda vez que se alteram os princípios da metapsicologia (mesmo que apenas alguns), fica claro que se modifica a ideia que temos do inconsciente.

O conceito de inconsciente é um pouco como o conceito do tempo. Santo Agostinho (397-398/2015) dizia que, ao perguntar o que é o tempo, a impressão é a de que sabemos, mas, se tivermos que explicar, então não sabemos mais.

A ideia comum de dispor de um conceito unitário e bem definido de inconsciente é falsa. A maioria dos analistas trabalha com um conceito de inconsciente que, se analisarmos bem, se apresentaria como uma espécie de

animal mitológico, ou como uma colcha de retalhos. Isso representa um problema apenas para quem tem uma visão cientificista da psicanálise e para quem alimenta a ilusão de que se possa chegar a zerar todas as diferenças.

Não representa um problema para quem pensa que, diante da complexidade do objeto de estudo da psicanálise, as várias perspectivas teóricas podem até ser concebidas como visões intuitivas de algo que pode apenas ser aproximado por esse caminho, mas nunca realmente conhecido, no sentido de possuído. Nesse sentido, é como se elas próprias fossem exemplos das perspectivas múltiplas e simultâneas que o inconsciente cria acerca das coisas, dando-nos um sentido de verdadeiro ou de real.

O modelo de inconsciente sobre o qual eu trabalho é o de Bion, mas inserido na moldura da teoria do campo analítico. Ao nascer, não há inconsciente. O inconsciente como “função psicanalítica da personalidade”, isto é, como a função espontânea da mente, que quando encontra a linguagem e a sociabilidade atribui um significado pessoal à realidade, vai ser absorvido, paulatinamente, da mãe. O inconsciente como função da personalidade exprime a capacidade psicológica mais profunda de que são dotados os seres humanos para darem sentido à experiência; para compor a “poesia” da realidade, isto é, vê-la de vários lados, de maneira rica e positivamente ambígua. Sonhar, uma das formas da função alfa, é seu componente central (o “fator”: ou seja, função de função) (Bion, 1962/1988).

O inconsciente é uma função *psicanalítica*, porque foi descoberta/inventada pela psicanálise. Poderíamos escrevê-la assim, como in/consciente, isto é, seja consciente (na vigília ou no sonho), seja inconsciente, porque o consciente está em continuidade com o inconsciente, assim como a ponta do iceberg o é com sua parte submersa. A maneira como lemos o mundo resulta do funcionamento dialético daquilo que chamamos de experiência consciente e experiência inconsciente. Essa função é eficaz quando consegue produzir duas perspectivas diversas, embora integradas, sobre as coisas, uma visão binocular. Isso quer dizer que cada coisa, evento psíquico, objeto psicanalítico, pode ser/é visto contemporaneamente

tanto do ponto de vista do consciente quanto do ponto de vista do inconsciente. Na realidade, não seriam nem mesmo duas perspectivas contraditórias, como frequentemente são consideradas, pois não são homólogas quanto ao seu nível.

Na anatomia, por exemplo, o plano da observação histológica não *contradiz* o plano anatômico nem o molecular.

Quando, em *Transformações*, Bion (1965/1973) renomeia inconsciente e consciente respectivamente infinito e finito, nada mais faz do que refazer o caminho que –do infinito-como-O ou como-real das percepções caóticas do neonato– leva, pela contínua subtração do emocional primitivo, até o conceito e, portanto, até a possibilidade de comunicar e ser consciente. Pensar, de fato, significa passar do infinito ao finito (por exemplo, da percepção de todas as árvores existentes à ideia de árvore) e, graças aos conceitos, ser capaz de aprender com a experiência.

Se o in/consciente é uma função, deveria ser designada com um verbo: “inconsciari” (Civitarese, 2011, 2014/2016). Entenderíamos, então, como in/consciente o conjunto não dividido dos processos que levam dos elementos beta para o conceito. Diferentemente de Freud, Bion, que como é óbvio valoriza também a visão de Klein do inconsciente, que se baseia sobre os conceitos de fantasia inconsciente e de identificação projetiva –conceitos que virtualmente já contêm uma teoria intersubjetiva da psique–, postula uma *continuidade* essencial entre experiência consciente e inconsciente. Ele as enxerga como duas dimensões da psique separadas por uma barreira de contato (Bion, 1962/1988), uma película semipermeável que permitiria um intercâmbio osmótico, fluido, uma “acomodação visual” contínua e recíproca, feita de elementos alfa, isto é, de traços mnêmicos de experiências dotadas de significado. *Inc* e *C* seriam ligados por um vínculo de *solidariedade antagonista*, por um entendimento cooperativo secreto, pela intuição de um destino comum marcado pelos estímulos da realidade interna e externa. Não mais seriam separados pela dupla censura inconsciente-pré-consciente e pré-consciente-consciente, mas apenas por uma censura, isto é, por uma linha de confim entendida como

uma área de articulação funcional, e não como limite impermeável.

Poder-se-ia então pensar no inconsciente como a totalidade virtualmente infinita da linguagem, que obviamente o sujeito não pode dominar, e que faz com que –através de mil imprevisíveis conexões, conscientes e inconscientes–, ao falar, ele diga sempre mais ou menos algo diferente daquilo que conscientemente queria dizer.

O inconsciente coincide com todos os infinitos efeitos de sentido virtualmente depositados na linguagem e dos quais o sujeito representa apenas um nó, lugar de trânsito e ressonância de vozes que o transcendem. É o famoso *ça parle* de Lacan (1966). O conceito ingênuo de sujeito como algo que se conclui em si mesmo é varrido pela segunda vez. Não uma reviravolta de hierarquias *dentro* do sujeito, mas *entre* o sujeito e o grupo. O inconsciente recalcado de Freud é como que relativizado e recompreendido em um quadro e em uma dinâmica mais amplas, menos ligadas apenas pelos acontecimentos das representações. O conflito resulta expresso mais facilmente nos termos da relação continente/conteúdo.

É claro que, se o inconsciente não é mais pensado como o depósito dos impulsos mais inconfessáveis, e sim como sistema de escrita ou aparelho de simbolização, do ponto de vista da terapia o que vale não é traduzir o inconsciente em consciente, mas sim tornar inconsciente aquilo que em um primeiro momento precisa ser pensado de maneira consciente.

Além disso, se a linguagem é o terreno comum onde somos reconhecidos (estamos em uníssono com o outro) e onde moramos, e é também a grade conceitual para ler a realidade, tudo aquilo que se apresenta como excêntrico em relação aos valores normativos expressos por ela pode acarretar sofrimento psíquico. Eis porque se pode dizer que o indivíduo tem uma pulsão de verdade, que a verdade é o alimento para a mente e que uma mente despojada de verdade (consensual) definha e adoece.

## Referências

- Agustín, S. (2015). *Le confessioni*. Roma: Newton Compton. (Trabalho original publicado em 397-398)
- Bion, W. R. (1973). *Trasformazioni. Il passaggio dall'apprendimento alla crescita*. Roma: Armando. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (1988). *Apprendere dall'esperienza*. Roma: Armando. (Trabalho original publicado em 1962)
- Civitarese, G. (2011). L'in/conscio come una funzione psicoanalitica della personalità. *Rivista di psicoanalisi*, 57(2), 401-405.
- Civitarese, G. (2016). *Truth and the unconscious*. Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 2014)
- Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.



## Reflexões sobre a representação e os estados mentais de não representação

Jani Santamaría Linares\*

---

\* Asociación Psicoanalítica Mexicana.

Agradeço o convite dos editores e celebro a oportunidade de estabelecer um “diálogo entre analistas”, citando Roudinesco (Maffi, 2011).

O assunto que convoca esta reunião é o do inconsciente.

Frente à pergunta “de que inconsciente falamos?”, Kolteniuk menciona:

Apesar de existir uma aceitação quase universal de que “o inconsciente” é a descoberta fundadora da psicanálise e de que todos os autores o assumem como verdadeiro nas diversas teorias pós-freudianas [Ellmann, 2010], o certo é que um olhar cuidadoso revela a existência de vários conceitos de “inconsciente”. (Kolteniuk, 2011, p. 37)

Dessa forma Kolteniuk inicia seu trabalho “¿Existe un inconsciente, o muchos?” [“Existe um inconsciente, ou muitos?”]. Amati-Mehler, Argentieri e Canestri (1993) consideram que os conceitos de inconsciente não só não são coincidentes, mas também acabam sendo incompatíveis e excludentes, em algumas ocasiões.

O propósito desta comunicação é estabelecer um diálogo em torno do inconsciente como local de inscrição (Kolteniuk, 2011) e refletir sobre os estados não representados da mente (Levine, 2010, 2012, 2015; Levine, Reed e Scarfone, 2013).

As primeiras pesquisas sobre o inconsciente focaram-se em aspectos referentes à memória (Freud, 1899/1962) e a suas vicissitudes.

O tema da representação e da não representação merece um lugar privilegiado de estudo, indica uma urgência atual e expressa uma preocupação na clínica. Freud (1915/1957) pensava que não há registro psíquico sem representação e sem pulsão (libido). A nossa tarefa como analistas nos obriga permanentemente a estabelecer articulações entre a metapsicologia (teoria da estrutura e função do aparelho psíquico), a clínica, a técnica e a pesquisa.

Diferentes teorias expõem a existência de um sistema primitivo de registro e processamento da experiência que não está organizado. Essas são as propostas de Bion (1962/1977), Castoriadis-Aulagnier (1975/2001), Levine (2010, 2012), Levine et al. (2013), Botella e Botella (2003) e Ferro (2002), entre outros.

Esses autores se apoiaram em boa parte nas reflexões da teoria da representação de Freud (Levine, 2015), em especial nos estudos sobre a memória (Freud, 1899) e no artigo sobre construções (Freud, 1937/1964).

Estudaram e observaram a existência de experiências, no período da infância, que em algumas ocasiões derivam do corpo e, em outras, de estados traumáticos que se inscreveram em algum lugar, mas não estão psiquicamente representadas e ficaram como registros pré-psíquicos e/ou protopsíquicos.

Como podemos entender essas inscrições e falar sobre seu impacto na clínica? Existe uma psicopatologia específica que trate desse fenômeno?

Levine et al. (2013) assinala a importância de estudar a existência de dois tipos de organização psíquica.

Há escolas psicanalíticas que assumem que todas as representações estão no campo psíquico, que todas as experiências internas e externas estão psiquicamente representadas e contêm uma organização. A partir desse vértice, a meta terapêutica sustenta um modelo arqueológico de recuperação de memórias infantis reprimidas através de repetição, *insight* e elaboração e de tornar consciente o inconsciente. A cura, então, correspondia à revelação desse significado inconsciente oculto que existe por trás do sintoma.

Outras escolas mencionam a existência de estados não representados na mente, que se expressam através do psicossomático (Marty, 1992 ou Calatroni, 1998), do *enactment* (Casorla, 2013) e das atuações. Partindo dessa plataforma, a meta analítica irá se concentrar em criar primeiro uma re-representação (Levine et al., 2013), isto é, tenta-se apresentar (re-presentar) e construir psiquismo nas áreas que se encontram não representadas.

Esse trabalho psíquico foi mencionado por Bion (1962/1977, 1970) como função alfa e continente-conteúdo; por Botella e Botella (2003), através de um trabalho de figurabilidade psíquica; por Green (2005, pp. 212-226), através de um “trabalho similar com o outro”; e por Ferro (2002), no campo analítico, através de um trabalho narrativo de co-construção. O inconsciente aparece como um produto de criação permanente. Nesse tipo de funcio-

namento, a criação dos conteúdos faltantes se faz necessária como parte de uma “cura”. Tenta-se trabalhar no desenvolvimento de um instrumento para pensar. A partir desse vértice, o que é considerado como necessário, diz Roussillon (2011), é “uma metapsicologia de processo, mais que uma metapsicologia de conteúdo”; o autor, por exemplo, desenvolve conceitos de experiências traumáticas (agônias) não representáveis à subjetividade.

Essas duas categorias de organização psíquica supõem um novo desafio, pois têm implicações técnicas importantes e nos conduzem a pensar na importância de trabalhar com materiais heterogêneos. Quais caminhos técnicos podemos adotar perante esse tipo de funcionamento?

O trabalho de pesquisa sobre a representação e sobre os estados não representados da mente requer estudo, pesquisa, ampliação e discussão; não estou frente a um mundo de certezas, estou frente a um mundo de dúvidas, um mundo de perguntas que compartilho a seguir:

O que podemos dizer sobre o fenômeno da não representação?

Os estados não representados do inconsciente convergem ou divergem dos estados irrepresentáveis?

Qual é a participação da pulsão de morte nesses fenômenos?

Que tipo de teorias nos permite ter acesso a esse tipo de problemática?

Que papel representa a dor psíquica nos estados não representados da mente?

Qual é o destino do não representado na transferência e na contratransferência?

Como podemos articular as manifestações clínicas e que posição se requer de parte do analista frente a esse tipo de problemática?

O primeiro passo é repensar os conceitos. As perguntas geram curiosidade, fazem o caminho um pouco mais leve e constituem uma desculpa para conversar com liberdade.

## Referências

- Amati-Mehler, J., Argenti, S., & Canestri, J. (1993). *The Babel of the unconscious: Mother tongue and foreign languages in the psychoanalytic dimension*. Madison: Intl Universities Press.
- Bion, W. R. (1970). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W. R. (1977). *Learning from experience*. Londres: Heinemann. (Trabalho original publicado em 1962)
- Botella, C., & Botella, S. (2003). *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Calatroni, M. (1998). *Pierre Marty y la psicossomática*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Cassorla, R. (2013). Reflections on non-dreams-for-two, enactment and the analyst's implicit alpha-function. In H. B. Levine & L. J. Brown (Eds.), *Growth and turbulence in the container/contained: Bion's continuing legacy*. Nova York: Routledge.
- Castoriadis-Aulagnier, P. (2001). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975)
- Ellman, S. (2010). *When theories touch*. Londres: Karnac Books.
- Ferro, A. (2002). *In the analyst's consulting room*. Londres: Routledge.
- Freud, S. (1957). The unconscious. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 14). Londres: The Hogarth Press & The Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1962). Screen memories. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 3). Londres: The Hogarth Press & The Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1899)
- Freud, S. (1964). Constructions in analysis. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 23). Londres: The Hogarth Press & The Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1937)
- Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis*. Londres e Nova York: Routledge.
- Kolteniuk, M. (2011). ¿Existe un inconsciente, o muchos? *Psicoanálisis*, 33(3), 573-580.
- Levine, H. B. (2010). Creating analysts, creating analytic patients. *IJPA*, 91(6), 1385-1404.
- Levine, H. B. (2012). The colourless canvas: Representation, therapeutic action and the creation of mind. *IJPA*, 93(3), 607-629.
- Levine, H. B. (2015). *Freud's theory of representation and the expansion of analytic technique*. Manuscrito inédito.
- Levine, H. B., Reed, G., & Scarfone, D. (Eds.). (2013). *Unrepresented states and the construction of meaning: Clinical and theoretical contributions*. Londres: Karnac.
- Maffi, C. (2011). ¿Y mañana qué? Entrevista a Élisabeth Roudinesco sobre el futuro del psicoanálisis. *Psicoanálisis*, 33(3), 581-598.
- Marty, P. (1992). *La psicossomática del adulto*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Roussillon, R. (2011). *Primitive agony and symbolization*. Londres: Karnac.





## Sobre o inconsciente freudiano e depois

Juan Carlos Capo\*

\* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

**Do inconsciente em análise.** Trato do inconsciente “criado” por Sigmund Freud na época da amizade com Fliess e, por sua vez, do relato feito por Breuer sobre sua experiência com Anna O. Dos sonhos e sintomas dos seus pacientes, e dos seus. Sintomas revelados ora em dialeto histérico, ora em dialeto obsessivo. Há mais inteligibilidade na fala do obsessivo do que na opacidade do dialeto histérico, com suas conversações.

**Leitura e articulação.** Em “O inconsciente”, pode-se ler: “O núcleo do inconsciente consiste de representantes pulsionais que visam a descarga de seus investimentos; portanto, de moções de desejo”<sup>1</sup> (Freud, 1915/1979b, p. 183).

**A impossibilidade de separar nitidamente os dois sistemas.** Dentro do Icc não existe negação, nem dúvida, nem certeza. *Deslocamento e condensação* são as vias de esconderijo e acesso. Mas no capítulo VII do mesmo trabalho, Freud diz: “O estudo dos fenômenos do inconsciente evidenciou uma desautorização radical da pretensão de obter uma separação esquematicamente límpida entre os dois sistemas psíquicos” (Freud, 1915/1979b).

Também em “O ego e o id” pode-se ler: “Também uma parte do eu, Deus sabe o quanto importante, pode ser inconsciente, é seguramente inconsciente”<sup>2</sup>. (Freud, 1923/1979, p. 19).

**As psicoses.** Será possível argumentar, talvez, a emergência de outro dialeto, que não tem a particularidade nem de um nem de outro dos dialetos mencionados. “O campo das psicoses (...), paranoia, esquizofrenia, tem uma *base comum persecutória*, que implica um nexos compartilhado de *discordância*”. (Allouch, 1984, p. 181).

**Vértice vienense (I).** Confluência de caminhos. Nem a anatomia do encéfalo ou da medula espinhal, nem a fisiologia garantiam a Freud poder ganhar a vida com o seu trabalho. Freud desenvolveu uma amizade intrincada, como de pai para filho, de professor para aluno, com Josef Breuer. Em Viena, era o apogeu do magnetismo, da hipnose, da sugestão. Freud quis entrar na faculdade como *privatdozent* e conseguir uma bolsa em Paris, onde tinha o alvo em Charcot, nas histéricas. Seu consultório lhe dava *neurastênicos*. Deles extraiu duas

1. Garcia-Roza, L. F. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

2. Borges, S.N. (1996). *Metamorfoses do corpo: Uma pedagogia freudiana* (p. 139). Rio de Janeiro: Fiocruz.

peças que se articulavam: uma era a tópic sexual, a outra, a liberação de angústia.

**O relato de Breuer. Anna O.** Ela era uma moça linda, poliglota, que devia cuidar do seu pai que agonizava. Mas o enfoque de Breuer segue a *abreação* frente ao trauma, que dava espaço para que o afeto ficasse “estrangulado” na inervação corporal. Freud voava mais alto. A doutrina da repressão sexual seria fundamento essencial para compreender a neurose. O esforço profundo do médico teria de ser o de tentar derrubar defesas. Já não *catarse*, mas sim *psicanálise* (Breuer e Freud, 1893-1895/1979; Freud, 1925/1979c).

No que foi dito, está implicada de novo a *transferência*, alavanca crucial na experiência que pode se tornar obstáculo (resistência-hostilidade-repressão). Breuer estava longe de detectar a corrente amorosa na transferência, daí sua cegueira ante toda questão sexual no tratamento de Anna O. O fato de colocar final obrigatório a seu “tratamento catártico” revelou a Breuer um saber ignorado. Freud também se encontrou, no final de uma sessão de hipnose, com uma paciente que se pendurou em seu pescoço. As potências infernais entravam em movimento (Freud, 1925/1979c, p.26).

**Vértice parisiense.** Freud viveu o *acontecimento novo* quando foi ao Salpêtrière. As pacientes mostravam signos de linguagem corporal. Arco de círculo, mutismo, letargia, contorção. Não era nem o inconsciente romântico, nem o das divindades da noite, nem o do filósofo Eduard Von Hartmann (Lacan, 1964/1974) o que lhe foi revelado.

**Vértice vienense (II). O discurso histérico do próprio corpo.** Consistia de uma anatomia simbólica: Dora, com o sintoma da sua tosse, ou com suas dores deslocadas, frente à excitação erótica (Freud, 1905/1981a).

**Os novos signos:** anestésias, impotências motoras, algias, atos involuntários, sonhos diurnos e alucinações visuais na hora de dormir testemunhavam “outra cena” (conceito de Gustav Fechner) insuspeitada e um afeto que foi chamado de angústia. Freud não deixava de perceber que esses sintomas se sobrepuñam aos descritos no acme do orgasmo, o

que o levou a deduzir que “a angústia é, em geral, *libido desviada de seu emprego normal*”<sup>3</sup> (Freud, 1893-1899/1981b).

**Vértice londrino.** Arthur Koestler, ensaísta e romancista, entrevistou Freud em Londres. Com Koestler, Freud abordou dois pontos: um deles foi o avanço nazista, a queima de livros, a inexistência de campos de extermínio. Koestler (1953/1974) recorda que Freud disse: “Estão desatando a *agressão* que se encontrava reprimida na nossa civilização. (...) Entendi ser subjacente às suas palavras que o alcance de sentido a dar a elas não era *comprendre c'est tout pardonner*, mas sim *comprendre c'est tout comprendre*”. O outro ponto foi a impossibilidade de Freud dizer a palavra câncer, que logo o levaria à morte. Apenas disse: “Isso que tenho no lábio”.

**Vértice vienense (III).** Anna O. deu àquelas entrevistas com Breuer o nome de *chimney-sweeping* ou *talking cure*. Por isso, talvez ambos mereçam ser chamados de precursores da descoberta do inconsciente, à luz do que *nachträglichkeit* (“posteriormente”) aconteceu (Breuer e Freud, 1893-1895/1979; Freud, 1925/1979c).

## Referências

- Allouch, J. (1984). Du discord paranoïaque. In J. Allouch, *Lettre pour lettre*. Paris: Èrès.
- Breuer, J., & Freud, S. (1979). Estudios sobre la histeria. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (1979a). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1979b). Lo inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 15). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1979c). Presentación autobiográfica. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1981a). Fragmento de análisis de un caso de histeria (caso “Dora”). In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1981b). La sexualidad en la etiología de las neurosis. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1899)
- Koestler, A. (1974). La escritura invisible (p. 162). Madrid: Alianza/Emecé. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1974). El inconsciente freudiano y el nuestro. In J. Lacan, *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (Vol. 11, p. 36). Barcelona: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1964)

3. Freud, S. (1996). A sexualidade na etiologia das neuroses. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3, p. 256). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1899).

# O inconsciente que fala e o inconsciente do qual falamos

Dominique Scarfone\*

Em 1923-1924, em *O ego e o id* –seu último grande texto metapsicológico–, Freud (1923/1991) volta a questionar o sentido sistêmico que havia dado ao termo *inconsciente*. Desde o momento em que uma grande parte do ego deve ser considerada inconsciente, a oposição *consciente/inconsciente* já não lhe parece tão útil. O sentido qualificativo da palavra *inconsciente* retoma a vantagem, e Freud sente obrigado a “admitir que a característica de ser inconsciente começa a perder significação para nós. Torna-se uma qualidade que pode ter muitos significados”<sup>1</sup> (p. 263).

De todos os modos, não pode evitar notar que “a propriedade de ser consciente ou não constitui, em última análise, o nosso único farol na treva da psicologia profunda”<sup>2</sup> (p. 263). Como resolver esse aparente dilema?

A via que Freud toma imediatamente, no mesmo texto, é a de se interessar não tanto pelo *estado* consciente ou inconsciente, mas sim pelo *tornar-se consciente*, ou seja, pelo *movimento* entre *ics* e *cs*. Esse tornar-se consciente exige, escreve, faz com que os conteúdos inconscientes transitem pelos canais da percepção do mundo exterior, e é isso o que permite a palavra em análise. Creio que assim abre, implicitamente, o caminho para uma *definição operacional* do inconsciente em sua diferença com o pré-consciente-consciente.

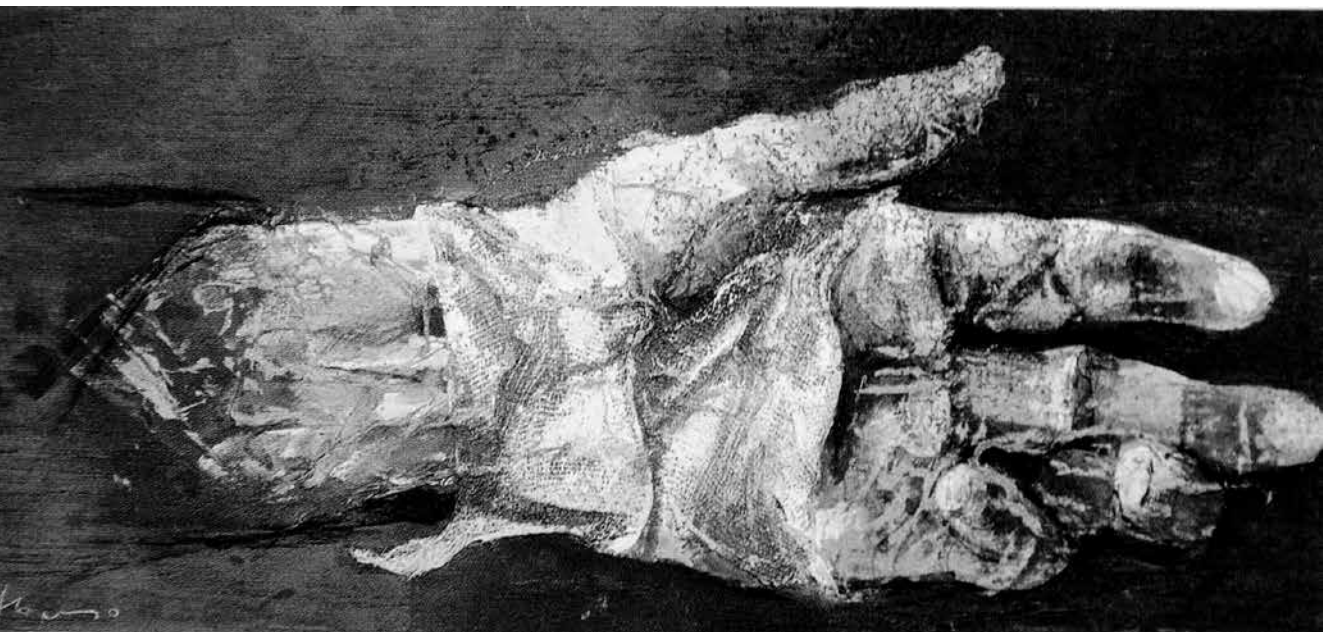
O inconsciente se distingue, daí por diante, pela ausência das *qualidades* próprias da consciência. É necessário, então, perguntar-se o que essas qualidades permitem (ou o que sua ausência impede). Assim apresentado, o ser consciente ou inconsciente não é mais uma questão de presença ou ausência no campo perceptivo, senão que remete a uma *função* que o aparelho psíquico cumpre através do tornar-se consciente. De fato, se o tornar-se consciente exige passar pela percepção, ela não é um fim em si mesmo: faz com que seja possível um certo *uso* do que até então era inacessível, faz com que isso esteja ao “alcance”. Tornar possível um certo uso é dar um sentido,

---

\* Médico. Professor da Universidade de Montreal. Analista de formação no Instituto Psicanalítico de Montreal.

1. N.T.: Tradução de Abreu, J.O.A.; Freud, S. (2006). *O ego e o id e outros trabalhos*. In J. O. A. Abreu (Trad.), *Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, p. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

2. *Ibidem*.



se –como escreve Wittgenstein (1953)– o sentido é o uso (proposição 43). Diremos que é consciente aquilo que possui certas qualidades que permitem dar um sentido ou um uso, real ou potencial.

Mas qual sentido? E um sentido dado a quê?

Proponho diferenciar entre um inconsciente *não estruturado*, que se apresenta como *pergunta*, como problema ou enigma, e um inconsciente *estruturado*, constituído por um conjunto de *respostas* construídas ao longo do tempo, mas que atuam a partir daí, apesar do próprio sujeito, organizando sua vida fantasmática.

O inconsciente como pergunta, não estruturado, é a *Coisa* inconsciente, esse enigma que persiste no encontro com o outro humano, e que Freud (1950 [1895]/2006c) destaca no *projeto* de 1895. A respeito dessa *Coisa* (*Ding*), sobre a qual Lacan (1984) chamou a atenção, destacaria que é, por definição, não simbolizada, não está inserida em uma estrutura, salvo como hiância [*béance*], buraco

negro no centro da galáxia psíquica. O inconsciente-pergunta é o reprimido originário, resto enigmático da mensagem que vem do outro e está contaminado pelo *Sexual* (Laplanche, 2006), reprimido porque é resistente à tradução (Freud, 1950[1896]/2006b). O inconsciente-pergunta é, pois, por essência, sexual. Consequentemente, falar de um inconsciente “estruturado” (como uma linguagem ou de outro modo) é fazer referência não a essa *Coisa*, mas sim a um inconsciente em que se encontram *formações* organizadas em estruturas que “vestem” a *Coisa* sexual<sup>3</sup>. As formações desse inconsciente-resposta são resultado das tentativas de resolver o enigma do outro (por exemplo, as teorias sexuais infantis), respostas formuladas com os instrumentos mito-simbólicos que a cultura oferece ou impõe, que entram através da subcultura familiar (Castoriadis-Aulagnier, 1975).

A face do inconsciente que se encontra na análise são as estruturas resultantes dos efeitos

---

3. Desenvolvi a noção de vestimenta [*habillage*] em “L’impassé, actualité de l’inconscient” (2014). Extraí essa noção de *Fragment d’une analyse d’hystérie* (Freud, 1905/2006a, p. 262).

combinados da Coisa inconsciente e das formas propostas pela cultura. Essas articulações inconscientes são reconhecidas pelos efeitos perturbadores da Coisa (sonhos, lapsos, atos falhos etc.). Não são uma manifestação direta da Coisa, mas sim os índices da sua “força de atração” (Pontalis, 1990), que desvia o curso “normal” dos processos psíquicos. Esse curso “normal” não pode, evidentemente, ser encontrado em nenhum lugar, já que *todo* humano é habitado pela Coisa inconsciente, qualquer que seja seu funcionamento psíquico. Não há normalidade mais do que como assíntota ou como linha média ideal (até ideológica); cada cultura desenvolve uma própria.

As formações psíquicas inconscientes produzidas como resposta ou vestimenta estão sempre já deformadas, perturbadas pela Coisa: sintomas, com seus fantasmas subjacentes; identificações; delírios etc. Estritamente falando, esse “inconsciente estruturado” pertence, de acordo com a tópica, ao pré-consciente, e ele pode estar polarizado de forma acentuada pela atração da Coisa, ao ponto de se apresentar como totalmente estrangeiro, “em forma de id”.

A análise, a desconstrução, a *destruição* dessas formações deixará aparecer, eventualmente, a alteridade radical, o *Unheimlich*, efeito mais evidente da *Coisa* quando a vestimenta pré-consciente falha. Isso produz momentos de dessimbolização, de desidentificação, inclusive de despersonalização, no decorrer da análise. Frente ao indizível da Coisa, a *transferência* assume o comando. Transferência “em pleno” ou “em oco” (Laplanche, 1991/1997), essas novas experiências de exposição ao enigma do outro – agora encarnado pelo analista – permitirão, no âmbito da análise, novas traduções e simbolizações. Essas serão a face estruturante (o *ics-resposta*) de novas repressões, já que toda tradução é ao mesmo tempo repressora, e a Coisa (o *ics-pergunta*) persiste, jamais traduzida ou simbolizada.

Há, pois, um inconsciente *que fala*, que faz tentativas de resposta a um inconsciente *do qual falamos*, que é um pergunta feita infinitamente.

## Referências

- Castoriadis-Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Freud, S. (1991). Le moi et le ça. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 16, pp. 255-302). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2006a). Fragment d'une analyse d'hystérie. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 6, pp. 183-301). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2006b). Lettre de Freud à Fliess du 6 décembre 1896. In S. Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1950 [1896]).
- Freud, S. (2006c). Projet d'une psychologie. In S. Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Lacan, J. (1984). *Le Séminaire, livre 7: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Laplanche, J. (1997). Du transfert: sa provocation par l'analyste. In J. Laplanche, *Le Primat de l'autre en psychanalyse* (pp. 417-437). Paris: Flammarion. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J. (2006). *Sexual. La sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.
- Pontalis, J.-B. (1990). *La force d'attraction*. Paris: Seuil.
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations*. Oxford: Blackwell.
- Scarfone, D. (2014). L'impassé, actualité de l'inconscient. In *Revue française de psychanalyse*, 78(5), 1357-1428.

# De que inconsciente temos deixado de falar

José de Matos\*

Apesar de se constituir como tema central da psicanálise, o inconsciente somente recebeu tratamento metapsicológico por Freud em 1915, no terceiro artigo específico sobre o tema. Nele, a passagem da representação coisa (substrato psíquico concreto da coisa em si internalizada) à representação palavra, por associação a resíduos mnêmicos da fala, representa o primeiro passo para a emergência da consciência. Daí em diante, manteve-se o estudo do inconsciente ligado, quase exclusivamente, à teoria da sexualidade infantil, através dos diversos mecanismos de defesa repressivos, motivando diversas alterações no ego, dependendo da intensidade da força dos instintos em atuação, surgindo toda a sintomatologia neurótica. Durante muito tempo, esse inconsciente –visto como interface entre o ego, a força dos instintos, as exigências do superego e da realidade– atraía a atenção da psicanálise, ocupada com a função de tornar consciente o inconsciente.

Importantes inovações para a visão metapsicológica voltaram a ocorrer com a publicação de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/1975a), artigo em que novas funções mentais, na eclosão do processo secundário, viabilizaram, três anos mais tarde, a emergência da teoria estrutural da mente em *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1975b). Nesse mesmo traba-

lho, Freud, a partir da observação de repetições transferenciais, descreveu a existência de áreas amplas inconscientes no ego, alterando concepções sobre o ego e o inconsciente, que antes era visto como o reprimido.

Victor Manoel Andrade, estudioso da metapsicologia freudiana nos últimos 40 anos, mostra que em *O Ego e o Id* Freud esquadrinhou “desde o ego corporal até seu pleno desenvolvimento como ego psíquico” (2015, p. 89). Esse conceito de ego corporal, originário de traços mnêmicos de percepções de sensações, viabiliza a constituição e o desenvolvimento do psiquismo em suas fases mais precoces. Conclui Victor que, “se for levado em conta que o *trieb* se apresenta como fenômeno mental por meio de seus representantes psíquicos –representação e cota de afeto–, vê-se a íntima ligação entre ego e id desde o início do psiquismo”.

Em fevereiro de 2014, em aula inaugural na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), Victor Manoel Andrade, no trabalho “Ego Inconsciente: o ponto culminante da metapsicologia”, mostrou como, em *O Ego e o Id*, Freud tornou possível compreender a essência inconsciente do ego, ao verificar que a maior parte do ego é inconsciente, inclusive seu núcleo, sendo o pré-consciente apenas uma pequena parcela dele. Dessa forma, o núcleo do

---

\* Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.



ego é configurado a partir das percepções de sensações corporais que fundamentam a natureza inconsciente do ego.

A tentativa de atrair o foco de estudos da psicanálise para esses aspectos inconscientes ainda tão pouco estudados levou-nos a pensar mais sobre *de que inconsciente temos deixado de falar* nesta exposição.

Victor Manoel continua seu estudo metapsicológico do ego inconsciente, lembrando que, em *Análise terminável e interminável*, Freud postulou o caráter hereditário do ego, que, com o id, também de caráter hereditário, constituiria no início um todo indiferenciado ego/id. Hartmann, em 1950, observaria que o ego/id seria a herança filogenética equivalente ao instinto nos animais, tornando viável a concepção de um painel em que a mente pode se tornar compreensível. Segundo diversos fatores exaustivamente levantados por Victor Manoel Andrade em sua última publicação, a concepção de ego corporal “não recebeu maiores desenvolvimentos por Freud, ficando relegada ao ostracismo”.

De qualquer forma, importantes conclusões parecem resultar do estudo do núcleo inconsciente do ego, integrado por representações derivadas de impressões sensoriais precoces, ocupadas por cotas de afeto que constituem o ego corporal. Ele irá se desenvolver como ego psíquico a partir de novas e progressivas experiências afetivas partilhadas com o executor da função materna.

Como é do conhecimento de todos, somente muito tarde Freud concedeu ao instinto agressivo lugar próprio para seu estudo, vinculando-o ao instinto de morte em sua dimensão destrutiva. A partir da admissão da agressividade como componente primário instintual em interação com a libido, influenciando no desenvolvimento do ego, pode-se dimensionar a qualidade daquelas experiências afetivas mediadas pela presença materna desde o início do ego corporal. A função materna regulará tanto a eclosão libidinal quanto aquela agressiva, num conglomerado indiferenciado em vias de diferenciação.

Dessa forma, a capacidade empática materna funcionando como ego auxiliar, sem

prejudicar o desenvolvimento da pré-programação genética contida no ego/id, não deverá inibir manifestações agressivas em seu desenvolvimento natural, a serem registradas mnemonicamente como padrões de frustração e desprazer, em contrapartida a manifestações libidinais que, também registradas, neutralizarão as manifestações destrutivas do id. Conclui Victor que “a identificação primária com o objeto amoroso é fator primordial de fortalecimento do ego e de sua capacidade de inibir a força destrutiva do ego” (p. 156).

No processo analítico, mormente nas graves patologias relacionadas com o psiquismo precoce, essa função materna é exercida virtualmente pelo analista num estágio em que a fala ainda não viabiliza a transformação da representação coisa em representação palavra. A estrutura mental é puramente afetiva, já que as cotas de afeto deslizam entre as representações sem ligações estáveis. Dessa forma, o acesso analítico viável ao paciente resume-se ao contato empático. Interpretações ou acessos de natureza cognitiva podem funcionar pedagogicamente procurando “educar” o paciente, mais que preenchendo lacunas decorrentes de insuficiências ocorridas na configuração egoica primitiva do período indiferenciado inicial.

Essas conclusões são importantes no exame da ação terapêutica da psicanálise, que, como Freud procurou definir em *Análise terminável e interminável*, deve evoluir de objetivos de supressão de sintomas para objetivos de ampliação dos domínios do ego sobre as áreas então ocupadas pelo id, dotando o ego de maior higidez para enfrentar as vicissitudes da vida, as exigências instintuais que podem ser influenciadas pelas alterações morais e éticas dos novos tempos, compatibilizando tudo isso com as exigências superegoicas arcaicas ou derivadas dos códigos sociais vigentes.

Passemos a falar mais dessas áreas inconscientes egoicas, contando agora com o auxílio de novas postulações científicas derivadas das neurociências, da etologia e do aprofundamento do estudo das relações objetais que a intersubjetividade nos traz.

## Referências

- Andrade, V. M. (fevereiro, 2014). Ego Inconsciente: o ponto culminante da metapsicologia. Aula inaugural proferida na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Andrade, V. M. (2015). *Agressão, vida e morte: enigma indecifrado nos cem anos da metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Freud, S. (1975a). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1975b). O Ego e o Id. In J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1975c). O inconsciente. In J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Hartmann, H. (1964). Comments on the psychoanalytic theory of the ego. In *Essays on ego psychology*. Nova York: The International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1950).





*Dossiê:*  
Margens do corpo.  
Os sentidos

## Margens do corpo

*A tua presença  
Entra pelos sete buracos da minha cabeça  
A tua presença  
Pelos olhos, boca, narinas e orelhas  
A tua presença  
Paralisa meu momento em que tudo começa  
A tua presença  
Desintegra e atualiza a minha presença  
A tua presença...*  
Caetano Veloso, *A tua presença morena*, 1975

*Em Proust, aromas, sons, cores, gostos evocam e suscitam uns aos outros, como em Baudelaire. Também em filosofia é assim. Nunca um sentido vai sem o registro do outro, corpóreos e incorpóreos que são!*  
Olgária Matos<sup>1</sup>, comunicação pessoal

Neste número de *Calibán* que tem por tema “Margens”, já também envolvidos nos eflúvios que sopram do próximo Congresso da Fepal em Cartagena, que focará “Corpo”, escolhemos trabalhar no **Dossiê** o que seriam as margens do corpo: os sentidos. Ideia que surgiu, também, por meio do diálogo e parceria de *Calibán* com a Diretoria de Comunidade e Cultura da Fepal.

O mundo externo se apresenta ao ser vivente por meio de sons, odores, sabores, imagens e sensações táteis. Traduzir em experiências psíquicas as emoções associadas às sensações que surgem, a partir desses estímulos, dando-lhes

sentido, compondo uma história, é o que cria o humano. São os rudimentos dos restos sonoros, fragmentos visuais, sensações olfativas e táteis que formam a memória afetiva e a matéria-prima dos sonhos, das lembranças em afetos, tema de obras de arte da humanidade.

O psiquismo constitui-se entre a vivência de satisfação e a falta, entre a conflitiva que se dá pelo prazer e desprazer. O clima criado pelo mundo sensorial que envolve o sujeito desde seu nascimento evoca em cada um a própria história, que contém também a história maior da humanidade.

Neste preâmbulo, não nos demoraremos

---

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1. Professora titular do Departamento de Filosofia da USP e do Departamento de Filosofia da Unifesp.



a falar de cada texto do **Dossiê**. Desejamos que o leitor possa ir em busca das suas próprias sensações e que as vivencie a partir de sua história e sua singularidade. E, para isso, chamamos a lira do poeta.

O grupo que elabora o **Dossiê**, Abigail Betbedé, Iliana Warchavchik, Raquel Ajzenberg, Raya Zonana, Regina Reiss e Sandra Shaffa, escolheu para esta abertura um clássico –versos do *Cântico dos cânticos* do Rei Salomão– que, com a força de sua expressividade, esperamos, aguce os sentidos do leitor e favoreça sua passagem para um universo de sensualidade em que corpóreo e incorpóreo se fundem.

### **Cântico dos cânticos<sup>2</sup>**

Beija-me com os beijos de tua boca!  
Porque teus amores são melhores que o  
vinho, e suave é a fragrância de teus per-  
fumes, teu nome é como óleo escorrendo  
És toda bela, minha amada,  
E não tens um só defeito!

Como a macieira entre as árvores da  
floresta, assim é o meu amado entre os jo-  
vens; gosto de sentar-me à sua sombra,  
e seu fruto é doce à minha boca.

Restaurou-me com tortas de uvas,  
fortaleceu-me com maçãs,

---

2. Trechos escolhidos.

porque estou enferma de amor.  
Oh, esta é a voz do meu amado!

A figueira já começa a dar os seus figos,  
e a vinha em flor exala o seu perfume;  
levanta-te, minha amada,  
formosa minha, e vem.

Minha pomba, oculta nas  
fendas do rochedo,  
e nos abrigos das rochas escarpadas,  
mostra-me o teu rosto, faze-  
me ouvir a tua voz.  
Tua voz é tão doce, e delicado teu rosto!

Como são graciosos os teus  
pés nas tuas sandálias,  
filha de príncipe!  
A curva de teus quadris  
assemelha-se a um colar,  
obra de mãos de artista;  
teu umbigo é uma taça redonda,  
cheia de vinho perfumado;  
teu corpo é um monte de trigo cercado de  
lírios;  
tua cabeleira é como a púrpura,  
e um rei se acha preso aos seus cachos.

Como és bela e graciosa, ó meu amor, ó  
minhas delícias!  
Teu porte assemelha-se ao da palmeira,  
de que teus dois seios são os cachos.  
Vou subir à palmeira, disse  
eu comigo mesmo,  
e colherei os seus frutos.  
Sejam-me os teus seios como cachos da  
vinha.  
E o perfume de tua boca  
como o odor das maçãs;  
teus beijos são como um vinho delicioso  
que corre para o bem-amado,  
umedecendo-lhe os lábios na hora do  
sono.

Eu sou para o meu amado o objeto de  
seus desejos.  
Vem, meu bem-amado,  
saíamos ao campo,  
passemos a noite nos pomares;  
pela manhã iremos às vinhas,  
para ver se a vinha lançou rebentos,  
se as suas flores se abrem,

se as romãzeiras estão em flor.  
Ali te darei as minhas carícias.  
As mandrágoras exalam o seu perfume;  
temos à nossa porta frutos excelentes,  
novos e velhos que guardei para ti,  
meu bem-amado.

Teus amores são melhores do que o vinho,  
Mais fino que os outros aromas  
É o odor dos teus perfumes.  
Teus lábios são favo escorrendo,  
Ó noiva minha,  
Tens leite e mel sob a língua,  
E o perfume de tuas roupas  
É como a fragrância do Líbano.

És jardim fechado,  
Minha irmã, noiva minha,  
És jardim fechado,  
Uma fonte lacrada,  
Teus brotos são pomar de romãs  
Com frutos preciosos:  
Nardo e açafraão, canela, cinamomo,  
E árvores todas de incenso, mirra e aloés,  
E os mais finos perfumes. (Bíblia, Salomão).

## Referências

Bíblia. Salomão. *Cântico dos cânticos*. Recuperado de  
<https://www.bibliaonline.com.br/acf/>  
Veloso, C. (1975). A tua presença morena. In *Qualquer coisa*  
[CD]. Philips.

Georges Didi-Huberman\*

## Pensar inclinado

Nenhum dispositivo visual significa por si mesmo. As visões a partir do alto (por exemplo, panoramas, mapas, fotografias aéreas, filmagens verticais de cinema) não poderiam ser reunidas em nenhum caso sob o verbete ou a unidade de uma só rubrica de dicionário iconográfico. Apreender uma forma de visão depende totalmente de *sobre o quê* se focaliza, de *por que* é escolhida, de *como* é utilizada e de *para quê* é feita. Há muitas maneiras de ver as coisas do alto, às vezes contraditórias e que geram tensão entre si, e esse mesmo raciocínio vale para toda forma de visão designada abusivamente sob a categoria uniforme demais e geral de *perspectiva*. Posso ver do alto porque sobrevoou ou porque pairou e, nesse momento, o que vejo –a paisagem lá embaixo– desfila ao longe, tranquila; dessa maneira, a altura (o olhar a partir do alto) acaba me dando essa espécie de satisfação ora esteticamente flutuante, ora moralmente todo-poderosa, a impressão de *dominar o campo* como uma gaiota sobrevoa as ondas ou, às vezes, como um general domina seu mapa de estado-maior. Mas posso, também, perceber que, se estivesse caindo de um avião e meu paraquedas se recusasse a abrir, o que veria do alto ganharia

um sentido muito diferente: o de um *campo de perigo* por excelência. O que se vê do alto pode se abrir beatificamente ou, pelo contrário, se comprimir até o terror mortal. Sobrevoou maníaco para vigiar, conquistar ou bombardear: como o aviador que destruiu Hiroshima sem ver nada com exatidão –quero dizer, nada, à altura de sua visão, daquilo e daqueles que destruiu, tão alto estava no céu. Deslizamento simétrico que induz o sentimento depressivo de cair, de despencar, como Ícaro teve de experimentar quando o sentimento do sobrevoou maníaco passou, pois a cera começou a derreter. Ora, essa prova não é o que configura algumas das nossas experiências do mundo real, como as do mundo de nossas imagens, as do sonho ou as da arte, por exemplo?

Ver do alto: que prazer! Bem confortável no meu penhasco, meu promontório, minha planície, meu terraço, minha varanda, meu belvedere, disponho de fato de um *bel vedere* por excelência: o mar é todo meu até o horizonte e experimento a grandiosidade da natureza sem nenhum risco de me afogar, já que tudo para mim são potências formais para contemplar.

Mas que angústia, também, se me encontrasse encurralado em uma greta do penhasco,

---

\* Filósofo, historiador, crítico de arte e professor da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris.



entre o céu e o mar, com a espuma rugindo abaixo, as rochas negras e ameaçadoras, e eu, presa da vertigem e do pânico, diante da possibilidade aberta –hiante– de que o que vejo de cima venha, por acidente de frouxidão, me engolir e me destruir em suas terríveis *potências materiais!* Quando estava no alto, *dominava*. E agora eis-me aqui, cruelmente pendurado: continua a ser ver do alto, mas não é de nenhum modo a mesma experiência.

Ver do alto se dissocia, então, não somente em prazer e angústia, mas também em poder e desamparo. Os amos absolutos se mostram bem no alto e abarcam, abraçam, o mundo de baixo, com o olhar firme; as pessoas humildes quando estão empoleiradas, encarapitadas, ou encurraladas nas alturas, têm vertigem ou são atacadas pela vergonha. Mussolini conclama e goza das alturas da sua varanda, Harry Langdon treme comicamente de medo e gostaria de fugir do alto do seu andaime. Ver de cima é estar no *topo*. Mas pode ser também estar *sobre a crista*: no “pico de um desastre”, como diz tão bem Georges Bataille (1939-1944/1973a, p. 241) em um texto crucificado entre o soberano e o frágil. É tomar impulso ou se arriscar a cair. É se elevar ao pináculo ou ficar pendurado (no andaime ou cadafalso) e, portanto, já estar perdido.

Levando em consideração que a palavra *teoria* vem de um verbo grego que denota o exercício do olhar (assistir a um espetáculo, contemplar, observar, examinar atentamente), podemos nos perguntar o que implica a visão a partir do alto, com sua dialética de topos e cristas, de dominações e desastres, para o exercício do pensamento em si enquanto *olhar sobre* o mundo. E aí se divide o mundo filosófico em duas populações bem diferentes (e é possível que eu tenha que carregar um pouco nas tintas). Por um lado, há os que pretendem ver *tudo de cima* (não digo “a partir de cima”). Como nos inclinamos diante dos potentados murmurando “Alteza” ou “Excelência”, eles querem ser considerados eminências (mesmo que sejam “pardas”, é claro). Tal como aqueles que têm poder sobre os assuntos humanos, eles têm –ou gostariam de ter– o “pensamento dominante” sobre as ideias humanas. Eles se pretendem o orgulho do *conceito*. Terão, então, o conceito *altivo*. Esgrimem frequentemente a palavra *transcendência*. Estão convencidos de que o In-

teligível é algorítmico, puro, elevado, e que só é formulado se livre de todas as impurezas que arrasta com ele nosso pobre mundo sensível. Esses professores de pureza, que falam a partir da sua cátedra, só pensam para olhar melhor, a partir do alto, aquilo de que falam (e aqueles para quem falam): como modo de humilhar –no sentido etimológico do *húmus*– tudo o que eles pensam a partir da sua linguagem superior ou aérea. Instalam-se permanentemente acima do que pensam, como o fotógrafo militarista Eugene O. Goldbeck, que se posicionava sobre uma grua, muito acima da pequena tropa, para captar melhor o “corpo do exército” como um conjunto heráldico, impessoal e ideal.

Por outro lado, há os que aceitam inclinar-se para ver e pensar melhor. Ao se inclinarem, abandonam seu poleiro. Têm o conceito mais humilde e mais arriscado. Seu olhar do alto se torna movimento de aproximação e tato. Só escalam os declives do Etna para mergulhar melhor em sua lava fervente, como Bataille no “pico do desastre” recordava, seguindo Nietzsche, e como Nietzsche havia recordado a partir do exemplo de Empédocles (1939-1944/1973a, pp. 286-287). Esses pensadores aceitam, pois, descer ao que Gilles Deleuze chamou de “planos de imanência”. Apostam em tornar inteligível a própria experiência sensível. Só pensam para se aproximar melhor (quaisquer que sejam os riscos para a pureza do conceito) do que querem pensar, para devolver sua dignidade às coisas mais baixas, às mais humildes e às mais materiais. Mantêm-se somente um instante por cima do que pensam, como Francisco de Goya quando se dobrava sobre as pranchetas de trabalho para gravar *Los caprichos*, até quase se afundar sobre a sua mesa e deixar que ressurgissem, por trás da sua própria cabeça obstinada de inquietações, os famosos “monstros da razão” da prancha 43.

\*

A *vista a partir do alto* é realçada, liberta-se para ver melhor: estabelece o afastamento necessário a toda visão em uma postura de retrocesso constante que lhe confere seu próprio domínio. Assim, deixa o observado abaixo, livre do olho que olha. A vista abarcante –como

poderíamos denominá-la– se inclina, ao contrário, para ver melhor: dialetiza e estraga o próprio afastamento. E assim deixa que o observado suba *ao* olho, quaisquer que sejam os riscos ou contragolpes correspondentes. Na vista dominante, o mundo aparece na distância do *inalcançável* definitivo, o que tem como virtude possível a explicitação das coisas, que é um *saber* puro, um saber não contaminado. Na visão abarcante, o mundo aparece, pelo contrário, segundo uma *distância invertida*, uma distância em movimento de vaivém capaz de nos tornar sensíveis a tudo o que a vista de baixo puder colocar ao *alcance* da vista de cima: aqui nada é definitivo, o *não saber* participa, desde então, desse outro banquete do olhar. Se houvesse um debate entre os dois tipos de visões, seria para saber se, para saber melhor, é necessário se afastar sempre, ou se, pelo contrário, é desejável se aproximar com o risco de, então, tocar o objeto do saber; ou seja, deixar-se aprisionar nas seduções, nas ilusões, nos meandros ou nos miasmas do “abaixo sensível” (expressão imaginada a partir do modelo do “baixo materialismo”, segundo Bataille). Mas o que acontece exatamente quando se deixa que *o que está abaixo* (e que poderíamos nos contentar em olhar do alto sem mudar de posição) *suba até nós*, até nosso olhar e nosso pensamento?

\*

Em uma página célebre de *Em busca do tempo perdido*, Marcel Proust deu a descrição extraordinária (por sua simplicidade e fineza) de uma experiência assim, da *ascensão das coisas* no próprio coração de uma visão do alto. É um simples momento de mal-estar; não é verdadeiramente uma queda, mas sim um cristal de tempo em que seu *corpo se inclina* e, muito rapidamente, também seu pensamento, sob o efeito de uma emoção imprevista. O instante descrito corresponde, segundo ele diz, a uma “comoção de toda a sua pessoa”. É noite. Ele se sente atacado por uma “crise de fadiga” (estranho conceito se pensarmos, mas muito pertinente se nos referimos à sua dimensão

psíquica). É o momento em que ele se inclina, simplesmente, para tirar os sapatos:

...procurando dominar meu sofrimento, curvei-me com lentidão e prudência para descalçar-me. Mas, mal havia tocado o primeiro botão de minha botina, meu peito inflou-se, cheio de uma presença desconhecida e divina, soluços me sacudiram, lágrimas brotaram de meus olhos!... (Proust, 1921/2014, pp. 191-192).

O que acontece, então? O narrador tem uma visão dos seus sapatos, do alto. Nada mais trivial, mais neutro e objetivo, sem dúvida. Mas no momento em que estende seus dedos a eles, *no momento em que toca, seu próprio gesto de se inclinar* lhe devolve de forma brutal, contragolpe inesperado, algo que então chama (por falta de um nome melhor) de “presença desconhecida”, que *vem tocar seu olhar* até cobrir seus olhos (e, portanto, sua visão) de lágrimas.

É assim que uma visão abarcante (uma visão carregada de emoções, de lágrimas e de sensações táteis) emerge, a partir da banal visão do alto que o narrador tinha de suas botas, em uma noite de grande fadiga. Ora, é o *gesto de se inclinar* que desencadeia esse acontecimento, e é uma *memória* o que esse gesto vai terminar por elevar, de algum modo. A lembrança –involuntária– que então surgiu foi a da sua avó, morta alguns meses antes.

Lembrança cuja agudeza, nesse preciso momento, faz com que Proust escreva algumas linhas magníficas sobre o desejo incluído em toda memória e sobre o *anacronismo* desse fenômeno:

Acabava de perceber, em minha memória, inclinado sobre o meu cansaço, o rosto terno, preocupado e decepcionado de minha avó, tal como ela estivera naquela primeira noite da chegada; (...) minha avó verdadeira, cuja realidade viva eu tornava a encontrar pela primeira vez, numa recordação voluntária e completa, desde que ela tivera um ataque nos Campos Elíseos. Essa realidade não existe para nós enquanto não foi recriada pelo nosso pensamento (sem isso, os homens que estiveram empenhados numa batalha gigantesca seriam todos grandes poetas épicos); e assim, num desejo louco de precipitar-me em seus braços, não era senão naquele instante – mais de um ano após o seu enterro, devido a esse

1. N.T.: Todos os fragmentos de *Em busca do tempo perdido* aqui citados têm tradução de Mario Quintana; Proust, M. (2014). Sodoma e Gomorra. In M. Quintana (Trad.), *Em busca do tempo perdido* (Vol. 4). São Paulo: Globo (Trabalho original publicado em 1921)



anacronismo que tantas vezes impede o calendário dos fatos de coincidir com o dos sentimentos – que eu acabava de saber que ela estava morta. (Proust, 1921/2014, p. 192).

Essa única experiência, ainda tão breve e passageira que seja, aparece imediatamente como a trança ou o encontro de três movimentos fundamentais incluídos, digamos, no único gesto de se inclinar.

Como todo sintoma (palavra que denota, etimologicamente, o movimento de *cair com*), esse acontecimento é ao mesmo tempo brilhante (cristalino como uma mônada) e complexo, ou melhor, “implexo”, “*implexe*” (estratificado como uma montagem). Ao se inclinar sobre suas botas, o narrador as vê, sem dúvida, tal como são exatamente, um simples artigo de vestimenta em couro para uma parte do corpo. Mas, ao esboçar o gesto de se despir, faz com que *apareça* algo muito maior do que a sua nudez corporal. Ao se inclinar, ele se desnuda psiquicamente. E, primeiro, inclina-se para *saber mais*, saber algo que, até esse momento, permaneceu obscuro para ele. Trata-se de um saber paradoxal, sem dúvida, porque tecido de “comoção” e de lágrimas nos olhos: “Acabava de saber que estava morta”. Saber radical, também, porque é um saber de uma desapareição: “... ao senti-la pela primeira vez, viva, verdadeira, enchendo meu coração até afogá-lo, reencontrando-a enfim, eu acabava de saber que a tinha perdido para sempre” (Proust, 1921/2014, p. 194).

Por que esse saber é paradoxal? Porque ele articula os próprios paradoxos do segundo elemento dessa experiência: quero destacar o fato crucial de que o narrador se inclina aqui sem querer, “para” *relembrar melhor*. E Proust registra, com uma precisão terrível, a dialética de um ato assim, reminiscente, onde convivem *destruição* (“o nada”, escreve) e *sobrevivência*:

Perdida para sempre; não podia compreender e me exercitava em sofrer a dor dessa contradição: de um lado, uma existência, uma ternura, sobreviventes em mim tais como as tinha conhecido, isto é, feitas para mim, um amor em que tudo de tal modo achava em mim o seu complemento, a sua finalidade, a sua constante direção, (...); e por outro lado, logo que eu revivera essa felicidade como presente, senti-la atravessada pela certeza que se lançava, como uma dor física de repetição, de um nada que tinha apagado a mi-

nha imagem daquela ternura, destruído aquela existência (...)(Proust, 1921/2014, p. 194).

O terceiro elemento dessa experiência emerge do fundo da contradição entre “nada” e “sobrevivência”. Como essa contradição faz parte também do gesto efetuado, o narrador compreende logo que ele se inclinou *para sentir mais a dor* da lembrança da morta amada: “(...) Me exercitava em sofrer a dor dessa contradição”, escreve. E algumas linhas depois:

Mas jamais poderia apagar aquela contração de sua face, e aquela dor de seu coração, ou antes, do meu coração; pois como os mortos não mais existem a não ser em nós, é em nós mesmos que batemos sem trégua quando nos obstinamos em recordar os golpes que lhes assentamos. Por mais cruéis que fossem essas dores, eu ligava-me a elas com todas as minhas forças, pois bem sentia que eram o efeito da lembrança de minha avó, a prova de que essa lembrança que eu tinha estava bem presente em mim. Sentia que não a evocava verdadeiramente senão pela dor e desejaria que se aprofundassem ainda mais em mim aqueles pregos que fixavam a sua memória. Não procurava tornar o sofrimento mais suave, embelezá-lo, fingir que minha avó estivesse apenas ausente e momentaneamente invisível, dirigindo à sua fotografia (a que Saint-Loup tirara e que eu tinha comigo) palavras e súplicas como a um ente separado de nós mas que, permanecendo individual, nos conhece e a nós continua ligado por indissolúvel harmonia. Nunca o fiz, pois não só me empenhava em sofrer, como em respeitar a originalidade de minha dor tal como a sentira de súbito e sem querer; e eu queria continuar a senti-la, seguindo as suas próprias leis, de cada vez em que voltava essa contradição tão estranha da sobrevivência e do nada, entrecruzados em mim. Essa impressão dolorosa e incompreensível atualmente, não sabia eu por certo se haveria de arrancar-lhe um pouco de verdade alguma vez, mas sabia que se pudesse algum dia extrair-lhe esse pouco de verdade, só poderia ser dela, tão particular, tão espontânea, que não a traçara a minha inteligência nem a atenuara a minha pusilanimidade, mas que a própria morte, a brusca revelação da morte, como um raio, tinha cavado em mim um duplo e misterioso sulco, segundo um gráfico sobrenatural e inumano. (Proust, 1921/2014, pp. 195-196).

\*

Inclinar-se, então: para saber melhor, para lembrar melhor, para sentir mais dor. Por que sentir mais dor? Porque a dor é o fiel de uma balança em que convivem, na memória dos seres perdidos, o nada e a sobrevivência. Proust

forja uma imagem ainda mais crua: é o prego que atravessa nossa alma e que reforça, sobre o grande plano do nada, as capas erráticas da sobrevivência. É por isso que, falando dos seus sofrimentos, o narrador pode afirmar que “se aferra a eles com todas as suas forças”, porque sem dor não haveria para ele memória viva. Mas por que *sentir mais dor*? Para “respeitar a originalidade do sofrimento” sem se comprometer em “embelezá-lo” ou “suavizá-lo”, e para “extrair dele um pouco de verdade” pelo viés de uma sismografia dos seus “duplos e misteriosos sulcos”, como forma de situar a própria escrita como um ato de respeito ao jogo cruel da memória, esse jogo incessante da destruição (“nada”) e do indestrutível (“sobrevivências”).

Mas não é tudo. Nas dobras dessa construção admirável e rigorosa, Proust insere, aqui e ali, a indicação de um motivo, uma imagem onde tudo termina por convergir, de tal modo que, de *motivo*, parece se transformar, desde o começo, em elemento *motor* da própria experiência e de todo o relato. Inclinarse converte-se em pensar, mas o próprio pensamento torna-se gesto de se inclinar, como se, de linha em linha, o gesto houvesse buscado, de forma obstinada, voltar ao gesto. Tal é a força poética do texto proustiano: constrói-se inteiramente sobre uma *rima de gestos* da qual toda visão e todo pensamento são dependentes.

Então, retomando: o primeiro verso desse poema seria o ato de se inclinar trivialmente em direção às suas botas para se descalçar: “(...) curvei-me com lentidão” (Proust, 1921/2014, p. 191), e é então –segundo verso– que a “presença desconhecida” se eleva e que as lágrimas escorrem dos olhos que olhavam de cima até o chão, com todo o corpo do narrador ainda “inclinado sobre o meu cansaço” (Proust, 1921/2014, p. 192).

No terceiro verso, surge uma sensação de “desespero”, em que o narrador compreende imediatamente que recolhe, através dos arcanos da sua memória involuntária, algo antigo e fundamental. Desespero: outra forma de sentir-se cair. Pior: uma maneira de se sentir abandonado, jogado sozinho no mundo. No quarto verso lutam “o nada” e “a sobrevi-

vência” em uma dor configurada através, diz Proust, de um “desejo louco” de se jogar nos braços de sua avó.

Compreendemos agora que *dor* e *desejo*, *desespero* e *ternura* eram já indissociáveis no único gesto de se inclinar. E por quê? O último verso desse pequeno poema virtual nos explica: no gesto de se inclinar, o narrador adere ao minuto em que avó se inclinara para ele (Proust, 1921/2014, p.193). E de tal maneira que, diz ele: “Eu já não era senão aquela criatura que buscava refugiar-se nos braços de sua avó”, e é ao *rosto inclinado* do ser amado –do ser perdido– que Proust terminará se dirigindo em pensamento, enquanto, sempre inclinado ele mesmo em direção ao chão, invoca na lembrança “os planos daquele rosto, modelados e inclinados pelo carinho”. Tal seria então o *poema de gestos* escrito entre linhas nesse breve relato de reminiscências. Seguimos ali o destino de uma imagem capaz de cristalizar ao seu redor o saber e uma memória, uma dor e um desejo. Descobrimos a montagem anacrônica de situações separadas no tempo, mas que reiteram, com variáveis comovedoras e inversões de polos, a mesma *Pathosformel* do corpo inclinado ou do que chamaria de um “pensar inclinado”.

\*

Já não me surpreende que, em *A experiência interior* (*L'expérience intérieure*), Georges Bataille (1943/1973b) tenha consagrado um longo trecho à *poesia* enquanto busca do “conhecido ao desconhecido”, e sobre a *busca* proustiana enquanto “suplício”, “sacrifício” e transgressão da moral pelo desejo (Bataille, 1943/1973b, pp. 156-175<sup>2</sup>). Um modo de retomar, por conta própria, a antiga lição de Ésquilo em seu *Agamenon*, a lição do “saber pelo sofrer” (*pathei mathos*) da qual cada um dos nossos gestos, cada uma das nossas “fórmulas de *pathos*”, reconfigura, a cada vez, a experiência e a memória. Tudo isso invocado sem ordem, com o único fim de refazer a pergunta: como a visão do alto ou de cima, que é uma *experiência da distância*, arrasta, apesar de tudo, algo que devemos chamar de *experiência interior*?

2. Ver também Bataille (1957/1979, pp. 259-270).

Erwin Straus, em seu livro capital de 1935, *Sobre sentido dos sentidos (Du sens des sens)*, partia de uma constatação fenomenológica elementar, mas decisiva: “A distância não é uma determinação atributiva de lugares singulares no espaço; é uma relação compreensiva ao mesmo tempo *universal* e pessoal. O *lá longe* refere-se ao meu aqui” (Straus, 1935/1989, p. 275). Isso significa que não se faz a experiência da distância medindo-a, mas sim penetrando nela de corpo e alma. Eis porque o camponês espanhol, em uma cena famosa do filme *Espoir, Sierra de Teruel (A esperança)*, de André Malraux (Corniglion-Molinier & Tual, 1945), tinha tanta dificuldade para reconhecer, do avião de combate dos republicanos, a Sierra de Teruel, que, no entanto, lhe era tão familiar, ou a estrada de Zaragoza, que havia percorrido mil vezes: mas, nesse momento, fazia a experiência do hiato (que, por outro lado, analisa Erwin Straus) entre o espaço da paisagem e o espaço geográfico cujos horizontes fenomenológicos são, por princípio, contraditórios (Straus, 1935/1989, pp. 513-523).

Ora, os horizontes contraditórios existem para serem misturados, ou seja, colocados sem ordem. No fenômeno do *deslizamento*, por exemplo, Erwin Straus via uma possibilidade de movimento tátil e visual que valia como “processo de explicação com o mundo” em algum ponto entre a possibilidade de *saber* (passar de um objeto ao outro), a possibilidade de *criar* uma forma (por exemplo, na coreografia do patinador sobre o gelo), mas também a possibilidade de *cair* (se deslizo de repente e caio) (Straus, 1935/1989, pp. 583-590). Assim, a distância definida por Straus como “a mais fundamental das formas espaço-temporais do sentir” (Straus, 1935/1989, pp. 609-619) aparece como um verdadeiro *devoir*, ou seja, uma produção do tempo, como dirá também, dez anos depois, Maurice Merleau-Ponty em sua *Fenomenologia da percepção*:

Quando digo que vejo um objeto à distância, quero dizer que já o possuo ou que ainda o possuo, ele está no futuro e no passado ao mesmo

tempo em que no espaço. (...) E assim como só se pode compreender a memória como uma posse direta do passado, sem conteúdos interpostos, só se pode compreender a percepção da distância como um ser *no longínquo* que o alcança ali onde ele aparece. A memória é fundada pouco a pouco na passagem contínua de um instante no outro e no encaixe de cada um, com todo o seu horizonte, na espessura do instante seguinte. A mesma transição contínua implica, na percepção que daqui tenho do objeto, o objeto tal como ele está ali, com sua grandeza “real”, tal enfim como eu o veria se estivesse ao lado dele. (Merleau-Ponty, 1945/1976, pp. 306-307)<sup>3</sup>.

Na experiência proustiana sobre a qual nos debruçamos brevemente, a visão inicial das botas, por conta sem dúvida da “fadiga” e da “lentidão” para encontrá-las, já era uma experiência da distância. E assim será plenamente temporalizada a partir do fenômeno de encaixe que Merleau-Ponty evoca nessa passagem, como se a lembrança involuntária da avó morta estivesse “encaixada” no próprio espaço que separa o olho do narrador das botas abaixo. Como se a imagem reminescente “se desencaixara”, de repente, do espaço criado e, já desencaixada, voltasse ao sujeito por meio do próprio gesto de se inclinar. Não encontramos esse processo de encaixe e desencaixe (especializado de outra forma, sem dúvida, e relatado de outro modo) na famosa combinação técnica com que Alfred Hitchcock, em *Vertigo*<sup>4</sup> (*Um corpo que cai*) (Coleman, 1958), filmava as cenas em movimento da escada fatal, associando um *travelling* para trás (criador de distância) com um efeito de zoom para a frente (onde o chão distante se “levanta” violentamente até o olho)? E não era, por acaso, *tempo*, memória e medo misturados o que surgia, dolorosamente, para o personagem interpretado por James Stewart?

\*

Melhor do que qualquer abordagem, “a fenomenologia do sentir” desenvolvida por Erwin Straus, e depois por Merleau-Ponty, permite definir com precisão a distinção entre uma

3. N.T.: Todos os fragmentos de *Fenomenologia da percepção* aqui citados têm tradução de Ribeiro de Moura; Merleau-Ponty, M. (1999). In C.A. Ribeiro de Moura (Trad.), *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).

4. Nota da editora: Sugerimos ao leitor acessar a cena citada em <https://youtu.be/GnpZN2HQ3OQ> (acessado em 21/04/2016)

*visão de cima*, que supõe um sujeito estabelecido na postura de dominar o que está considerando, e uma *visão abarcadora*, que implica um sujeito em movimento, considerado no gesto de se inclinar, de se aproximar. A *visão de cima* estabelece o mundo e o torna objetivo em coordenadas mensuráveis, explicitáveis (geográficas e geométricas, por exemplo), que transformam o objeto visto em algo “mais bem visto”, mas para isso esse olhar deve manter as coisas sob vigilância, de acordo com uma distância estável ou, pelo menos, previsível em suas variáveis (é o que devem dominar, por exemplo, os pilotos de aviões bombardeiros). A *visão abarcadora*, pelo contrário, se submete a um mundo em movimento e é subjetivizada em experiências interiores: para isso deve se abrir aos imprevistos com uma distância variável (a que deve ser adotada, imagino, pelos praticantes do chamado voo livre, entregues à sorte de ventos diversos, ou pelos pilotos de asa delta).

Isso é, sem dúvida, o que Merleau-Ponty queria dizer ao escrever que o corpo perceptivo não estava “no espaço”, mas, mais exatamente, “ao espaço” (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 173). Trata-se de um chamado a repensar uma espacialidade que seja diferente de um simples *extensum* de medidas objetiváveis, mas que se revele, mais propriamente, como o *spatium* do próprio corpo, “o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo” (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 174). Daí a distinção necessária entre o que Merleau-Ponty chamava “movimento concreto” e “movimento abstrato”, o primeiro, *adefrente*, e o segundo, *centrifugo*:

O movimento concreto é, portanto, centrípeto, enquanto o movimento abstrato é centrífugo; o primeiro ocorre no ser ou no atual, o segundo, no possível ou no não-ser; o primeiro adere a um fundo dado, o segundo desdobra ele mesmo seu fundo. (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 129).

E é assim que o espaço é muito mais, para nossos olhares sensíveis, do que um simples meio em que as coisas do mundo estão: seria mais precisamente um processo necessário do vivente, criador de acontecimentos atuais ou possíveis:

O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões. (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 281).

Quando nos inclinamos, o horizonte vacila. Merleau-Ponty fez análises admiráveis desses desequilíbrios: por exemplo, a situação em que alguém se inclina sobre o rosto de um ser deitado em sua cama:

Se alguém está deitado em uma cama e eu o observo situando-me na cabeceira, por um momento esse rosto é normal. Há uma certa desordem nos traços e tenho dificuldade em compreender o sorriso como sorriso, mas sinto que poderia dar a volta na cama e vejo através dos olhos de um espectador situado em seu pé. Se o espetáculo se prolonga, repentinamente, ele muda de aspecto: o rosto torna-se monstruoso, suas expressões horríveis, os cílios, as sobrancelhas adquirem um ar de materialidade que nunca vi neles. Pela primeira vez verdadeiramente vejo esse rosto invertido como se essa fosse sua postura “natural”: tenho diante de mim uma cabeça pontuda e sem cabelos, que traz na sua frente um orifício sanguinolento e cheio de dentes, com dois globos móveis envoltos por crinas brilhantes e sublinhados por duas protuberâncias duras no lugar da boca. (...) Inverter o objeto é retirar-lhe sua significação. (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 292).

Sabemos até que ponto os fotógrafos surrealistas – Man Ray em primeiro lugar, mas também outros artistas animados por preocupações diferentes, como László Moholy-Nagy – puderam experimentar esses efeitos de dessemantização pela inversão da orientação espacial. Marcel Duchamp, que se preocupou (e divertiu) tanto em situar todas as coisas de cima para baixo ou ao inverso, não deixou de situar sua *Roda de bicicleta* como se rodasse no ar, ou seu *Trébuchet* como se fosse fazer com que caísse tudo o que se pendurasse dele. A obra *Élevage de poussière* não seria, por esse ponto de vista, uma forma inédita de se *inclinar* sobre a janela de *Le grand verre* e ver o tempo materializado em pó se elevar até nosso olhar e subir a nós?

\*

Dizer *aquí*, ou inclusive dizer simplesmente *eu*, é situar-se no espaço, mas também no tempo. Merleau-Ponty recordava sem dúvida o “horizonte de expectativa” husserliano quando escrevia:

A palavra *aquí*, aplicada ao meu corpo, não designa uma posição determinada em relação a outras posições ou em relação a coordenadas exteriores, mas designa a instalação das primeiras coordenadas, a ancoragem do corpo ativo em um objeto, a situação do corpo em face de suas tarefas. (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 117).

Erwin Straus já havia teorizado sobre a *temporalização de toda orientação espacial*, e Ludwig Binswanger, em uma célebre análise dos sonhos de voo ou queda, já havia insistido intensamente na dimensão “existencial” e temporal de todo movimento no espaço: “Queda ou flutuação, compressão ou extensão” (Binswanger, 1930/1971, pp. 199-225, 1932-1933/1998, pp. 81-122; Straus, 1935/1989, pp. 625-628). Poderíamos, aliás, nos perguntar se os psicanalistas, quando se colocam acima em relação à cabeça invertida dos seus pacientes, não se confrontam com uma escolha “existencial” de uma visão que *domina* ou uma visão que *se inclina*<sup>5</sup>.

É claro, de todos os modos, que a visão de cima coloca quem olha em *posição de tomar posição*, ou seja, de fazer uma escolha que é tanto estética como *estésica* ou *tímica*, como dizia Binswanger (como se colocar para apreender o outro?), mas também ética, no sentido mais forte do termo (como se colocar para reconhecer o outro?), e inclusive *política* (como se colocar para fazer justiça ao outro?).

É o que aparece com toda clareza quando folheamos as pranchas fotográficas –e poéticas, e políticas– da *Kriegsfibel* de Bertolt Brecht, onde a atra realidade dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial é constantemente dialetizada, colocada em movimento de reciprocidade: vemos, por exemplo, os pilotos em seus *cockpits*, mas também pode-se ver o que eles veem no momento de lançar suas bombas;

vemos as cidades que sobrevoam, nitidamente, como esquemas de mapas geográficos, mas também as cidades destruídas, informes como *criadouros de pó*; vemos os olhares ansiosos das populações civis espiando a ameaça vinda do céu, mas também os cadáveres de crianças que jazem na terra, velados pelas suas mães, inclinadas pela dor, enquanto os epigramas poéticos de Brecht tentam contradizer a legenda implacável dos documentos fotográficos “com um gesto de aproximação imaginativa”<sup>6</sup> (Brecht, 1955/1994; Didi-Huberman, 2009).

\*

Olhar inclinado é pensar e *imaginar*. É, então, quase sempre, esperar algo, *esperar que aconteça* algo. Trata-se de tempo psíquico configurado em posição espacial, em postura corporal e em sensações visuais concomitantes. Há expectativa em toda visão de cima, talvez em todo olhar em geral: como se o olhar fosse justamente isso que se espera que “preencha nossa expectativa cega” (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 179). E Merleau-Ponty tinha razão ao descrever o que advém no corpo perceptivo em termos de “modulações existenciais”, modulações que o poema e a obra de arte tornariam perenes, sob a espécie de uma *forma dada a essa própria expectativa*: “A modulação existencial, em lugar de dissipar-se no instante mesmo em que se exprime [em um simples olhar, por exemplo], encontra no aparato poético o meio de eternizar-se” (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 176).

O que Merleau-Ponty chamava de “percepção estética” em geral não se resume apenas em “abrir uma nova espacialidade” (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 333), faz com que *coexistam dois espaços* pelo menos: um que chama de “espaço claro” –onde a realidade domina– e outro onde se impõem, diz, “os fantasmas, [que se levantam dos] estilhaços do mundo claro” (Merleau-Ponty, 1945/1976, p. 334). Fantasmas não localizáveis, mas que estão no *cruzamento de duas temporalidades* pelo menos. E é então que, do “presente das

5. Pode-se dizer que grande parte dos trabalhos de Pierre Fédida trata desse tipo de problema (ver especialmente Fédida, 1995).

6. Nota da editora: Sugerimos ao leitor visualizar as imagens do livro citado em: [https://youtu.be/\\_HgDUgMmROE](https://youtu.be/_HgDUgMmROE) acessado em 21/04/2016

coisas” –por exemplo, uma simples bota no momento em que quero desamarrá-la–, surgirá algo diferente que Merleau-Ponty chama de “preexistências” ou “sobrevivências”, e que a concepção husserliana do tempo como “rede de intencionalidades” permite sem dúvida considerar como possibilidade (Merleau-Ponty, 1945/1976, pp. 471, 476-477), mas só a concepção freudiana, creio, permitiria compreender toda a sua potência.

Ao narrador proustiano foi suficiente inclinar-se sobre suas botas, ou seja, efetuar certo gesto, para que a reminiscência involuntária de sua avó morta voltasse a ele e transformasse seu pensamento e seus afetos nesse momento. É uma espessura do tempo enterrado que se eleva em um *instante*, algo que expressa tão bem a palavra alemã *Augenblick*, que é também –tudo está ali– uma palavra do olhar (*Augen*: “olhos”, *Blick*: o golpe de vista, o olhar, o resplendor, o relâmpago). Retomando essa palavra no sentido dado por Heidegger, Merleau-Ponty chega, no final das contas, a uma conclusão muito proustiana:

Há um estilo temporal do mundo, e o tempo permanece o mesmo porque o passado é um antigo porvir e um presente recente, o presente é um passado próximo e um porvir recente, o porvir enfim é um presente e até mesmo um passado por vir, quer dizer, porque cada dimensão do tempo é tratada ou vista *como* outra coisa que não ela mesma –quer dizer, enfim, porque no âmago do tempo existe um olhar ou, como diz Heidegger, um *Augenblick*, alguém para quem a palavra *como* possa ter um sentido. Nós não dizemos que o tempo é para alguém; isso seria estendê-lo ou imobilizá-lo novamente. Dizemos que o tempo é alguém, quer dizer, que as dimensões temporais, enquanto se recobrem perpetuamente, se confirmam umas às outras, nunca fazem senão explicitar aquilo que estava implicado em cada uma, exprimem todas uma só dissolução ou um só ímpeto que é a própria subjetividade. É preciso compreender o tempo como sujeito e o sujeito como tempo. (Merleau-Ponty, 1945/1976, pp. 482-483).

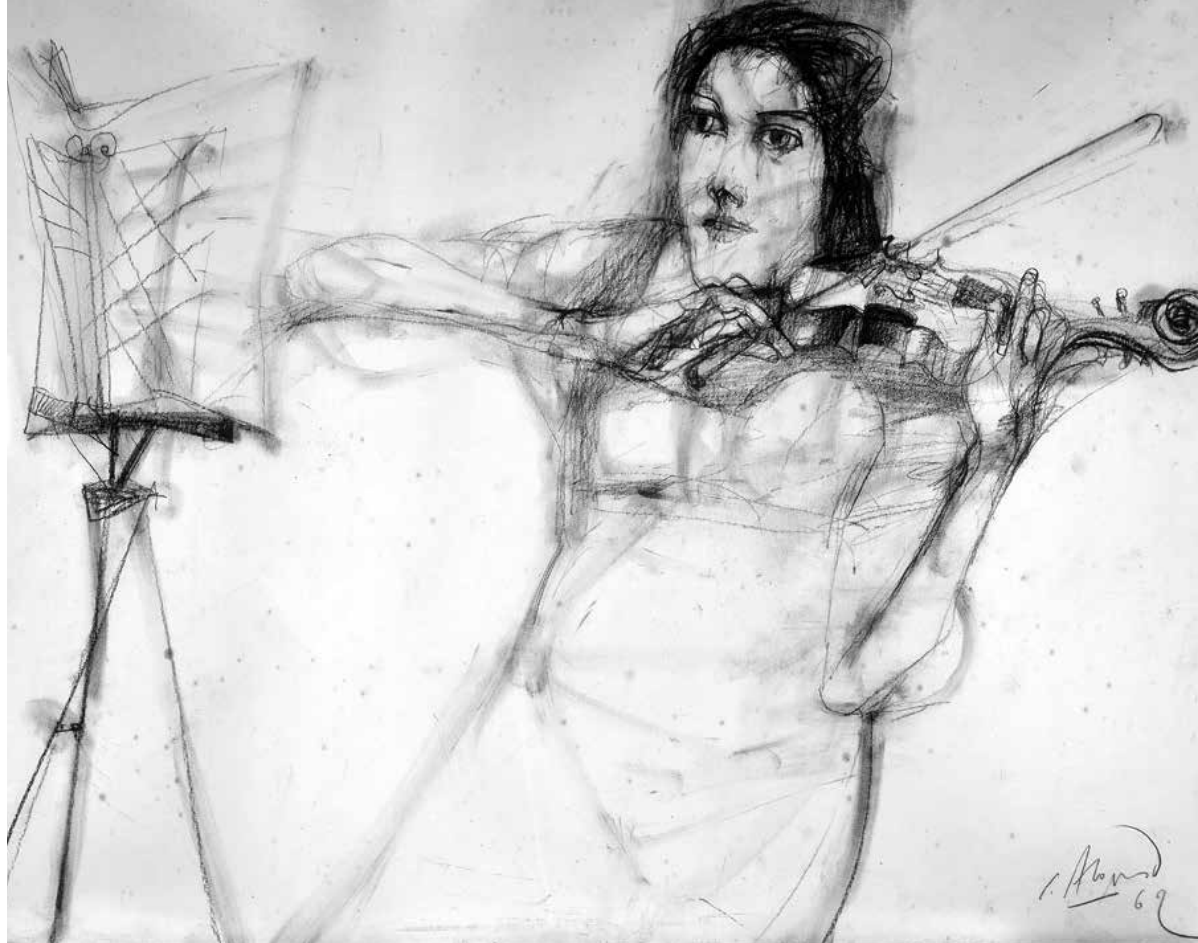
É necessário compreender, então, que o ato de olhar de cima quando chama ao gesto de se inclinar faz com que o tempo volte a nós.

## Referências

- Bataille, G. (1973a). *Le coupable*. In G. Bataille, *Œuvres complètes* (Vol. 5). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1939-1944)
- Bataille, G. (1973b). *L'Expérience intérieure*. In G. Bataille, *Œuvres complètes* (Vol. 5). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1943)
- Bataille, G. (1979). *La littérature et le mal*. In G. Bataille, *Œuvres complètes* (Vol. 9). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1957)
- Binswanger, L. (1971). *Le rêve et l'existence*. In L. Binswanger, *Introduction à l'analyse existentielle* (Trad. Jacqueline Verdeaux e Roland Kuhn). Paris: Les Éditions de Minuit. (Trabalho original publicado em 1930)
- Binswanger, L. (1998). *Le problème de l'espace en psychopathologie* (Trad. Caroline Gros-Azorin). Toulouse: Presses Universitaires du Mirail. (Trabalho original publicado em 1932-1933)
- Brecht, B. (1994). *Kriegsfiibel*. Berlin: Eulenspiegel Verlag. (Trabalho original publicado em 1955)
- Coleman, H. (Produtor), & Hitchcock, A. (Diretor). (1958). *Vertigo (Um corpo que cai)* (Filme). Estados Unidos: Alfred J. Hitchcock Productions.
- Corniglion-Molinier, E., Tual, R. (Produtores), & Malraux, A. (Diretor). (1945). *Espoir, Sierra de Teruel (A esperança)* (Filme). França: Les Productions André Malraux.
- Didi-Huberman, G. (2009). *Quand les images prennent position. L'œil de l'histoire, 1*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Fédida, P. (1995). *Le site de l'étranger. La situation psychanalytique*. Paris: PUF.
- Merleau-Ponty, M. (1976). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1945)
- Proust, M. (1954) *À la recherche du temps perdu — Sodome et Gomorrhe* (1922), éd. P. Clarac et A. Ferré, Paris, Gallimard, 1954 (Trabalho original publicado em 1921)
- Straus, E. (1989). *Du sens des sens. Contribution à l'étude des fondements de la psychologie* (Trad. George Thinès e Jean-Pierre Legrand). Grenoble: Jérôme Millon. (Trabalho original publicado em 1935)

## Ilustrações mencionadas

1. Francisco de Goya, *Sans titre*, 1797. Pena e aquarela, 23 x 15,5 cm. Madri, Museu Nacional do Prado. <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/18.64.43/> acessado em 21/04/2016
2. Alfred Hitchcock, *Vertigo (Um corpo que cai)*, 1958. Filme em cores, fotografias (detalhes). <https://filmhistoryf13.files.wordpress.com/2013/12/screen-shot-2013-12-07-at-1-58-09-pm.png> acessado em 21/04/2016
3. Marcel Duchamp e Man Ray, *Élevage de poussière*, 1920. Fotografia, 24 x 30,5 cm. Paris, Museu Nacional de Arte Moderna - Centre Pompidou. <http://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/elevage-poussiere-dust-breeding> acessado em 16/4/2016
4. Bertolt Brecht, *Kriegsfiibel*, 1940. Prancha 47 da edição Eulenspiegel Verlag, Berlin, 1955. <http://assets.catawiki.nl/assets/2016/2/8/0/9/0/0908eccc-ce02-11e5-925b-629cbe86f7f0.jpg> acessado em 21/04/2016



José Halac\*

## O ouvido: cantos e encantos em um sentido revolucionário

Pedir a um compositor que escreva um artigo sobre o ouvido já é criar um âmbito de sentido. O ouvido é o sentido com que trabalho, ensino, faço música e vivo as experiências mais singulares; aprender a escutar o outro é a que vem mais rápido à minha cabeça. Sei escutar. Um músico pode escutar tanto, que a experiência pode ser dolorosa e ao mesmo tempo maravilhosa.

Escutar não só é prestar atenção ao sentido do que outro diz ou ao sentido de uma cadeia de sons, mas também estabelecer conexões para saber o que nos dizem esses sons. Os sons falam e são linguagem, da mesma forma que as palavras.

Antes de meditar sobre o som em si mesmo em conexão com minha atividade musical, gostaria de pensar no ouvido quando se refere à experiência humana, e em como essas experiências que todos temos podem nos iluminar sobre a importância desse sentido.

Começo (sem nenhuma ordem de relevância) com a frase de monsenhor Angelelli: “Com um ouvido no povo e outro no evangelho”. Aqui aprendemos algo importante: são dois ouvidos. E é verdade que é possível prestar atenção a uma coisa enquanto se presta atenção a outra. É uma imagem metafórica, mas o ouvido no povo implica uma aposta,

---

\* Mestre em composição musical. Compositor, docente e investigador da Universidade Nacional de Córdoba.

a partir do coração, em escutar as penas e as glórias de um coletivo humano. Escutar quer dizer sentir. Sente-se o povo, e não há diferença entre o coração e o ouvido. São a mesma coisa. O ouvido é afetado sempre e ataca o coração instantaneamente.

Um ruído, um choro, uma nota em um violão bastam para nos comover. Borges

(1974) disse: “Um símbolo, uma rosa, te desgarrar/ e pode te matar uma guitarra”. O ouvido tanto no povo como no evangelho se refere a um ouvido multiplicado e abarcativo. Um ouvido que flui velozmente para migrar o conhecimento e a doutrina, e adaptar esta última a sofrer e à necessidade dos seres humanos. O lema do monsenhor Angelelli é lido como um princípio de vida. O sacerdote escuta no seu interior a voz de Deus, que é o evangelho, e ao mesmo tempo a voz do povo que, na doutrina católica que ele postulava, eram, as duas, a mesma coisa.

Vêm à minha memória o filme de Pedro Almodóvar *Hable con ella* (*Fale com ela*, Almodóvar & Ruben, 2002) e a cena em que um enfermeiro pede ao amante de uma mulher em coma que lhe fale ao ouvido, porque com certeza o escuta. É que o ouvido é o último órgão que morre em um coma. Perdem-se todos os demais, mas o ouvido fica. A mulher em coma recebe mensagens, apesar de não poder responder. Minha experiência pessoal provou isso em duas ocasiões. Nos anos 80, um velho tio judeu entrou em coma por conta de um câncer. Fui vê-lo, e minha prima me pediu que lhe cantasse a *Kol nidre*, canção do ritual do dia do perdão (*kippur*). Fiz isso, e de seus olhos caiu uma lágrima. Meu canto foi através do ouvido ao seu coração, e seu corpo conseguiu se manifestar sem problemas, como podia. No ano 2000, meu pai, também em coma, despertou ao saber que eu estava viajando, do exterior, para vê-lo. Ficou um dia inteiro acordado. No dia seguinte, morreu. Falavam com ele sem saber o que poderia acontecer, para lhe dizer que eu estava viajando para vê-lo.

Na Grécia antiga, os filósofos pré-socráticos davam suas aulas atrás de cortinas, escondendo seus corpos, para que seus alunos escutassem suas lições sem a interferência dos outros sentidos. A experiência era chamada *acusmática*. Escutar sem ver propõe imaginar e ao mesmo

tempo captar a partir de uma diferença importante. A velocidade da luz é muito maior do que a do som. Ver e escutar pertencem a campos de ondas muito diferentes que não coincidem e que, entre si, se separam por muitos fatores, o mais importante dos quais, o tempo.

Vê-se e se escuta em tempos diferentes. A vista perturba a experiência sonora e a enche de sentidos, formas, cores, impressões que nos atraem e distraem, e que propõem imediatez na captura da informação. O som necessita tempo, e o tempo deve transcorrer para que tudo o que for sonoro se entenda, enquanto o visual é instantâneo.

É possível percorrer um corpo ou uma montanha com os olhos, e isso leva certo tempo para entender. Um grito de bebê pode ser detectado com maior rapidez. Mas, se estamos frente a uma pessoa, e essa pessoa nos diz algo, ou simplesmente grita diante de nós, a explosão de sentidos e significações nos produz dúvidas sobre o que estamos experimentando. Os filósofos gregos não queriam nenhuma dessas intrusões em seu delicado equilíbrio da linguagem. Preferiam que os ouvintes pudessem usar seu olho interior para “ver” as palavras simbolizadas pelos sons que emitiam.

O ouvido é um sentido à espera. Presume-se como uma expectativa que necessita tempo e silêncio para poder transladar alguma mensagem, ou código, ou um estado de prazer ou dor que prevê o que queremos aceitar e o que não devemos aceitar. Não podemos fechar os ouvidos como fechamos os olhos, e a expectativa sempre é cumprida. Sempre escutamos, queiramos ou não. O ouvido não pode impedir o traslado do som no ar (ou na água), e sempre nos penetra. Entra nos nossos tímpanos e soa dentro do nosso corpo. Penetra na nossa pele e nos faz vibrar em consonância. Vibramos diante da intensidade do que escutamos. Para bem e para mal. Para sofrer e para obter prazer. Para receber advertências e para ignorá-las.

### Um objeto soa e depois ressoa

A natureza do som é a viagem e a pressão. Os sons buscam corpos físicos para ser escutados porque em si mesmos não o são. São ondas e não têm corpo. Buscam corpos, buscam fazer-se corpo, e nessa busca empatizam e impac-



tam os corpos até que eles mesmos vibram em diferentes frequências. Em outras palavras, um som soa e volta a soar, e nesse lapso passa o tempo para nos dar uma nova oportunidade de escutar agora com o filtro e a pátina da ressonância. A ressonância é a cor do som. É sua maneira de mostrar onde está e como é seu novo corpo. Os sons ficam impregnados no nosso corpo e ficam gravados na nossa memória. Escutar é nos intrigarmos, porque nossa memória—recorde ou não, tenha registro ou não, pareça familiar ou pareça totalmente novo— nos devolverá sempre, de modo difuso e às vezes caprichoso, um vestígio que é *res-sonância*, memória com cores novas.

Nossa linguagem está cheia de frases que indicam quando algo entra em contato com nossos registros ou quando isso não acontece. “Isso me soa familiar” propõe lembrança e memória. Memória auditiva, que é a que penetra não só pelos ouvidos como órgãos, mas também pela nossa pele. Se alguém toca nosso braço, ou nos dá um golpe no nariz, ou nos dá um beijo, essa recordação se torna imagem sonora também. Voltar a viver um acontecimento se torna ressonância, torna-se um viver os ecos daquele bom ou mau momento. Ecos de um som que já passou. O som é ouvido, é passado. O som sempre passa e passou, e o que escutamos só pode ser vivido no presente, mas recordado com a memória da mente e do corpo. Compor é inventar um canto presente para albergar o desejo de um ser humano que o recordará para sempre.

### **Escuta profunda. Ouvir não é escutar.**

A ressonância necessita de espaço. Tempo e espaço tornam-se indivisíveis no momento de reconhecer um som, já que o som percorre um espaço físico e um tempo que pode ser medido de várias maneiras. Cronologicamente, psicologicamente, emocionalmente e também nas medidas das diversas escalas em que o tempo aparece e que tentamos perceber.

Escutar depende da nossa vontade. Queremos escutar ou não queremos escutar. Ouvir é involuntário. Não podemos deixar de ouvir, como não podemos deixar de respirar. Se estamos em coma, ouvimos. O ouvido é o último sentido que se perde. Escutar é um exercício íntimo e emocional, mas também requer todas

as capacidades que o cérebro utiliza para discriminar, entender, enfatizar, buscar o que nos interessa e finalmente dar forma a algo que se apresenta a nós como sonoro. A música é algo que se apresenta a nós a partir da forma e, em função da música e do gênero e da linguagem que a constrói, vamos esquadrihá-la mais, ou menos, para entendê-la, ao mesmo tempo em que a sentimos na pele e nos emociona. Escutar, então, é a atividade mais abrangente do ser humano. Escutamos e percebemos o que temos diante de nós. Detectamos quando algo muda sutilmente ou abruptamente e detectamos quando alguns sons se sobrepõem a outros; sabemos quando as coisas mudam, porque escutamos. Escutar e sentir são a mesma coisa. Sentimos as mudanças e os perigos ou a presença do amor. A escuta é uma atividade para perceber a passagem do tempo, as coisas que nos falam, as vozes dos seres vivos e os espaços acústicos, ressonantes. Escutamos e estamos tanto dentro do espaço como do tempo, simultaneamente. Se soubermos escutar, se escutarmos profundamente, poderemos entender a vida de modos impossíveis de entender à base da pura razão. Quando se escuta profundamente, escuta-se com o cérebro conectado ao coração e ao corpo. Somos uma unidade complexa que pode discernir tempos e texturas, materiais, distâncias, através de vibrações incorporadas no ar ou na água.

Pauline Oliveros, compositora dos Estados Unidos, dedica sua vida à escuta profunda e em 1989 formou um trio chamado The Deep Listening Band, junto a outros dois músicos, que entraram em uma gigantesca cisterna com uma ressonância de 45 segundos. Essa experiência foi gravada em seu CD *Deep listening* (Oliveros, 1989).

“Tivemos que escutar de um novo modo. Sem planejamento prévio. O som é inteligente. Temos que respeitar o som que volta das paredes da cisterna. Se temos uma perspectiva estreita do que escutamos, corremos o risco de nos desconectarmos do nosso meio ambiente. Escutar é um processo misterioso e diferente para cada um”, contou ela depois da experiência.

### **Escalas temporais**

Os sons são captados em suas diferentes escalas temporais. Breves, acelerados, condensados,

descomprimidos, volumosos e expandidos, *ralentados*, em todos os trânsitos de um estado ao outro, os sons trazem consigo não só informação referencial mas também temporal, essencialmente temporal. A partir da estrutura temporal é que podemos sentir e ver imagens claras, e podemos recordar estruturas às vezes confusas e de sonho, e isso acontece porque temos a capacidade de raciocinar os tempos, de interpretá-los e de transformá-los em um caudal intelectual de compreensão total. Nós, os músicos, podemos realizar essas proezas com certa facilidade porque a prática da música nos dá a plasticidade física e sensorial para detectar muitos sons juntos, apesar de cada um deles por vez.

## Música

O canto é o lugar sonoro, o espaço sonoro que recordamos desde o início da nossa vida. Canto é tudo o que soa. Canto é alguma frequência que nos mostra sua estrutura. Altura: psicoacusticamente dizemos altura à resultante de um espectro sonoro que se manifesta com intensidade e duração. Daí vêm a nota, a intensidade, ou a força, ou o volume, e a duração se converte em ritmo na linguagem comum das pessoas.

Canto é o que vivemos quando tivemos um pouco de formação vital e vivíamos dentro do líquido amniótico recebendo todo tipo de estímulos das nossas mães. Estímulos que eram fundamentalmente sonoros ou acústicos. Cantos de todo tipo, ruídos de golpes internos, líquidos chocando-se contra paredes, zumbidos de baixa frequência, altas frequências de alimentos, mudanças hormonais e sacudidas, ossos que se chocam e finalmente a voz da mãe, sua respiração, suas melodias infantis, as músicas que apoia sobre o seu ventre, suas carícias, todos cantos intrauterinos que comunicaram ou que nos comunicaram com ela e com seu mundo, que foram formando nosso mundo interior. Talvez inclusive poderíamos dizer que foram os primeiros indícios do desejo de sair ou de conhecer ou de nos integrarmos ou de dependência, de prazer, de dor.

Os cantos que nos deram os indícios dessas “músicas” pré-natais.

## Encantamentos

Entende-se agora que o som e a música, que são partes inseparáveis do mesmo, começaram em nós como espaço de reclusão, necessidade, desejo e habitação. O rumor nos habitava e nós habitávamos o espaço do rumor, onde tudo ressoava e cantava. Esse foi nosso primeiro habitáculo de ressonância e aí dentro estávamos em-canto, ou melhor, encantados.

Encantamento é o tempo e o lugar em que vibram e ressoam nossos próprios desejos e necessidades. Música e som murmuram o que somos e nos *en-cantam*, o que nos dá lugar, nos *re-soa*, e a cada vez que escutamos música recordamos (nessa velha acepção da palavra *recordar*, que é voltar a passar pelo coração) esse lugar genético que nos deu origem.

A música é um lugar de encantamento que apela à nossa memória genética para voltar a passar pelo nosso coração toda nossa vida e nos emocionar com essa vitalidade. Compor é inventar um canto presente para albergar o desejo de um ser humano que o recordará para sempre.

## Latência, ressonância, habitabilidade

Gastón Bachelard, em seu livro *La poética del espacio*, nos propõe que existe uma “imagem poética” na nossa percepção que não vem de nenhum lado, que não tem casualidade; uma imagem em que “o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar”<sup>1</sup> (Bachelard, 1952/1957). Ao escutar sons frente a nada, nos sentimos impactados e reagimos sem pensar, emocionalmente, irracionalmente. Esses sons são os que formam essa “imagem sonora” que depois será decodificada de modo muito diferente por cada um.

Susanne K. Langer, em seu livro *Philosophy in a new key. A study in the symbolism of reason, rite and art*, diz que tudo o que percebemos chega antes ao cérebro como imagem e depois o cérebro decodifica simbolicamente o

1. Tradução de Leal e Leal; Bachelard, G. (1978). Introdução. In A.C. Leal e L.V.S. Leal (Trads.), *A poética do espaço* (p. 183). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1952)

que foi escutado (podemos dizer também “o que foi sentido”), e assim nos tornamos conscientes na escuta (Langer, 1942).

Langer e Bachelard parecem dizer coisas parecidas. O fato de que exista, antes de nada, uma imagem nos oferece outra conclusão que Bachelard também propõe no mesmo livro, a de que há um antes-do-pensar-em-si-mesmo. Ou seja, antes de chegar a pensar um som, há uma predeterminação, uma imagem que chega a nossa escuta, que a recebe sem ainda ser convertida em conceito, e que é o que Langer indica que temos que decodificar simbolicamente (o que confirma que a música é, sem dúvida, um tipo de linguagem, sonora e conceitual ao mesmo tempo, que funciona na ordem do imaginativo e puramente sensorial). Aqui temos outra instância de descoberta do espacial produzido a partir da própria escuta, como um processo em que acontece o espacial, ao se verificar que no nosso ouvido entram sons que produzem espaços de ressonância, com “ecos de algum passado” e sem vestígios de causalidade. Não sabemos quando irão embora nem por que estão aí. É nesse ponto que começa o processo de decodificação para passar do estado impossível de irracionalidade<sup>2</sup> total (mas com a intuição de estar em um lugar) à entrada, por via da linguagem simbólica, para entender a forma sonora, a decodificar e reconstruir o fenômeno musical.

Isso indica que há uma latência entre a aparição do som e nosso pensamento, uma predeterminação que será depois determinada, mas que chega após um tempo. Essa demora temporária pode ser imaginada metaforicamente como análoga ao processo de um arquiteto que desenha um edifício, e que entre a imagem ou sua ideia inicial e a construção necessita de um tempo para completar o processo. Isso conecta o conceito de tempo (latência) com o de espaço (a obra decodificada e reconstruída), e por isso é essencial o reconhecimento da dimensão temporal ao analisar o espaço na música.

Se seguirmos Bachelard, podemos adotar sua ideia de que, durante esse tempo de latência entre imagem e escuta consciente, a imagem não causal é definida pela sua ressonância. Diz Bachelard (1952/1957): “Nessa repercussão, a imagem poética terá sua sonoridade de ser”<sup>3</sup>.

O ataque imediato de um som nos pega de surpresa. Emociona-nos em um momento de descuido e nos invade sem que possamos fazer nada além de viver “dentro” da sua ressonância. Esse lugar proposto por Bachelard, a nosso critério, só aparece no começo da obra e quando perdemos a noção de tempo e espaço; quando não podemos prever o que virá e quando o que chega se parece, mas não tanto, ao que já escutamos. É um lugar de impossibilidade. Um lugar que poderíamos definir como inexistente ou irracional, do inconsciente, mas que nos provoca o pensamento e a dedução durante a escuta. É um pré-lugar. Uma predeterminação, mas que soa. Um estado prévio da nossa escuta e que antecede a metáfora (que é do intelecto) do processo simbólico a quem imediatamente recorremos para elucidar a música. É um lugar, nas belas palavras de Bachelard (1952/1957), onde não existe “o intelectualismo da metáfora” e onde podemos verificar “a atividade própria da imaginação pura”. Esse lugar, como dissemos, é sonoro e é da ordem da memória; uma sensação de “me soa”, como se algo disso houvesse ficado encriptado na nossa pele e constantemente nos dá informação. Nas palavras de Michel Chion (2013), “audiologovisual”, um estar no canto com pedaços de raciocínio e fragmentos do inconsciente em estado de pura imaginação, tudo confundido em estados que fluem, e mudam, e são sentidos a partir de todos os lugares do corpo.

## Unidade e diferença

A música propõe unidade ao mesmo tempo em que inevitavelmente é formada de partes. A música não é corpo e, portanto, milhões de

2. Os debates do século XX sobre a existência ou não de algo chamado irracionalidade, ou sobre se a razão tem a emoção e a intuição como parte do seu processo cerebral, escapam aos nossos objetivos, e deixo que a ideia de Bachelard possa lançar luz para além de ser objetivamente comprovável ou não.

3. Tradução de Pessanha, Raas, Monteiro e Raposo; Bachelard, G. (1994). Introdução. In J. A. M. Pessanha, J. Raas, M. L. C. Monteiro, M. I. Raposo (Trans.), *O direito de sonhar* (p. 29). São Paulo: Bertrand Brasil.

ondas se deslocam por todos os lados, em todas as direções de um espaço, para chegar ao ouvido de alguém. Apresenta-se como uma totalidade que deixa de ser discriminada. O ouvido é ao mesmo tempo analítico e sintético. Entende e sente com a mesma facilidade. Unidade e diferença convivem, e assim podemos escolher quando vemos partes e quando vemos o todo. O ouvido desempenha um equilíbrio fascinante que só é visto em um bailarino, na dança. A música propõe a dança a partir da sua natureza complexa. O ouvido dança entre tempos para refletir e se refletir na possibilidade de ver tudo e ver uma parte, de habitar um silêncio ou um ritmo, de se isolar e de se concentrar ou de abraçar tudo e sentir-se uma unidade com o som. Nada nunca fica quieto. A música propõe mobilidade em todas as direções, é praticada a partir dos instrumentos para as pessoas, e vice-versa. Viaja e se distribui no espaço.

Mas há diferenças impossíveis de serem detectadas. Só abarcamos certo grau de microestruturas sonoras que estão no nível de alguns milissegundos (20 ou 30), abaixo do qual é impossível perceber mais detalhes. Somos desenhados com limites no que é pequeno, mas também com limites em durações inabarcáveis. Não podemos sentir o que é o transcurso de um ano. Ouvir, então, também é nos limitarmos a certas constrictões temporais dentro das quais podemos saber quem fala conosco ou que música escutamos, ou se chove ou troveja, ou se um animal selvagem ruge, ou se passa um trem. Com a unidade e a diferença vêm a identidade e a referência. Podemos nos deter e enfatizar ou sublinhar o que não nos interessa. Em uma conversa de bar, podemos “apagar” os ruídos ao redor da voz de um interlocutor que nos interessa e conversar sem problemas, apesar do ruído ambiente.

Escolhemos nos encantar quando queremos e escolhemos não escutar, apesar de o som continuar a invadir nossos ouvidos. Escolher é uma qualidade cultural, apesar de também ser biológica. Se não escolhêssemos, seria impossível e insuportável estar a par de tudo o que soa. A analogia com o Funes de Borges (1942/1956) vale para esse caso também. Diferenciar é uma das capacidades de um compositor no momento de criar uma música.

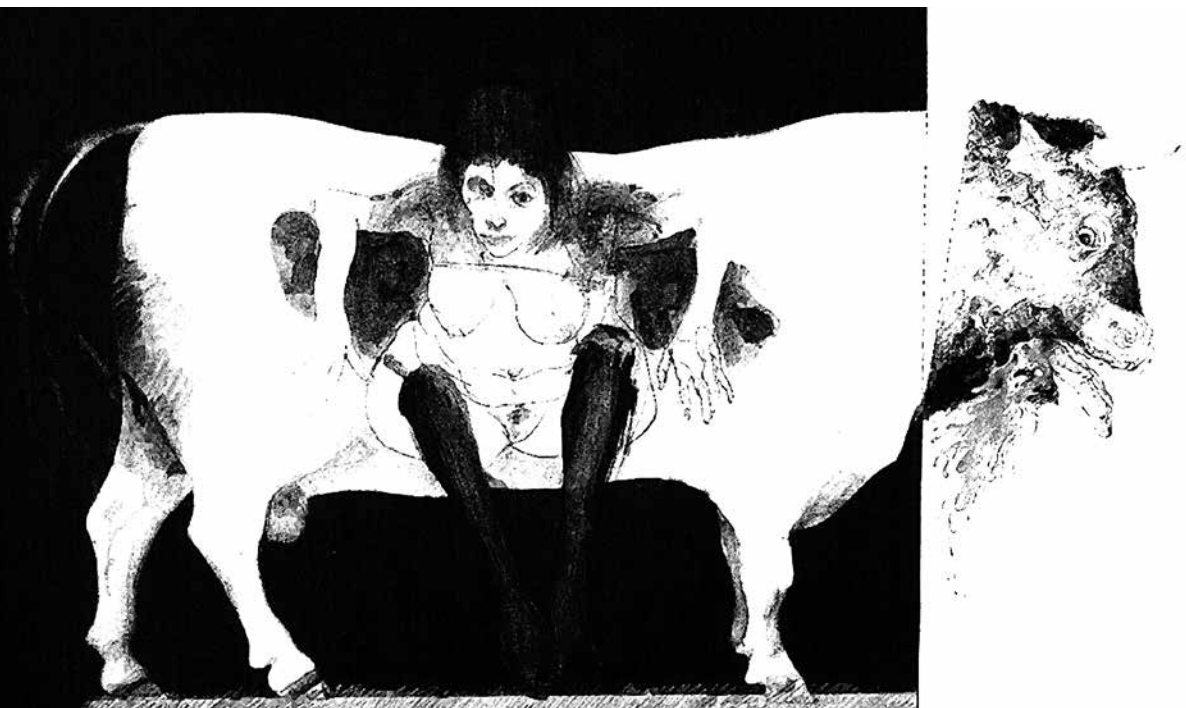
## Para concluir

O ouvido é o sentido da totalidade do ser humano. É o devir de informação sensual e sensorial que não demarca territórios e que produz espaços que nos rodeiam por dentro e por fora, e oferece em um mapa borgiano um lugar de lugares aonde podemos ir, para o futuro ou para o passado, mas em constante devir presente e pleno de intensidades, velocidades, rumores e melodias, rugidos e ritmizações, pulsações e motricidades que mudam e voltam a se repetir na forma de palavras, vozes, gritos, ruídos, canções, silêncios.

Ouvir é involuntário. Somos seres que não podem deixar de ouvir. Estamos condenados a ouvir tudo, queiramos ou não. Temos um coração que dá sentido a essa inevitabilidade e um cérebro que pode analisar, selecionar e enviar para o fundo da nossa consciência aquilo que não queremos enfatizar, e ao mesmo tempo temos a capacidade de *memorializar* para viver uma vida não só de sobrevivência, mas também de relação e de amor com o mundo que nos rodeia. Podemos nos entender como seres de puro tempo que escutam em uma constante dança, que pode produzir as melhores e as piores sensações. Nós nos escutamos, ouvimos o mundo, mas quando prestamos atenção escutamos, e aí possuímos a potência para mudar a realidade. Ouvir é um milagre. Escutar é revolucionário.

## Referências

- Almodóvar, A., Ruben, M. (Produtores), & Almodóvar, P. (Diretor). (2002). *Hable con ella* (Filme). Espanha: El Deseo, Antena 3 Televisión.
- Bachelard, G. (1957). *La poética del espacio*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1952)
- Borges, J. L. (1956). Funes el memorioso. In J. L. Borges, *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1942)
- Borges, J. L. (1974). 1964. In J. L. Borges, *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé.
- Chion, M. (2013). The audio-logo-visual and the sound of languages in recent film. In J. Richardson, C. Gorbman e C. Vernallis (Eds.), *The Oxford handbook of new audiovisual aesthetics*. Oxford: Oxford University Press.
- Langer, S. K. (1942). *Philosophy in a new key. A study in the symbolism of reason, rite and art*. Cambridge: Harvard University Press.
- Oliveros, P. (1989). *Deep listening* [CD]. Estados Unidos: New Albion Records.



Carlos Alberto Dória\*

## O gosto, deriva cultural do *paladar*

Como em todo fenômeno humano, a produção da própria vida é o ponto de partida e, nela, a comida aparecerá como trabalho objetivado e disposto para o outro. Ela é sempre um objeto material/simbólico que, no seu processo de produção, passa por uma *objetivação* e, no seu consumo, por uma *subjetivação* –para usar a terminologia de Marx em relação à produção em geral. Desse modo, sempre teremos que explicar as transformações materiais e aquelas mais propriamente simbólicas, para não tomarmos o processo apenas como via de alienação. Complementarmente, na produção do alimento –da domesticação de espécies à preparação segundo dita a cultura– já estão dadas

as possibilidades de escolha do paladar, pois cada cultura construirá um arco que abarque todos os *gostos* individuais que abriga. No entanto, não há automatismo algum para chegar a isso, e a ciência do gosto será a ciência dessa série de mediações que é preciso conhecer.

Tal qual o riso, o *gosto* posto em ação através da alimentação é próprio do homem; uma qualidade ao mesmo tempo natural e simbólica, posta além da condição animal (Boutaud, 2005, p. 83). No entanto, é conhecida a dificuldade das ciências humanas em relacionar as duas ordens –natural e simbólica–, preferindo tomar a cultura como já constituída, isolada e oposta à natureza –como uma realidade

---

\* Bacharel em ciências sociais pela USP, com doutorado e pós-doutorado na Unicamp, tendo estudado o darwinismo no Brasil.

“superorgânica” conforme Alfred Kroeber-, para dela derivar seus objetos. Por isso o *paladar* e o *gosto* são desses territórios onde as ciências avançam lentamente, deixando atrás de si a sensação de que a experiência empírica de cada um de nós tem o poder de falar mais alto do que o conhecimento reflexivo, pois parece que temos que decidir se ele é uma sensação fisiológica ou uma construção cultural<sup>1</sup>.

Teorias modernas sobre a formação da linguagem merecem consideração em auxílio a esse problema. Uma delas é formulada no domínio da epistemologia da biologia por Humberto Maturana, no seu *A árvore do conhecimento* (Maturana e Varela, 2001). Esse autor retoma a hipótese darwiniana de que a comunicação não é o plano onde se cria uma barreira intransponível entre os animais e o homem (quando a linguagem é entendida como poder de formular conceitos gerais e abstratos), mas sim algo que *une* animais e homens num plano onde as diferenças são mais de grau do que de natureza. Em suas próprias palavras, “não há descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas. O fenômeno do conhecer é um todo integrado e está fundamentado da mesma forma em todos os seus âmbitos” (p. 33). É pois forçoso reconhecer que toda teoria convencional do conhecimento e da comunicação parte da ideia equivocada de que sua base física reside no sistema nervoso central, deixando de captar como esse processo se enraíza na *totalidade do ser vivo* (p. 40); em outras palavras, na base das questões relacionadas como a comunicação já trazemos implícita uma resposta, que é a própria *organização* do ser vivo. Ora, do ponto de vista mais geral, os indivíduos estão sempre organizados em sociedades, subsumidos em comunidades que são aquelas que verdadeiramente “conhecem”, pois “os organismos participantes satisfazem suas ontogenias individuais principalmente

por meio de seus acoplamentos mútuos, na rede de interações recíprocas que formam ao constituir unidades [coletivas]” (p. 49).

Retomando o nosso tema –o *paladar* e o *gosto*–, é forçoso reconhecer que as *fisiologias* do século XVIII, mais especificamente aquela escrita por Brillat-Savarin (1825/2001), procuraram circunscrever o gosto no âmbito fisiológico do paladar, embora o próprio Savarin identificasse a sua formação nas interações prazerosas com o objetivo da reprodução da espécie e do indivíduo, isto é, no sexo e na alimentação. Ele nos fala de um “sentido genésico” ou do “amor físico” (p. 33), que encontrou muitas vezes confundido com o tato. Esse sentido, para ele, era o sentido do prazer que Deus teria incrustado no organismo humano como forma de encaminhá-lo para a função reprodutiva. Se não fosse o prazer, não teríamos porque procurar o outro ou o alimento. Inversamente, aqueles que não atendem ao chamado do prazer são arrastados em direção ao alimento pela dor (a fome). E da construção do prazer já participa a inventividade humana: o coquetismo feminino, de um lado, e uma espécie de “coquetismo alimentar”, de outro, como lhe sugeria a descoberta e o uso da baunilha, “embelezando” os alimentos. Para Savarin, portanto, o *gosto* é o “lugar sensual” ou o juízo que se forma ao longo do processo de sedução, que é, ao mesmo tempo, fisiológico e cultural. Mas ao longo do século XIX essa faculdade humana de descobrir o prazer através do sabor foi encapsulada na língua, desenhando um mapa onde os quatro sabores básicos então conhecidos –o doce, o azedo, o amargo e o salgado– foram distribuídos por regiões suas<sup>2</sup>.

Contudo, se deixarmos de lado por um momento a fisiologização do gosto, constataremos que, dentre as primeiras dificuldades, está aquela que se situa no próprio campo semân-

1. O cientista Hervé This (2007), preocupado em rever criticamente a bibliografia sobre o *gosto* e sua distinção em relação ao *sabor*, define-o da seguinte maneira: “O conjunto das sensações gustativas (sabores), olfativas (cheiros e aromas), mecânicas, propioceptivas, térmicas é o gosto, que, uma vez sentido de maneira fisiológica, é interpretado pelo cérebro, que com ele associa qualidades segundo as experiências individuais ou sociais (lembranças, emoções, aprendizagens etc.). Devemos ainda assim chamar de *gustação* a percepção da sensação geral do gosto? É preciso então nomear diferentemente a percepção dos sabores. Proponho o termo ‘*sapicion*’ ou ‘*sapiedade*’, que é a qualidade do que é sávido” (p. 13).

2. Apesar de sabermos, hoje, que qualquer região da língua contém os bulbos que percebem qualquer dos sabores, a imagem errônea do “mapa da língua” ainda faz parte dos livros e materiais didáticos que pretendem explicar o paladar.

tico, onde a confusão entre *gosto* e *paladar* em nossa língua (mas não só nela) embarça a discriminação do objeto, mantendo borradas as fronteiras entre as dimensões simbólica e fisiológica da experiência humana a que se refere. Além disso, as fronteiras entre os sentidos parece ter seu acesso negado pela própria linguagem. Tome-se, como exemplo, a palavra *flavor*, cuja etimologia mostra, desde o século XIV, que, no idioma inglês, significou ora “*smell*”, ora “*taste*”, ora indicou uma espécie de “fusão” entre os sentidos do olfato e do paladar<sup>3</sup>.

Não só em relação ao *flavor* se constata a dificuldade em nomear as sensações gustativas. Ela está fortemente presente, por exemplo, na construção vocabular da enologia. Já por volta dos anos 1970, se lamentava a profusão de termos utilizados nas descrições de vinhos, estimados então em 611 palavras, sem que fossem capazes de configurar uma linguagem precisa, sensível, minimamente fiel e universal na fixação de sensações paladares, visuais e olfativas adstritas a um objeto. Segundo alguns autores, embora fossem registrados avanços na descrição da fase sensorial fisiológica, a tradução descritiva da linguagem estandardizada era ainda muito confusa, prendendo-se a um marco nacional de tratamento dos vinhos (Razungles e Bidan, 1987) que se buscava superar.

A indeterminação de fronteiras sensoriais nas experiências que envolvem o paladar é um fato empírico que, em geral, condiciona a formação de juízos sobre o *gosto*. Mas a subjetividade do *gosto* (e não é à toa que ouvimos reiteradamente o lugar comum de que “gosto não se discute”...) é mesmo uma dimensão constitutiva sua, de vez que intervêm, para além da fisiologia, aspectos culturais gerais, ou aqueles decorrentes da posição social do sujeito, bem como uma certa *gestalt* que se explica pela singularidade de uma vida. Assim, a construção do gosto de um alimento exige do analista que realize um percurso multidisciplinar, atento às

menores variações de qualquer ordem, tendo em vista buscar representá-lo como uma totalidade, ou uma experiência humana sobre a qual podemos discorrer.

A “fisiologização” a que nos referimos também estabelece uma dificuldade muito grande de irmos além das fronteiras da cultura ocidental na construção de um universal humano. Nunca é demais lembrar que, enquanto consideramos o picante, o arenoso, o crocante (*crispy*), o gosmento, o adstringente, o quente e o frio como *sensações* – e não *sabores* –, o picante será um sabor na cultura chinesa, assim como o picante, o adstringente, o leve e o insípido o são na cultura indiana. Por fim, sabemos que o *umami* –um quinto sabor descoberto no Japão no início do século XX– pode ser traduzido na base “objetiva” com a qual, no Ocidente, deciframos os *sabores básicos*, segundo a capacidade que possuem de impressionar as nossas células gustativas, produzindo estímulos elétricos específicos que chegam ao cérebro.

De fato, foi só no começo dos anos 1990 que se consolidaram os conhecimentos modernos sobre a fisiologia do paladar, proeza devida aos cientistas Robert Margolskee, Susan K. McLaughlin e Peter J. McKinnon (Smith e Margolskee, 2001). Eles identificaram uma molécula que chamaram *gustducina* –por conta de sua semelhança com a *transducina*, localizada na retina e que ajuda a traduzir a luz num impulso elétrico ou visão–, que está na base dos receptores gustativos. Esses receptores são específicos para cada um dos cinco sabores (doce, amargo, salgado, azedo e *umami*), agindo uma certa proteína G<sup>4</sup> como intermediária entre os elementos naturais que os portam e o sistema nervoso, que codifica e “traduz” os impulsos elétricos em termos que o cérebro consegue identificar e interpretar como tal. Essa descoberta tem servido como guia na busca de outros *sabores básicos* (ou receptores específicos), tendo se anunciado

3. Brillat-Savarin (1825/2001) já advertia: “o gosto é simples na verdade, ou seja, não pode ser impressionado por dois sabores ao mesmo tempo. Mas ele pode ser duplo e mesmo múltiplo por sucessão, isto é, no mesmo ato de deglutição podemos experimentar sucessivamente uma segunda e até uma terceira sensação (...) que designamos pelas palavras *ressaibo*, *perfume* ou *fragrância*” (pp. 48-9).

4. Nem todos os sabores necessitam essa “tradução” da proteína G: o salgado e o azedo agem “diretamente” ao passo que os demais, indiretamente..

recentemente a descoberta de um “sabor de gordura”, bem como a existência de pesquisas em curso sobre o açafrão e o alcaçuz. Some-se ao enfoque fisiológico, ainda, a última moda inaugurada pelos estudos epigenéticos aplicados à alimentação (Poulain, 2012)<sup>5</sup>. Por fim, juntam-se os estudos de Matty Chiva (1985), com base na mímica de recém-nascidos, apontando um atavismo dos bebês em direção ao doce e, inversamente, uma rejeição forte diante do amargo. Seja como for, a explicação do mundo natural não é suficiente para compreender o paladar, como Brillat-Savarin já havia sugerido ao colocar o prazer/dor na encruzilhada da fisiologia com a cultura.

O registro dessas iniciativas nos serve para contrastar o quanto engatinham os estudos sobre os aspectos culturais, sociais e psicológicos envolvidos na percepção humana dos sabores. Na antropologia e na sociologia, a nova voga data dos anos 1980, graças à iniciativa pioneira de Edgar Morin, ao acolher sob sua orientação uma geração de alunos voltados para o estudo da alimentação, criando, assim, um novo espaço institucional de investigação. Do mesmo modo, a semiótica do gosto passa a se interessar pela alimentação, de sorte que uma nova dimensão de tratamento vai se consolidando para além da fisiologização.

Voltando a Humberto Maturana, ele nos sugere que a forma específica de conhecer dos vertebrados é a imitação, o que permite que a “interação vá além da ontogenia de um indivíduo e se mantenha mais ou menos invariante através de gerações sucessivas” (Maturana e Varela, 2001, p. 217), sendo que as condutas *culturais* podem ser definidas como

configurações comportamentais que, adquiridas ontogeneticamente na dinâmica comunicativa de um meio social, são estáveis através de gerações, [o que permite] uma certa invariância na história de um grupo, ultrapassando a história particular dos indivíduos participantes. [...] A imitação e a contínua seleção comportamental intragrupal desempenham aqui um papel essencial, na medida em que tornam possível o estabelecimento do acoplamento dos jovens com os adultos, por meio do qual é especificada uma certa ontogenia,

que se expressa no fenômeno cultural. Assim, a conduta cultural não representa uma forma essencialmente distinta em relação ao mecanismo que a possibilita. O cultural é o fenômeno que se viabiliza como um caso particular de comportamento comunicativo (p. 223).

Até esse ponto, a teoria de Maturana sobre o comportamento imitativo pode não encerrar grande novidades para sociólogos familiarizados com as “teorias da imitação” formuladas por Gabriel Tarde, no final do século XIX, e retomadas pela “memética”, conforme proposta por Richard Dawkins no seu livro *O gene egoísta*. Mas Maturana entende que o *domínio linguístico* se constitui na exata medida em que um domínio de condutas comunicativas possa apresentar um regramento que venha a *aparecer como semântico para um observador*, isto é, ao se tratar

cada elemento comportamental como se fosse uma palavra que permite relacionar essas condutas à linguagem humana [...]. [Desse modo] é tal condição que ressaltamos, ao designar essa espécie de classe de condutas como constituintes de um *domínio linguístico* que se forma entre os organismos participantes (p. 229).

Ora, o gosto do comestível é justamente um domínio linguístico específico que se forma através da integração da experiência e da valorização do momento no seio da experiência sensível (Boutaud, 2005, p. 174); e esta, “pré-reflexiva”, adquire sentido numa ontogenia à medida que se desenvolve a empatia com a coisa e o acoplamento com outros que também se relacionam com ela. Sem dúvida a valorização do sentido da experiência transcende o ato de comer, a mesa, em direção à área simbólica que a mesa ocupa na nossa “sensibilidade de época” (p. 177).

Essa linha de raciocínio é compatível com aquela que Darwin desenvolve em *The descent of man* (1871), ao assinalar que, em determinado ponto da evolução, o homem deixa de se transformar fisicamente para se adaptar ao meio, para, ao contrário, passar a transformá-lo como expediente adaptativo, coinci-

5. Para uma explicação mais detalhada sobre a epigenética, ver Jablonka e Lamb (2010).. Para una explicación más detallada sobre la epigenética, ver Jablonka y Lamb (2010).



dindo essa etapa com o desenvolvimento dos chamados “instintos sociais”, quando emerge o “altruísmo” (fazer algo para o outro, sacrificando o “egoísmo seletivo”) nas condutas coletivas<sup>6</sup>. Algo semelhante Hervé This aponta como o comportamento dos jovens que, tendo certa repulsa ao amargo, submetem-se ao consumo de cerveja em grupo, em prol de um ganho maior de socialização até passarem a “gostar” dessa forma do amargo (This e Gagnaire, 2006). E quando Lévi-Strauss diz que a cozinha funda, de uma certa maneira, a cultura, podemos acrescentar que ela a funda e refunda permanentemente, e que a imbricação do sujeito na cultura inscreverá a sensação que ele arrasta como *gosto* numa ordem que sobredetermina aquela onde os reagentes físicos são percebidos pelos botões gustativos, informando o cérebro do que se trata. Mas essa passagem só se tornará plenamente compreensível na medida em que formos capazes de aprofundar uma teoria sobre o intermediário material nas transações simbólicas, com destaque para as sensações dessa natureza.

Sem dúvida a experiência do comer coloca o sujeito naquela encruzilhada entre o acolhimento do mundo e o desafio de uma experiência outra, o mergulho no desconhecido, onde as escolhas feitas estão longe de serem óbvias. Estados de espírito, desafios, certezas, tudo em ebulição acaba plasmando um gesto em direção ao alimento ou se afastando dele, de tal sorte que no seu evoluir esconde-se o gosto/ desgosto que precisa ser arrancado de lá por uma vontade qualquer. Pode-se imaginar que nos primórdios do processo de hominização o sabor tenha cumprido o papel de, paulatinamente, ir substituindo o risco de uma exposição a perigos alimentares que, como todo alimento, tem também o seu gosto. A fixação dessas escolhas certamente foi pondo o homem longe da experiência de tentativa e erro, sempre seletiva, configurando a cultura alimentar do grupo. É difícil para nós, que acreditamos no valor supremo do livre arbítrio,

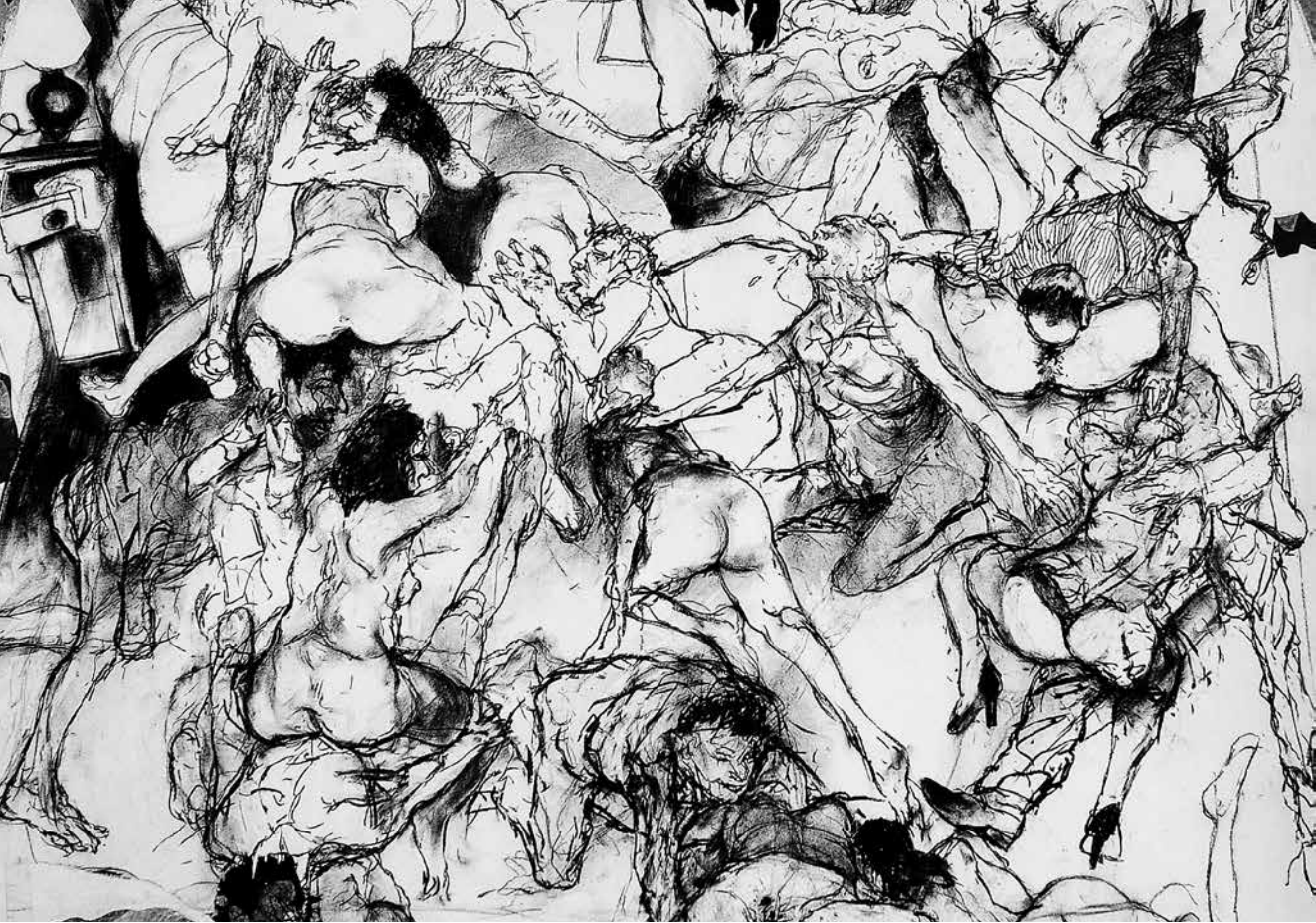
admitir que essa socialização do paladar tenha se dado, primeiramente, de forma impositiva. Seja através dos cuidados da mãe<sup>7</sup>, seja pela proibição de contato com certos alimentos, uma dieta restrita vai se impondo como aquela que não só fundamenta a identidade cultural do grupo –e, portanto, é desejada– como também corresponde à melhor adaptação humana a um certo ambiente.

## Referências

- Boutaud, J.-J. (2005). *Le sens gourmand: de la commensalité, du goût, des aliments*. Paris: Jean-Paul Rocher Éditeur.
- Brillat-Savarin, J. E. (2001). *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Cia. das Letras. (Trabalho original publicado em 1825).
- Chiva, M. (1985). *Le doux et l'amer*. Paris: PUF.
- Jablonka, J. e Lamb, M. J. (2010). *Evolução em quatro dimensões: DNA, comportamento e a história da vida*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Maturana, H. e Varela, F. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena.
- Poulain, J.-J. (ed.). (2012). *Dictionnaire des cultures alimentaires*. Paris: PUF.
- Razungles, A. e Bidan, P. (1987). Reflexiones sobre la degustación: la necesaria estandarización de los descriptores en el análisis sensorial de los vinos. Recuperado de <http://www.videosyvinos.com/newcomp.php?id=219>
- Smith, D. V. e Margolskee, R. F. (2001). Making sense of taste. *Scientific American*. Recuperado de <http://www.scientificamerican.com/article/making-sense-of-taste/>
- This, H. (2007). A nova fisiologia do gosto. *Scientific American Brasil*, 1, 10-19.
- This, H. e Gagnaire, P. (2006). *La cuisine c'est de l'amour, de l'art, de la technique*. Paris: Odile Jacob.
- Tort, P. (2008). *L'effet Darwin. Sélection naturelle et naissance de la civilization*. Paris: Seuil.

6. Para uma exposição detalhada sobre esse aspecto da teoria darwiniana, ver Tort (2008).

7. Recordo aqui a frequência com que os grupos indígenas brasileiros apreciam a pimenta. Esse “gostar”, longe de ser um atavismo, é construído pela insistência da mãe ao oferecer comidas apimentadas sempre que a criança demanda algo de comer. A criança adulta será, necessariamente, uma “comedora de pimenta”.



Leda Tenório da Motta\*

## Sentido e sentidos em Proust\*\*

O labirinto estrutural do romance proustiano – onde se despista quem fala ou de que ponto se fala, da posição do Narrador ou da posição do Herói, se do começo ou do fim da experiência ali narrada e, admitindo-se que elas se separam, se da experiência existencial ou da literária – é de consequências para a concepção proustiana do tempo. E assim também, forçosamente, para a questão da memória, inseparável do tempo. Há uma interessante

confusão aqui entre retrospectiva e prospecção, a experiência que daria o livro e o livro da experiência, a ação de viver e a de escrever, o sujeito autoral e o fantástico. Não por acaso, as *Mil e uma noites* é um dos livros de referência do Narrador, ele também interessado numa história salvadora.

Mas igualmente interessantes são as relações com os cinco sentidos que todo esse desencontro de cronologias e subjetividades vai

\* Pesquisadora do CNPq, professora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

\*\* Versão, modificada pela autora, do capítulo de mesmo nome publicado originalmente no volume *Lições de literatura francesa*, publicado em 1997. Tenório da Motta, L. (1997). Sentido e sentidos em Proust. In L. Tenório da Motta, *Lições de literatura francesa*. São Paulo: Imago.

armar. Uma conhecida passagem do romance, em torno de um êxtase rápido de reminiscência –que, entretanto, renderia uma longa série de exegeses e criaria o que Julia Kristeva (1994) chama “o clichê da *madeleine*”, alertando-nos para o fato de que há mais sabores em Proust, que o do famoso bolinho, a tirar de uma obra-prima tão variadamente sensual (p.13)–, pode nos ajudar a entendê-lo melhor.

Trata-se de um lance de memória afetiva ou de memória involuntária, forma de rememoração que tem algo de alucinatório, dada a acuidade da percepção deflagrada, e assim, também, algo de epifânico, algo da aura epilética, algo do efeito dos paraísos artificiais. Proust valoriza particularmente essa recordação epidérmica, que se instala fisicamente no sujeito, fazendo voltar uma sensação antiga, bruscamente intronética no tempo atual, através de um gosto, um perfume, uma sensação auditiva ou tátil, entre outros condutores, eventualmente menos nobres, como um mau odor ou um tropeção. Há notícias de sons de campanário e de maus eflúvios – o cheiro de mofo no sótão da casa da tia Léonie, onde, em garoto, o Herói passa férias (Proust, 1913/1954, p. 44)–, que são igualmente poderosos no romance do tempo perdido.

O episódio da *madeleine* está logo na abertura de *Du côté de chez Swann* (1913/1954c), primeiro dos livros da *summa proustiana*, naquele ponto em que o Narrador se acha ainda longe de qualquer ideia sobre como e por onde começar o seu romance... e o romance já se escreve. Traduzido por Mário Quintana, o trecho que interessa, e aqui reproduzimos, por oportuno, na íntegra, diz o seguinte:

Numa tarde de inverno, ao voltar para minha casa, minha mãe, vendo que eu tinha frio, me propôs, contrariamente a meus hábitos, que tomasse chá. Recusei de início e, não sei por quê, mudei de opinião. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e rechonchudos chamados *madeleines*, que parecem moldados na válvula estriada de uma concha. E logo, maquinalmente, abatido pela jornada sem graça e pela perspectiva de uma triste manhã, levei aos lábios uma colherada de chá, onde tinha amolecido um pedaço de bolinho. Mas no instante mesmo em que o gole de chá misturado às migalhas do bolinho tocou minha boca, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Um prazer delicioso

invadiu-me, isolado, sem a noção de sua causa. Ele tornou imediatamente indiferentes as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, a sua brevidade ilusória, da mesma maneira que opera o amor, preenchendo-me de uma essência preciosa: ou melhor, essa essência não estava em mim, ela era eu. Cessei de me sentir mediocre, contingente, mortal. De onde poderia vir-me essa poderosa alegria? Sentia que ela estava ligada ao gosto do chá com o bolinho, mas que ela o ultrapassava infinitamente, não devia ser da mesma natureza. De onde vinha essa alegria? Que significava? Onde apreendê-la? Tomo um segundo gole e não encontro nada mais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, a virtude da beberagem parece diminuir. Está claro que a verdade que procuro não está nela. O chá a despertou em mim, mas não a conhece, e só pode repetir indefinidamente, com menos força, esse testemunho que não sei interpretar.

(...) Devolvo a xícara e volto-me para meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade. Mas como? Grave incerteza, toda vez que o espírito se sente ultrapassado por ele mesmo, quando ele, o que procura, é ao mesmo tempo o país obscuro em que deve procurar e cuja bagagem de nada lhe serve (...). (Quando o espírito) está em face de alguma coisa que ainda não é e que só ele pode realizar e trazer à luz.

E subitamente a lembrança me apareceu. Esse gosto era o pedacinho de *madeleine* que, no domingo de manhã em Combray, porque nesse dia eu não saía antes da hora da missa, quando ia lhe dizer bom dia em seu quarto, minha tia Léonie me oferecia depois de molhá-lo na sua infusão de chá ou de tílias (...) Logo que reconheci o gosto do pedaço de bolinho molhado na tília que me dava minha tia (...), ato contínuo a velha casa cinza que dava para a rua veio como um cenário de teatro aplicar-se ao pequeno pavilhão que dava para o jardim, que haviam construído para os meus pais na parte traseira, e com a casa (veio) a cidade (...), a praça em que me mandavam almoçar, as ruas em que ia fazer compras, os caminhos que fazíamos se o tempo estava bom. E assim como nesses jogos japoneses em que se mergulha num pequeno recipiente de porcelana cheio de água pedacinhos de papel até então indistintos que, tão logo molhados, se estiram, se colorem se se diferenciam, transformando-se em flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim também todas as flores de nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne e a boa gente da cidade e suas casinhas, e a igreja e toda Combray e seus arredores, tudo que adquire forma e solidez saiu, casa e jardins, da minha xícara de chá (p. 37).

Aqui, porque o hábito, por um instante dorme, e, se está desarmado –já que, automatizado por “mamãe”, o menino infringiu a

proibição de tomar chá, costume pouco recomendável para crianças nervosas e insones como ele-, a lembrança pode emergir. E a experiência volta a se duplicar. Uma *madeleine* molhada no chá, lá atrás, tem o gosto de outra *madeleine* molhada no chá, aqui, agora. São dois acontecimentos cronologicamente disjuntos, um pregresso, o outro atual, que se telescopam, se encontram brutalmente. Nesse embate deflagra-se, inseparavelmente dos lugares –um quarto numa casa, um jardim, as flores do jardim, o rio dos arredores-, o tempo da infância.

Até porque o movimento é tão sensual, estamos diante de um complicado campo metafórico. A figura em pauta é, de saída, a analogia, trata-se de uma comparação, de uma metáfora, nota Gérard Genette (1972). Mas ele vê aí uma nuance interessante, uma reversão, uma revirada do procedimento metafórico, da qual toda a *Recherche* seria, a seu ver, devedora.

Se de um primeiro gole se vai a um segundo, que lhe é comparável, e se assim a gota inicial é de ordem metafórica –observa-, o que disso se desprende, expandindo a sensação que desbloqueia a lembrança, vem por encadeamento, encadeia-se por contiguidade, o que nos remete à metonímia. É, por certo, o “milagre de uma analogia” que desenterra o passado, é a metáfora que reencontra o tempo perdido, continua. Mas é a metonímia que o reanima e movimenta, reconduzindo-o à sua verdadeira “essência”, que é a sua própria fuga. Combray reencontrada, o romance progride por concatenação. Do que não volta mais –não pode mais voltar-, volta uma parte. É pela metáfora –mas em plena metonímia- que começa a narração (Genette, 1972, p. 47). Paul de Man (1996) exaspera a ideia de Genette ao assinalar a revirada de todas as metáforas proustianas em metonímias, em fuga perpétua (p. 97).

Também Gilles Deleuze, num dos melhores trabalhos sobre Proust já escritos, vai além do mecanismo associativo. Sem ver nessas ressurreições sensitivas nenhuma verdadeira religião, e explorando a fuga incessante dos signos proustianos, nota, genialmente, que o tempo reencontrado aproxima objetos distantes, enquanto que o tempo perdido distancia objetos próximos. Havendo para ele antes contiguidade que similaridade entre os objetos, os

tempos e os lugares desenterrados. E nos dois casos, descontinuidade, lacuna, hiato, numa palavra: perda. As coisas se passam, nesse caso, como no amor proustiano. O ser amado, inacessível, vale pelo que ele resguarda. Gilberte, Odette, Albertine exprimem mundos, paisagens, modos de vida que nunca se devassam, que se desdobram como “os papeizinhos japoneses” (Deleuze, 1979, pp. 156-157).

O Narrador nos fala de dificuldades de interpretação –“a beberagem (...) só pode repetir indefinidamente esse “testemunho que não sei interpretar”- e de um refluir da embriaguez –“é tempo de parar, a virtude da beberagem parece diminuir”. Nem só por isso o arrebatamento é, paradoxalmente, prudente. Pois o que também se pode depreender da sequência em epígrafe é que o sujeito extático está alerta, que a alegria sentida, tão poderosa ao ponto de tornar a morte indiferente, relativiza-se na busca da “noção de sua causa”. Ao acompanhá-la com cuidado, vemos que aí se concatenam euforia e ansiedade. Trabalhando do ângulo da psicanálise, Serge Doubrovski (1974) propõe, por isso mesmo, que leiamos o Narrador ao contrário e condensadamente, tomando “essa essência não estava em mim, ela era eu” por “essa essência não era eu” (p. 40). De resto, a associação de algo que é da ordem do transporte –“(…) cessara de me sentir medíocre, contingente, mortal”- a algo que é da ordem do jogo de armar –“(…) e assim como nesses jogos japoneses em que se mergulham num recipiente pedacinhos de papel...”- não deixa de imiscuir certa mecânica no centro dos acontecimentos.

Isso não deixa de recuperar o ser de hábitos, o sujeito maquinal, justamente deformado pelo tempo, que, livre de seus limites, entrara em euforia. É o que permitirá a George Painter (1966) observar, também engenhosamente, que, se essa “primavera fluviátil” é inofensiva para o garoto do texto, o mesmo não se pode dizer do escritor por trás da cena, impossibilitado por sua famosa asma alérgica de ir a campo, principalmente na primavera (pp. 165-166). Assim, em suma, é a doença –a sufocação, marca da separação de “mamãe”- que, de algum modo, reencontramos nessas linhas em que se desliza de termo a termo e em que as sensações inflam e desinflam.

Há outras estimulações inicialmente feéricas e finalmente decepcionantes em Proust. Na época em que passava férias na casa da tia Léonie, nessa Combray que volta e não volta, o Narrador menino, à espera da hora do jantar, brincava em seu quarto com outro mecanismo fascinante –desta vez uma lanterna mágica–, projetando sobre os móveis, portas e cortinados gravuras de figuras legendárias da Idade Média, como a rainha Genoveva de Brabant e o rei merovíngio Siegbert. Então, de novo, as imagens projetadas logo deixavam de maravilhá-lo porque passavam a se confundir com o relevo inoportuno das telas precárias –o “vitral vacilante e momentâneo”– sobre o qual se esbatiam. Castelos, soberanos e conspiradores tinham suas silhuetas e rostos modificados pelas pregas da cortina, pela maçaneta da porta, por tal reentrância na parede. E embora o Narrador considerasse esses reflexos encantadores, o fato é que um mal-estar se apoderava dele, de imediato, fazendo-o deixar o aposento para ir se refugiar nos braços da mãe, numa interrupção seca das experimentações (1913/1954c, p. 9). Os sentidos se atravessam em Proust. O fato é indicativo da sensibilidade desde sempre aguçada do jovem aprendiz de escritor para perceber distorções ou relevos nas fusões.

Em sua contemplação do mundo, movida a golpes sensoriais, o Narrador não se demoverá nunca desse ponto de vista. Tanto assim que está de volta a ele, na última matinê dos *Guermantes*, de que trata o último tomo da *Recherche*, quando cruza ali com velhos conhecidos, personagens de antigos ciclos do romance, agora vistos dissociados de sua própria imagem, acaparados que foram pelos anos. Cada um deles lhe oferece uma série de semblantes sucessivos. Como na perspectiva da lanterna mágica –que aqui será lembrada, note-se–, cada um juntou ao seu rosto “traços de um outro caráter”, numa sincronia inquietante. Proust (1927/1954f) escreve: “Imaterial como outrora Golo na maçaneta da porta de meu quarto de Combray, ali estava então o novo e irreconhecível Sr. Argencourt, como a revelação do Tempo, que ele tornava parcialmente visível (p. 924). Sublinhe-se o “parcialmente”.

Mestres sensualistas da arte de escapar do tempo –aliás, expressamente citados pelo Narrador–, Chateaubriand, Nerval e princi-

palmente Baudelaire veem-se, dessa maneira, interpelados pelo novo romancista. Já não parecem de nenhuma valia ali onde o tempo em tela é o tempo que passa: o tempo do relógio.

É a uma sensação do gênero daquela trazida pela *madeleine* que se liga à mais bela parte das *Memórias de além-túmulo* de Chateaubriand, [reconhece o Narrador, que admite, pela mesma ocasião, que] [...] “uma das obras-primas da literatura francesa, *Sylvie*, de Gérard de Nerval, tem, tanto quanto as *Memórias de além-túmulo*”, essa mesma sensação oferecida pela *madeleine* (Proust, 1927/1954f, pp. 919-920).

Sensação que é mais forte ainda, para ele, em Baudelaire, onde ocorre mais vezes e de forma menos fortuita porque, desta feita,

é o poeta que (...) busca voluntariamente, no odor de uma mulher, por exemplo, de sua cabeleira, de seu seio, as analogias inspiradoras, que lhe evocarão, aqui, o azul de um céu imenso e esférico, ali, um porto cheio de flamas e mastros (Proust, 1927/1954f, pp. 919-92).

Mas estamos aqui à distância desses mestres queridos, em que o espírito se transporta junto com os sentidos, como está dito, nunca é demais lembrá-lo, no poema das *Correspondências*. Pois, se é o transporte do espírito que, para Baudelaire, garante a boa metáfora, a coalescência de um sabor e de uma vida, como também está dito no poema “O perfume” –“Leitor, já respirou alguma vez,/ com embriaguez e lento gosto/ o incenso que se dissemina/ ou um sachê de almíscar enranhado?/ O encanto mágico e profundo restaura no presente o passado (Baudelaire, 1860/1951, p. 111)–, na *Recherche*, ele fracassa pelo excesso de informação.

Isso permite ao Narrador fazer a experiência –inédita nessa altura dos acontecimentos– do branco de memória, do apagamento *tout court* de certos conteúdos, que nenhum sentido, mesmo transportado, chega a alcançar. Como Proust (1921-1922/1954g) o faz dizer neste trecho surpreendente:

Ora, o que esqueço [...] não é tal verso de Baudelaire [...], é a realidade mesma das coisas vulgares que me cercam –se adormeço– e cuja não percepção faz de mim um louco; é –se me encontro acordado e saio depois de um sono artificial– não o sistema de Porfírio ou de Plotino, sobre os quais

posso discutir muito bem, mas a resposta que prometi dar a um convite, lembrança substituída por um branco”. (pp. 984-985)

Se a grande herança literária que a *Recherche* carrega –computem-se ainda, dentro da tradição francesa, as *Mémoires* de Saint Simon e as *Lettres* de Madame de Sévigné– vê-se radicalmente alterada nessa incursão renovadora, a mesma revolução é arrastada, inversamente, por avanços técnicos e científicos de que ela depende, como Baudelaire, da multidão, dos cafés, das vitrines e da máquina a vapor. São, por um lado, engenhos tais como o automóvel, a fotografia, o telefone, o próprio cinematógrafo –responsáveis por uma outra maneira de ver, desfiguradora porque modificada pelo olhar em movimento–, e, por outro lado, como certos trabalhos sobre as doenças da memória, entre elas a amnésia, tais como os de Bergson e Boutroux, acompanhados de perto por Proust e trazidos à baila em *Sodoma e Gomorra* (1921-1922/1954g, p. 985). Leitor de Bergson, Freud está verificando, nesse mesmo momento, que o esquecimento, enquanto recalque, faz sentido, e que toda recordação é encobridora.

Das falhas ou enigmas de memória que preenchem o romance do tempo perdido, o mais notável parece ser o que mescla amnésia e hipermnésia. A exemplo de um outro episódio conhecido (entre proustianos) que, ainda no ciclo Swann, confronta o Narrador à sugestão de um objeto que detém um segredo com o qual ele não pode atinar, pondo-o diante da lembrança de algo de que ele não se lembra. Trata-se de um evento dessa vez visual: o surgimento impositivo de três árvores à beira de um caminho, que parecem fazer emergir com toda força alguma coisa que, contudo, não alcança definição. Temos aí, em contraste com o episódio da *madeleine*, em que se troca de termo, uma metáfora sem o seu termo de comparação. Como percebe o Narrador:

De repente, fui invadido por essa felicidade profunda que não sentia desde Combray, uma felicidade análoga àquela que me haviam dado, entre outros, os campanários de Martinville.

Mas, dessa vez, ela ficou incompleta. Acabava de perceber, afastadas da estrada por onde seguíamos, três árvores que deviam servir de entrada a uma aléia coberta e que formavam um desenho que não era a primeira vez que eu via. (Proust, 1919/1954a, p. 717)

O objeto, outrora familiar, o faz oscilar (e a nós) entre dois pontos que não se localizam:

Olhava as três árvores, via-as bem, mas meu espírito sentia que encobriam alguma coisa sobre a qual não tinha domínio, que eram assim como esses objetos tão longínquos que nossos dedos, esticados na ponta de nosso braço estendido, apenas roçam, sem nada pegar. (Proust, 1919/1954a, p. 717)

Na *Recherche*, o último desses choques enigmáticos coincide com um resvalo do Narrador, dos mais antissublimes, nas pedras do calçamento do pátio de entrada do palácio Guermantes, no momento em que, chegando ao local, ele tenta desviar de uma carruagem que não havia enxergado. É quando desse tropeço que, invadido por nova onda de sensações, lhe vem uma espécie de estalo. A saída para seu romance seria acomodar-se ao passo em falso. Se há progresso proustiano –em suma–, ele está nesse acomodamento incômodo, nessa eternidade feita de fragmentos de tempo, a que se ligam fragmentos de espaço, como a vê Georges Poulet (1968, p. 320).

De extração médica e largo uso na *Recherche*, a palavra “intermitência” –de início cogitada para entrar no título geral do romance, que se chamaria *Intermittences du coeur*<sup>1</sup>–, recobre a compulsão à repetição, a mania, precisamente. A asma proustiana, que cede e volta, é intermitente. O amor proustiano, cuja essência persecutória são os ciúmes, é o terreno por excelência das intermitências do coração, que esfria e se fecha, desde que não haja medo do futuro, ou rivais a temer. Por isso, não há um amor do Narrador, mas recaídas: Gilberte, Oriane, Albertine... Nesse embalo, a própria memória proustiana é intermitente. Vem disso o caráter sempre problemático de sua máquina de epifanias voluptuosas, sim, mas exotéricas.

1. Cf. Mauriac, 1987, p. 4.

## Referências

- Baudelaire, C. (1951). Le parfum. In C. Baudelaire, *Les fleurs du mal*. Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1860).
- Deleuze, G. (1979). *Proust et les signes*. Paris: PUF.
- Dobrovski, S. (1974). *La place de la Madeleine - Écriture et fantasma chez Proust*. Paris: Mercure de France.
- Genette, G. (1972). Métonymie chez Proust. In G. Genette, *Figures III*. Paris: Seuil.
- Kristeva, J. (1994). *Le temps sensible*. Paris: Gallimard.
- Man de, Paul. (1996). *Alegorias da leitura*. (L. Esteves, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Mauriac, N. (1987). Avant propos. In *Albertine disparue*. Paris: Grasset.
- Painter, P. (1966). *Marcel Proust: Les années de maturité*. Paris: Mercure de France.
- Poulet, G. (1968). Proust. In *Études sur le temps humain* (tomo 3). Paris: Plon.
- Proust, M. (1954a). *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 1). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1919).
- Proust, M. (1954b). *Albertine disparue*. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 3). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1925).
- Proust, M. (1954c). Du côté de chez Swann. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 1). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1913).
- Proust, M. (1954d). La prisonnière. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 3). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1923).
- Proust, M. (1954e). Le côté de Guermantes. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 2). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1920-1921).
- Proust, M. (1954f). Le temps retrouvé. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 3). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1927).
- Proust, M. (1954g). Sodome et Gomorrhe. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (vol. 2). Paris: Gallimard-Pléiade. (Trabalho original publicado em 1921-1922).





## Anatomia do tato

*Somos nossa memória, somos esse quimérico museu  
de formas inconstantes, essa pilha de espelhos quebrados!*

Jorge Luis Borges (1969)

*A mais bela experiência que podemos ter é a do mistério. A  
emoção fundamental encontrada na origem da verdadeira  
arte e da verdadeira ciência.*

Albert Einstein (1949/1954)

O termo *suporte* nunca foi tão ambíguo: seu significado era sinônimo de “resista” ou “agente”. Mas com a chegada da era digital adquiriu um novo significante, e a partir desse momento é possível utilizá-lo para se referir ao “material físico onde são armazenados os dados”. No entanto, ambas as acepções são perfeitamente válidas para dizer que o corpo é o suporte em que ocorrem a vida e a morte.

É um suporte que resiste, aguenta e onde ficam gravados os dados biográficos de cada um de nós.

O corpo é o cenário no qual cada pessoa interpreta, como pode, um papel diferencial e único. A obra de teatro que ali representamos é a mesma para todos e se chama *identidade*. Em algumas atuações dessa dramaturgia acabamos saindo do roteiro e criamos uma versão livre; em outras, uma criação grupal. Sobre o cenário, de forma irreversível, interagimos com outros protagonistas. O corpo sempre é uma sociedade. Todos somos atores e também espectadores ao mesmo tempo.

Desde o ano 162, com Galeno de Pérgamo, estuda-se o corpo humano. Mas foi só em 1543

que se fundou a anatomia moderna com o livro de Andrés Vesalio (1543/1997): *De humani corporis fabrica libri septem* (“Sete livros sobre a estrutura do corpo humano”). Atualmente, não é necessária a dissecação de cadáveres para ver o corpo de uma pessoa em cores, em três dimensões e em tamanho microscópico. A ciência e a tecnologia tornaram visíveis os cantos mais reservados do nosso corpo, e alcançaram inclusive conquistas impensadas há poucos anos, como desemaranhar a sequência do genoma humano. No entanto, desde a mais básica das dissecações até a mais sofisticada das imagens computadorizadas, o que vemos dessa pessoa é apenas um instante, não a história; é simplesmente um fotograma, não o filme.

Nosso organismo começa as suas transformações a partir do próprio momento em que espermatozoide e óvulo se unem. O desenvolvimento em cada embrião é semelhante, mas não idêntico: muda com a história pessoal de cada um de nós; uma histórica composta de genes, de acaso, de meio ambiente, de psique e de sociedade. A biologia muda com a biografia. O corpo é o território em que cada um, com

---

\* Doutor em medicina. Professor de semiologia na Universidade Nacional de Córdoba.

1. N.T.: Tradução de Molina, Vianna Baptista, Scliar-Cabral, Ascher, Nejar, Jacques e Borba Filho; Borges, J.L. (1999). Cambridge. In S. Molina, J. Vianna Baptista, L. Scliar-Cabral, N. Ascher, C. Nejar, A. Jacques e H. Borba Filho (Tradts.), *Obras completas II - Elogio da sombra*. São Paulo: Globo (Trabalho original publicado em 1969)

o que herda, constrói sua identidade física. Os corpos dos atletas de diferentes modalidades esportivas, das modelos de passarela, dos artistas e dos intelectuais; as cicatrizes de acidentes e cirurgias, de anorexias e obesidades, de escassez e de abundância: para quem sabe como ler o seu corpo, ele reflete nossos interesses e valores. O corpo é a nossa própria obra de arte, uma escultura que modelamos a cada dia. Mas não somos os únicos autores dessa escultura. Esse corpo biográfico ocorre em um tempo histórico e cultural determinado. Os nossos pares, o nosso costume, as nossas crenças e a nossa cultura também contribuem para a nossa conformação física. Os hábitos alimentares, a forma em que nos vestimos e nos embelezamos desenham tatuagens na pele, e ficarão gravadas, como em uma tela, as marcas da paz e da violência, da fome e da satisfação, do sol e da sombra, do frio e do calor.

Esse corpo que nos contém e nos transborda, que nos excede e nos limita, é a síntese material do herdado, de nossas condutas e da impressão que os outros deixam em nós; nele batalham a prevenção e a cura, a responsabilidade e a negligência, a falta e o excesso.

A anatomia mostra o que nos oculta; é a ponta de um *iceberg* [grifo nosso]. Somos obrigados a mergulhar, se quisermos dimensionar a verdadeira magnitude do ser humano que, embaixo da água, foge dos nossos olhos. Por trás de um corpo se oculta uma pessoa; por trás do paciente, uma história de vida; por trás da doença, um doente. Para poder ver o que está oculto, é preciso mergulhar, e ouvir é uma forma de mergulhar.

Somos pessoas porque sabemos que vamos morrer, porque nos comunicamos, falamos, temos uma linguagem. A palavra é a ferramenta mais poderosa para que o corpo se expresse. Sigmund Freud, em fins de 1800, revolucionou o pensamento da época com o conhecimento da psicologia. O inconsciente afeta o funcionamento do corpo e compromete os nossos hábitos e condutas. Agimos e depois damos sentido a nossas ações. São essas ações que afetam nossa anatomia. Somos tão inconscientes quanto conscientes? Todas as palavras que ouvimos desde o nosso nascimento modelam nosso cérebro. Há uma invenção diferencial do organismo em cada

um de nós, na história de vida que remonta aos nossos ancestrais. Quantos hábitos e comportamentos passaram de geração em geração e condicionaram nossa anatomia? A transmissão de caracteres genéticos é apenas uma parte de tudo o que herdamos: costumamos nos esquecer dos “genes culturais”, aqueles que irão influenciar nossos valores éticos, morais, estéticos, religiosos e sociais. Eles também irão influenciar nossas pautas alimentares, sexuais e sanitárias. O resultado disso tudo está em nosso corpo. Ele é o *suporte* em ambos os sentidos da palavra. Somos o que comemos, bebemos, respiramos, falamos, lemos; enfim, somos o que “fazemos”. O corpo ouve e obedece, incorpora e elimina, ignora e assimila, goza e padece, suporta e suporta.

Quatrocentos anos antes de Cristo, Platão propôs o conceito de democracia. O povo apodera-se do Estado, sua participação decide uma estrutura de convivência social que afeta não somente as pessoas integrantes, mas também suas instituições. As asas da república e o civismo nos abrigam a todos por igual, e dentro do seu ninho nascem corpos protegidos por seus direitos e outros desolados, liberados à intempérie de sua sorte.

O corpo registra a presença de outros corpos. Somos indivíduo, mas também somos rebanho; a organização social e suas formas deixam marcas. Assim, a anatomia é testemunha e protagonista dos estigmas e das sequelas da pobreza e da abundância; é o suporte da desigualdade. Nossa fisionomia fala também da nossa sociedade, de sua opulência e de sua miséria. Diversas formas de convivência deixam sua marca nas diferentes formas corporais. A política como escultora de um corpo social, a economia como a mão, e a cultura de hábitos como uma decoradora estética. A época e o espaço físico são um quadro ineludível em um sistema referencial que deseje estudar o indivíduo e sua realidade circundante. É preciso observar a árvore para aprender sobre a floresta, e vice-versa.

### **O sentido do tato e a linguagem do corpo**

O corpo se expressa de infinitas maneiras. A fala é uma delas, a mais aperfeiçoada. Mas às vezes não nos compreendemos, e o que nos

interessa saber se sussurra em um volume tão baixo que não conseguimos ouvir, ou se grita em um volume tão alto que nos aturde. O corpo é o modem que utiliza a mente para se comunicar com outra, e é um modem multi-mídia: pode utilizar um ou mais recursos ao mesmo tempo. Pode ser através da linguagem, mas também através de gestos, lágrimas, carícias, risadas, gemidos, choros, golpes, estertores, palpitações, secreções, respirações ofegantes, e a lista continua. Seria mais extensa ainda se acrescentássemos o amplo leque de parâmetros e sinais que os médicos lemos como sintomas ou manifestações corporais.

A abordagem do corpo humano permite sua leitura a partir da ciência e da arte. A medicina lê o corpo com a semiologia da ciência. Assim, as manifestações podem ser signos ou sintomas. O signo é toda expressão corporal que pode ser medida e observada: a temperatura, a pressão, o peso ou o tamanho de um tumor. A tecnologia permite diagnosticar de forma precisa qualquer signo. Os sentidos treinados dos médicos foram substituídos pelos aparelhos: ausculta pelo *ecodoppler* cardíaco, palpação pelas ecografias etc.

O problema é que todo corpo abrange um ser humano, e o sintoma requer a linguagem, pois nenhum órgão fala. A pessoa é quem fala e esse é o desafio semiológico: o sintoma. Essa é a linguagem do corpo que nos questiona, nos incomoda, nos inquieta e não tem uma resposta universal. É única para cada pessoa, não se repete.

Dos organismos mais simples até o ser humano, os sentidos têm como objetivo a percepção do meio e a comunicação com outros seres. Perceber a tempo as mudanças no meio ambiente permite ao organismo exercer uma resposta para prevenir potenciais danos. “É melhor prevenir do que remediar” é uma regra evolutiva aplicável a todo o espectro biológico. No entanto, assim como o sistema sensorial “nos afasta de tudo o que é mau, doloroso e letal” também “nos aproxima de tudo o que é bom, prazeroso e vital”. A expressão mais profunda do prazer do corpo é compartilhada com outro corpo e a chamamos de “amor”. Existe ali uma conjunção plena de mentes e sentidos.

Ainda hoje são ensinados os cinco sentidos do ser humano: olfato, visão, audição,

tato e paladar. Há muito tempo sabemos que essa é uma classificação inexata e incompleta, mas pouco ou nada fizemos para mudar isso. Às vezes, nós, os seres humanos, repetimos erros sem sentido. A verdade é que o número de sentidos é bem superior a cinco e seus limites são difusos ou se superpõem. Os casos mais extremos são as pessoas com sinestesia, que podem *ouvir* cores, *ver* sons e *tocar* gostos. No entanto, em alguma medida, todos nós temos sinestesia, como se demonstra no teste de Wolfgang Köhler de 1929. Nele, pede-se às pessoas que digam, entre a figura de uma estrela cheia de pontas e outra de extremidades arredondadas (mais semelhante a uma flor), qual se chama Bouba e qual se chama Kiki.

Entre os entrevistados, 97% dão o nome de Kiki à estrela de pontas, e o nome de Bouba à outra. Trata-se de um comportamento inconsciente que influencia nossa percepção no momento de “ver sons”. Essa clássica lista de cinco sentidos esquece, entre outras coisas, a nossa capacidade de perceber o equilíbrio, a posição das diferentes partes do corpo, os movimentos, a dor de dentes ou a dor de um amor não correspondido. A maioria desses “novos sentidos” se encontra direta ou indiretamente associada ao sentido do tato. Portanto, não é de estranhar que façamos referência a ele como “o mais estendido dos sentidos”. Graças ao tato podemos determinar a pressão, o frio ou o calor, a aridez ou a umidade, a aspereza ou a suavidade, a dureza ou a maciez, o amor ou a dor, entre outros. Essas características são captadas por vários receptores nervosos localizados nas diferentes camadas da pele e que terminam estimulando principalmente o lóbulo parietal do cérebro. O conjunto faz parte do chamado sistema sensorial. Uma concepção simplista e tecnológica nos conduz a pensar que um estímulo desencadeia uma resposta em um receptor, e este emite um sinal que impacta no nosso cérebro e produz assim a percepção do fenômeno. Nada mais longe da realidade. O tato, e os sentidos em geral, não são um arco reflexo: há uma complexa combinação daquilo que acusam nossos receptores e a interpretação da nossa mente. Quando descrevemos a bochecha de um bebê como “suave”, colocamos em jogo frente ao nosso interlocutor um sem-número

de sensações, as mesmas que nos atingiram ao acariciar a bochecha da criança. Falamos de uma superfície lisa, macia e morna. Com apenas uma palavra, transmitimos um significativo que é resultado de uma somatória de estímulos nervosos e sensações. Dizemos que somos sensíveis porque temos percepção sensorial. Não é de estranhar a proximidade etimológica. Também não é de estranhar que as maiores concentrações de receptores estejam nas pontas dos dedos, no clitóris, no pênis, nos mamilos, nas palmas das mãos e na língua. Sensibilidade e sentimentos vão de mãos dadas, e também estão junto a outras áreas anatómicas.

Na hora de falar dos sentidos, os nervos e os neurônios se embaralham com os conceitos e o sentir de cada pessoa. *O desafio impossível de desembaralhá-los é o território da linguagem e, por isso, da psicanálise na anatomia humana; uma anatomia coberta de pele.* Pele: tegumento estendido sobre todo o corpo, que está formado por uma camada externa, ou epiderme, e outra interna, ou derme. A pele pode revelar doenças ou alterações que padecem outros órgãos. Possui as funções de proteção, secreção, nutrição, hidratação e regulação da temperatura. A pele acarreta o sentido do tato. O poeta Paul Valéry (1932/1988) escreveu que o que há de mais profundo no homem é a pele. Em alguns países da América Latina, utiliza-se um canto popular enquanto se acaricia uma parte da pele para aliviar a dor: “*Sana, sana colita de rana. Si no sana hoy, sanará mañana*” [grifo nosso]<sup>1</sup>.

A pele é o território em que a diversidade humana se expressa. Nela se escreve nossa história, da beleza ao preconceito. Sobre nossa pele, e sobre a do outro, pousamos o olhar. A pele é um órgão em que tudo pode ser visto, e esses olhos que observam fazem com que o coração sinta. E, constatando com o olhar, cremos. A pele reflete o passar do tempo, as emoções e a razão. Por isso nos enrugamos, ficamos vermelhos ou pálidos, nos arrepiamos ou suamos. Em nossa parte nua, inocultável, no rosto ou nas mãos. A pele é a folha branca em que escrevemos nossa vida, saúde, doença e morte. Literatura escrita no corpo e leitura privilegia-

da do médico. O interesse antropológico pela pele e, portanto, pelo tato surge porque nos conecta com o exterior, nos relaciona, nos mostra. É uma fronteira entre o universo interior e o espaço exterior, que delimita o corpo do eu e funda uma soberania que requer permissão para ser atravessada (Breton, 2007).

Na origem do homem a pele tinha outra distribuição pilosa, e a cor negra a protegia das inclemências do sol. Em dezenas de milhares de anos, com as migrações e as adaptações, a pigmentação da pele mudou para os tons mais efetivos para a sobrevivência, tanto na saúde quanto na efetividade do acasalamento e da fertilidade. Tanta morte e tanto sexo só pela cor da pele. Não somente desde a origem do homem a pele mudou: também desde que nascemos até a nossa morte. A pele do bebê, do adolescente, da mulher, do homem, da velhice. A biografia pessoal e a cultura das modas se escrevem na pele. Sobre ela são registradas as experiências: rugas e cicatrizes, orgulhos e vergonhas. Se a pele e o sentido do tato são importantes para se relacionar com o meio ambiente e com outras pessoas, nem é necessário esclarecer que são fundamentais para a prática médica. A relação médico-paciente se baseia na pele, no sentido do tato e na fala. O resto (laboratórios e estudos diagnósticos) são recursos secundários (não é em vão que são chamados “métodos complementares”). Junto à fisiologia individual e social do território *pele*, aparecem ali as doenças, os sintomas e os signos. O médico treina o olhar para sua leitura, mas nas últimas décadas cedeu essa virtude aos métodos tecnológicos. O outrora contato humano com a pele do paciente, a palpação, o exame físico exaustivo parecem ser uma espécie em extinção. Observamos, porque o paciente nos mostra a sua doença na pele, mas fugimos do contato com a desculpa da precisão, da eficiência ou da falta de tempo na consulta. Sabemos perfeitamente o que a tecnologia nos dá, mas desconhecemos o que ela tira de nós.

Os pacientes sentem fome de pele, de sentido do tato, de serem examinados, tocados, apalpadados, acariciados; de que façam da sua consulta pela doença uma ação humana que

---

<sup>1</sup>“Cura, cura, rabinho de rã, se não se curar hoje, vai se curar amanhã”.

os “normalize”, que os inclua no outro, no médico. Mostram-se despidos frente ao médico, a sua pele nua, seu tato, sua doença, sua história escrita no corpo. A derivação ao método complementar de diagnóstico sem examinar o paciente vai além da má praxis. É uma desfeita, um abandono, um ato de esnobismo, de discriminação no meio da intempérie afetiva que significa a doença. Quanto perdemos, para a tecnologia, do valor terapêutico da comunhão paciente-médico? Quanto tato perdemos? Se for verdade que uma palavra é suficiente para curar, também uma mão será suficiente para aliviar. Não é por acaso que falamos com a voz e com as mãos: palavras e gestos são o suporte da linguagem. A tecnologia se interpôs e deixou o doente e o médico sozinhos; deixou-os isolados, sem comunicação. A pele, essa barreira que nos protege e nos une, não pode prescindir de seu duplo papel: expressão e leitura, sensibilidade e tato, amor e dor. O olhar diagnóstico, a escuta interpretativa, o contato corporal, o alívio da carícia, a intimidade da nudez, o pudor da comunhão, a reflexão ao lado do paciente e pensar em dupla deveriam ser cenas a resgatar na ação médica. A tecnologia dos métodos complementares de diagnóstico pode deixar o paciente e o médico como complementares.

A semiologia do exame físico pela palpação é uma oportunidade para reumanizar a consulta. Quais partes mostrar e quais ocultar? Por que nos pintamos, maquiados, perfumamos, tatuamos, depilamos, furamos ou adornamos? A pele é o órgão privilegiado do tato. Quando se acabam as palavras, nos resta a confiança do tato. Quanto do nosso desenvolvimento pessoal é construído pelo contato corporal? A mão, enquanto instrumento de tato, é o órgão mais humano das pessoas, desde a sensibilidade, os movimentos singulares, até a impressão digital. Em nosso cérebro, a fisiologia normal da sensibilidade na pele e, principalmente, na mão tem uma magnitude claramente expressa no “homúnculo de Penfield”, onde se representa a área do cérebro motor sensitivamente responsável pelo nosso corpo.

Destinamos milhões de neurônios que priorizam a mão, tanto para a motricidade quanto para a sensibilidade. No entanto, a

cultura médica parece escolher o frio transdutor frente à cálida pele; o tato mediado pela tecnologia, a nova ditadura do “não tocar”, a deusa ciência se impondo à arte. Na relação paciente-tecnologia-médico ganhamos precisão e perdemos tudo aquilo que intitulamos “feito à mão” ou “artesanal”. Nós, os médicos, temos mais tato de teclados, *tablets*, telas de celulares do que de pele de pacientes. Todo um sintoma... O hábito de um aperto de mãos no começo da consulta adquire um valor diagnóstico e simbólico transcendental: a temperatura, o suor, a textura de trabalho, a higiene, a confiança, o afeto, o compromisso, o respeito. Estamos perdendo a ação semiológica de apertar a mão, quando, afinal, atender um paciente não é mais do que estender uma mão.

Lembro-me de um plantão em terapia intensiva no qual assistimos à mãe de um amigo. Sai para dar o relatório de praxe e disse a ele que não havia nada mais que pudéssemos fazer. Meu amigo, com os olhos úmidos, compreendeu-me: “Como assim, você não pode fazer mais nada?”. Suportando o olhar, como-vi e com a voz trêmula, atinei a responder que não tinha mais nada a fazer. A ponto de romper em lágrimas, ele disse: “Você pode me dar um abraço?”. Somente então compreendi cabalmente que em medicina é fundamental acompanhar, e que o inimigo não é a morte, e sim o sofrimento (Presman, 2009).

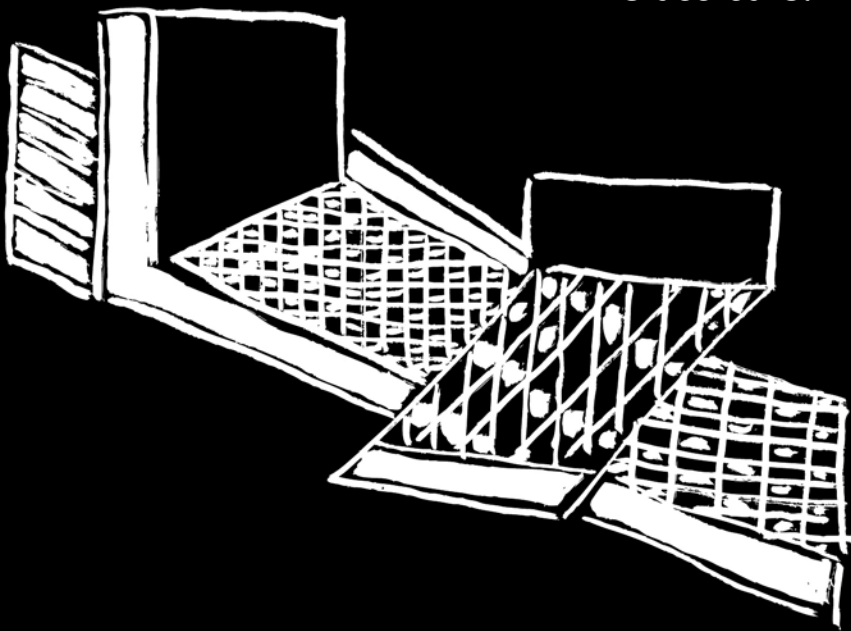
O amor, o abraço íntimo, é a fusão da nossa pele com a do outro. O tato na pele, o que há de mais profundo no homem.

## Referências

- Borges, J. L. (1969). Cambridge. In J.L. Borges, *Elogio de la sombra*. Buenos Aires: Emecé.
- Breton, D. Le. (2007). *El sabor del mundo. Una antropología de los sentidos*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Einstein, A. (1954). *Ideas and opinions*. Nova York: Three Rivers Press. (Trabalho original publicado em 1949).
- Presman, C. (2009). *Letra de médico. Historias a su salud*. Córdoba: Raíz de Dos.
- Válery, P. (1988). *La idea fija*. Madri: Antonio Machado. (Trabalho original publicado em 1932).
- Vesalio, A. (1997). *De humani corporis fabrica libri septem*. Madri: Doce Calles. (Trabalho original publicado em 1543).



Clásica & Moderna



## David Liberman: um psicanalista aberto

Muitos dos colegas que compartilhamos as supervisões com David Liberman coincidimos quanto à riqueza das suas contribuições e ao impacto que tinham. Além dos seus notórios conhecimentos, era um transmissor discursivo notável. No meu caso, fiz supervisão com ele dois anos. Em uma oportunidade, analisei durante dois anos uma senhora que desejava que seu esposo consultasse um psicanalista por motivos que me pareciam convincentes, mas não conseguia convencê-lo. O motivo explícito do seu marido era que a considerava uma fanática da psicanálise. Ela havia lhe sugerido diversos profissionais e afirmava: “Eu digo ‘psi’, e surge um repúdio absoluto”. Enquanto conversava sobre isso com David, ele sugeriu: “Por que não suprimir o prefixo ‘psi’ e utilizar termos equivalentes que não deixem de ser verdadeiros?”. Assim, propus à paciente que usasse a expressão “médico especialista em problemas emocionais”. Impressionado e incrédulo, escutei a paciente dizer que sua proposta havia sido aceita (e, anos depois, mais impressionado ainda, soube que o esposo da minha paciente realizou uma experiência terapêutica extremamente produtiva durante anos). O talento *discursivo* de David era inegável. Em um colóquio realizado em homenagem a David Liberman na Sociedad Argentina de Psicoanálisis em 2003, vários dos seus discípulos destacaram múltiplas facetas da sua obra: Vicente Galli e Adela Duarte comentaram a pouca presença do pensamento de Liberman na atualidade e a necessidade de que as jovens gerações deem continuidade e vigência ao seu pensamento. Eduardo Issaharoff destacou o que para ele é a contribuição mais valiosa da sua obra: a interpretação adequada às características do paciente. Por sua vez, Antonio Barrutia reconheceu em David Liberman uma capacidade sem precedentes de expressar, teorizar e explicar a instrumentação clínica. E Rafael Paz o classificou como um operacionalista ilustrado, alguém que absorvia as fontes mais diversas, colocando-as para jogar no campo, pensando e repensando a psicanálise com naturalidade. A obra de Liberman está repleta de atributos paradoxais, entre eles, por um lado, o limitado registro do seu pensamento entre as gerações mais jovens e, por outro, o reconhecimento da sua notória vigência como instrumento conceitual e ferramenta clínica por parte de pensadores de destaque. Daí que a tentativa de diminuir essa brecha possa ser considerada uma contribuição para gerações atuais e futuras de psicanalistas.

---

\* Sociedad Argentina de Psicoanálisis.





A morte de Liberman, em 30 de outubro de 1983, teve um viés “giocondino”: naquele mesmo dia tinha início um projeto democrático na Argentina e terminava uma ditadura militar genocida. Nós, que vivíamos aquela perda dolorosa em grau máximo no interior do âmbito funerário, não podíamos assumir o alívio do lado de “fora” sociocultural. Paradoxos da nossa condição humana!

O jazz e o klezmer incidiram notoriamente em sua vida e em sua obra; ele próprio foi pianista e evidenciou uma sólida articulação nessa dupla identidade, como músico e como psicanalista, buscando *harmonias* em sua tarefa profissional. Discípulo e analisando de Enrique Pichon-Rivière, situou-se naturalmente no contexto disciplinar da psicanálise rio-platense, junto a Willy e Made Baranger, Jorge Mom e José Bleger, com quem compartilhava uma temática comum, apesar de que cada um tinha matizes e desenvolvimentos próprios e diferentes. Unia-os a conceitualização e reformulação dos exames metodológicos das experiências clínicas em psicanálise. De fato, tanto em setores da psicanálise do Rio da Prata como em outros âmbitos, assistíamos a uma complexização dos problemas associados ao funcionamento do método terapêutico psicanalítico. Autores relevantes coincidem em que, ao serem acrescentadas novas problemáticas clínicas, diferentes das neuroses, e múltiplas combinatórias pessoais, produzem-se problemas e variações no funcionamento do método, ao mesmo tempo em que surgem novas possibilidades terapêuticas. Essa impressão é particularmente significativa no grupo mencionado, inspirado nas ideias de Pichon-Rivière. De fato, tanto Liberman como Bleger –e, por sua vez, os Baranger e Mom, com terminologias diferentes– ocuparam-se de caracterizar aspectos, estruturas, funcionamentos do campo clínico, vicissitudes do processo terapêutico e das complexidades, e contribuições do método psicanalítico, tema de notória vigência em versões da psicanálise contemporânea.

No que diz respeito a Liberman, poderíamos especificar quatro momentos da sua produção escrita: o primeiro, na década de 50, ocupa-se de temas variados, com ênfase na incidência das variantes psicopatológicas nos problemas de abordagem técnica. O segundo, na década de 60, já mais consciente da distância entre hipóteses teóricas e abordagens clínicas, se propõe a introduzir modelos extradisciplinares que descrevem interações intersubjetivas que permitiriam reduzir tais distâncias. Liberman propõe a utilização do modelo comunicacional de Palo Alto. Segundo ele, esse modelo permitiria uma estruturação descritiva com analogias com a tarefa psicanalítica por sua natureza de intercâmbio dialógico. Tal modelo pretende descrever matizes do campo clínico e conectá-las com aspectos relacionais da história do sujeito; propõe tal modelo como instrumento para ilustrar alguns funcionamentos, mas sem substituir nem as teorias motivacionais, nem os enfoques sobre o aparelho psíquico, nem as teorias históricas da psicanálise. Desse segundo período são *La comunicación en terapéutica psicoanalítica* (Liberman, 1962) e as anotações de psicopatologia da Cátedra da Faculdade de Psicologia, de Liberman junto a Rafael Paz e Carlos Slutzky. Na década de 70, um terceiro período, ultrapassa as articulações com as teorias da comunicação, integrando noções provenientes da semiótica e da linguística, examinando contribuições de autores como Morris e Jacobson, e de semiólogos como Luis Prieto, e realiza uma tentativa de conectar noções da gramática gerativa transformacional de Noam Chomsky, relacionando transformações linguísticas com mudanças clínicas terapêuticas. *Linguística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico* (1970-1972), *Comunicación y psicoanálisis* (1976a) –versão resumida do primeiro livro– e *Lenguaje y técnica psicoanalítica* (1976b), que foram editados nesses anos, tentaram construir abordagens que complexizassem e enriquecessem a técnica e o método terapêuticos. De 1980 a 1983, ano em que Liberman faleceu, apareceram obras dedicadas a várias problemáticas,

entre as quais destaco os estudos sobre psicossomática, especialmente o trabalho que define a “superadaptação”, que apresentou com uma numerosa equipe de colegas no Congresso IPA de Helsinque, em 1981, e que depois ganharia forma em *Del cuerpo al símbolo* (Lieberman, Grassano de Piccolo, Neborak de Dimant, Pistnier de Cortiñas e Roitman de Woscoboinink, 1982), publicado no ano seguinte.

Se o anterior é um breve recorte *longitudinal* que pretende oferecer uma visão panorâmica em uma perspectiva cronológica, mas também conceitual, uma leitura *transversal* é mais adequada para pensar as contribuições mais relevantes desse incansável pensador.

Lieberman tentou a busca de alternativas de progresso no campo clínico terapêutico, o que também incidiria em novas aproximações teóricas e na busca de articuladores que conectassem os planos teóricos explicativos com as instrumentações e as abordagens do método analítico. Para alcançar tais objetivos, utilizou diferentes alternativas conceituais, indagando questões epistemológicas e metodológicas em buscas interdisciplinares que supunham posturas polêmicas frente à psicanálise como disciplina.

Foi dito, e repetimos, que costumava ser grande a distância entre os enunciados teóricos mais globais e a instrumentação de abordagens terapêuticas. Para Lieberman, uma das causas de tal distância era constituída pelos diferentes enfoques básicos de ambas perspectivas: enquanto as teorias explicativas referiam-se a *um* psiquismo – ainda que incluíssem aspectos relacionais que o compõem –, o método terapêutico constituía um permanente intercâmbio entre dois sujeitos; em outros termos, as teorias implicavam o estudo de um sujeito –incluindo seus vínculos com outros–, enquanto o campo clínico constituía um permanente intercâmbio bipessoal.

O caminho aberto por Lieberman foi construído a partir do seguinte método: considerar que certas contribuições interdisciplinares vinculadas à comunicação, à linguística e à semiótica permitiriam enriquecer as descrições do campo clínico, pela via das vicissitudes da comunicação e do intercâmbio discursivo entre ambos participantes. No entanto, a explicação de tais descrições e vicissitudes discursivas corresponderia aos múltiplos planos teóricos da psicanálise (diversidades motivacionais, noções sobre o aparelho psíquico, o inconsciente, a psicosexualidade, o narcisismo, as angústias e defesas infantis, o complexo de Édipo, as instâncias etc.), teorias proporcionadas pela obra de Freud e por algumas contribuições pós-freudianas exploradas por Lieberman (clássicos, como Abraham e Fenichel, autores situados nas teorias sobre relações objetais, como Melanie Klein, alguns autores norte-americanos e os já citados rio-platenses).

Essas perspectivas metodológicas e instrumentais teriam profundas consequências intradisciplinares e sustentam a postura de uma prática aberta, tanto à contribuição interdisciplinar como ao valor das diferentes contribuições pós-freudianas quanto a permitir novas vias na instrumentação teórico-clínica. No campo da técnica, Lieberman propôs dois contextos intrínsecos ao método terapêutico. Por um lado, o método *intraclínico*, no qual a abordagem supunha a inconveniência de aplicar teorias. Lieberman defendia que no campo clínico as teorias funcionavam como realimentadoras “indiretas” de tal captação, que implicava um contato emocional e comunicativo direto, e a mobilização interna, produto da análise do analista. Por outro lado, o método *interclínico*: o analista podia jogar e ensaiar, estudando o diálogo e os temas emergentes, e diagnosticar transformações ou detenções através das vicissitudes discursivas. Podia também examinar os modelos teóricos explícitos e implícitos utilizados pelo analista. Tudo isso em um contexto em que a noção de discurso não se reduz à linguagem, mas que inclui tons, acentos, pausas, mímicas, expressões corporais e registros emocionais internos do analista. Uma

reformulação metodológica, conceitual e instrumental do campo clínico, contribuição de notória atualidade.

Exploremos algumas transformações que as contribuições de David Liberman possibilitam em certos eixos sobre os quais se sustenta a prática psicanalítica:

*Redefinição das estruturas psicopatológicas:* Liberman propôs uma redefinição do modelo de *quadros* pelo de *pessoas*, baseado em seus funcionamentos comunicativos –nas obras dos anos 70–, ao qual acrescenta –nos anos 80– uma taxonomia baseada em noções sobre *estilos* e funcionamentos semiótico-linguísticos. Essas contribuições implicaram superar o reducionismo que relaciona *estrutura* e *sujeito*, e permitiram enfatizar as combinatórias registráveis na prática clínica e, por último, examinar os intercâmbios comunicativo-discursivos em cada processo singular.

*Avaliação clínica:* Liberman incluiu a possibilidade avaliativa no estudo do material clínico, estabelecendo sistemas de indicadores discursivos vinculáveis a movimentos e detenções do processo, e também a critérios de diagnóstico, previsão e terminação.

*A entrevista:* uma visão original das entrevistas e do diagnóstico, que poderia ser definida como *processual*. Propõe a realização de duas entrevistas e a avaliação de uma série de categorias (surgidas todas da psicopatologia psicanalítica), e o registro, também, dos movimentos entre a primeira e a segunda entrevista. Trata-se de um modelo diferente dos DSM, pois as categorias que propõe (crises vitais, histórias, conflitos vinculares) surgem de glossários psicanalíticos.

*O aparelho psíquico:* trata-se de um dos níveis mais abarcativos da teoria psicanalítica. Na concepção de Liberman, coloca-se a ênfase nos conteúdos do aparelho psíquico vinculáveis aos intercâmbios dentro do funcionamento emocional humano; cabe mencionar nesse contexto que a noção de representação adquire outros atributos, além dos clássicos, vinculados a registros pulsionais.

*Inconsciente:* nessa perspectiva, trata-se de uma das estruturas básicas estudadas pela psicanálise, subjacente a toda expressividade e todo conflito humano. O que esse modelo traz é a consideração de conteúdos de diferente complexidade –não só os pulsionais–, mas acentuando a necessidade de vincular as problemáticas inconscientes com expressões discursivas específicas no campo da sessão analítica –os chamados *indícios*.

*O eu:* uma das contribuições mais interessantes nessa linha de estudos são suas concepções sobre o eu, diferentes das de Freud e das da *egopsychology*. Para Liberman, trata-se de uma espécie de unidade gestáltica coordenativa, que processa experiências internas e externas do sujeito, que possui um núcleo comunicativo semiótico e processual, desenvolvido e complexizado no curso existencial emocional do sujeito. Nesse contexto, o conceito de *função egóica* –articulado com variantes psicopatológicas– implica uma complexização progressiva, baseada na internalização, no processamento e na emissão. Tais funções egóicas podem ser produtivas (quando coexistem dentro do que se considera um “eu idealmente plástico”) ou pode existir hipertrofia ou hipotrofia de algumas, o que se conecta com alternativas clínico-psicopatológicas. Um desenvolvimento de funções alteradas conduz a objetivos terapêuticos que acrescentam, à conscientização “clássica”, a produção de novos recursos a partir do processo terapêutico (novos recursos nas funções egóicas).

*Transferência:* a proposta de Liberman consiste em considerar dentro do fenômeno transferencial uma estrutura disposicional, que tende a se atualizar em certas relações. O específico de tal postura –que pode ser encontrada em outros desenvolvimentos contemporâneos– é que tal articulação –a transferência no campo clínico– vai ser fortemente influenciada pelos elementos dados pelo interlocutor; a atualização não é pré-determinada, a não ser em seu aspecto disposicional –analogia

parcial com o modelo resto diurno-desejo inconsciente infantil no sono.

*Estilo*: a noção de estilo foi construída a partir de diversos modelos semióticos e linguísticos (as contribuições de Prieto sobre “opções”, a gramática gerativa de Chomsky, as inquietações musicais de Liberman etc.). O conceito de estilo propõe uma síntese que tenta modelar opções dos falantes (analisando e analista) em suas expressões no campo discursivo. Cabe tão somente acrescentar que para tal síntese convergem correlações entre estruturas psicopatológicas, produções inconscientes e o modelo chomskiano de regras finitas e combinatórias infinitas. Das concepções sobre estilos surge a proposta da *complementaridade estilística*, que ilustra sobre modalidades de intervenção, que seriam adequadas por conta dos funcionamentos predominantes das pessoas em análise. A noção de complementaridade excede as combinatórias propostas por Liberman e pode funcionar como modelo explicativo nas múltiplas vicissitudes da clínica contemporânea.

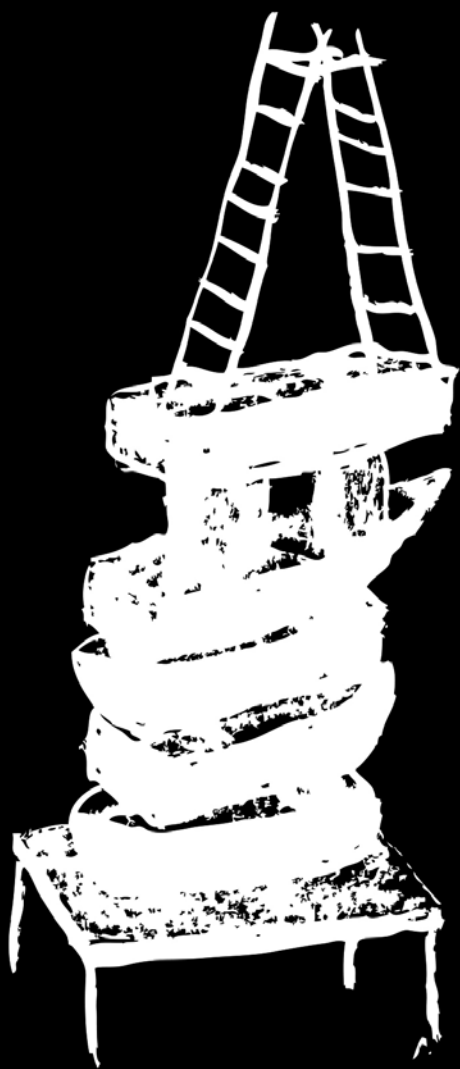
*Interpretação*: a interpretação, vinculada ao item anterior, foi uma das preocupações centrais na obra de Liberman; a noção de interpretação não implica um modelo único, senão que pode ser polissêmica e complexa, e ter mais de uma finalidade; é relevante considerar não só seus conteúdos, mas também suas formas, já que será fundamental não sua exatidão *a priori*, mas sim o processamento que o analisando fizer dela. Nesse contexto, os objetivos da interpretação, sem deixar de valorizar os da conscientização, incluem recuperar afetos, diminuir ansiedades, renarcar ou estimular funções pouco desenvolvidas. Em síntese, as intervenções do analista, nessa versão, devem contribuir para o atributo transformador do processo terapêutico.

É difícil encontrar um esquema que supere totalmente a teoria freudiana, assim como também um modelo único que abarque a complexidade dos fenômenos psíquicos. É interessante encontrar modos que ilustrem e proponham examinar a clínica psicanalítica, construindo consensos ou correspondências entre os planos teóricos e os clínicos. Nesse contexto, as contribuições de David Liberman sustentam que o campo clínico é uma estrutura de intercâmbio permanente entre dois sujeitos, através de instrumentos discursivos –linguísticos, paralinguísticos e extralinguísticos. Poderíamos situar essas contribuições em duas direções: no plano clínico, onde possibilita instrumentos e avaliações mais próximas da experiência e menos saturadas teoricamente, e no plano teórico, onde são examinadas convergências ou compatibilidades de distintos modelos –psicanalíticos e interdisciplinares– para construir o que chamamos de uma psicanálise aberta.

## Referências

- Liberman, D. (1962). *La comunicación en terapéutica psicoanalista*. Buenos Aires: Eudeba.
- Liberman, D. (1970-1972). *Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico* (vol. 1-3). Buenos Aires: Galerna.
- Liberman, D. (1976a). *Comunicación y psicoanálisis*. Buenos Aires: Alex.
- Liberman, D. (1976b). *Lenguaje y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Kargieman.
- Liberman, D., Grassano de Piccolo, E., Neborak de Dimant, S., Pistnier de Cortiñas, L., Roitman de Woscoboinink, R. (1982). *Del cuerpo al símbolo*. Buenos Aires: Kargieman.





Extramuros

## Na beirada: relato de um morador de rua em Brasília

### **Introdução: desenhando um projeto**

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no primeiro semestre de 2014, como parte do projeto “Situações de rua: histórias de vida, vínculos e sociabilidade”, acerca da população em situação de rua no Distrito Federal (DF). A situação de rua, tanto no sentido social e estrutural como em seus aspectos subjetivos, relacionais e psíquicos, será analisada aqui como forma de contextualizar o próprio processo de desenvolvimento da pesquisa. A partir da experiência de entrevistas com um sujeito de rua, tentaremos, portanto, sublinhar os diversos movimentos metodológicos desta pesquisa, destacando seu objetivo mais concreto –um processo de recolhimento de informações e também as vias de construção de uma dupla tanto social como emocional.

Em um primeiro impacto, essas histórias elaboradas nas ruas –gravadas ou anotadas em cadernos de campo– se apresentam como um despejo de miséria, pobreza, cheiros, delírios, medos e perseguições reais e imaginárias. É a partir de uma caracterização do filósofo francês Le Blanc (2007), acerca da população de rua, que começamos a denominar esses relatos de histórias à margem, tanto no objetivo de caracterizar a situação social e psíquica extrema vivida nas ruas, como pela intensa mobilização de vivências que surgiam ao escutar e construir esses relatos juntamente a esses sujeitos. Uma história de quebras e rupturas –família, amigos, escola, trabalho, cidade de origem, local de moradia; de palavras soltas, que se perdem e, parecem, nascem perdidas em memórias e histórias pretéritas e presentes. À margem de precipícios: palavras de abismos.

Segundo Le Blanc (2007), a experiência da precariedade –as vidas às margens– é, também, uma precarização da experiência, estabelece um espaço de fala marginalizado, muitas vezes sem amplitude e alcance, que, em sua condição miserável, se assemelha muito mais a ruminções; restos de palavras e memórias, afundadas ou prestes a sucumbir em uma miséria de sentidos e reconhecimento de si e dos outros em volta.

---

\* Sociedade de Psicanálise de Brasília.





e distanciamento através da sensação, muitas vezes presente nos diálogos, desse afogamento duplo evidenciado em pausas mudas, que se misturam a verborragias, esquecimentos de nomes, pessoas, lugares, recusas, ruminções ininteligíveis, momentos de euforia e situações depressivas e agressivas.

A figura de um fantasma miserável, solitário e sujo, envergonhado de sua condição, deambulando delirante pelas ruas, permeava as observações iniciais do grupo. Imagens e questionamentos baseados em receios e medos, mas que continha, desde então, desejos e tentativas de delineamentos mais amplos acerca do ato da escuta, do convívio, da troca –de receber e ser recebido– por parte desses estranhos maltrapilhos que vagam à noite, segundo preconcepções recolhidas de nossas próprias fantasias.

De uma maneira geral, pode-se pensar em pesquisas que se aproximam e pesquisas que evitam se aproximar. Se, por um lado, essas primeiras aproximações continham temores, indicavam, claramente, como nos lembra Freud (1919/1996), a familiaridade desse estranho e o nosso desejo de conhecê-lo, de tornar esse encontro familiar. É justamente através dessa tentativa de desenhar nossa avalanche de imagens não pensadas que podemos criar possibilidades de uma real aproximação tanto da rua como de nossos desamparos em relação às pessoas que nelas vivem.

Esse intercalar de movimentos (concretos e emocionais) de aproximação e distanciamento, que transita, ao mesmo tempo e sem se contrapor, entre a vontade de se aproximar e o medo de escutar, e o medo de se aproximar e a vontade de escutar, representa tanto o percurso de nossas escutas como a tentativa de construção de um *setting* de pesquisa que nos possibilitasse, além de um saber ouvir próprio de um trabalho metodológico em pesquisa social, uma escuta mais atenta e sensível tanto das concretudes como dos sentidos e vivências emocionais dessas vidas a céu aberto na grande cidade.

### **Afinando os ouvidos: preparações para escutas marginais**

Le Blanc (2007), buscando retratar a tradição da escuta dentro das etapas de uma pesquisa social a partir de relatos de vida, lembra que Freud, ao relatar o jogo de carretel de seu neto, estava apresentando tanto o acontecimento da escuta psicanalítica em si, através do brincar da criança, como o próprio movimento de aproximação e distanciamento, inerente ao ato de estar disponível para a escuta do outro. Por isso, esse processo de disponibilidade, tanto na psicanálise como dentro do âmbito da pesquisa social, é elaborado por percursos que não podem ser separados e/ou hierarquizados: aproximação, distanciamento, escuta e fala, assim como o próprio carretel, fazem parte do sentido de apreensão da experiência emocional e concreta da vida; uma escuta que perpassa o mero ato de ouvir e que é, portanto, uma troca entre uma dupla.

Dentro do contexto da metodologia de pesquisa social, o sociólogo italiano Franco Ferrarotti (1983) tenta também demonstrar esse movimento de aproximação e distanciamento, ao explicar que entre os pesquisadores e os narradores existe uma relação direta, que por isso mesmo é frágil (no sentido pendular de distância física e emocional), imprevisível e problemática, sem qualquer tipo de resultado esperado. O que está em jogo, segundo o autor, não são só palavras, mas gestos, expressões do rosto, movimentos da mão, a expressividade do olhar; um diálogo polifônico –com matizes concretas e emocionais– no qual nenhum dos presentes está excluído. Em um primeiro impacto, essas histórias recolhidas nas ruas, gravadas ou anotadas em cadernos de campo, se apresentam como um despejo de miséria, pobreza, cheiros, delírios, medos e perseguições reais e imaginárias.

Os relatos de vida não são um instrumento metodológico que se referem unicamente a um conjunto de fatos e à relação entre eles, mas inclui também o investimento emocional do narrador e também do pesquisador. Por isso, à medida que são relatados, se tornam progressivamente objetos de análise, mecanismos interpretativos, tanto pelo próprio sujeito da pesquisa, em nível mais individualizado, como pelo próprio pesquisador, dentro de referências teóricas e, por que não, emocionais. É um relato dotado de uma afetividade particular justamente porque é através dele que o sujeito se reconta e se reafirma.

De certa maneira, explica Germano (2013), contar a própria história é uma forma de reviver os eventos que se recorda e é também um ato de (re)elaboração de sentimentos, emoções e ações que lhes estão associados. Nesse sentido, uma história de vida não constitui simplesmente um relato objetivo e exaustivo de eventos ocorridos na vida do narrador, nem exterior a eles, nem meramente um relato desinteressado. Pelo contrário, é um relato dotado de uma afetividade particular justamente porque é através dele que o sujeito se reconta e se reafirma como uma identidade tanto distinta das demais, mas com capacidade de relacionamento com as mesmas.

É nesse sentido que o próprio funcionamento do fazer psicanalítico e da maleabilidade do mundo psíquico abrem espaço para que o processo de pesquisa se torne também mais criativo e sensível a esses movimentos de longe e de perto, que atravessam sujeitos e pesquisadores, a esse diálogo feito de muitas vozes.

A tentativa é, portanto, estabelecer um diálogo entre o processo de pesquisa de campo e os aportes psicanalíticos a respeito do trabalho clínico, buscando compreender as possibilidades de abertura crítica e sensível que o pensamento teórico clínico oferece por se questionar, constantemente, o encontro da dupla analista-analisando. Embora essa dupla psicanalítica possua especificidades e contextos próprios, muitos dos seus movimentos nos permitem analisar esse processo de pesquisa sob uma perspectiva emocional e, portanto, viva (Ogden, 2013), não só por parte dos entrevistados, mas também em relação aos pesquisadores.

Claudia Girola (1996), antropóloga franco argentina, afirma que os relatos dos sem abrigo (denominação europeia para a população em situação de rua) é inicialmente, sempre, um contar quase mítico de histórias de perdas. A escuta dessas vidas deve tentar, como reforça a autora, a partir de uma atenção mais sensível, ultrapassar esse sentido primeiro de perdas, não para deixar de ouvi-las, mas para entrar em contato com outras palavras (justamente aquelas que não estão fixas) e, portanto, com outras construções de perdas e ganhos formadores de uma condição de realidade social e psíquica permeada por faltas, mas que não deixa de ser humana.

Construir relatos para manter as palavras vivas, como explica Ogden (2013). Para se tentar apreender algo da experiência de vida e construir, a partir da dupla, um vínculo vivo, onde, por isso mesmo, as palavras são movediças – não fixadas através de um único significado –, através de suas imprecisões e expressividades. *Corpos errantes* (Frangella, 2004) e palavras errantes, brutas, muitas vezes escondidas.

Ao construir, dentro do contexto psicanalítico, a ideia de inconsciente, Freud, explica Ogden (2013), amplia o espaço da palavra, que se torna o principal instrumento de aproximação e também de barreira ao outro, inaugurando um tipo de comunicação sensível entre paciente e analista. Palavras que demandam um desejo de compreender e ser compreendido, e a escuta, como via de acesso, a esse desconhecido, não como deciframento de significado, mas a partir de associações, descoladas do seu significado concreto, descolado das palavras reais.

Como coloca Minerbo (2009), a escuta psicanalítica compreende uma maneira peculiar de escuta descentrada, fora da rotina da conversa cotidiana, pois tenta

colocar em evidência representações da identidade, ampliando o repertório do paciente das formas de sentir, pensar e agir; tentando, enfim, captar a vida das palavras.

Na conversa analítica, explica o autor, os detalhes dissonantes e marginais permitem sinalizar a presença de outros sentidos e lógicas às palavras, mobilizando na dupla um repertório mais livre de associações. Essa escuta das dissonâncias, nas palavras de Minerbo (2009), parte em busca de elementos que se referem, também, a um funcionamento primário não verbal: estilo, estrutura da fala, sua função, clima emocional criado, a mobilização criada no analista na tentativa de recortar e recompor uma nova composição emocional para o paciente.

No mesmo sentido de Minerbo (2009), mas dentro da área da própria pesquisa social, Manuel Delgado (2007), antropólogo espanhol, afirma que a pesquisa na e da rua deve buscar evidenciar, justamente, as palavras e o sentidos marginais na tentativa de dar conta não somente do significado concreto dessas enunciações, mas também do ritmo fluido e efêmero, próprio desses espaços urbanos. É preciso, segundo Delgado (2007), criar dispositivos de escuta que possam recolher as marginalidades dos sentidos das ruas; os restos de discursos desses seres, que vivem de restos, de materialidades e simbolismos jogados na rua, abandonados, muitas vezes prontos para se afogarem e sumirem no anonimato de rumos ignorados.

A rua é um lugar de passagem, do transitório, do impessoal ou, como coloca DaMatta (1997), da competição anônima do mercado. Caminho que leva ao trabalho, ao lazer, ao culto e às compras. Espaço do fugaz, mas também *locus* de uma maneira de se construir sociabilidades. Tanto a casa como a rua foram conceitualizadas, pelo autor, como diferentes espaços de sociabilidades, produtoras de significações culturais. Enquanto a casa manteve-se na sociedade brasileira como espaço de uma ética conservadora, e a rua, como espaço significante de uma ética liberal, tanto no sentido de ser o lugar do exercício da igualdade, sob a perspectiva da cidadania, quanto no sentido de ser o lugar da competição. A casa e a rua, no Brasil, se constituem em duas categorias sociológicas, cada qual com regras muito próprias de sociabilidade, cada um desses lugares configurando possibilidades de comportamentos, gestos, roupas, atitudes, visões de mundo, éticas particulares. Como o próprio autor ressalta, o universo cultural brasileiro é, sobretudo, um universo relacional, avesso à igualdade.

Girola (1996) afirma em seu trabalho que a rua possui diferentes zonas de inviabilidade – mais ou menos profundas. Diferentes vivências na e da rua. Diferentes narrativas, trajetórias, situações. Ou seja, não existe uma condição ou existência de rua, também por não haver somente um tipo de rua, em seu sentido social e simbólico.

É a partir dessas várias possibilidades de elaborar perspectivas sobre esse mundo emocional e social, vivido a céu aberto, que essa pesquisa, ao invés de tentar esquadrihar (social e psiquicamente) as palavras às margens, tenta elaborar conjuntamente com esses indivíduos uma disponibilidade de fala e escuta dessas histórias; uma espécie de atenção flutuante, em relação ao outro que está ali. Construir relatos para, quem sabe, também, não se afogar.

Importante ressaltar que essas palavras às margens, extraídas do relato de um único morador de rua, não nos permitem construir generalizações teóricas acerca das inúmeras e diversas vidas nas ruas, mas não impede, todavia, uma análise crítica de como essas vidas às margens são indícios de aspectos de vulnerabilidade e fragilidade social e psíquica que extrapolam o cenário meramente individual e subjetivo. Esses indivíduos vagam de emprego, de lugares, de “casas”, de abrigos; situações sem qualquer forma aparente de continuidade ou de um projeto mais ou

menos racional de vida. Mais do que uma forma de excedente social (Castel, 2003), esses indivíduos se caracterizam pela ordem aleatória de suas vidas e, portanto, de escolhas, sentidos e narrativas.

### **Deusdete: a vida (d/n) as beiradas**

Nossos encontros com Deusdete aconteceram entre abril e junho de 2014. No total, foram oito encontros curtos, permeados por interrupções e uma dificuldade de sair de um espaço e de um enredo “na beirada”, como mesmo define o entrevistado. As gravações e anotações foram expressamente permitidas pelo entrevistado. Nosso percurso de entrevista foi interrompido com o desaparecimento do entrevistado.

Como demonstramos, a escuta dessas histórias tem como pano de fundo a construção de relatos de vida, de sociabilidades e sensibilidades das ruas, e, por isso mesmo, a liberdade que o trabalho psicanalítico oferece se torna, naturalmente, um dos instrumentos utilizados tanto no ato da pesquisa como na análise dessas histórias.

Nesse sentido, muitas das construções, expressas ou não, que ocorrem durante os diálogos retratados, embora possuam tinturas e perspectivas psicanalíticas, não têm, em nenhum momento, intenção terapêutica ou mesmo de chegar a um diagnóstico.

Para além de um reducionismo diagnóstico-terapêutico, a psicanálise oferece aberturas ao processo de pesquisa em outros sentidos. A partir, por exemplo, da possibilidade de construir esses relatos em forma de ficções, no sentido explicado por Michel de Certeau (2011) sobre o trabalho histórico de Freud. Para o historiador e filósofo francês, Freud foi um analista histórico de precisão cirúrgica, ao explicitar a necessidade de o analista investir (afetiva, imaginária e simbolicamente) no próprio narrar, de marcar seu lugar, substituindo a necessidade de um relato “objetivo” (visando um real), por um narrar que é ficcional, que declara sua relação com o lugar singular de sua produção (Certeau, 2011).

E não uma simples relação, mas um diálogo intenso de transferências em todos os sentidos de direção dessa dupla.

Avistamos Deusdete sentado à beira de um paralelepípedo de uma marginal que liga o Plano Piloto a uma de suas cidades satélites, Guará. Cabelos ralos, longos e cinzas, a barba cheia, grisalha. Usava sempre uma calça de ginástica, e tênis velhos e surrados. Carregava uma única mochila e estava sempre de pé, apontando os dedos para os carros, como se estivesse contando-os.

Ao avistá-lo algumas vezes, de passagem com meu carro, arrisquei um dia tentar conversar com aquela figura que me chamou a atenção pelo inusitado do local onde estava e pelos gestos, sempre efusivos e marcantes. Parei o carro em um estacionamento distante e andei quase um quilômetro para avistá-lo.

A ideia de uma entrevista sempre carrega em sua dinâmica uma série de perguntas e respostas. O momento do primeiro encontro –entre o pesquisador e seu provável sujeito de pesquisa, ou entre analista e o seu provável paciente, na rua ou em um consultório de psicanálise– teoricamente também tem essa estrutura de entrevista. Mas acontece, invariavelmente, um tipo de questionamento antecipatório consigo mesmo, desde quando se decide se aproximar desse outro, a pé, sozinho ou em grupo, ou dentro de um consultório.

Tanto sobre o outro –quem será aquele de que estou indo atrás? Nome? Vai querer conversar comigo? Vai me expulsar a gritos ou com um silêncio penetrante? Verborrágico? Doido paranóico? Ermitão? Intelectual? Nervoso? Agressivo? – como sobre mim: o que eu estou fazendo aqui? Escutar o quê? Vale a pena? Nervoso? Pesquisador? Psicanalista?

Ao chegar, no entanto, não demorei e pedi licença, sentando logo ao seu lado, perto de carros que passavam em alta velocidade. O sol e o barulho do tráfego, achava eu, faziam daquele lugar um espaço inapropriado para qualquer tipo de conversa. Não estávamos propriamente em um lugar, mas em uma espécie de penhasco –veio essa imagem à minha mente.

Pesquisador (P) – Eu me chamo Pedro e estou fazendo uma pesquisa sobre pessoas que vivem na rua. Posso conversar com o senhor?

Não sabia se gritava, se falava baixo. Não escutava o retorno da minha própria voz.

Sua primeira reação foi de espanto, ao ouvir uma voz com a intenção e o desejo claro de conversar com ele. Logo se levantou, adentrando o acostamento e respondendo em tom de desafio:

Deusdete (D) – Mas estou na minha hora de descanso. Se o senhor não se importar de conversar aqui.

(P) – Não me importo, lhe respondi com a mesma presteza. Só me importo em ser chamado de senhor, disse-lhe, numa tentativa de quebrar supostas e prévias hierarquias. Levantei-me e fiquei ao seu lado.

(D) – Prazer, Deusdete; disse, estendendo a mão calejada e grossa para me cumprimentar.

(P) – Pedro, respondi.

Ficamos em silêncio. Deusdete, meio alheio, olhava para os carros, como se, no momento, o fato de termos nos encontrado e apresentado já fosse uma conversa grande. De minha parte, havia uma série de perguntas que preferi, por experiência, não despejar em cima dele de uma vez.

(P) – Você me disse que está descansando. Trabalha por aqui?

Deusdete não ouviu minha pergunta. Precisei lhe perguntar mais alto para sobrepuzar o intenso barulho. A sensação de desconforto era grande, mas já tinha sido avisado que aquele lugar não era qualquer um, mas sim seu espaço de descanso. Que tipo de trabalho e de descanso serão esses?, me questionava.

(D) – Conto carros. O caminhão do meu irmão passa por aqui de duas em duas horas. Se eu perder, embaralha toda a logística.

Tentando conter a curiosidade, diante do incomum do seu trabalho, “contar carros”, “caminhão do irmão”, “logística”, perguntei-lhe se passava o dia inteiro no trabalho contando carros.

(D) – Conto só os carros ímpares. Chego cedo, descanso agora um pouco e fico até o fim da tarde. À noite, quando o irmão termina o serviço, eu também termino o meu. Depois vou para casa.

(P) – Então o seu local de trabalho não é o mesmo local de descanso?

(D) – É tudo a mesma coisa. Tem horas em que eu estou trabalhando, tem horas que estou descansando. Mas é tudo a mesma coisa: trabalho, descanso, trabalho de novo.

(P) – E não se confunde?

(D) – Não, porque trabalho e descanso ao mesmo tempo.

Ainda sem entender seu trabalho e insistindo, perguntei-lhe:

(P) – E seu irmão passa sempre nesses horários?

Deusdete pareceu confrontado com minha dúvida ao responder a questão, pois logo depois encerrou nosso primeiro diálogo de forma abrupta.

(D) – Passa sim, responde correndo para o meio da pista, para recolher uma calota que havia se soltado de um carro. Volta a se sentar e a coloca no gramado junto com mais umas cinco que ele havia recolhido e eu ainda não havia percebido que lá estavam.

(D) – Agora, se o senhor me dá licença, preciso voltar a trabalhar.

(P) – Posso me sentar aqui, para ver o seu trabalho?, insisti, para permanecer.

(D) – Pode, mas não dá para a gente conversar, não. Se eu perco um caminhão, a logística fica toda atrapalhada e meu irmão não volta nunca mais.

Deusdete parece compenetrado numa espécie de mantra. É impossível distinguir se ele está realmente contando carros, rezando ou cantando. Sorri quando passa um desses caminhões grandes de vários eixos. Parece estar assistindo a um espetáculo. Se sente um pouco desconfortável com a minha presença, mas permanece ali, quieto, “para não atrapalhá-lo”.

Depois de uns 15 minutos, onde não houve diálogo, Deusdete me convida.

(D) – Olha, se quiser, volta amanhã, chego um pouco mais cedo porque dá para a gente conversar melhor.

(P) – Claro. Gostaria muito de entender o que você faz.

(D) – Eu fico pelas beiradas, me responde, sorrindo.

Saí dali, atravessando as ruas no meio do trânsito, em busca do estacionamento onde havia deixado meu carro, em frente a um grande supermercado. Não estava assustado, mas curioso. Sua última frase, “fico pelas beiradas”, serviu como uma costura para esse nosso primeiro encontro (além de, consciente e/ou inconscientemente, apresentar sua condição de vida material e, quem sabe, psíquica). Uma beirada barulhenta, desconfortável, mas local de trabalho de Deusdete.

Conjecturas possíveis. No fim, só sabia disso: ele vive nas beiradas.

No outro dia, como combinado, estava lá um pouco mais cedo para poder conversar com Deusdete. Sorri quando me vê chegar. Está com uma garrafa de pinga já pela metade.

(D) – Ei, meu irmão. Veio mais cedo hoje, hein? – me recepciona assim, mostrando os dentes estragados e a boca esburacada.

(P) – Trabalhou muito ontem?

(D) – Muito. Se eu não faço isso, ninguém faz, e meu irmão não consegue entregar a carga dele.

(P) – E como chama seu irmão?

(D) – Deocideo.

(P) – Ele que te empregou aqui, para contar carros ímpares?

(D) – Foi o patrão dele, que um dia passou aqui, parou a limusine e me falou que meu irmão estava por um triz para perder o emprego e que eu tinha que ajudá-lo. Irmão, né? A gente ajuda. Sangue do sangue.

(P) – Ele mora com você? – eu conseguia perceber que minha curiosidade era grande em tentar decifrar, mesmo que concretamente, esse homem, seu trabalho, seu irmão, suas “beiradas”.

(D) – Ele mora longe. Nunca mais vi. Só vejo o caminhão dele passar um tanto de vez por dia. Ele não me vê e nem eu o vejo. Só o caminhão.

Fico em silêncio. Percebo que Deusdete está mais aberto para nossa conversa. Sem mesmo perguntar, ele continua,

(D) – Moro sozinho. Não tenho irmão, nem família, nem filho, nem pai, nem mãe. Ele me trouxe para cá e sumiu no mundo fazendo carreira de carga importante. Aí eu descobri um dia que ele passava por aqui. Fiquei aqui, esperando para ver se passava de novo (...). Ele é famoso, mas é famoso porque eu cuido da logística, como o chefe dele me pediu para fazer.

(P) – Você é como um ajudante dele, então?

(D) – Secreto. Das beiradas

De novo, a palavra “beiradas” me chama a atenção.

(P) – Ontem você me falou que fica nas beiradas e, hoje, que é um ajudante das beiradas.

Deusdete me interrompe.

(D) – Minha vida é nas beiradas, moço. Não tem centro, não. Moro ali no meio do mato. Arrumo um dinheirinho ali na porta do trem, depois venho para cá, trabalhar. Mas é trabalho que não dá dinheiro. Então eu fico na pinga, no pão, na pinga. O chefe do meu irmão nunca falou como vai me pagar e nunca mais parou aqui. De vez em quando vejo a limusine dele, mas não para.

Será que esse irmão está vivo? Pois existir, pelo menos em seus relatos, ele existe e passa rente a Deusdete várias vezes ao dia. Quem é esse chefe? Deusdete me interrompe, para falar que gostaria de ficar sozinho.

Vou embora, confuso com seu relato. Preso às suas beiradas e também na beirada de uma vida que gostaria de conhecer mais. Estava encharcado de suor, misturado com a fumaça de carro e o cheiro de alguma carniça, que por lá estava ao sol.

Reparei em mim e imediatamente me questionei: como ele aguenta isso o dia inteiro? Por quanto tempo? Ele me disse que é seu local de trabalho. E sua moradia, que diz ser no meio do mato?

Por dias, nossos encontros, interrompidos pela sua necessidade de trabalhar, se limitaram a conversas curtas, onde Deusdete e eu ficávamos presos nos “carros ímpares” e em sua preocupação com a “logística do irmão”, descritos em falas quase monossilábicas.

Em um deles, Deusdete pouco falou comigo e estava nervoso porque, segundo ele, a logística vinha se atrasando, colocando em risco o trabalho do irmão.

(D) – Hoje está tudo atrasado. Tenho que fazer hora extra. Aí passa de mil, dois mil carros por hora.

(P) – Parece que está bastante atarefado, então?

(D) – Muito, meu irmão depende disso.

(P) – Disso o quê?, insisto, para tentar abrir caminho em nossa conversa.

(D) – Tem que passar no mínimo dois mil carros por hora aqui. Na hora extra.

(P) – E você tem que contar até dois mil carros por hora?

(D) – Até mais do que isso. Ele tem boca para alimentar, mulher, filhos, casa. Eu não posso largar ele de mão.

Ficávamos na contagem dos carros e, por vezes, passava algum tempo assistindo-o fazer seu trabalho. Enquanto meus questionamentos advindos das minhas sensações se acumulavam, percebia que Deusdete, pelo menos aparentemente, não expressava emoções verbalmente. Eram atuações confusas e poderosas que me enredavam em sua história.

Por isso, em outro encontro, resolvi arriscar, em nome de um desconforto meu, que por ora não era o seu, pelo menos conscientemente.

(P) – E essa vida na beirada parece barulhenta. Não seria mais calmo fazer essa contagem em outro lugar?

(D) – Eu gosto dessa zueira. Não deixa a cabeça vazia, e todo mundo me conhece por aqui. Tem gente que grita, que cospe, joga coisa. Mas tem gente que para e dá comida, manta de frio.

(P) – E você começa a trabalhar que horas?

(D) – Cedo eu vou até a padaria. Se tem dinheiro, compro pão e pinga. Quinze pães, dá para dois dias. A garrafa, só para um dia mesmo (risos). No dia em que não tem dinheiro, vendo as calotas para oficina ou peço lá na porta do trem, perto da feira.

Sinto que aos poucos aquele espaço/diálogo claustrofóbico vai se abrindo a partir de alguns outros caminhos.

(P) – Gosta lá da feira?, pergunto, sonhando sobre se algum dia Deusdete esteve em algum lugar que não fosse na beira da marginal.

(D) – Gosto nada. Vou lá só para pedir, passo na padaria e corro pra cá. Mi-



nha vida é *trabaiá*, cantarola, sorrindo várias vezes. E começa a contar os carros de novo.

(P) – E a sua casa, Deusdete?, pergunto, apostando comigo mesmo que, se desse para dormir aqui no acostamento, ele dormiria.

(D) – Vou lá só para passar umas horinhas e deitar o corpo, porque dormir eu não durmo, não.

Quando estava digerindo minhas conjecturas e suas respostas, Deusdete me dá um empurrão quase infantil e diz calmo, mas pela primeira vez, me parece, emocionado:

(D) – Agora sai, que estou ocupado.

Guardando minha vontade de começar ali um discurso moralizante sobre empurrões, ou mesmo de falar sobre sua raiva, virei-me e fui embora. Senti-me expulso no momento em que Deusdete se emocionou. Emoção-empurrão, empurrão-emoção.

No outro dia estava lá, embora, depois da primeira vez, evitava passar dias seguidos. Fui recebido com um aviso:

(D) – Agora estou contando.

Sentei-me, e Deusdete ficou repetindo a frase, em forma de cantos, gritos, danças, urros. Por vezes, olhava-me em tom de desafio. Não me sentia convidado a levantar e estar próximo a ele para, quem sabe, iniciar uma de nossas conversas novamente.

Esperei cerca de uma hora, e Deusdete não parava de pular e gritar. Um outro tipo de empurrão. Dessa vez, cheguei perto dele e disse:

(P) – Se não quiser conversar, é só dizer.

Embora soubesse que ele estava dizendo que não queria conversar, a realidade de ser expulso pela segunda vez seguida me frustrou.

Quando resolvi voltar, três dias depois, passando pela marginal não avistei Deusdete. Ainda parei o carro no local costumeiro e fui a pé até o nosso local de conversa. Pensei em me dirigir para a mata perto, no intuito de aparecer em sua casa, mesmo não sendo convidado. De longe, não avistei a lona azul e preta que ele havia me mostrado somente à distância.

Por duas semanas ainda tentei passar pelo local, em diferentes horas, mas em vão. O espaço tortuoso desses relatos também é indício tanto do seu início como do seu término, muitas vezes, o de se perder e o perder-se do entrevistado: rumos ignorados.

### **Contando carros ímpares, elaborando identidades perdidas**

A transcrição de um relato oral, ao ser materializado pela escrita, possui sempre, em sua essência, uma perda de expressividade e de momentos emocionais importantes. A história, ou pelo menos a tentativa de construir uma história de vida juntamente com Deusdete, não é diferente.

A tentativa de transcrever as sensações impactadas com a aproximação e a escuta das histórias de Deusdete parece falha ao tentar relatar o desconforto e a sensação de desamparo causados. Enquanto ele dizia “beirada”, eu sentia/ouvía precipício, abismo. Enquanto Deusdete circulava e vociferava por entre os carros, a sensação agorafóbica de queda livre se instalava em mim.

Castel (2003), ao demarcar o lugar dessa margem, define esse indivíduo como supranumerário, a partir de uma trajetória social aleatória. E que não é somente social, mas psíquica também. A rua, espaço de moradia e vida de vários supranumerários, os “sem-identidade”, é representada justamente por esse funcionamento

desvinculatório e fragmentário dos indivíduos aqui analisados. Os indivíduos em situação de rua vivem em um contexto radical de insegurança e flutuação errante dentro desse percurso social. Essa condição de sobrança social não significa, todavia, uma forma de inexistência social, mas sim de uma condição marcada por rupturas de vínculos e relações sociais concretas e simbólicas.

Rua, espaço de violências físicas, simbólicas e psíquicas, um abismo de concreto. A cidade grande é justamente o lugar das ruas que crescem e se tornam marginais; supervias, onde Deusdete pôs-se a contar.

A leitura do psicanalista André Green (1988) sobre o indivíduo fronteiro abre espaço para novas perspectivas sobre fronteiras e margens, tanto como vivências psíquicas como estados sociais. Para ele, a confusão entre pensamentos, representações e afetos é o demarcador desses estados fronteiros, organização singular e frágil nos seus limites intrapsíquicos e relacionais.

O relato confuso, movimentado de sensações e atuações ao mesmo tempo, se articula com o que Green (1988) destaca como ponto característico do fronteiro: uma dificuldade em separar interno/externo, dentro/fora, eu/outro.

Pela estranheza de viver na beirada momentaneamente com Deusdete, deve-se tomar cuidado para não patologizar instantaneamente um arranjo mental, que muitas vezes serve como uma defesa à rua e suas várias violências. Girola (1996) chama a atenção para o perigo de uma caracterização determinista da população de rua, da sua condição psíquica e do espaço onde vive e, muitas vezes, trabalha e habita. Para a autora, não seria possível afirmar que uma situação de extrema pobreza gera tão somente condições materiais, sociais e psíquicas negativas, ou mesmo situações (concretas e simbólicas) únicas, onde essa população –considerada um grupo único e estanque em características, identidades, histórias de vida, motivações– estaria tão somente lutando por uma sobrevivência miserável.

Ruminações e invenções ao mesmo tempo. Essas palavras marginais, como denominamos esses relatos, ficavam (e ainda ficam) impregnadas em que as vive, cheira, vê e ouve. Tudo pela beirada de realidades massacrantes e ficções confusas.

As fronteiras de Deusdete, penhascos geográficos e emocionais, apareciam em seus relatos a ponto de eu não saber ao certo se os carros ímpares, o irmão, a lojística, o chefe em sua limusine eram reais, lembranças próprias, invenções ou alucinações. Suas histórias deslizavam, por vezes de maneira violenta, em forma de gritos, empurrões e isolamento, em cantigas e ruminações incompreensíveis para quem as ouve.

Nossos encontros se movimentavam em palavras (vivências) de vida e morte: a imagem de uma pessoa se debatendo, lutando contra um possível afogamento. Permeadas por relatos curtos: excessivos e ausentes ao mesmo tempo. Como ressalta Green (1988), o fronteiro oscila psicicamente entre um excesso de presença e uma ausência excessiva, resultando em intensas angústias de intrusão e de separação, que revelam o estado de permanente fragilização identitária.

Nossas entrevistas foram sempre carregadas por emoções, incompreensões e angústias. Nesse sentido, o movimento pendular do processo de pesquisa de aproximação e distanciamento –remetendo novamente à imagem do jogo do carretel– é também um jogo de vida e morte, conhecimento e estranhamento.

Veena Das (Ortega, 2008), antropóloga indiana, sugere que a escuta de episódios de dor deve partir do princípio de que esses relatos são formados por palavras que demandam, a todo instante, reconhecimento e um espaço de disponibilidade concreta e emocional de escuta. Uma das preocupações acerca do trabalho desse tipo de escuta é justamente esse sentido fragmentário que acaba por dificultar ainda mais a aproximação de quem sofre e de quem escuta esses sofrimentos. As dores

(não suas causas imediatas e objetivas) não possuem um encadeamento lógico, a partir de fatos cronológicos, mas se espalham pelo corpo, na mente e nas palavras de quem conta. Nesse possível espaço que se cria, está a possibilidade de construir formas e momentos de troca e acompanhamento. Por parte do investigador, ressalta Veena Das (Ortega, 2008), existe a possibilidade de espaços de aproximação, compreensão e análise desse outro em sofrimento.

Talvez o grande desafio dessas palavras náufragas seja acompanhar seus movimentos, a fim de poder escutá-las. Como coloca Ogden (2013), as palavras vivas de uma relação analítica partem da ideia, já estabelecida em Freud, de apreender e acompanhar o movimento do mundo inconsciente. Palavras da e na rua, em movimento constante; frágeis, fáceis de serem mortas atropeladas ou por afogamento. No entanto, ao mesmo tempo, possuíam a força de movimentar minhas emoções depois de nossas conversas, enquanto voltava para casa, abrigo seguro e estável que Deusdete há muito havia perdido e que, dramaticamente, parecia perder sempre e, por isso, sofrer sempre.

Quando Le Blanc (2007) aponta a precarização desses indivíduos, concreta e simbólica, destaca, entre outras coisas, a fragilização da voz como um ponto de inflexão que caracteriza uma situação de precariedade. A ausência não se daria pela inexistência da voz e das palavras, mas sim pela falta de um espaço onde essas vozes poderiam ser ouvidas, pela falta de escoamento desses discursos e, portanto, pela incapacidade que essas vozes possuem de criar uma identidade compreendida pelo outro.

Dias depois de não conseguir encontrar mais Deusdete, um dos membros do grupo de pesquisa trouxe uma notícia relatando a morte de um “morador de rua” por atropelamento, exatamente na região onde ele costumava ficar. O motorista fugiu, segundo algumas testemunhas que não conseguiram anotar a placa do carro. No jornal, não havia nomes. Segundo a polícia, o indivíduo não possuía identidade.

## Resumo

O artigo apresenta a elaboração de um plano metodológico de uma pesquisa realizada com população em situação de rua em Brasília (Brasil), partindo do indicador de que um processo de pesquisa, mais do que ações instrumentais visando objetivos claros e percursos pré-definidos, também é uma forma de encontro, que envolve tanto situações concretas como fatores subjetivos e emocionais. A partir do relato de vida de um morador de rua, busca-se discutir e analisar aquilo que chamamos de “palavras à margem”, indicadoras de um relato e de um espaço significativos tanto da sua condição social e estrutural como de suas vivências psíquicas e construções simbólicas. O artigo tenta construir, transversalmente, um diálogo entre o material teórico e de campo, e uma perspectiva psicanalítica acerca, principalmente, do trabalho analítico a partir da relação da dupla.

**Palavra-chave:** *Método psicanalítico.*

**Candidatas a palavra-chave:** *Situação de rua, Relatos de vida, Pesquisa de campo.*

## Abstract

This article presents the elaboration of a methodological planning of a survey about the homeless population in Brasília (Brazil). It starts from the idea that a research process, rather than instrumental actions searching clear and pre-defined pathways, it is also a way of meeting that involves both concrete situations and subjective and emotional factors. From the life history of a homeless, we intend to discuss and

analyze what we call “words on margin”, that indicate both social and structural conditions and psychic and symbolic constructions. This article attempts to build a dialogue between theoretical and field material and a psychoanalytic perspective based on the relationship of the analytical pair.

**Keyword:** *Psychoanalytic method.*

**Candidates to keywords:** *Street life, Life histories, Field research.*

## Referências

- Castel, R. (2003). *As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário* (4ª. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Certeau, M. de. (2011). *História e psicanálise: Entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DaMatta, R. (1997). *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (5ª. ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Declerck, P. (2006). *Los naufragos*. Madri: AEN.
- Delgado, M. (2007). *Sociedades movedizas: Pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Anagrama.
- Escorel, S. (2000). *Vidas ao léu*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Ferrarotti, F. (1983). *Histoire et histoires de vie: La méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Librairie des Méridiens.
- Frangella, S. M. (2004). *Corpos urbanos errantes: Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo* (Tese de doutorado). Recuperada de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000320956>
- Freud, S. (1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 83-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Germano, I. M. P. (Novembro, 2009). *Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social*. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social - Abrapso, Maceió.
- Girola, C. (1996). Rencontrer des personnes sans abri: Une anthropologie réflexive. *Politix*, 9(34), 87-98.
- Green, A. (1988). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Le Blanc, G. (2007). *Vidas ordinarias, vidas precarias: Sobre la exclusión social*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Minerbo, M. (2009). *Neurose e não neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ogden, T. H. (2013). *Reverie e interpretação: Captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Ortega, F. (Ed.). (2008). *Veena Das: Sujetos del dolor, agentes de dignidad*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.



## Videla ou a liberdade em um ditador\*\*

*Não era o ditador típico, modelo Pinochet [...], também não fui um militar autoritário. Sim, fui um ditador no sentido romano do termo [...], por um tempo determinado, para salvar as instituições da República. Atenção: gostaria de não ter tido que ocupar o governo para salvar as instituições da República. Fui um militar que cumpriu o seu dever, que ocupou o governo como um ato mais de serviço.*

Jorge Rafael Videla  
entrevistado por Ceferino Reato, *Disposición final*

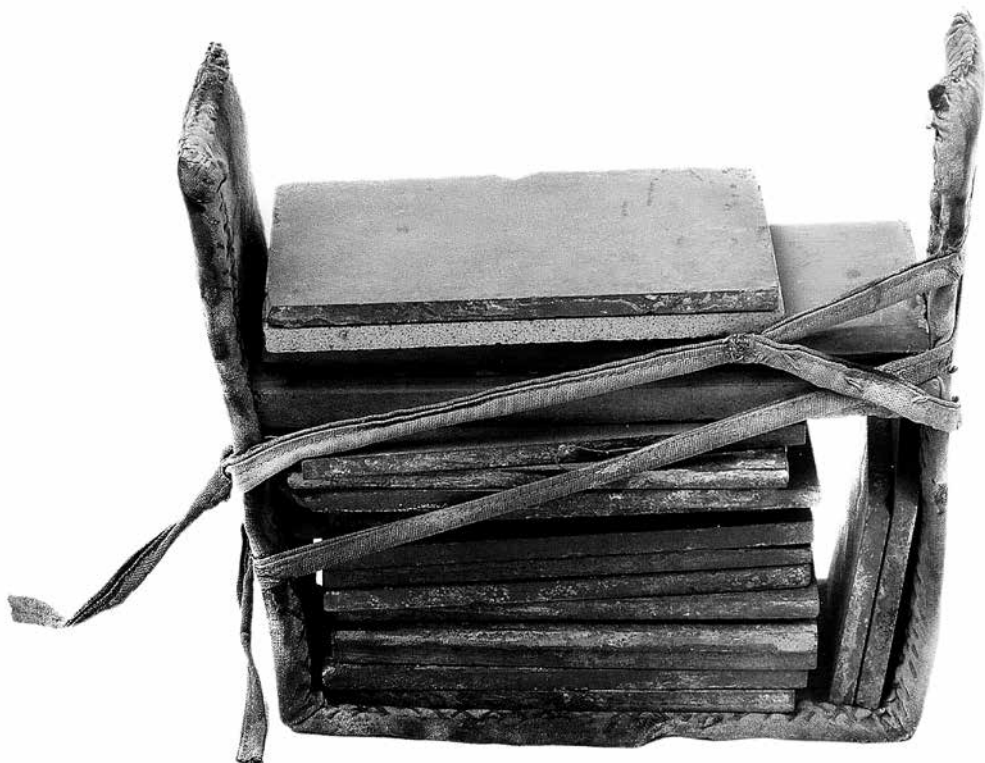
### Introdução

Durante a década de 70, a Argentina foi assolada por um autodenominado Processo de Reorganização Nacional, sob responsabilidade de uma junta militar –cujo chefe máximo foi Jorge Rafael Videla–, que assaltou o poder em 24 de março de 1976 e desencadeou, sobre a população, uma repressão generalizada, desconhecida em sua forma até então e que hoje se conhece como terrorismo de Estado, caracterizada por praticar a ilegalidade, pelo sequestro de pessoas, pela detenção em centros clandestinos, por tortura, estupro, assassinato, desapareção de corpos, roubo de bebês e adulteração de identidade. A personalidade pública de Videla emerge como a de um homem de costumes austeros, simples, devoto cristão e humilde pai de família que o destino colocou em um lugar que ele não desejava. Rosto visível da Junta Militar, justificou sua ação pela defesa dos valores ocidentais e cristãos contra o comunismo, invocou seu pertencimento à confissão Católica Apostólica Romana e, durante o Juízo das Juntas (1985), proclamou-se inocente das acusações, por ter cumprido o seu dever, justificado plenamente pelo momento histórico. A seguir, tentaremos indagar psicanaliticamente por quais estranhos mecanismos um sujeito pode apoiar e ordenar de modo consciente crimes de lesa-humanidade, baseado em um sentido do dever que abre as portas para a satisfação de pulsões agressivas e para o exercício de uma liberdade irrestrita, quando –segundo veremos– nunca pôde exercer a liberdade como homem civilizado.

---

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.

\*\* Prêmio Psicanálise e Liberdade.



### **Alguns dados da sua história pessoal**

Jorge Rafael Videla carregava os nomes dos irmãos gêmeos que o antecederam, Jorge e Rafael, mortos pouco tempo depois do nascimento. Trata-se de um detalhe nada insignificante na vida de um homem acusado de dirigir a matança de compatriotas (irmãos) mais incomum e atroz da história argentina. Existiu durante a ditadura uma caracterização dual dos seus máximos responsáveis (atualmente considerada como propaganda proveniente das usinas de inteligência), que os dividia em “duros” e “brandos”, e tinha por objetivo não criticar demais os últimos, já que a opção eram os outros. Videla era o máximo expoente dos “brandos” (Seoane, 2001), papel que interpretou com sucesso frente aos seus semelhantes ao longo da vida. Criança solitária, que só via seus companheiros no colégio, sem amigos na infância ou na adolescência, jamais ocasionou um só problema para seus pais. Videla se destacava pelo seu mutismo e retraimento; com seus companheiros, não compartilhava travessuras nem se aproximava das garotas (a tal ponto que muitos do colégio San José demoraram a reconhecê-lo quando foi comandante-chefe do Exército).

Diz Erich Fromm (1941/1984), sobre esse tipo de pessoa:

Frequentemente está bem adaptada tão somente porque se despojou do seu eu com o fim de se transformar, em maior ou menor grau, no tipo de pessoa que acredita que se espera socialmente que deva ser. Desse modo, pode ter se perdido por completo a espontaneidade e a verdadeira personalidade. (p. 163)

Seu ar monacal, manso, cuidadoso e piedoso foi forjado desde a infância, em um lar alheio a estridências afetivas de qualquer índole e inclinado a um ritmo monocórdio que, pelo menos a partir do que foi apresentado, não prenunciava de nenhuma forma as acusações que vieram da Justiça.

Em 18 de outubro de 1984, Videla se negou a prestar depoimento diante dos juízes civis da Câmara Federal, processado por “homicídios, privações ilegais de liberdade, violações, tormentos, roubos, supressão de estado civil e outros delitos” (Seoane, 2001, p. 20), atribuídos às Forças Armadas e de Segurança sob seu comando durante o terrorismo de Estado (1976-1983). Mesmo nas guerras existem regras, e apesar de que não tenha sido uma guerra o que ocorreu nesse período, ainda que assim fosse nomeado, não foram cumpridas as regras mínimas. Diz Reato (2012), sobre o título do seu livro –transcrição da última entrevista feita com Videla–, que, diferentemente do termo “solução final” (eufemismo nazista para denominar o Holocausto), as palavras usadas pelos militares argentinos para os desaparecidos, “disposição final” (D/F), têm um significado muito especial no âmbito militar:

Significam deixar de usar uma coisa por não ter utilidade. Quando, por exemplo, fala-se de uma roupa que já não é usada ou não serve porque está gasta, ela vai para Disposição Final. Já não tem vida útil –foi uma das declarações de Videla. (p. 3)

Utilizar essas duas palavras para determinar o destino dos sequestrados sob seu comando, já nos introduz em um tipo de funcionamento mental e ético que denuncia a falsidade da sua aparência, e nos apresenta o perigo que existe na entrega de uma liberdade insuportável, em termos de Fromm (1941/1984), e na submissão a entidades supremas (Igreja e Exército) na constituição da subjetividade. Diz Seoane (2001):

“Como Jorge pode permitir que essas coisas aconteçam?”, perguntou-se sua irmã. Jorge fez muito mais do que permitir. [...] São os enigmas nacionais, militares e pessoais de uma filiação complexa e firme à morte. (p. 94)

Na vida do ditador, existem fatos significativos que testemunham sua particular insensibilidade: não fez nada para salvar pessoas conhecidas de sua cidade natal, Mercedes, parentes e amigos; inclusive ignorou as monjas francesas que desapareceram em 1977, depois de uma operação na igreja da Santa Cruz, apesar de elas terem cuidado pessoalmente, e durante anos, do seu filho excepcional, na Colônia Montes de Oca, e ainda auxiliado sua prima, viúva e de poucos recursos (Seoane, 2001). Sua famosa desculpa, “não governo sozinho”, demonstrou sua falsidade frente a outras das suas frequentes declarações: “Cumprir com o dever que o Estado me deu. Não foi difícil para mim. Não houve nenhum descontrole: eu estava acima de todos” (Seoane, 2001, p. 22). Também confirma a Reato, em sua entrevista, que a “disposição final” sobre os desaparecidos não foi resultado de “erros” nem de “excessos”, mas sim de decisões tomadas por uma pirâmide de comando, em cujo vértice estava ele:

Não era que essa decisão sobre o destino de uma pessoa era tomada por um cabo. Não; havia responsáveis em cada região, sub-região, área e subárea. Mas acima disso existia a responsabilidade do comandante-chefe do Exército, assumida na mais absoluta solidão do comando, ao aceitar como realidade irreversível a penosa figura do desaparecido. (p. 22)

Supomos que a transcrição de Reato seja textual, o que confirma um distanciamento do tema, não só pela terceira pessoa com que se refere a si mesmo, reforçando essa dualidade que veremos constantemente, mas também pelo tom adotado, de sermão.



Reato (2012) reproduz: “Digamos que eram sete mil ou oito mil as pessoas que tinham de morrer para ganhar a guerra; não podíamos fuzilá-las. Como iríamos fuzilar todas essas pessoas?” (p. 28). Tinha realmente consciência do que implicava “cumprir o dever”? Tudo parece indicar a presença da palavra vazia (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997), que coincide com a descrição de uma personalidade caracterizada “pela pobreza, por uma subjetividade esqualida que não permitia problematizar as profundas consequências dos seus atos” (Seoane, 2001, pp. 84-85).

Ou seja, sugere mediocridade, característica com que foram definidas tantas das autoridades nazistas, para surpresa de um público ávido de traços disformes que justificassem a monstruosidade. No entanto, essa descrição terminou sendo precisa demais quanto à sua capacidade destrutiva; mais parece a casca de uma subjetividade monstruosa e nada medíocre. Então... uma criança que tem de ser chamada pelos nomes de dois bebês recentemente falecidos entendeu a diferença entre estar vivo e estar morto? Jorge e Rafael... onde estavam? No cemitério, onde sua mãe os cultuava, ou em seu corpo, em sua pessoa, e a mãe não via isso? Se estavam nele, por que a mãe não era feliz e deixava de chorar por eles no cemitério? Não foi precisamente isso o que ele infligiu a tantos compatriotas, sofrer essa dualidade do desaparecido, nem vivo, nem morto, como uma macabra exigência de significação? Ou talvez a inexistência de túmulos, o desaparecimento dos corpos, tenha sido, por fim, o desejo infantil realizado de impedir que uma mãe (tantas mães) fosse chorar seus filhos mortos? É muito difícil imaginar o conteúdo desiderativo dessa criança atendida em suas necessidades de alimento, higiene e abrigo, mas carente de um olhar materno feliz no qual se refletir, orgulhoso de estar vivo? Deve ter desejado muitas coisas: que sua mãe sofresse por não poder chorar mais por eles em seus túmulos, que não houvesse onde os corpos estavam, que pagasse a dor que ocasionava a ele, que não houvesse mais túmulos, mais cemitérios, nem mães sofredoras, que desaparecesse tudo. O que aconteceu com essas coisas? Tudo parece indicar que passaram a fazer parte do inconsciente cindido (Zukerfeld e Zonis Zukerfeld, 2011), e não do inconsciente reprimido. Não houve ruído, nada levava a suspeitar, talvez nem mesmo por parte do portador, de tamanhos desejos de vingança. Mas, quando o mundo apresentou as condições necessárias para satisfazê-los, apareceram, demonstrando que sempre estiveram ali, convivendo com ideais cristãos de amor ao próximo como se fossem idênticos, ainda que em estado puro, de forma aumentada, por conta do isolamento, em sua intensidade e periculosidade. Nenhum sinal de conflito, nenhuma contradição, nenhum escrúpulo, nada que mostrasse estranheza, perguntas, perplexidade. Nada em absoluto. Reato (2012) recorda que o general Martín Balza figura na lista de inimigos de Videla, depois da sua conhecida autocrítica quando era chefe do Exército, em 1995, ao dizer em um programa jornalístico:

Ninguém é obrigado a obedecer uma ordem imoral ou que se afaste das leis e dos regulamentos militares. Sem eufemismos, digo claramente: quem não obedece à Constituição é um delinquente. É um delinquente quem distribui ordens imorais. É um delinquente quem obedece ordens imorais. É um delinquente quem, para cumprir um objetivo, acredita ser justo utilizar meios injustos e imorais. (p. 86)

E sobre Videla, e de acordo com a maioria das pessoas que o conheceram de perto, acrescentou, segundo Reato (2012):

Foi uma pessoa sem caráter e pusilânime, não tinha firmeza no exercício do poder, irresoluto, dubitativo e retraído. Por conta da sua falta de caráter, permitiu que cada um dos seus subordinados fizesse qualquer coisa. A ação se feudalizou e cada um fazia o que queria, porque Videla não mandava. Consentiu e facilitou a perda da bússola ética moral. (p. 87)

A sua falta de “caráter” teria sido a causa do deixar fazer? Ou também suas tendências inconfessáveis? O que terá se movido no interior do ditador quando via avançar esses jovens dos anos 70, levantando suas bandeiras e desafiando a autoridade dos seus pais, a dos militares e a do próprio Perón? Com que categorias contava para compreender a rebeldia adolescente, se ele mesmo jamais pôde experimentar-la? Ele só conhecia a obediência, a submissão, o cumprimento de tudo o que estava estabelecido. O que via nessas garotas e nesses rapazes que se atreviam a viver sem lições de moral e que estavam dispostos a defender com a sua vida esse novo estado de coisas, inédito nas gerações anteriores? Algo da ordem da inveja destrutiva (Tripceвич Piovano, 2007, 2008) deve ter sido ativado, porque tentou-se até mesmo apagar sua memória. O próprio Reato se pergunta como os militares acreditaram que ninguém reagiria diante de tanta barbárie e que a ação deles seria um golpe a mais. Não. Ninguém pode entender que tenham feito isso e que, além disso, acreditassem que ninguém pediria satisfações. Em 14 de dezembro de 1979, quando a ditadura cívico-militar argentina atingia seu zênite, o ditador explicou, na Casa Rosada, a situação dos detidos-desaparecidos sem processo judicial, com uma frase horrorosa que ficaria na história:

Videla explicou [...] que “diante do desaparecido, enquanto tal, o desaparecido é uma incógnita. Se o homem aparecesse, teria um [sic] tratamento X. Se a aparição se convertesse em certeza do seu falecimento, tem um tratamento Z. Mas, enquanto for desaparecido, não pode ter tratamento especial”.

“É um desaparecido, não tem entidade. Não está nem vivo nem morto, está desaparecido... Frente a isso, não podemos fazer nada”, concluiu. (Videla y una explicación tenebrosa: “Ni muerto, ni vivo, está desaparecido”, 18 de maio de 2013, pág. 7-8)

Este deve ter sido seu desejo inconfessável: que a sociedade confirmasse a impossibilidade. Além disso, a dupla negação nem morto nem vivo parece uma confissão da precária solução intelectual à que finalmente chegou para tranquilizar sua carência significacional. É o raciocínio de um colegial, mas construído com palavras ocas, sem a menor emoção, sem que a sensação tenha provocado um mal-estar indecifrável, colocando o psiquismo em estado de alerta, em busca de alívio; vazio significacional que permite, então, brincar com as palavras como se fossem peças em um tabuleiro ou em uma cartolina, sem nenhum outro compromisso senão o de indicar lugares, onde é possível colocar alguma letra, talvez alguma cor. No final das contas, não são mais do que isso: palavras à espera de um lugar. Então, por que tanta confusão?, ele terá se perguntando mais de uma vez. Suas palavras não eram palavras plenas (Benyakar, 2013) emergentes da integração dos afetos (sensação, emoção, sentimento), dos três espaços em que a psique processa os estímulos, originário, primário e secundário (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997), respectivamente. Tudo indica um desenvolvimento afetivo em suspensão enquanto as funções restantes cresciam órfãs; carência que permite discursos como o mencionado, revelando incapacidade psíquica na compreensão do que diz. Nem vivo nem morto? Tratamento X, tratamento Z? Não parece estar confessando que nunca compreendeu o que significava a morte de Jorge e de Rafael, quando ele mesmo respondia à sua mãe com esses nomes? Que imagem própria o olhar da sua mãe terá devolvido a ele? A de um vivo ou a de dois mortos? A de um morto-vivo? A de uma incógnita?

Foi uma resposta que se pretendia cheia de sentido, dada a um jornalista (e, através dele, a toda uma nação); sua capacidade rudimentar de raciocinar apareceu de forma literal, ostentou sua simplicidade, tentando encerrar o problema através de uma explicação que explica o próprio nada.

Mas a partir do fático exterior (Benyakar, 2003/2006), chegou outra resposta. Os familiares dos desaparecidos, especialmente as suas mães (como se de fato tivessem percebido o ódio também dirigido a elas), não reagiram como ele nem, talvez, como ele havia esperado; acostumadas com filhos vivos, desconheciam essa estranha indiferença entre a vida e a morte que o acompanhou em sua existência. E, apesar de ser incerto determinar se chegou a compreender algo dessa resposta, nem a escassez representacional da sua psique, nem sua pobreza de recursos se estenderam finalmente a toda a sociedade. Há um dado ainda mais perturbador; diz Seoane, referindo-se a Videla pai (também militar) e Videla filho: “Dividiram, também, certo ar de falsa inocência: parecia que não haviam feito nada” (Seoane, 2001, pp. 84-85).

Christopher Bollas (1992/1994) se refere a essa “inocência violenta” como produto da renegação, desmentido que mergulha o outro na impotência. Alguém não assume um conteúdo que o perturba, e até aqui o desmentido adquire seu caráter tradicionalmente freudiano; no entanto, Bollas vai além, e adentra no âmbito do não *necessariamente inconsciente* quando se refere a Abigail, a personagem de Miller em *As bruxas de Salem*. Lembremo-nos do início: um grupo de adolescentes de uma aldeia de puritanos nos Estados Unidos dança no bosque, as jovens estão nuas; o reverendo Parris as vê por acaso e, quando mais tarde aparecem estranhos sintomas na sua própria filha e são conhecidos os acontecimentos do bosque, atribuem-se a ambos a influência do demônio. Quando Parris menciona o fato –depois de muita hesitação, porque o que viu não deixa de roçar seus próprios desejos proibidos–, Abigail, uma das adolescentes, nega teimosamente que tenha havido alguém nu, e em poucos segundos sua “inocência violenta” torna Parris, com sua insistência, responsável de algo que sua lascívia “quis ver”, mas que não existia. *Ele queria que ela reconhecesse o fato e que se desculpasse*, mas essa tortuosa circunstância transforma a situação, e ele fica preso na armadilha e é forçado a insistir; quanto mais insiste, mais culpado parece. Abigail o força a se expor para escapar da responsabilidade dos seus atos. Todos os olhares se dirigem agora ao reverendo Parris, cujos desejos de luxúria, evidentes no que disse que viu, certamente fazem com que veja coisas impossíveis em garotas tão inocentes que até se perturbam com essa simples menção. A inocência violenta é, então, para Bollas (1992/1994):

Uma forma de renegação ou desmentido, mas na qual assistimos não à renegação pelo sujeito da percepção externa, mas sim à sua *renegação da percepção que o outro comunica* [itálicas minhas]. Estamos considerando a renegação no marco das relações objetais para ver de que modo um indivíduo pode ser perturbado pelas ações do outro que são renegadas. [...] O inocente violento patrocina uma confusão afetiva e ideativa no outro e depois disso desconhece todo o saber a respeito: nisso reside a verdadeira violação. O receptor é instigado a submergir em uma solidão intensa, onde os sentimentos, pensamentos e verbalizações potenciais não têm recepção. [...] O outro causador [...] poderia esclarecer as coisas [...], mas o olhar inocente, a negação, descarta qualquer ajuda, e a vida psíquica do receptor consistirá em possuir uma mente perturbada e inútil. (pp. 223-225)

Voltando a Videla, basta recordar a resposta das Forças Armadas aos familiares dos desaparecidos em sua peregrinação pelos quartéis e suas dependências: que não estavam lá, que não apareciam em nenhuma lista, que talvez estivessem passeando pela Europa, que teriam sido mortos pelos próprios companheiros, que deveriam ter se preocupado antes com o que seus filhos faziam... Mas... o que seus filhos faziam?, que tipo de ideias tinham?, e a sua família?, onde moravam?, com que trabalhavam? etc. Tudo acontecia como se a resposta devesse ser dada pelo denunciante, como o acontecido com o reverendo Parris nessa macabra inversão

da “inocência violenta”, que procura tornar culpada a vítima, mas também nos leva a outra pergunta: a única demanda possível é a de significação, em mentes tão perturbadas? Vimos a carência de recursos psíquicos de Videla e podemos supor algo similar em seus subordinados. Será essa a condição mental necessária em pessoas incapazes de ter acesso à liberdade responsável do mundo civilizado? O próprio Videla acrescenta, ao que afirma Reato (2012), um dado significativo em relação ao terrorismo de Estado:

Não houve uma reunião da Junta para decidir isso; cada Força foi decidindo à medida que os fatos iam acontecendo. A guerra contra a subversão não foi da competência da Junta Militar, mas sim de cada Força, através do seu comandante-chefe. (p. 37)

Sugere que evitavam entre eles mesmos falar da enormidade do que estavam fazendo? É provável. A impossibilidade de falar e pensar fora do regulamento (porque o que faziam não aparecia ali) pressupõe um leve conhecimento da gravidade dos fatos, que não pôde ser abordado, não pelo perigo iminente, como proclamam, mas sim pela precária condição psíquica que possuem. Apesar disso, algum nome deveria ser dado às engrenagens dessa gigantesca maquinaria de morte, algo deveria dar nome a isso para que pudesse ser entendido, pelo menos; por isso, os eufemismos, mais os nomes falsos dos grupos de tarefas, as palavras e os fatos subentendidos confirmam uma clandestinidade que chegava ao pensamento. Inclusive a sinuosidade com que Videla dá explicações a Reato (2012) é eloquente:

Frente a essas situações, havia dois caminhos para mim: sancionar os responsáveis ou estimular essas situações de *forma tácita* como uma *ordem superior não escrita* que criasse a certeza, nas esferas inferiores, de que ninguém sofreria nenhuma represália. Não havia, *não podia haver, uma Ordem de Operações que dissesse isso*. Houve uma *autorização tácita*. *Eu assumo a responsabilidade de todos esses fatos*. [...] Não havia outra solução; estávamos de acordo com o fato de que era o preço a pagar para vencer a guerra e precisávamos que não fosse evidente para que *a sociedade não percebesse*. *Era necessário eliminar um conjunto grande de pessoas que não podiam ser levadas à Justiça, nem fuziladas*. O dilema era como fazer isso para que *a sociedade não percebesse*. *A solução foi sutil –o desaparecimento de pessoas–, que criava uma sensação ambígua nas pessoas: não estavam, não se sabia o que havia acontecido com elas*; eu os defini certa vez como *um entealequia*. Por isso, para não provocar protestos dentro e fora do país, [...] chegou-se à decisão de que essas pessoas desaparecessem; *cada desaparecimento* pode ser entendido certamente como o *disfarce, a dissimulação, de uma morte*. [Itálicas acrescentadas]. (p. 37)

“Autorização tácita”, “ordem superior não escrita”, “que a sociedade não percebesse”, “sensação ambígua nas pessoas”, “entealequia”. Todo o esforço na ocultação deixa entrever, então, uma pitada de mal, apesar da justificativa da “guerra” –diga-se de passagem, contra pessoas desaparecidas, desarmadas, sequestradas, nuas, estacadas, torturadas, estupradas, assassinadas...–, mas ele parece não compreender o significado do que está dizendo, se faz isso como justificativa; o cinismo com que se expressa parece “passar despercebido” a ele próprio. Para condená-lo, teria sido suficiente deixá-lo falar livremente e ter acesso ao seu emaranhado mental, amoral, de dissimulações, ocultações, ambiguidades e distorções. Parece acreditar que está falando de “travessuras” colegiais, essas que não se atreveu a cometer nem quando era criança. No entanto, em 23 de outubro de 1975, em Montevidéu e durante a 11ª Conferência de Exércitos Americanos, frente aos seus pares (outra vez a dualidade), prescindiu de tantos rodeios ao afirmar: “Se for preciso, deverão morrer na Argentina todas as pessoas necessárias para que se consiga a paz do país” (Reato, 2012, p. 38).

Mas, no seu universo representacional, não era suficiente que morressem para que se conseguisse a paz; era necessário gerar essa ambiguidade vivo-morto com que conviveu sua vida inteira. Solução infantil para por fim à peregrinação torturante da sua mãe ao cemitério? Transformação ativa do que foi sofrido passivamente, lançando-o sobre seus compatriotas? Demanda de significação? Reprodução exata da indiferenciação padecida? Vingança? Ele mesmo explica com total cinismo o porquê da ocultação dos corpos, apesar de se referir nada menos do que ao do chefe máximo do Exército Revolucionário do Povo (ERP), Mario Santucho. Um pouco das suas motivações mais profundas surge sem repressão nenhuma ao assumir, diante de Reato (2012), que foi uma *decisão sua*:

Era uma pessoa que *gerava expectativas*; o aparecimento desse corpo iria dar lugar a *homenagens, celebrações*. Era uma figura que *necessitava ser ofuscada*. Foi uma *decisão minha*, mas compartilhada pelas três forças na Junta Militar. *Não sei o que aconteceu com seu corpo*. Diziam que estava no Campo de Mayo, mas fizeram escavações e não encontraram nada. [Os *itálicos* foram acrescentados]. (p. 45)

Parece estar confessando seu pesar infantil por esses irmãos mortos, mas não porque estivessem mortos, senão porque geravam expectativas, eram homenageados, celebrados certamente nas datas de nascimento e morte, eram mortos que *tinham de ser ofuscados*. Terá imaginado que eram rebeldes como foram Santucho e os militantes que fez desaparecer? Desobedientes por não terem vivido como seus pais esperavam? Deles, sim, sabia de sobra onde estavam seus corpos; muito próximos, no cemitério ao qual sua mãe ia religiosamente para chorá-los. E esse era o seu pesar. Foi decisão dele o desaparecimento do corpo de Santucho –aliás, seu homólogo inimigo, já que se tratava do chefe máximo do ERP; pôde realizar seu desejo infantil, ninguém teria um só lugar para recordá-lo, homenageá-lo, celebrá-lo, assim como aconteceu com os desaparecidos.

E ninguém se responsabilizou pelo que foi feito; no momento máximo da sua “inocência violenta”, Videla mentia sempre o mesmo refrão, mesmo para os velhos conhecidos que, por meio de contatos, conseguiam chegar até ele para pedir por um desaparecido: que havia grupos fora de controle, que ele não governava sozinho, que faria tudo o que fosse possível, mas que era muito difícil etc. Há referências sobre as reações de perplexidade, em velhos conhecidos ou companheiros de armas, frente a essa parede de metal que devolvia todos os pedidos de ajuda, enquanto distribuía platitudes, sorrisinhos nervosos e movimentos rápidos de mãos a la Pôncio Pilatos. Em todos os casos, como se seguisse também o roteiro da “inocência violenta” (Bollas, 1992/1994), havia impotência, incredulidade, sensação de irrealidade e, em alguns, o desencadeamento de depressões e até a morte (Seoane, 2001). Mesmo assim, chegaria do fático exterior (Benyakar, 2003/2006) o histórico Juízo às Juntas (abril de 1985), e com ele foram conhecidos, além das atrocidades cometidas com os desaparecidos nos campos clandestinos de detenção, dados que registraram um plano sistemático que circulou sob eufemismos, cuidadosa mudança de palavras para indicar o assassinato e o desaparecimento: disposição final, traslados, operativos, enfrentamentos, excessos; soube-se de um Videla diurno cuja aparente inocência era apresentável ao exterior, enquanto o outro dirigia um exército noturno, sinistro, em cujas mãos pessoas desapareciam (Seoane, 2001). Também chegariam as Leis de Obediência Devida e Ponto Final, extraídas do presidente Alfonsín depois dos acontecimentos da Semana Santa de 1987, fruto de pressões de militares indignados por serem julgados em vez de receber condecorações.

Curiosamente e já perto de terminar o século, quando ainda continuavam vigentes essas leis, uma notícia atravessou a tranquila sesta da impunidade: a recla-

mação vinha já não por conta dos desaparecidos mortos (apesar de que ninguém tivesse confirmado sua morte, a não ser em alguns casos), mas sim pelos desaparecidos vivos: *os bebês roubados* dos seus pais militantes, que em sua maioria foram atenuar a esterilidade militar. Enquanto adulteração de identidade e diante do atual desaparecimento vigente, constituíam um delito que ainda continuava a ser cometido. Não prescrevia. Era lícito, então, reabrir os processos. Os *bebês vivos* exigiam Justiça através da voz de suas avós, resposta contundente da sociedade a uma pergunta nunca formulada como tal. O roubo de bebês foi o fio solto desse desdobramento macabro. Omissão? Ato falho? Um detalhe eloquente em um homem marcado pela morte de seus irmãos recém-nascidos. Ele mesmo confessa a Reato (2012):

Esse protocolo não estava na minha Ordem de Operações. *Por que isso me escapou? Não tenho resposta, não sei* [itálicas acrescentadas], mas está, sim, no Anexo da Ordem de Operações que os comandantes do corpo distribuíram. Por exemplo, o anexo do Primeiro Corpo foi entregue à Causa 13/84, chamada dos Comandantes, a pedido da promotoria. (p. 31)

Um oceano de imprecisões começa a fluir quanto tenta explicar o inexplicável. A condenação chegaria em julho de 2012, quando há haviam sido interrogadas, pelo Congresso Nacional, as leis de Ponto Final e Obediência Devida (2001) e, em 2005, declaradas inconstitucionais, ao lado dos indultos para os repressores, por iniciativa do presidente Néstor Kirchner.

O ex-presidente *de facto* Jorge Rafael Videla foi condenado esta noite a 50 anos de prisão por conceber e executar um plano sistemático e generalizado para roubar e esconder bebês nascidos em cativeiro durante a última ditadura militar. (Cappiello, 2012, p. 1)

“*Roubar e esconder bebês*”, diz a sentença. Parece o epílogo de uma tragédia, um final que, a partir do fático exterior (Benyakar, 2003/2006), atualiza um começo nunca processado. E essa foi a sentença que o privou definitivamente dessa liberdade da qual goza qualquer pessoa civilizada, que já não admitia prisão domiciliar de acordo com a sua idade, castigando finalmente o exercício dessa outra liberdade inadmissível, mas possível para ele durante o terrorismo de Estado. E foi só ao final da sua vida que Videla reconheceu a verdade dos seus atos, mas nenhum vestígio de sensações, emoções, sentimentos; nada que delatasse seu pertencimento à espécie humana neurótica, nada de remorsos, de sentimento de culpa: voltou a recitar a refutação pela guerra (Reato, 2012). A desprezada justiça humana finalmente o alcançou de forma definitiva; pouco importa se chegou a compreender as consequências dos seus atos, já que o único relevante reside no que Kaës (1995/2005) chamou de “dizer a lei”, pelo que implica para todo o corpo social:

A impunidade do crime questiona fundamentalmente o que sustenta, na vida social e na vida psíquica, a necessidade do direito, a necessidade de dizer a lei. [...] O direito é um ato de palavra, opõe-se à violência do corpo a corpo, é testemunho do contrato social [...], a tentativa de resolver através da linguagem da palavra entredita o que de outro modo ficava à mercê da violência do corpo a corpo. [...] Implica renunciar à satisfação direta dos objetivos pulsionais para fundar uma comunidade de direito, e a própria possibilidade da cultura. Este é um dos maiores temas da antropologia psicanalítica: [...] o direito representa –e age como– o fundamento externo da Função simbólica intrassubjetiva. É por isso que na perspectiva freudiana essa Função se encontra intimamente articulada com a formação e com as funções do superego. [...] A impunidade é, sem dúvida, o rechaço do juízo, do processo de justiça e verdade, mas também do processo de restabelecimento do sentido. (pp. 115- 118)

## A religiosidade de Videla e a neurose obsessiva

O pano de fundo obscuro do Videla “noturno” se escondia cuidadosamente atrás do diurno (Seoane, 2001) mediante a adaptação a duas instituições chave na Argentina: Igreja e Exército. Já nos referimos a este último, mas talvez em Videla seja ainda mais significativa sua extrema religiosidade, apesar de que a religião também não esteja isenta de patologias, tal como reconheceu o próprio Joseph Ratzinger (2004/2008):

A ação terrorista é apresentada também como defesa da tradição religiosa contra a impiedade da sociedade ocidental. [...] *A religião é uma força de cura e de salvação, ou não será, mais propriamente, um poder arcaico e perigoso* que constrói falsos universalismos, induzindo à intolerância e ao erro? (pp. 42-43)  
[...] *Na religião, há patologias sumamente perigosas* que fazem com que seja necessário considerar a luz divina da razão. (p. 52)

A religião como expressão de um sentimento através de ritos implica a observação desses ritos e uma limitação da vontade individual (Reinach, 1964), mas um sentimento remete a um registro subjetivo que inclui a sensação e a emoção (Castoriadis-Aulagnier, 1975/1997), sem as quais seria um sentimento e palavras vazios. Então também os enunciados e sentimentos religiosos podem carecer de sentido e significado em certas subjetividades. Por outro lado, a religião cristã se aprofunda no conceito de pessoa, sua cosmovisão realça a dignidade de todo ser humano e está na base da compreensão moderna dos direitos humanos, gerando uma práxis de amor ao irmão (Sans, 1994). Dificilmente possamos atribuir as ações do ditador Videla ao estrito cumprimento das normas da ética cristã e muito menos à cabal compreensão do amor ao próximo, como irmão. Videla mesmo diz a Reato (2012):

E não me refiro apenas ao preço objetivo [...] da nossa prisão atual, mas sim ao preço subjetivo, aos princípios morais. Eu creio em Deus, e essa situação *me incomoda*. Confesso que tenho um *incômodo na alma*, que é como fazer para solucionar esse problema [os itálicos foram acrescentados]. (p. 20)

Pareceria que o dispositivo protetor deixa ver uma greta por onde se filtra uma pitada de inquietude: algo do “problema” dos desaparecidos *o incomoda*. Só que *está se referindo a como fazer com que a sociedade o entenda*. Reato (2012) garante que, além de ir à missa e comungar todos os domingos, Videla rezava o rosário diariamente às 19h, convencido das suas boas ações:

Coube a mim transitar um trecho muito sinuoso, muito abrupto do caminho, mas essas sinuosidades estão me aperfeiçoando aos olhos de Deus, tendo por objetivo a salvação eterna. [...] Deus sabe o que faz, por que faz e para quê faz. Eu aceito a vontade de Deus. Não só não me rebelo contra ela, senão que *também não acredito que tenha direito a compreendê-la* [itálicos acrescentados]. Acho que Deus nunca me abandonou. (Reato, pp. 17-20)

A submissão absoluta a esse Deus cujas motivações não precisam ser compreendidas expressa claramente a claudicação do Eu, em nome de participar de algo grandioso, para eludir a solidão ocasionada pela liberdade (Fromm, 1941/1984). Se entendermos a religiosidade como:

2. f. Prática e esmero em cumprir as obrigações religiosas.
3. f. Pontualidade, exatidão em fazer, observar ou cumprir algo.  
(*Diccionario de la Real Academia Española*, 2001)

Da acepção 2, Videla apenas adotou e executou o que chegou a compreender: o cumprimento mecânico do ritual; não há nada em sua vida que revele caridade cristã, amor ao próximo ou compaixão. Seu comportamento desliza ao sentido 3, já que ninguém cumpria com tanta exatidão e pontualidade os rituais religiosos ou militares.

Na cidade natal de Videla, Mercedes, tanto ele como sua mãe são lembrados precisamente como pessoas muito religiosas nesse sentido, e alguns chegaram a esboçar hipóteses: “Com Videla, como tinha tudo isso da questão religiosa, era tão papa-hóstia [...] que as pessoas engoliram a história de que era boa pessoa” (Seoane, 2001, p. 94), diria Hugo Bonafina, habitante de Mercedes. E essa afirmativa, compartilhada por muitos dos que o conheceram, talvez pelo vazio do seu conteúdo, precisava de explicações grandiloquentes:

Em 1998, Videla disse: “Deus é o chefe da minha vida e tenho a consciência tranquila, não tenho dúvidas, não há contradição em mim, não há absolutamente nenhuma dualidade. Eu digo que sou religioso e não acho que seja hipócrita”. Videla mencionou, também, um diálogo privilegiado com Deus, um vínculo que, na sua opinião, é completamente íntimo e pessoal. (Seoane, 2001, p. 206)

Como se não fosse suficiente, os telespectadores argentinos puderam vê-lo, nos dias do histórico Juízo às Juntas (1985), utilizando mais uma vez a religião em um desprezo evidente pelos outros, nesse caso, o tribunal que o julgava assim como aos demais genocidas: seu papel agora era o do Cristo na cruz, e costumava ler ostensivamente um livro do teólogo Charles Journet, *Las siete palabras de Cristo en la cruz*:

*O julgamento não me interessava. Não foi o único livro que levei, mas com esse fiz uma travessura. Vi que havia um fotógrafo com teleobjetiva [...] tentando registrar o livro... Então abri-o no capítulo “Perdoa-lhes, Pai, eles não sabem o que fazem”.* (Seoane, 2001, p. 428)

Essa apelação a Deus, utilizada ao longo de toda a sua existência, acompanhada de uma gestualidade humilde e recatada desde seus tempos de coroinha, contradiz a soberba e a megalomania de um sujeito que se colocou acima dos seus semelhantes, que jamais –segundo ele– poderia ser julgado porque sua linha direta com Deus, e sua absoluta convicção de estar fazendo Sua vontade, não permitiria isso, como confirma Seoane (2001):

Deus me pôs à prova tantas vezes..., porque seu Deus também era um deus calejado, das casernas, de tarefas, sempre justo com seus servidores. Porque essa, senhor, foi uma guerra justa, e o cristianismo acredita nas guerras justas. (p. 20)

Organizado, impecável, pontual, obediente, educado, austero, econômico, obcecado, religioso são algumas das características apontadas pelas pessoas que conheceram Videla de perto, especialmente seus camaradas de armas, e isso se encaixa no que Freud (1908/1992b) chamou de caráter anal em pessoas que

são particularmente *organizadas, econômicas e tenazes*. [...] “Organizado” inclui tanto o asseio corporal como o escrúpulo no cumprimento de pequenas obrigações e a formalidade [...]. O caráter econômico pode aparecer de forma extrema até a avareza; a tenacidade acaba em desafio, ao qual facilmente se unem a inclinação à ira e a mania de vingança. (p. 153)

Essas características, em Freud (1908/1992b), representam outra ordem de conteúdos:

O asseio, a ordem, a formalidade causam toda a impressão de ser uma formação reativa contra o interesse pelo sujo, pelo perturbador, pelo que não deve pertencer ao corpo [...], já o lactante pode mostrar uma conduta desconfiada frente à deposição



das fezes, [...] a estimulação dolorosa sobre a pele das nádegas que se une com a zona erógena anal é universalmente empregada pela educação para dominar a tenacidade da criança, para torná-la obediente. (p. 156)

O aspecto de tenacidade em um estilo reiterativo seria conhecido publicamente a partir do momento em que foi detido. Não houve ocasião em que não insistisse teimosamente em seu serviço à pátria, seu sacrifício, que foi uma guerra etc.

O interesse pela defecação, pela fixação anal que implica (Freud, 1905/1993), não foi conhecido –obviamente– na vida de Videla, mas por conta dos julgamentos terminava sendo engraçado ler nos diários da época as queixas do ditador por conta do mau funcionamento do seu vaso sanitário no lugar em que estava detido. Suas preocupações com essas questões só vinham à tona nessas circunstâncias, tal como sinalizou Freud (1907/1992a), já que as ações obsessivas, pelo menos no começo, afetam atividades solitárias, e essas pessoas têm durante muito tempo uma conduta social normal. Basta, para ilustrar esse traço, que Videla, precisamente, tenha sido encontrado morto no vaso sanitário da sua cela (Difunden que a Videla lo hallaron muerto en el inodoro de su celda, 18 de maio de 2013).

Em 1907, Freud começou a trabalhar sobre a analogia entre as ações obsessivas dos neuróticos e as práticas e pensamentos religiosos. A essas ações obsessivas dá-se o nome de *cerimonial*, e Freud acreditava que a semelhança era algo mais que meramente superficial. Apesar de que, na aparência, os detalhes do cerimonial religioso são compreendidos como plenos de sentido e de forma simbólica, diferentemente dos elementos do obsessivo, que parecem carecer disso e dão a impressão de uma caricatura cômica de religião privada, a psicanálise descobriu que as ações obsessivas também tinham sentido, expressavam vivências e pensamentos investidos de afeto (Freud, 1907/1992a); uma renúncia progressiva a pulsões constitucionais, cuja tarefa poderia proporcionar um prazer primário ao ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da cultura humana:

Uma parte dessa repressão do pulsional é realizada pelas religiões, que induzem o indivíduo a sacrificar à divindade seu prazer pulsional [...], no desenvolvimento das religiões antigas acredita-se discernir que muito *daquilo ao qual o homem havia renunciado como “impiedade” foi cedido a Deus e ainda se permitia em nome Dele* [itálicos acrescentados]. (pp. 108-109)

A “religiosidade” de Videla, compreendida nesses termos, é crível. O sacrifício do seu Eu e da sua liberdade para esse Deus, em termos de Fromm (1941/1984), permitia a convivência de um proclamado ideal cristão com impulsos inconfessáveis, mas compreensíveis para esse Deus que lhe apoiaria, já que eram Dele. Pode ser compreendido como portador de um ódio cindido, por isso mais perigoso, imune aos processos da repressão, do conflito: ficou intacto em seu poder letal, em seu primitivismo. Nunca o reconheceu como parte do seu psiquismo, e por isso certamente morreu acreditando ser uma boa pessoa, mas não por isso esse ódio ficou inativo. Totalmente pelo contrário. Permaneceu à espera de que as condições do mundo mudassem para se expressar em toda a sua pureza, em liberdade sem limite, sem necessidade de arrependimento, já que Igreja e Exército parecem ter sustentado e preparado o argumento final, quando tudo o que foi dito e repetido para tentar se justificar não foi suficiente.

Ignorava a diferença entre o bem e o mal? Sua mente era binária, incapaz de compreender e problematizar a realidade?

Tudo parece acontecer em sua ação, como se tivesse predominado a literalidade, a partir da qual Igreja e Exército apenas contribuíram com palavras e argumentos para uma mente incapaz de gerá-los.

## O problema da liberdade

### Sobre a liberdade e a psicanálise

*Liberdade* provém do latim *libertas*, *-ātis*, e se refere a:

Faculdade natural que o homem possui de agir de um modo ou de outro, e de não agir, razão pela qual é responsável pelos seus atos. [...] Falta de submissão e subordinação. Faculdade gozada nas nações bem governadas, de fazer e dizer enquanto não seja oposto às leis nem aos bons costumes [...]. Prerrogativa, privilégio, licença. Condição das pessoas não obrigadas, por seu estado, ao cumprimento de certos deveres. Contravenção desenfreada das leis e dos bons costumes. [...] Domínio ou senhorio do estado de espírito sobre as paixões. (*Diccionario de la Real Academia Española*, 2001)

Para a psicanálise, essa “faculdade natural” não é tão natural, a partir das próprias palavras de Freud (1923/1996) sobre o Eu, que deveria realizá-la:

Vemos esse mesmo eu como uma pobre coisa submetida a três servidões e que, conseqüentemente, sofre as ameaças [...] do mundo exterior, da libido do id e da severidade do superego. [...] Como ser fronteiro, o eu quer mediar entre o mundo e o id, fazer o id obedecer ao mundo, e –através das suas próprias ações musculares– conseguir que o mundo faça justiça ao desejo do id. [...] Não só é o auxiliar do id; é também seu servo submisso, que corteja o amor do seu amo. (p. 56)

Para Freud, o homem está subjogado demais pelos seus próprios condicionamentos psíquicos, que na maioria das vezes –e para piorar– ignora. A terapia psicanalítica poderia liberá-lo dessas ataduras e lhe permitiria usar de certa liberdade de escolha e, sobretudo, satisfazer seus desejos, agora mais conscientes, mas respeitando a liberdade dos outros, aceitando os limites, seja por amor ou medo, de viver em uma família, em uma sociedade, resignando indefectivelmente à satisfação pulsional direta e imediata que pudesse prejudicar esse delicado estado de coisas e dando origem ao que em 1929 Freud chamou de o mal-estar na cultura, pela tensão inexorável que todo humano deverá resolver a partir dessa renúncia. Para Fromm (1941/1984), sem desprezar a contribuição de Freud à psicologia individual, o problema era outro: o homem se libera dos seus vínculos primários e experimenta a solidão, o desamparo e o isolamento, o que poderia enfrentar com a criação (destaca o amor e o trabalho), apesar de que, na maioria dos casos, isso não acontece, dando lugar à entrega do eu individual a diferentes substitutos que o mergulharão em uma pseudosseguurança. Isso levou Fromm a afirmar que muitas pessoas apresentam uma necessidade desperada de submissão porque não podem suportar a liberdade.

Já nos referimos a essa submissão na personalidade do ditador Videla e à aparente contradição de ter exercido um tipo de “liberdade” vedado a um sujeito civilizado. Obviamente, esse tipo de liberdade não é aquela faculdade mencionada anteriormente, própria das nações bem governadas, de fazer e dizer tudo o que não se opõe às leis nem aos bons costumes, já que precisamente tratou-se de uma liberdade que destruiu a vida, a descendência e até a memória de uma geração. Também não implica domínio sobre as paixões, porque –como vimos– as mais obscuras saíram à luz no patenteamento da categoria de “desaparecido”, assim como o acordo que ordenou, supervisionou e permitiu ações sobre suas vítimas. O tipo de liberdade que exerceu é semelhante a uma prerrogativa, a um privilégio, a uma licença, que foram auto-administrados por um estado de exceção do qual ele mesmo foi responsável e que cedeu lugar ao descrito na terceira acepção que analisamos: “Condição das pessoas não obrigadas por seu estado ao cumprimento de certos deveres, desembocando na contravenção desenfreada das leis e dos bons costumes, falta de submissão e subor-

dinação à lei, ao Direito”, porque o tipo de liberdade que exerceu é difícil de ser encontrado até na lei da selva, que supõe algum tipo de ordem. Algo do mais primitivo humano ultrapassou os limites da sua aparência inofensiva, e o momento histórico excepcional em que pôde desenvolvê-lo o teve não só como principal protagonista, senão como um dos seus geradores mais entusiastas. Pois bem, podemos falar de liberdade, na pessoa de Videla, no sentido pleno da palavra, tal como a entendemos na atualidade? Se a resposta for afirmativa, que tipo de liberdade ele exerceu?

A liberdade em termos de Fromm (1941/1984) não parece ter feito parte da personalidade de Videla: seus signos, a espontaneidade, a criação ou pelo menos certa afirmação subjetiva, estão ausentes dela. Há poucos exemplos de declinação egóica, de entrega à liberdade, tão claros como os que aparecem em sua pessoa: sua submissão, sua obediência a Deus e ao Exército. Sua face privada de filho obediente, pacífico, companheiro anódino, namorado formal, bom pai de família, homem humilde e religioso são extensões dessa mesma submissão.

Por outro lado, sua capacidade certa de destruição de tudo isso exatamente em outros –vidas, lares, valores, famílias, crenças– desnuda outra verdade que teria permanecido oculta se não houvesse existido o terrorismo de Estado.

Parecem estruturas cindidas, que prestam contas a um amo diferente.

Ignoramos sua efetividade e qualidade na área privada, a não ser que cumpriu com todos os requisitos formais, mas a simples existência demonstrada dessa outra faceta, somada à eficácia, sugere maior sinceridade nesta última: até Videla, não se conhecia na história argentina tanta sofisticação para infligir danos aos semelhantes e, inclusive, à sua memória (muito significativo em um homem com dois irmãos mortos), e apesar de não ter sido o único, foi a cabeça visível de todo esse plano sinistro; aceitou, combinou, ordenou, permitiu, induziu e finalmente defendeu e argumentou a favor de tudo o que foi feito. Diz Fromm (1941/1984):

Um indivíduo pode estar completamente dominado por impulsos sádicos e, no entanto, acreditar conscientemente que o motivo da sua conduta é tão somente o sentido do dever. Até pode não cometer nenhum ato sádico manifesto, reprimindo seus impulsos o suficiente para parecer normal em superfície. No entanto, toda a análise relacionada à sua conduta, fantasias, sonhos e gestos mostrará que os impulsos sádicos agem nas camadas mais profundas da sua personalidade. (p. 187)

Quando Fromm (1941/1984) se refere à busca de vínculos substitutos, entre os mecanismos para fugir da sensação de solidão e impotência ocasionada pela liberdade, menciona o autoritarismo:

O caráter autoritário prefere aquelas condições que limitam a liberdade humana: gosta de se submeter ao destino. [...] A fatalidade pode assumir uma forma racionalizada, como “lei natural” ou “destino humano” do ponto de vista filosófico: como “vontade divina”, falando em termos religiosos, e como “dever”, em termos éticos. (p. 194)

Podemos afirmar que Videla não se privou de nenhuma. Para finalizar, um esclarecimento importante, sem o qual costuma haver confusões que a história da psicanálise registra, tanto em relação a públicos não muito especializados como, às vezes, especializados: *compreender*, tal como tratamos no presente texto, *não significa absolver nem justificar* ações como as mencionadas neste caso, nem de lesa-humanidade, nem nenhuma similar. Também não coloca em questão a responsabilidade dos atos de pessoas que, como Videla, testemunham uma incapacidade de acesso à liberdade como a entendemos no mundo civilizado. A sociedade reagiu como devia e se fez justiça, confirmando a atualidade e a transcendência da única liberdade humana possível e aceita para viver nela.

## Resumo

O conceito de liberdade em psicanálise é analisado a partir da personalidade de Jorge Rafael Videla, responsável por crimes de lesa-humanidade durante a ditadura militar na Argentina (1976-1983), considerando principalmente suas próprias declarações, que tentam justificar sua ação no cumprimento do dever. Observam-se a influência da sua formação militar, sua religiosidade, seus traços de personalidade (predominantemente obsessivos) e sua história pessoal, na conformação de uma aparência pacífica, que contrasta com a magnitude de destruição causada aos seus semelhantes, por haver exercido um tipo de liberdade que implica a satisfação imediata da pulsão agressiva cuja repressão é imprescindível para conviver dentro de uma organização social. Analisa-se o fato de possuir o nome de seus irmãos Jorge e Rafael, gêmeos mortos pouco depois de nascer, na constituição de uma subjetividade incapaz de diferenciar entre vivo e morto, e a relação dessa situação com a categoria de “desaparecido”, própria da última ditadura militar argentina, que impediu a tantas mães enterrar seus filhos, e que representa paradigmaticamente o perigo de entender a liberdade como satisfação irrestrita da pulsão.

**Palavras-chave:** *Caráter anal, Desmentido, Destrutividade, Mecanismos obsessivos, Liberdade.*

## Abstract

The concept of freedom in Psychoanalysis will be analyzed taking into account Jorge Rafael Videla's personality, who was responsible of crimes against humanity during the military dictatorship in Argentina (1976-1983). We will especially consider his own statements which tried to justify his acts, actions and behavior as a result of fulfilling his duties. We will observe the influence of his military training, his religiousness, his personality features (mainly his obsessive feature) and his personal history which helped to create a pacific appearance, in contrast with the huge destruction caused to other human beings. And this happened because he carried out a kind of freedom which implied the immediate satisfaction of his aggressive drive, whose repression is essential to live in a social organization. We will point out that he was named Jorge Rafael, the names of his twin brothers who died before being born and that this fact helped to build a subjectivity unable to differentiate the living from the dead and the relation of this situation with the “missing” category inherent to the Argentine military dictatorship in the 70's -“missing” category which prevented the mothers from burying their children and that paradigmatically represents the danger of understanding freedom as the unlimited satisfaction of the drive.

**Keywords:** *Anal character, Denial, Destructiveness, Obsessional mechanisms, Freedom.*

## Referências

- Benyakar, M. (2006). *Lo disruptivo*. Buenos Aires: Biblos. (Trabalho original publicado em 2003).
- Benyakar, M. (2013). *Encuadre-vivencia-proceso-interpretación* (Trabalho de circulação interna). Asociación Psicoanalítica Argentina - Universidad del Salvador, Buenos Aires.
- Bollas, C. (1994). *Ser un personaje. Psicoanálisis y experiencia del sí mismo*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1992).
- Cappiello, H. (2012). Videla fue condenado a 50 años de prisión por el robo de bebés. *La Nación*. Recuperado de <http://www.lanacion.com.ar/1488272-videla-fue-condenado-a-50-anos-de-prision-por-el-robo-de-bebes>
- Castoriadis-Aulagnier, P. (1997). *La violencia de la interpretación. Del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Difunden que a Videla lo hallaron muerto en el inodoro de su celda. (18 de maio de 2013). *Perfil*. Recuperado de <http://www.perfil.com/politica/Difunden-que-a-Videla-lo-hallaron-muerto-en-el-inodoro-de-su-celda-20130518-0059.html>
- Freud, S. (1988a). El malestar en la cultura. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1988b). El porvenir de una ilusión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 1-56). (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1992a). Acciones obsesivas y prácticas religiosas. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 9, pp. 97-110). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1992b). Carácter y erotismo anal. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 9, pp. 149-158). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1993). Tres ensayos de teoría sexual. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). El yo y el ello. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Fromm, E. (1984). *El miedo a la libertad*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1941).
- Kaës, R. (2005). La impunidad, amenaza contra lo simbólico. In D. Kordon, L. Edelman, D. Lagos e D. Kersner, *Efectos psicológicos y psicosociales de la represión política y la impunidad: de la dictadura a la actualidad*. Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo. (Trabalho original publicado em 1995).
- Libertad. (2001). En *Diccionario de la Real Academia Española* (22ª ed.). Recuperado de <http://lema.rae.es/drae/?val=libertad>
- Murió Jorge Rafael Videla. (17 de maio de 2013). *La Nación*. Recuperado de <http://www.lanacion.com.ar/1582853-murio-jorge-rafael-videla-simbolo-de-la-dictadura-militar>
- Ratzinger, J. (2008). *Lo que cohesiona al mundo: Los fundamentos morales y prepolíticos del estado liberal*. In J. Habermas e J. Ratzinger, *Entre razón y religión: Dialéctica de la secularización*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 2004).
- Reato, C. (2012). *Disposición final*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Reinach, S. (1964). Introducción. El origen de las religiones: Definiciones y fenómenos generales. In S. Reinach, *Orfeo: Historia de las religiones*. Buenos Aires: El Ateneo.
- Religiosidad. (2001). In *Diccionario de la Real Academia Española* (22ª ed.). Recuperado de <http://lema.rae.es/drae/?val=religiosidad>
- Sans, I. (1994). Síntesis de historia de las religiones. In M. Fraijó (ed.), *Filosofía de la religión: Estudios y textos*. Madri: Trotta.
- Seoane, M. e Muleiro, V. (2001). *El dictador*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Tripevich Piovano, G. M. (2007). *Envidia. ¿Roca viva o un enigma de la clínica y el ser social. Un estudio psicoanalítico para intentar su develación*. Buenos Aires: Dunken.
- Tripevich Piovano, G. M. (2008). *Acerca de la existencia de una faz constructiva de la envidia* (Tese de mestrado). Asociación Psicoanalítica Argentina - Caece, Buenos Aires.
- Videla y una explicación tenebrosa: "Ni muerto, ni vivo, está desaparecido". (18 de maio de 2013). *Perfil*. Recuperado de <http://www.perfil.com/politica/Videla-y-una-explicacion-tenebrosa-Ni-muerto-ni-vivo-esta-desaparecido-20130517-0035.html>
- Zukerfeld, R. e Zonis Zukerfeld, R. Z. (2004). Procesos terciarios. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 6. (Trabalho original publicado em 2002). Recuperado de <http://fepal.org/images/2004REVISTA/zukerfeld.pdf>
- Zukerfeld, R. e Zonis Zukerfeld, R. (2011). Vicisitudes traumáticas, vincularidad y desarrollos resilientes: Un modelo de investigación dimensional. *Clinica e Investigación Relacional*, 5(2), 349-369. Recuperado de [http://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V5N2\\_2011/8\\_R-Zukerfeld\\_R-Zonis\\_Vicisitudes-traumaticas\\_CeIR\\_V5N2.pdf](http://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V5N2_2011/8_R-Zukerfeld_R-Zonis_Vicisitudes-traumaticas_CeIR_V5N2.pdf)



Cidades Invisíveis

## Montevidéo: uma e muitas, corpo vivido e sonhado

*Estão desnaturalizando Montevidéo; estão mudando-o de tal modo que já começo a me explicar que é possível viver em outro lugar sem sofrer do coração (...). Apoderou-se um verdadeiro frenesi de mudar tudo, de tornar a vida agitada, febril, das grandes capitais, e de nos retirar aquela fisionomia clássica da cidade colonial, tão tranquila, em que se trocavam cumprimentos bocejando.*  
Alfredo Castellanos, *El Día*, 1906

*A capital não terá vida de verdade até que nossos literatos se decidam a nos dizer como e o que é Montevidéo e as pessoas que a habitam.*  
Juan Carlos Onetti, *Marcha*, 1939

Comecei este texto sobre a minha cidade de muitas formas e em diferentes momentos, imaginando-a plural e mutante ao longo do espaço-tempo da minha história, como entrando em uma análise, como uma novela familiar, como formas de viver um corpo que, como o da anatomia, não temos, mas sim somos. Mas também aparecem “outras” Montevidéo, vividas, sonhadas, sofridas e escritas por outros; outras letras que evoco, e com elas tento montar e desmontar minhas memórias e minhas auto-referências, meus desmentidos do paraíso infantil, na busca de pontos de partida para essa enunciação. Como nossa origem, como o mundo dos nossos pais, como tudo o que nos antecede, a experiência da nossa cidade chega a nós mediada pelas palavras e pelos relatos de outros que vão se convertendo em “nós mesmos”, desde as frases-sentença familiares até as da literatura que foi descobrindo a nós a cidade ao escrevê-la, como diz Onetti. Minha escrita é resto de outras coisas vistas e ouvidas, fragmentos, escamoteamento decidido do linear e do histórico, ou de um panorama turístico, e responde, parcialmente, a uma

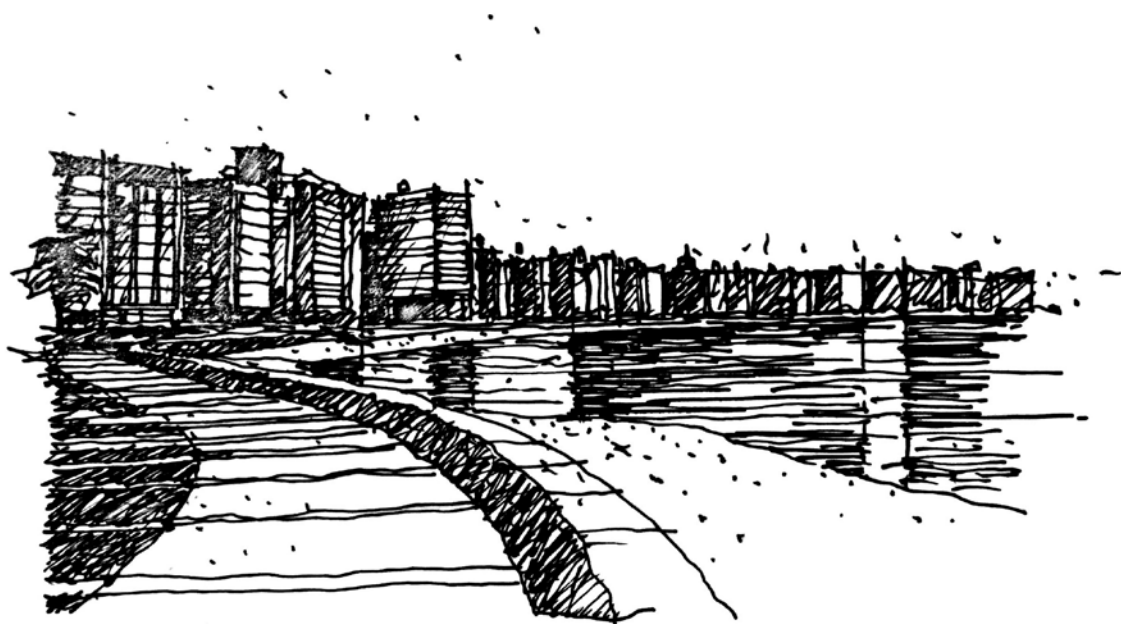
das primeiras perguntas que me faço: quando soube que era “de Montevidéo”? E não flui facilmente, porque Montevidéo, como qualquer cidade, leva a uma obscura conjunção entre o eu e o nós, isso que deve ser atualizado, por sua vez, nas experiências com os outros.

Não é um saber formal, de registro civil, que constitui apenas uma beira do pertencimento a um lugar de origem, e tampouco é o conhecimento escolar que coletiviza o modelo e apaga as diferenças, senão que a tentativa é a de comunicar uma experiência íntima e renovada no tempo que mostre algo da minha cidade. Porque nos acompanha, aos montevideanos, uma às vezes exaltada e nem sempre idealizada visão de harmonia natural, a partir da sua pequenez territorial e a partir do que uma geografia privilegiada de porto natural dá, ou a partir da sua orla de 21 km sobre o Rio da Prata e de todas as suas praias, como capital de um país –tal como descreviam os textos escolares– de suaves planícies, clima ameno e apenas três milhões e pouco de habitantes, dos quais um milhão e 300 mil estão em Montevidéo.

---

\* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.





A escola, como a infância inteira, é um âmbito de gestação de fissuras, hiatos, lutos, escuridões, mas sobre um pano de fundo de paraísos e mitos. Um deles era geográfico com alcance social: o mito da anulação das distâncias enunciado com “em Montevideú tudo está à mão” e “nós nos conhecemos entre todos”, acompanhados do ditado popular “lugar pequeno, inferno grande”.<sup>1</sup> A partir das realidades do tamanho (Achugar, 1992) desenvolveram-se metáforas identificatórias que se tornaram mitos ingênuos e inconsistentes de um imaginário social que, como o mito da igualdade e da homogeneidade do que é montevideano e uruguaio, repetem-se até hoje com tudo o que possuem de falsidade; atualizações do traumático, que devem se escrever e se inscrever várias vezes. A fissura sempre veio pelo lado da pobreza, da violência e da marginalização social, e assim corre o véu de outros mitos de origem e mostra as diferenças em uma sociedade que se queria totalmente

igualitária, também com seu mito das médias.

Era também da “sua” cidade perdida que falavam meus avós imigrantes quando, em seus relatos, diziam que haviam encontrado em Montevideú uma bela cidade, no final do século XIX, como muitos dos que fizeram esse país aluvial. Calorosa e solidária com os imigrantes, com mais xenofilia do que xenofobia, sem desigualdades sociais aparentes em raças e credos, sem índios –exterminados cedo, depois da independência–, com um ambiente social de grande estabilidade e uma política civilista, no início do século XX a cidade e o país se abriram à modernidade.<sup>2</sup> As reformas sociais muito avançadas, como a lei das oito horas de trabalho ou o divórcio por conta apenas da vontade da mulher, e muitas outras mais que forjaram o Uruguai moderno, eram excessos que ameaçavam o modelo conservador, patriarcal e autoritário. A instauração de um Estado paternalista e benfeitor que atua como mediador e redistribuidor das riquezas, ao

1. Sempre recordo, apesar dos anos, o encontro quase especular com os analistas de Pelotas (Rio Grande do Sul), em um evento em Montevideú, com quem mantivemos um intercâmbio sobre o que significava analisar em uma cidade pequena e como os cruzamentos transferenciais que se produziam colocavam os analistas em xeque.

2. Presidências de José Batlle y Ordóñez: 1903-1907, 1911-1915.

lado da conquista de uma educação primária, secundária e universitária gratuita e laica que a diferenciavam do resto da América Latina, e a prosperidade econômica favorecida pelas guerras europeias, contribuíram para o crescimento de um dos mais resistentes mitos do país: o “Uruguai feliz”, que chegava ao mito da excepcionalidade. Democrático e estável, ciioso dos direitos dos cidadãos e âmbito de uma sociedade integradora (Real de Azúa, 1964), o Uruguai não pôde ver e não queria ver a decadência que se anunciava no final dos anos 50.

E o que é mais caro para as formas de subjetivação tanto individuais como coletivas: os mitos falsificadores em seu esplendor ou os traços residuais de sua queda? Porque deles fica uma representabilidade obscura e impalpável, um real com efeito imobilizador frente às transformações necessárias. O mito pode ser repressor e conservador em sua poiese de fantasias, mas é interpretativo, enquanto sua derrocada arrasta restos imaginários “soltos” que ficcionalizam fantasias repetidas que impedem a mudança e a perda imprescindível da ilusão. Essa zona difusa é a que se escuta na análise e é a que se escreve. As cidades são corpos mutantes gozosos e sofredores como os sujeitos que as habitam, e falar delas torna presentes tempos e espaços onde não se delimita a perspectiva a partir do que escreve quem as vê e se vê nelas; suas fronteiras são sempre renovadas e imprecisas. Mario Levrero inicia sua novela *La ciudad* com a desolada agudeza de Kafka:

Vejo lá longe uma cidade, é a cidade a que você se refere? É possível, mas não compreendo como você pode avistar ali uma cidade, porque eu só vejo algo a partir do que você me indicou, e nada mais do que alguns contornos imprecisos na neblina. (Levrero, 1977).

Mas a invisibilidade do que o país trazia –seu “ovo da serpente”, que explodiria na ditadura militar (1973-1985)– era denunciada em Montevideu pelo movimento operário, sindical, estudantil e de intelectuais que refletiam sobre as injustiças sociais, a violência da pobreza e a paralisação geral, comovidos profundamente, como toda a América Latina, com a Revolução Cubana. Montevideu condensava um estilo uruguaio contraditório, que opunha o “melhor você não se meter” e o resguardo da liberdade pessoal com uma vontade militante e aberta para as realidades latino-americanas e mundiais. Até a ditadura com seu regime de terrorismo de Estado e o período de convulsão social, estudantil e operária que o precedeu, especialmente desde 68, com o surgimento do movimento tupamaro e a guerrilha urbana antes impensável no Uruguai, Montevideu continuou parcialmente mitificada como uma cidade clássica e agradável, de vida “natural”. E serão a fratura da violência e do terror, e seus longos efeitos até o presente, que realizaram as transformações radicais na nossa sociedade e causaram a queda daqueles mitos. A migração anterior do campo para a cidade, que a fez crescer, porque em Montevideu estavam os centros de estudo e as fontes de trabalho, teve

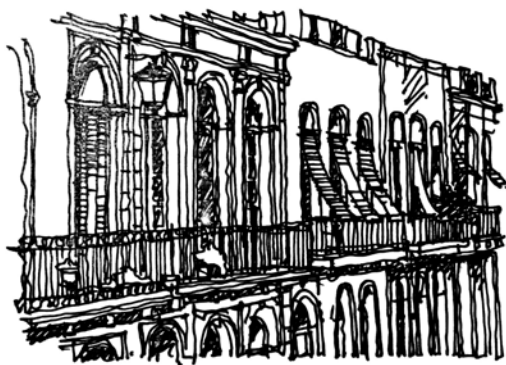


sua contrapartida no exílio de milhares de cidadãos que escapavam da perseguição. Se os imigrantes que povoaram o Uruguai eram pessoas em luto de pátrias longínquas e culturas diferentes, a partir dos anos 70 muitos uruguaios que tiveram de partir entraram em luto nostálgico pelo “paisinho” perdido e o cantaram e o construíram a partir das memórias e da distância, junto ao canto popular, como manifestação de crescente resistência.

Nosso mundo institucional analítico também foi golpeado, e muitos membros abandonaram o país ao mesmo tempo em que analistas e pensadores no *insilio*, como Daniel Gil, desenvolveram sua reflexão para tentar pensar, a partir da psicanálise, os fenômenos do terror e da tortura<sup>3</sup> e seu impacto na estruturação subjetiva. Já em Paris, Marcelo e Maren Viñar (1993), e Edmundo Gómez Mango (2011) escreveram sua dor e se ocuparam de exilados e migrantes como Guillermo Bodner na Espanha.

## Antes da queda

Na literatura, autores de estilos tão diferentes como Onetti e Benedetti haviam aberto precocemente o caminho para uma reflexão identitária montevideana, porque a cidade e suas letras chegaram a uma década de 50 atravessada também por um adormecedor *Peor es meneallo*<sup>4</sup>, questionado por Benedetti (1961), e que alude às dificuldades dos uruguaios para discordar e discutir; mostra um povo em que perdurava o arcaizante ditado campestre



“Ninguém é mais do que ninguém”, da história pátria, e em que todos se diziam de classe média.

Não eram perdoados o excesso ou o destaque, e a partir da onipotência que nasce da pequenez, o Uruguai era grandioso como país “baixinho” (Achugar, 1992),

e não pequeno, engrandecido pela soberba e que, além do mais, de modo terrível, tinha a utopia de recomendar o controle da desmesura e de favorecer a moderação. Depois de um esplendoroso 900, Montevideu havia ficado apagada por cantores e poetas edulcorados e idealizadores que projetaram na capital e na sua beleza agradável os atributos de um país sonhado de harmonia, como cópia muitas vezes de estilos europeus e em uma tentativa de deixar para trás, com a sensibilidade “moderna” que se abria, os anos de ferocidade de uma cultura bárbara (Barrán, 1990) brutal, escravista, de carnes e águas de esgoto jogadas pelas canaletas das ruas ainda incompletas em pleno fim do século XIX.

O paradoxo acompanhou Montevideu desde a sua fundação: é povoada com poucas famílias imigrantes trazidas das Ilhas Canárias e, ao mesmo tempo, é praça forte e lugar invejável e estratégico. Buenos Aires era a “rainha do Prata”, e Montevideu, “a vaidosa”, a “canequinha de prata” (Lautréamont, 1869/2007).<sup>5</sup> Era “Bobovideu” com seus “acampamentos”, para Julio Herrera y Reissig (1875-1910), que escrevia contra os modelos burgueses e convencionais, e sonhava com a cidade no futuro, com arranha-céus e avenidas, e livre das suas rotinas conservadores e dos “preconceitos aborígenes”, a “ignorância patriótica no auge e

3. A lista de artistas exilados e de escritores é longa e pode ser encontrada na internet. Entre os analistas que tiveram de ir embora, estão Marcelo e Maren Viñar, Edmundo Gómez Mango, Guillermo Bodner, Carlos Sopena, Juan Carlos e Esperanza Plá, Luisa de Urtubey e outros. Daniel Gil escreveu *El yo herido* (Gil, 1995), *El terror y la tortura* (Gil, 1990), *El capitán por su boca muere o la piedad de Eros* (Gil, 1999), quase todos da editora Trilce, fundada e dirigida no pós-ditadura por Pablo Harari, profundamente comprometido com um grupo de analistas, historiadores e ensaístas na compreensão e na elaboração do trauma social.

4. Expressão equivalente a “deixemos como está” em português.

5. Assim definidas por Isidore Ducasse (1846-1870), que usou como pseudônimo Conde de Lautréamont (*l'autre à mont[evideo]*).

a soberba oficial” (Mazzucchelli, 2010, p. 343).

Intercalo meu olhar com o de historiadores, penso nos modos menos visíveis em que a cidade crescia, como iam se tecendo como em uma novela familiar os perfis de calma e comedimento com o desejo de protagonismo e exceção na América Latina, e com a rivalidade frente a Buenos Aires, a grande cidade.

E, ao ler Onetti, era a cidade contemporânea que aparecia narrada, como o amor ficava nu na poesia de Idea Vilariño, em uma intimidade e solidão permitidas pelo urbano. Seus personagens já não são mais universais, seres mergulhados na melancolia, devastados pela vida e pelo desencanto dos homens e das guerras, cansados da moderação e da puerilidade da família burguesa, que mostram as raízes do sexo e a degradação dos laços eróticos. Esse tempo cinza que domina seus relatos, em que o familiar se cruza com o político e econômico, com nomes tão significativos como *O poço* (Onetti, 1939), *Terra de ninguém* (Onetti, 1941) ou *Tão triste como ela* (Onetti, 1976), tem seu apogeu justamente na criação de uma cidade sonhada e mítica: Santa Maria, na contraluz da real Montevideú, metáfora ambígua da imobilidade e das repressões conservadoras. Com Felisberto Hernández (1902-1964) a literatura uruguaia se abria para o trabalho do sonho e da fantasia em um jogo metafórico e muito surrealista, apesar de seu âmbito ser montevideano (Hernández, 1949, 1955). E com Carlos Maggi (1922-2015), criador central da Geração de 45<sup>6</sup>, aparecem os efeitos alegóricos da sua dramaturgia, como em *El patio de la torcaza* (Maggi, 1967). Todos constroem outra Montevideú com influências de escritores do século XX, que eram seus contemporâneos.

## Psicanalisar em Montevideú

O acaso editorial fez com que este texto fosse incluído neste volume, “Margens”, mas Montevideú é justamente a capital de um país que esteve muito tempo à margem, ao ponto de

que, geopoliticamente, falava-se de Uruguai como Estado “tampão”, com seus três milhões de habitantes, entre os colossos Argentina e Brasil, e com um nascimento provocado por interesses que marcarão sua história. O crescimento de Montevideú, tão aberta ao que era europeu e com o olhar em Buenos Aires, sempre esteve pautado pelo conflito entre o que se movia e o que estava parado, o cosmopolita e o provinciano, entre uma pólis culta e pensante, e, ao mesmo tempo, conservadora, e uma intelectualidade de desenvolvimentos culturais, militante em uma busca permanente de justificação e de autoafirmação de formas da sua identidade. Todos esses aspectos explicam parcialmente por que aqui a psicanálise se desenvolveu de forma tão estável. As tensões da ilusão, do ideal e as formas cruas do mal-estar na cultura encontram na análise um modo de escutar seus efeitos inconscientes, e todo o Rio da Prata necessitava disso. Hoje Montevideú é uma das duas cidades do mundo com maior concentração de analistas em relação à quantidade de habitantes. A outra é Buenos Aires. Há 60 anos, era fundada em Montevideú a Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) como filial única da Associação Psicanalítica Internacional até hoje. De Buenos Aires chegaram a Montevideú os Baranger (Willy e Madeleine) para analisar, supervisionar e ministrar seminários para um mundo de médicos, professores e mestres ávidos por serem escutados psicanaliticamente e ávidos para transformar a clínica psiquiátrica daquele momento. Formados em Paris e em Buenos Aires, no pensamento de Freud e de Klein, aprofundaram em Montevideú a leitura de Lacan e a concepção da psicanálise como “artesanato”, fundada em um pluralismo teórico que foi de grande influência até os nossos dias. Posteriormente, em 1972, os seminários de Serge Leclair ministrados na APU, a partir do seu pensamento de discípulo e leitor crítico de Lacan, produziram transformações no posicionamento analítico de várias gerações. E a partir daí até o presente, a abertura para diferentes linhas

---

6. A Geração de 45, que Ángel Rama chamou de Geração Crítica, teve grandes escritores que foram também jornalistas e ensaístas, referências até o presente. Durante uma década, pelo menos, esse peso anterior foi obstáculo para quem veio depois, mas a criação literária no Uruguai não deixou de crescer, especialmente a partir dos anos 90, com uma dramaturgia emergente, poetas e narradores excelentes, e crescimento do público.



teóricas do Rio da Prata e da Europa (visitas de analistas convidados ou intercâmbio com analistas de grupos lacanianos) foi dando um desenvolvimento montevideano à psicanálise. Ele se abriu nas últimas décadas para além das próprias instituições que oferecem uma formação estabelecida de acordo com “standards” internacionais, e alcançou também os âmbitos universitários. A nossa história não é de cisões nem de grupos confrontados com fervor, mas sim de convivências discutidas e discutíveis. Apesar de o questionamento sobre as formas em que se pode escolarizar e normatizar a transmissão nas instituições ser realizado com força por parte de cada nova geração, também os modelos retornam e sufocam as mudanças. Coexistem diferenças teóricas na concepção da análise: as neurociências com seu posicionamento empirista de investigação e as vertentes artísticas das letras e das ciências sociais. A partir da nossa cultura da moderação, os âmbitos medicalizados da psicanálise convivem com os que privilegiam a fronteira com as criações literárias e artísticas. Mas também o intercâmbio social aumenta com

o trabalho de psicanalistas em hospitais, e o atendimento profissional em policlínicas de zonas carentes (onde a extensão do delito e da violência requer psicólogos e psiquiatras de formação psicanalítica) se multiplicou.

O nascimento e o desenvolvimento da psicanálise é urbano, familiar, tem algo de doméstico, e todos evocamos a casa de Freud, Berggasse 19, em Viena, ou a de Lacan, Lille 5, em Paris. E no Rio da Prata, em Montevidéu, mas também em Buenos Aires ou em Córdoba, as filiações, o familiar, o profissional e alguns aspectos de trajetórias pessoais dos analistas são mais ou menos conhecidos; suas opiniões são difundidas em entrevistas de semanários e revistas, e o que chamamos de o “mundo psi” consulta e lê; comenta: não há dúvida de que somos todos conhecidos. Não há uma “Vila Freud” como em Buenos Aires, mas a maioria dos consultórios está nos bairros de Pocitos, Punta Carretas e Parque Rodó, que são zonas de parques e próximas da orla. Também –como toda a Montevidéu– têm muitos cafés, e o vagar dos analisandos depois das sessões, com esse desejo de não abandonar totalmente algo do

mundo onírico, termina muitas vezes em um deles. E, ao mencionar esses percursos, os torno metafóricos do analítico, transformador e itinerante, a partir do privado e do secreto.

Em Montevidéu, os cafés e bares formam outro perfil característico da cidade, desde os 900, passando pelo mítico Sorocabana que fechou há alguns anos e reuniu durante décadas poetas e escritores –ou aqueles que queriam ou sonhavam em sê-lo– em suas mesas de mármore e poltronas de couro. Dos vidros das suas janelas, era possível ver uma imagem característica de Montevidéu, no km 0 da cidade: a Plaza de Cagancha e a Estátua de la Paz, os edifícios *art déco* com altas e elegantes torrezinhas e minaretes, a perspectiva da avenida 18 de Julio e, ao fundo, o emblemático Palácio Salvo.

## Hoje

No presente, Montevidéu, vista em relação a outras cidades da América Latina e a seus ritmos e violências, pode ser para um analista uma cidade ideal, fácil de percorrer e aparentemente sem obstáculos em uma geografia agradável. No entanto, é quase outro mito o da cidade do “tudo perto”, porque ela se estendeu consideravelmente e o número de carros se multiplicou. Mesmo assim, podemos medir nossos tempos de trabalho e locomoção sem surpresas, e suas ruas são muito “transitáveis”. Mas isso que era tão comum anos atrás se tornou algo relativo, porque o que se destruiu foi a tranquilidade: a cidade se tornou insegura e latino-americana, com violências e fragmentação dos seus bairros. Apesar de que, por seu tamanho geográfico e social, permita ainda algo desse ritmo diferente, Montevidéu hoje foi alcançada também pelo que Marc Augé chamava de “a escala planetária” de qualquer acontecimento: essa mudança de escala que provoca em todas as sociedades um mal-estar generalizado frente ao desenvolvimento da globalização (Febbro, 2011). E, assim, hoje é uma cidade que também se torna alheia a nós dia a dia. Durante a ditadura, a cidade se caracterizou por conta da arrasadora forma,

que teve o regime<sup>7</sup>, de destruir construções e de edificar aberrações. E, no presente, é a segregação da marginalidade e do delito que cria bairros inteiros que não conhecemos.

Se o urbanismo foi naquele tempo tão demolido, ao final dos anos obscuros as reconstruções foram feitas vertiginosamente e de forma desordenada, de acordo com uma mistura de novas concepções e das leis do mercado e do consumo. E isso trouxe mudanças, cor e shoppings, mas também divisão e exclusão. A cidade deixou de ser um corpo mais ou menos conhecido e articulado entre suas diferentes partes. Hoje há regiões inteiras que desconhecemos, como um corpo fragmentado do qual sempre alucinamos sobre o membro amputado. Esses são também os “fios cortados” da cidade (Alemán, 2012), ao lado dos “espaços da memória” (Aínsa, 2008) que constituem os lugares e paisagens da cultura uruguaia e montevideana. Só a multidisciplinaridade abarca os modos em que aquela “canequinha de prata” se converteu, primeiro –e por um longo tempo–, em severa e cinza, e, no presente, em um mundo fragmentado e parcelado, com belos lugares em bairros elegantes, avenidas e restaurações com bom design, e outras zonas profundamente empobrecidas.

Mas o que é “ser” de Montevidéu? Falo de mudanças a partir da continuidade da minha vida aqui, e a permanência faz com que surjam cenas de uma geografia mutante, tempos tranquilos e outros muito ameaçadores. Conheci muitos bairros enquanto ensinava literatura em colégios distantes, e com as transferências já abertas, ao estudar Freud e Klein em grupos de estudo coordenados por analistas argentinos, ou em grupos do Hospital Vilardebó ou do Hospital das Clínicas, já que a Faculdade de Psicologia estava fechada, ao ser considerada perigosa fonte de subversão em uma universidade sob intervenção.

Vem à minha memória uma cena do final da infância, em férias, em outro lugar –onde havia nascido meu pai; “fora”, como se diz do que não é a capital, quando ainda não sabia o que era “ser de Montevidéu”. Isso que conheci a partir do corpo infantil e adolescente em

---

7. Por meio de decretos movidos por interesses econômicos, os militares desvincularam do uso estatal, em 1979, propriedades que eram patrimônio nacional e demoliram um sem-número de edifícios públicos.

jogo, com a sensualidade de caminhar pelo “interior” do país, brincando com primos e desabrochando uma sedução precoce despertada por esse sol de campo e pela distancia da “cidade”. De repente, os amigos do lugar perguntam aos meus primos, olhando-me de outra maneira: “Sua prima é de Montevideú?”. “Ser da capital” significava ser diferente e mais bonita do que as garotas locais? O afeto imediato foi o mistério de uma alegria vergonhosa, e a partir dela teria muito caminho a percorrer. Assim, minhas lembranças encobridoras me dizem que, ao voltar desses dias, olhei de outra forma meu quarteirão, meu bairro, minha escola em seu último ano. A partir dali, corpo representado, afetos e fantasmas se desdobravam juntos e faziam com que sentisse uma Montevideú diferente. E até este presente penso sempre a partir de “outra cidade” que também sou eu em outro tempo, não por comparação com outras, mas sim por esse jogo de aproximações e distâncias, e de olhares de outros, porque dizer algo de Montevideú é reconhecê-la, é a descoberta de um reencontro. Memórias desses “momentos mágicos de liberdade ilusória” (Žižek, 2004/2006), como os que acontecem na análise, onde de um ponto mínimo se abre algo inabarcável, sem fronteiras precisas, mas que as cria e faz com que experimentemos uma ubiquidade de sonho.

## Referências

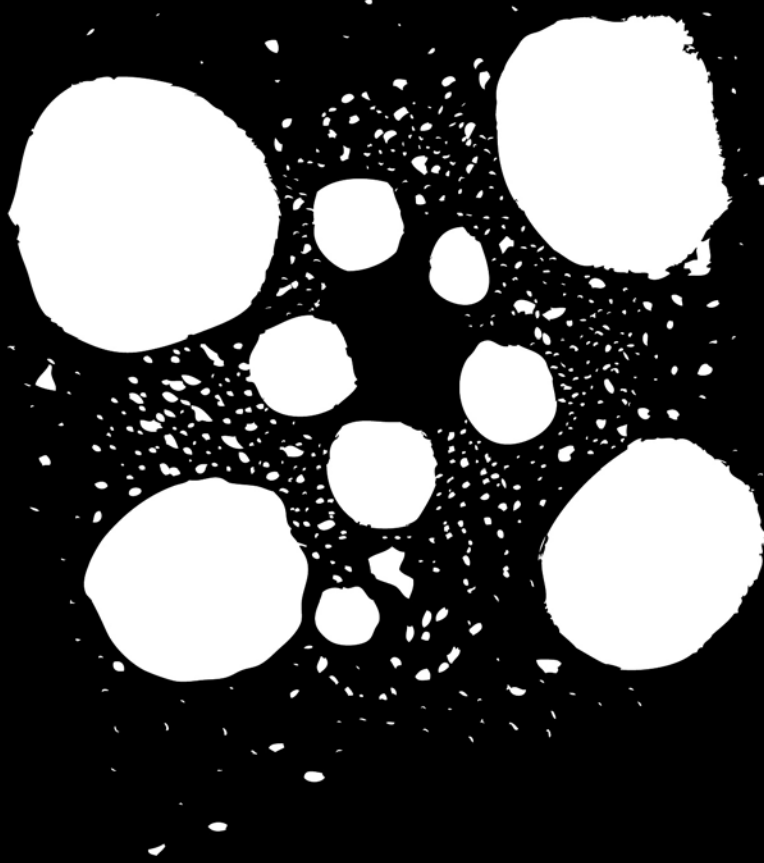
- Achugar, H. (1992). *La balsa de la Medusa. Ensayos sobre identidad, cultura y fin de siglo en Uruguay*. Montevideú: Trilce.
- Aínsa, F. (2008). *Espacios de la memoria*. Montevideú: Trilce.
- Alemán, L. (2012). *Hilos rotos. Ideas de ciudad en el Uruguay del siglo veinte*. Montevideú: Hum.
- Barrán, J. P. (1990). *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Montevideú: Banda Oriental.
- Benedetti, M. (1961). *Mejor es meneallo*. Montevideú: Alfa.
- Castellanos, A. (1998). La belle époque montevideana. In G. Gautreau (Ed.), *Montevideo antiguo a través de sus tarjetas postales*. Montevideú: Trilce. (Trabalho original publicado em 1906).
- Febbro, E. (2011). “Para que hoy una revolución tenga lugar, debería situarse a escala planetaria.” Entrevista com Marc Augé. *Página 12*. Recuperado de <http://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/21-181684-2011-11-21.html>
- Gil, D. (1990). *El terror y la tortura*. Montevideú: Eppal.
- Gil, D. (1995). *El yo herido*. Montevideú: Trilce.
- Gil, D. (1999). *El capitán por su boca muere o la piedad de Eros*. Montevideú: Trilce.

- Gómez Mango, E. (2011). *Crónicas de la amistad y el exilio*. Montevideú: Banda Oriental.
- Hernández, F. (1949). Las Hortensias. *Escritura*, 8, 56-100.
- Hernández, F. (1955). Explicación falsa de mis cuentos. *La Licorne*, 5-6, 970-998.
- Lautréamont, C. de. (2007). *Los cantos de Maldoror*. Barcelona: Belacqua. (Trabalho original publicado em 1869)
- Levero, M. (1977). *La ciudad*. Buenos Aires: Entropía.
- Maggi, C. (s.d.). *El patio de la torcaza*. Recuperado de <http://www.dramaturgiauruguay.gub.uy/obras/el-patio-de-la-torcaza/> (Trabalho original publicado em 1967)
- Mazzucchelli, A. (2010). *La mejor de las fieras humanas*. Montevideú: Santillana.
- Onetti, J. C. (1939). *El pozo*. Montevideú: Signo.
- Onetti, J. C. (1941). *Tierra de nadie*. Buenos Aires: Losada.
- Onetti, J. C. (1976). *Tan triste como ella*. Barcelona: Lumen.
- Onetti, J. C. (2013). *Obras completas* (Vol. 10, p. 28). Barcelona: Galaxia Gutenberg. (Trabalho original publicado em 1939)
- Real de Azúa, C. (1964). *El impulso y su freno*. Montevideú: Banda Oriental.
- Viñar, M., & Viñar, M. (1993). *Fracturas de memoria*. Montevideú: Trilce.
- Žižek, S. (2006). *Órganos sin cuerpo*. València: Pre-Textos. (Trabalho original publicado em 2004)









De Memória

## Isaías Melsohn: pensador pela palavra\*\*



Isaías Melsohn (1921-2009) foi um grande amigo de seus amigos, um mestre de muitos discípulos e, o mais importante neste contexto, um pensador da psicanálise. Como já escrevi, considero que a psicanálise brasileira tomada como produção científica de pensamentos psicanalíticos inicia-se com Isaías Melsohn.

Conheci de perto o amigo Isaías, na sua lealdade e sensibilidade. Não lhe passavam despercebidos sofrimentos e carências dos amigos que cativava e de quem cuidava por haver cativado.

Do mestre, muitos de nós usufruímos os ensinamentos. Isaías foi um mestre de rara qualidade, pois nos olhava com o reconhecimento respeitoso pelo que dele aprendíamos e desenvolvíamos, incentivando trocas, ao invés de reverências.

E o pensador? Eis aí uma característica a ser explorada desse pensador pioneiro de uma *psicanálise brasileira* ainda em construção. Isaías foi um pensador

---

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\* Foto cedida pelo Fundo Isaías H. Melsohn da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise da SBPSP

pela palavra oral. Quem teve o privilégio de assistir a seus cursos e conferências pôde acompanhar o rigor com que seu pensamento era exposto e ao mesmo tempo produzido, tal como a escrita produz o pensamento da maioria de nossos autores. Creio que essa facilidade do manejo com a palavra o fez optar pela transmissão oral do pensamento psicanalítico que produzia. E o produzia incessantemente.

São poucos os escritos que nos deixou, embora muito consistentes na crítica que empreendeu à concepção freudiana de um inconsciente conteudístico. Mas tinha como inimigo seu perfeccionismo com a palavra escrita. Burilar o texto o impedia de usar a pena de forma escorreita, voltava a cada frase por inúmeras vezes. Isaías era um esteta, não só no seu cuidado com a palavra escrita, mas na admiração que foi desenvolvendo pela música, pela arte pictórica brasileira contemporânea, pelo barroco brasileiro do imaginário religioso, gostos que o transformaram em um colecionador.

Interessante solução encontrada pelas colegas Bela Sister e Marilsa Taffarel para contornar a armadilha que o escrever acabava sendo para Isaías. Durante três anos, Bela e Marilsa tomaram o depoimento de Isaías sobre seu percurso pela vida e pela psicanálise, registrando-o em entrevistas gravadas. Assim produziram um livro, publicado em 1996 pela editora Escuta: *Isaías Melsohn, a psicanálise e a vida (setenta anos de histórias paulistanas e a formação de um pensamento renovador na psicanálise)*.

O livro, à parte as notas introdutórias das autoras, é escrito em primeira pessoa. Isto é, é Isaías que nos fala de seus percursos, por escrito. Lá está sua história, a de um menino judeu polonês com escassas memórias da terra natal e que emigra com a família em busca de uma vida menos submetida a muitas dificuldades materiais. Chega ao Brasil em meados dos 1920, a São Paulo, ao bairro do Bom Retiro, que na época concentrava muitos imigrantes judeus procedentes da Europa Central. Também seus interesses culturais foram se formando na convivência com o caldo cultural de São Paulo, produto de uma migração de intelectuais que fugiam do nazismo em ascensão. E também sua carreira profissional, que desemboca na medicina e na psicanálise. Por fim, na segunda parte do livro, encontramos a exposição organizada de seu pensamento psicanalítico e clínico em uma primeira versão de conjunto.

A leitura nos remete ao clima de suas conferências e cursos, mas com a vantagem da escrita, a que podemos voltar a qualquer momento. Podemos escutar/ler o percurso realizado por Isaías integrando conceitos extraídos da fenomenologia, da filosofia de Ernst Cassirer, da psicologia da forma e que o levou a trabalhar conceitos básicos da teoria psicanalítica como inconsciente, pulsão e afeto.

No início da segunda parte, Isaías nos diz:

É preciso reconhecer que há dois Freud. O Freud inovador, voltado para a captação do sentido, que encontramos em *A interpretação dos sonhos* e nos casos clínicos. E o Freud da teoria clássica da percepção, que aparece, por exemplo, em “Os dois princípios do funcionamento psíquico” ou em *Mais além do princípio do prazer*, onde ultrapassa o nível da experiência que pode ser apreendida. (p. 173)

Isaías segue o primeiro e critica o segundo.

Para Isaías a pulsão se expressa em manifestações que nos permitem alguma concepção do mundo interno. Para ele, é na produção de um objeto que o impulso ganha forma. Intenção ou pulsão que não se manifesta ainda não adquiriu sentido e é inapreensível. Era à fobia do pequeno Hans que Isaías sempre voltava para exemplificar essa sua formulação. Deixa de lado explicações clássicas da determinação de conteúdos inconscientes para os conflitos de Hans –castrar o pai frente ao temor de ser castrado–, para pensar esses conflitos como mobilizados

pelo ambiente e assumindo expressão na cristalização da fobia. São os impulsos do menino em vias de maturação que se projetam no mundo, organizando o espaço perceptivo e encontrando no cavalo, o conteúdo da fobia, expressão adequada para se objetivar. Isaías nos conta, nesse trecho, que a fobia de cavalo não mascara a fase edípica, mas é sua porta de entrada.

São esses os caminhos que o levaram a formulações sobre não existir o inconsciente como lugar de guarda ou repositório de representações. Muito resumidamente poderíamos dizer que, para Isaías, esse inconsciente não existe. Conceitua o inconsciente como forma da consciência, como uma de suas condições, pois, sendo a estrutura da consciência condicionada de muitas maneiras, a uma delas a psicanálise chama inconsciente. São suas palavras, no livro:

O conceito de inconsciente é um conceito inadequado, desnecessário. Ele não vem da clínica. É uma construção que só tem sentido a partir de determinados pressupostos. Epistemologicamente é insustentável considerar o inconsciente como ontologicamente existente num *locus* psicológico, num lugar dentro da mente. (p. 179)

Isaías ainda viveu mais de 10 anos depois dessa publicação e pôde produzir outra, *Psicanálise em nova chave* (2001), a partir de uma série de aulas e seminários clínicos que ofereceu na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em diferentes períodos, também registrados em gravação. Interessante aqui também valer-se do registro de sua fala para, com a colaboração de um grupo de amigos e colegas, chegar a um texto escrito.

Assim inaugura-se a psicanálise brasileira de autoria, pela transmissão oral, pela palavra antes de chegar à escrita, por Isaías Melsohn.

## Referências

Sister, B. M. e Taffarel, M. (1996). *Isaías Melsohn, a psicanálise e a vida (setenta anos de histórias paulistanas e a formação de um pensamento renovador na psicanálise)*. São Paulo: Escuta.

Melsohn, I. (2001). *Psicanálise em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.

Marilsa Taffarel\*

## Isaías Melsohn em 714 palavras\*\*



Isaías foi um homem rico e, de certa forma, traiu o lema que o jovem Isaías escolheu para o quadro de formatura do ginásio: *Omnia mea mecum porto* (“Tudo o que tenho trago comigo”). Se estivesse ele no navio que naufragava, de acordo com a antiga historieta de nossos livros de colégio, fosse ele o sábio tranquilo entre os mercadores que tentavam salvar seus haveres, não poderia dizer a famosa frase-lema.

Isaías possuía maravilhas: tapetes antigos que poderiam figurar nos mais nobres palácios árabes, imaginária barroca brasileira da melhor procedência, quadros de nossos mais famosos artistas plásticos. Todavia, era com ele que estava a nossa reserva de sabedoria, como já escrevi uma vez. Na sua privilegiada cabeça. E, na provecta vida que a deusa fortuna lhe destinou, ele a conservou incólume.

Experimentamos através dele a operação de estranhamento inserida no coração da psicanálise: a representação inconsciente, tal como é conceituada por Freud nos escritos metapsicológicos de 1915, é produto de sua herança empirista e positivista, ensinava ele. Assertiva que de imediato afasta muitos ouvidos psicanalíticos. Não fosse o poder quase encantatório de sua fala, suas conferências performáticas, sua escuta clínica absolutamente afinada, suas *master classes* não teriam ecoado como ecoaram. O tanto que ecoaram.

Isaías Melsohn reconceitua a representação inconsciente com o rigor e o embasamento que uma formação intelectual impecável exige. Para ele, a representação inconsciente é, a um só tempo, imaginária e simbólica (símbolo presentificador). Contém o corpo em sua expressividade: um abalo que se faz palavra, uma apreensão sensível do mundo que configura uma pulsão coartada até então.

A palavra na sua vertente poética e poietica é a matéria cuja plasticidade dá passagem para a singularidade.

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\* O título se refere ao número de palavras do texto em sua versão original.

Foto cedida pelo Fundo Isaías H. Melsohn da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise da SBPSP

Isaías entendia que era preciso repetir sempre: análise é análise do presente, da transferência. O analista deve estar atento para não banalizar o momento mais importante da sessão: o encontro com o paciente. Aquele momento em que dois corpos se aproximam. Momento em que a presença do outro possui todo o seu potencial de abalo e de imantação. Momento de caos para ambos, caos profícuo. Momento de ruptura representacional.

Para Isaías, é na abertura da sessão que se dá a ruptura, e a subsequente e consequente “passagem para outro meio”, da afecção para a palavra, para a meia palavra que, reza o ditado, basta, se houver um bom entendedor.

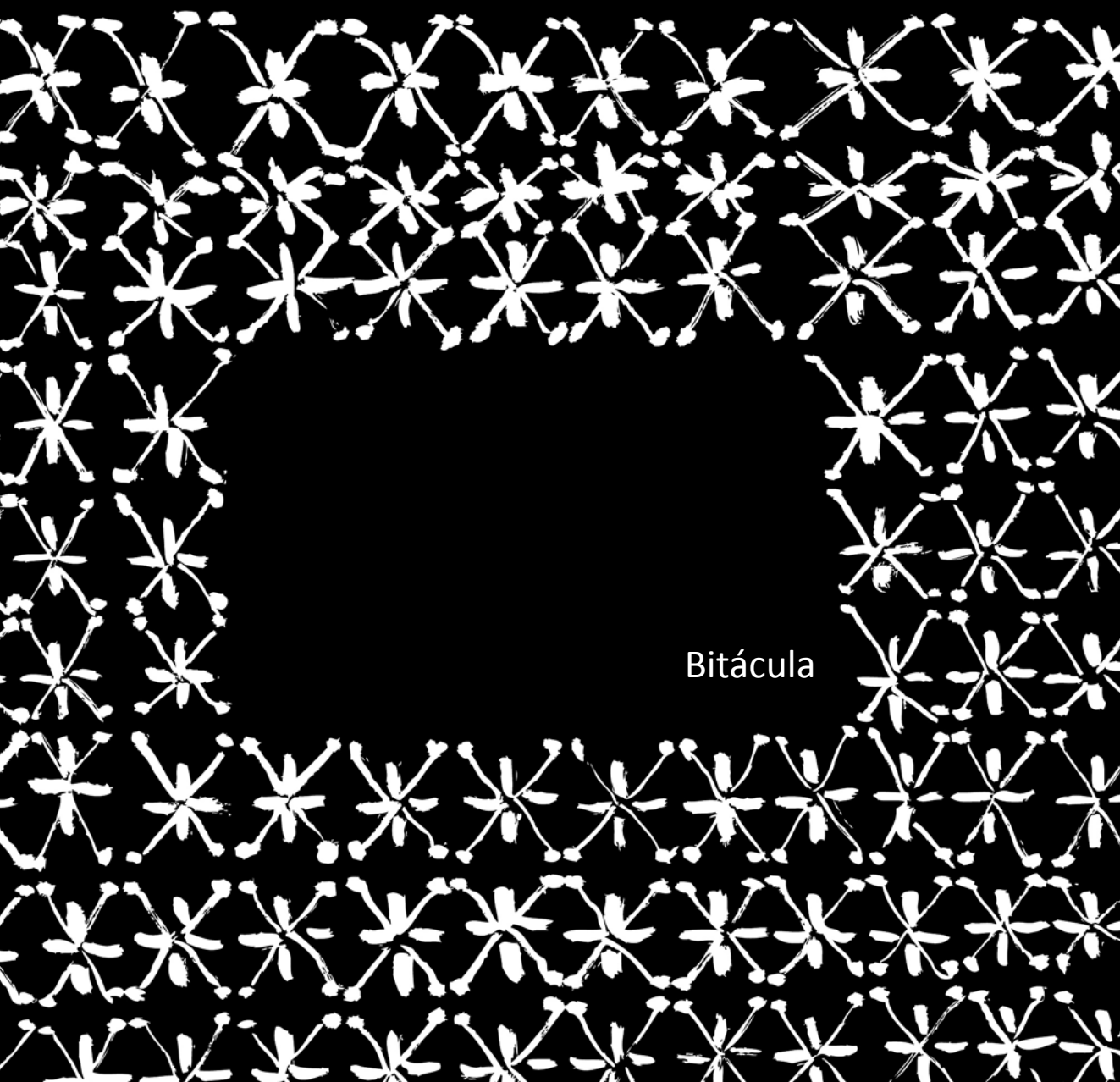
Cabe ao analista colocar, para seu analisando, em fala não explicativa, esse *Unbewusste* que se produziu. Mas, atenção, não se trata de um inconsciente reprimido. Trata-se de uma neoprodução, uma configuração nova onde havia um broto pulsional não desenvolvido, formulada pelo paciente, porém sem que esse compreenda seu significado, como em um lapso que produzimos. A interpretação, por sua vez, precisa ser dita em palavras que veiculem entendimento e sonoridade, mitos e logos.

Como dizia Isaías a propósito de Freud, ele não tirou suas ideias de sua própria cabeça, como as serpentes que surgem na cabeça da Medusa. Isaías abriu seu caminho na teoria e na clínica a partir dos encontros transformadores que teve com o ambiente cultural, psicanalítico e político no qual esteve imerso.

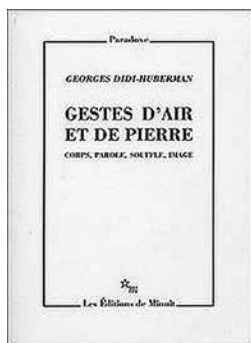
Chegou a Susanne Langer, filósofa norte-americana fundamental para a formulação de suas ideias psicanalíticas, através de indicação de Anatol Rosenfeld (professor de filosofia e crítico de teatro, judeu alemão que emigrou para o Brasil durante a ascensão do nazismo). E, a partir dessa discípula e continuadora de Ernst Cassirer, chegou ao filósofo que lhe deu “régua e compasso” com os quais pôde reler a –para ele incomparável– produção de Freud feita em torno dos anos 1900.

Entre seus amigos estavam intelectuais de muito peso em São Paulo e, entre eles, a psicanalista Regina Chnaiderman, sua interlocutora. Um meio intelectual no qual se liam e discutiam os pensadores que revolucionaram várias disciplinas do conhecimento, tais como Lévi-Strauss, Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson –pioneiro na análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte. Jakobson lhe brinda com o conceito de função poética da linguagem, imprescindível para sua concepção de escuta e de interpretação.

Ele marcou mais de uma geração na psicanálise e instituiu um paradigma e uma tradição de paixão pela busca, pela autoria com solidez, pela conduta pautada por princípios democráticos e pela razoabilidade bem humorada: a riqueza que ele trazia consigo e que não perdeu nas tempestades da vida.



Bitácula



## Gestes d'air et de pierre. Corps, parole, souffle, image

Georges Didi-Huberman

Somente percebemos o ar como elemento vital quando respiramos o ar sujo. Essa é a forma paradoxal com a qual Didi-Huberman percorre a obra de Pierre Fédida. Uma forma que revela principalmente um *estilo*, uma *poética* singular: a de um *pensamento do ar*, ou do olfato como órgão dos sentidos que capta o peso das coisas, ou mesmo da palavra, que, portadora de ausência, pode-se tornar queixa ou canto. Palavra que não é puro ato de enunciação, mas torna-se um *gesto* que envolve o corpo todo. Um *gesto de ar*, ausência produtora de significantes e significados. Ausência que, concebida como intervalo concreto e *sopro de ar*, empurra e move conceitos psicanalíticos. Como o do objeto: o *objeu*, palavra condensada que supõe o jogo, o lúdico e o gesto, e que também traz luz para o duelo. Ar e pedra se encontram na imagem das palavras escritas de um poema. Por isso, *o dizer do poema é o único que aproxima esse "sopro indiferente da imagem"*.

(Patricia Gazire)

Paris:

Editions De Minuit, 2005



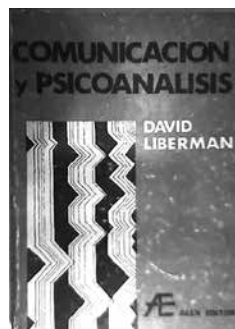
## Los enigmáticos laberintos carcelarios. Un itinerario psicoanalítico

Alicia Beatriz Iacuzzi

Livro sobre a “clínica das margens” que coleta a experiência de 20 anos de uma psicanalista em uma prisão argentina. Em função das emergências institucionais, a autora constrói um caminho de pesquisa e construção de ferramentas técnico-conceituais para uma clínica com sujeitos privados de liberdade. Transmite essas diversas técnicas, às quais recorre para enfrentar sua tarefa com os presidiários, em várias situações vitais, bem como para a abordagem grupal com oficiais e guardas, aos que paralelamente oferece encontros pessoais. Essas são algumas, dentre muitas outras, das ações concebidas para fins terapêuticos e de pesquisa, inseparáveis porque, “para desempenhar seu ofício, o psicanalista está condenado a pesquisar”, segundo assinala Marcelo Viñar em seu prólogo. O livro é apresentado também por textos de Mariam Alizade e Estela V. Welldon. (Laura Veríssimo de Posadas)

Junín:

Ediciones de las Tres Lagunas,  
2009



## Comunicación y psicoanálisis

David Liberman

É um texto que sintetiza e atualiza os achados que David Liberman assinalara em 1962 com *La comunicación en terapéutica psicoanalítica* e, em 1971, com *Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico*. Seu autor aposta no esboço de uma teoria da comunicação humana derivada do encontro analítico, enquanto as pautas estilísticas de interação (a comunicação própria da sessão) indicam aspectos essenciais da psicopatologia do analisando. Um texto de importância capital, pioneiro na pesquisa qualitativa do inconsciente no âmbito da sessão analítica. Um livro com validade e atualidade, mesmo após quase 40 anos da primeira e única edição lançada até hoje. (Jean Marc Tauszik)

Buenos Aires:

Alex Editor, 1976





## Psicanálise em nova chave Isaías Melsohn

No título de seu livro, Isaías Melsohn presta homenagem à filósofa Susanne Langer, discípula de Ernst Cassirer, que escreveu *Nueva clave de la filosofía. Un estudio acerca del simbolismo de la razón, del rito y del arte* em 1940, cuja leitura provoca um verdadeiro giro no pensamento de Isaías. A chave, presente em ambos os títulos, abriu um novo caminho para a lógica e para a psicologia. Em seu livro, Isaías Melsohn realiza uma transposição do núcleo metapsicológico da psicanálise a essa chave. Na primeira parte, explícita cuidadosa e criticamente os fundamentos epistemológicos e psicológicos centrais da psicanálise freudiana. Na segunda parte, dedica-se às lições da escuta clínica e inclui em forma original a análise de um poema de Lorca. Na terceira parte, trata da reconstrução, principalmente, do conceito de representação inconsciente. Finalmente, na quarta e última parte do livro, Isaías se dedica à importante discussão das suas ideias, com três psicanalistas redatores do *International Journal of Psychoanalysis*. (Marilsa Taffarel)

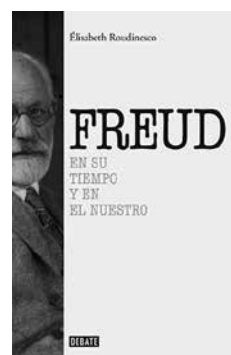
**São Paulo:**  
**Perspectiva, 2001**



## Deep listening Pauline Oliveros, Stuart Dempster, Panaiotis

Esse CD comenta a trajetória de Oliveros junto a dois excelentes músicos: Stuart Dempster (trombone) e Panaiotis (voz). Oliveros visitou uma cisterna gigante, subterrânea e vazia. Na entrada, advertiram-lhe que a ressonância ali dentro era de 45 segundos, uma enormidade. Com seus músicos, começaram a experimentar. Gravaram uma das improvisações, completa e sem editar, nesse CD. Nas palavras de Oliveros: “Para tocar nessa cisterna, tivemos que aprender a escutar de um modo diferente. Sem plano, sem partitura. A cisterna tocava conosco. A prática da escuta profunda explora a diferença entre escutar e ouvir. Escutar é uma prática de vida que acumula nossas experiências com o som”. O CD está disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=Bbz2Hn0nNp4>. Também através da Amazon. Sobre esse assunto, há uma palestra de Oliveros no TEDx: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_QHfOuRrJB8](https://www.youtube.com/watch?v=_QHfOuRrJB8). (José Halac)

**Nova York:**  
**New Albion Records, 1989**



## Freud. En su tiempo y en el nuestro Élisabeth Roudinesco

É possível fazer história com a psicanálise? Reabrindo a controvérsia gerada e depois de tantas biografias de Freud, essa obra de Roudinesco consegue usar de forma benéfica o “excesso de arquivos” que ataca o historiador contemporâneo. Seu estilo próprio de narrações e ensaios mergulha nas profundezas do contexto histórico e cultural em que surge a invenção da psicanálise, bem como no mundo imperial da Viena de finais do século XIX, com suas legalidades patriarcais desabando, sua cultura repressiva e deslumbrada na “festa” do dinheiro e da arte, submetidos ao modelo burguês. Ainda com a/s guerra/s bem perto e o horror do nazismo, o passado os cegava, impedindo-os de ver o seu presente, mas nesse mundo Freud abriu uma nova escuta dos padecimentos psíquicos e uma pesquisa clínica permanente sobre as formas em que a sexualidade marca os sujeitos. (Marta Labraga de Mirza)

**Buenos Aires:**  
**Debate, 2015**



Federação Latino-Americana de Psicoterapia Analítica de Grupo (Flapag), ex-decano da Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro, ex-presidente da SPRJ entre 1996 e 1998, presidente reeleito da SPRJ para o biênio 2016/2017, perito psiquiatra do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. [jotadematos@gmail.com](mailto:jotadematos@gmail.com)

#### **Georges Didi-Huberman**

Filósofo, historiador da arte, professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris (Sorbonne). Autor de obras fundamentais como *O que vemos, o que nos olha* (Editora 34, 1998), *A invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière* (Contraponto, 2015) e *Gestes d'air et de pierre, corps, parole, souffle, image* (Minuit, 2005), sobre Fédida.

#### **Carlos Alberto Dória**

Sociólogo da USP com doutorado e pós-doutorado pela Unicamp. Sua tese, *Cadência e decadência do Brasil: o futuro da nação à sombra de Darwin, Haeckel e Spencer*, analisa como Euclides da Cunha, Silvio Romero e Manoel Bonfim entenderam a nova onda intelectual. Atualmente, se dedica ao estudo da cultura alimentar e publicou, entre outros, *A culinária materialista* (Senac SP, 2009). [cadoria2@gmail.com](mailto:cadoria2@gmail.com)

#### **Tania Estrada**

Psicanalista, atualmente membro do comitê de pesquisa da Fepal em representação do México e secretária da Sociedad Psicoanalítica de México (SPM). Autora do prólogo-apresentação em espanhol do livro *El alma, la mente y el psicoanalista*

(Paradiso, 2011), de David Rosenfeld. Professora do Instituto de Psicanálise e Psicoterapia da SPM. *Full member* da IPA e da Fepal. [enterapiapsicologica@gmail.com](mailto:enterapiapsicologica@gmail.com)

#### **Marina Fibe De Cicco**

Membro do *Parent Infant Program* – Universidade de Columbia (*trainee*). Possui um mestrado em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2014). Membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Formada em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2003). [marinafibe@usp.br](mailto:marinafibe@usp.br)

#### **Gladys Franco**

Psicanalista e membro da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Ex-diretora do Centro de Intercâmbio e do Instituto de Psicanálise da APU. Escritora. Escreve narrações, poesia e crítica literária. Co-organizadora das Jornadas de Literatura e Psicanálise. Os seus últimos trabalhos psicoanalíticos são: “La construcción de los ideales”, “Emergencia social: Inclusión-exclusión” e “El dolor de los márgenes” (Prêmio Comunidade e Cultura, Fepal, 2014). [laletraescrita@gmail.com](mailto:laletraescrita@gmail.com)

#### **Andrés Gaitán**

Membro titular em função didática e presidente da Sociedad Psicoanalítica de México. *Full member* da IPA e da Fepal. Co-organizador de compilações do livro *Obras de Avelino González Fernández. Pionero del psicoanálisis en México* (Sociedad Psicoanalítica de México, 2011). [andgaignon@gmail.com](mailto:andgaignon@gmail.com)

#### **José Halac**

Compositor experimental. Possui licenciatura e mestrado em composição pela Universidade Nacional de Córdoba (UNC) e pela Cidade Universitária de Nova York. Professor titular e pesquisador da UNC. Como compositor obteve vários reconhecimentos, entre eles o primeiro prêmio do Festival de Bourges (França), o *New York Foundation for the Arts Fellowship*, a bolsa da Fundação Antorchas (Argentina), a bolsa do *National Endowment for the Arts* (Estados Unidos), a bolsa da Fundação Phonos (Espanha) e o *Rostrum of Composers* da Unesco. Atualmente compõe para o grupo argentino Música Oblicua e para sua primeira ópera, *El hombre que caminaba para atrás*.

#### **Leda Herrmann**

Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e atual diretora do Instituto de Psicanálise. Presidenta do Centro de Estudos da Teoria dos Campos (Cetec). Autora de *Andaimes do real: A construção de um pensamento* (Casa do Psicólogo, 2007) e de vários artigos em publicações científicas. [herrmannfl@globo.com](mailto:herrmannfl@globo.com)

#### **Marta Labraga de Mirza**

Membro titular da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU), licenciada em psicologia e em letras (Faculdade de Humanidades, UdelaR), professora de literatura (Instituto de Professores Artistas). Aprofundamento nas fronteiras entre literatura, dramaturgia e psicanálise com trabalhos publicados sobre o assunto. Professora

titular de seminários em APU. Co-organizadora das Jornadas de Literatura e Psicanálise em Montevideu desde 1995. *martalabraga@gmail.com*

**Jaime Marcos Lutenberg**  
Membro titular em função didática da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Professor titular do Instituto da APA. Membro do Comitê Acadêmico e professor titular da Universidade de La Matanza. Diretor do mestrado Especialização em Psicanálise com Orientação Clínica em Adultos. Diretor fundador da subcomissão Ópera e Psicanálise da APA. *mail@jaimeluten.com*

**Liliana Manguel**  
Psicanalista. Membro titular com função didática da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA). Professora do Instituto Universitário de Saúde Mental (Iusam). *Full member* da IPA e da Fepal. *lilianamanguel@gmail.com*

**Carlos Marcirio Naumann Machado**  
Psicólogo clínico. Atualmente terminando a sua formação na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Especialista em aprendizagem pela Universidade do Iesa/Cnec (2004) e em teoria psicanalítica pelo Instituto Contemporâneo (2006). Foi professor nas seguintes instituições: UFRGS, Unijuí, URI (Santo Ângelo), Iesa (Santo Ângelo) e Instituto Contemporâneo em

Porto Alegre. Possui título de graduação e mestrado anterior em agronomia. *cmn.machado@gmail.com*

**Eva Maria Migliavacca**  
Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Professora titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente no mesmo instituto (2004). Doutora (1992) e mestre (1987) em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. *emiglia@usp.br*

**Elisabeth Mazon Machado**  
Socióloga e psicóloga. Professora universitária do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), em Porto Alegre. Doutora em sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *mm.elisabeth@gmail.com*

**Laura Palacios**  
Membro aderente da Asociación Psicoanalítica Argentina. Escritora e psicanalista. Publicou vários ensaios em revistas, livros e meios de comunicação, como: “El secreto y el chisme”, “Puig, la voz (del) interior”, “Las ciudades literarias”, “El monstruo”, “Salinger: entre el humo y la jalea de fresas”, “Constancias del azar” (*Revista de Psicoanálisis*, 1996), entre outros. Os últimos livros publicados foram: *Yo era una reina delicada*. (Abrancancho,

2012), *El bolero. Canto a la felicidad clandestina* (Leviatán, 2014). *laurapalacios7@gmail.com*

**Carlos Presman**  
Doutor em medicina. Professor de semiologia da Universidade Nacional de Córdoba. Especialista em medicina interna e terapia intensiva. Autor dos livros *Ni vivo ni muerto* (Ediciones del Boulevard, 1998), *Letra de médico* (Raíz de Dos, 2009) e *Vivir 100 años* (Raíz de Dos, 2014). *carlospresman@gmail.com*

**Jani Santamaría Linares**  
Psicanalista didata de crianças e adolescentes da Asociación Psicoanalítica Mexicana (APM). Doutora em psicologia e em psicoterapia. Membro do Comitê de Crianças e Adolescentes da Fepal (2014-2016, 2016-2018). Coordenadora do Curso de Crianças e Adolescentes do Instituto de Psicanálise – APM e coordenadora do Comitê de Didatas do mesmo instituto. *jani10pp20@gmail.com*, *jani201003@gmail.com*

**Beatriz Sarlo**  
Professora de literatura argentina na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Em 1978 fundou a revista *Punto de Vista* e foi sua diretora até 2008. Foi professora das universidades de Columbia, Berkeley e Cambridge. *Fellow* do *Wilson Center* em Washington. Pesquisadora



## Orientações aos autores

# Calibán

Revista Latino-Americana  
de Psicanálise

*Calibán* é a publicação oficial da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), organização vinculada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Vem sendo editada de forma regular desde 1994, antes sob o título *Revista Latino-Americana de Psicanálise*.

Sua proposta editorial tem o objetivo de propiciar a difusão e o desenvolvimento do pensamento psicanalítico latino-americano em sua especificidade, bem como promover o diálogo com a psicanálise de outras latitudes. Procura estimular a reflexão e a discussão através da inserção das questões pertinentes à psicanálise nos contextos científico, cultural, social e político contemporâneos. Sua periodicidade é semestral. Cada número incluirá em seu conteúdo artigos em formato de ensaio, artigo científico, entrevista, resenha ou outros que os editores considerarem pertinentes.

A publicação de artigos em *Calibán* não reflete o pensamento dos editores ou sua concordância com os conceitos emitidos, sendo de exclusiva responsabilidade de cada autor ou entrevistado as opiniões constantes em cada um dos trabalhos ou entrevistas publicados na revista.

### Detalham-se as diretrizes, a seguir:

1. Os trabalhos a serem publicados em **Argumentos** deverão ser inéditos. No entanto, se os editores os considerarem de especial interesse, trabalhos que já tenham sido publicados ou apresentados em congressos, mesas redondas etc. poderão ser editados, com a especificação do local e da data originária de exposição.
2. Caso o trabalho inclua material clínico, o autor tomará as mais estritas medidas para preservar a identidade dos pacientes, sendo de sua exclusiva responsabilidade o cumprimento dos procedimentos para alcançar esse fim ou para obter o consentimento correspondente.
3. Os trabalhos apresentados serão objeto de uma avaliação independente com características do método “duplo-cego”, feita por pelo menos dois pareceristas do Comitê de Pareceristas da revista, que poderão fazer recomendações voltadas à eventual publicação do artigo. A avaliação será feita com base em critérios parame-trizados, e a resultante aceitação, rejeição ou o pedido de alterações ou ampliações

do trabalho constitui a tarefa dos pareceristas da revista, que remeterão suas sugestões ao Comitê Editor. Os editores definirão, em função da pertinência temática e das possibilidades da revista, a oportunidade da publicação.

4. Os trabalhos deverão estar redigidos em espanhol ou em português. Em casos específicos, poderão ser publicados trabalhos originais em outros idiomas.

5. Deverão ser enviados por e-mail aos endereços eletrônicos [editorescaliban@gmail.com](mailto:editorescaliban@gmail.com) e [revista@fepal.org](mailto:revista@fepal.org) em duas versões:

A) Artigo original com nome do autor, instituição à qual pertence, endereço eletrônico (no rodapé da primeira página) e breve descrição curricular de 50 palavras.

B) Uma versão anônima com pseudônimo e sem menções bibliográficas que permitam eventualmente identificar o autor. Deverão ser eliminadas as referências nas propriedades do arquivo digital que identifiquem o autor.

Ambas versões deverão ter o seguinte formato: documento Word, folha A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha dupla. Nenhuma das versões deverá exceder 8.000 palavras. Seções específicas da revista poderão incluir um número menor de palavras.

6. A bibliografia, que não será considerada na extensão máxima de palavras permitida, deverá ser apenas a imprescindível e ajustar-se às referências explicitadas no texto. Todos os dados de referência das publicações citadas serão incluídos, com especial cuidado de esclarecer quando se trata de citações de outros autores e de que sejam fiéis ao texto original. A bibliografia e as citações bibliográficas se ajustarão às normas internacionais da *American Psychological Association*, disponíveis em [www.fepal.org](http://www.fepal.org).

7. Também se anexará um resumo na língua original do artigo, redigido em terceira pessoa e de aproximadamente 150 palavras, junto à sua tradução para o inglês.

8. Deverão ser acrescentadas, na língua original do artigo e em inglês, palavras-chave do Tesouro de Psicanálise da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, disponível para consulta em <http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/tesouro.pdf>.

9. Caso o trabalho seja aceito para publicação, o autor deverá assinar um formulário de autorização mediante o qual cede legalmente seus direitos. Pela mencionada cessão, ficará proibida a reprodução escrita, impressa ou eletrônica do trabalho sem autorização expressa e por escrito dos editores.



# Calibán

Revista Latino-Americana  
de Psicanálise





Imprimiu-se  
em Lis Gráfica e Editora Ltda.  
no ano de 2015.





• Na capa:

**Arthur Bispo do Rosário, *Vinte e um veleiros***

Madeira, PVA, metal, plástico, tecido e linha.

Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

• Na contracapa:

**Carlos Alonso, *Retrato de Vincent***

Óleo sobre tela. 100 x 75 cm. 1989

Coleção particular, Buenos Aires

• Em 2a. e 3a. capas:

**Arthur Bispo do Rosário**

› ***Manto da Apresentação*** (avesso frente)

Tecido, linha, papel e metal.

Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

› ***Roda da fortuna***

Madeira, metal, plástico e PVA.

Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



Argumentos/Fora de Campo/Extramuros

A dor das margens e textos de autores da

**América Latina,  
da Itália e do Canadá** + Prêmios Fepal

Cidades Invisíveis: **Montevidéu**

O Estrangeiro: **Beatriz Sarlo**

Vórtice: **De que inconsciente falamos?**

Dossiê sobre os **Sentidos** com textos de

**Didi-Huberman, da Motta,**

**Dória, Halac, Presman,**

Clássica & Moderna: **David Liberman**

De Memória: **Isaías Melsohn**

Bitácula